Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

PHYSIOLOGIA

DAS

PAIXÕES E AFFECÇÕES.

PHYSIOLOGIA

DAS

PAIXÕES E AFFECÇÕES

PRECEDIDA DE UMA NOÇÃO PHILOSOPHICA GERAL

E POR UM ESTUDO APROFUNDADO E DESCRIPÇÕES ANATOMICAS

DO HOMEM E DA MULHER

SUAS DIFFERENÇAS PHYSIOLOGICAS, PHYSIONOMICAS, PHILOSOPHICAS
E MORAES, BASEADAS NAS THEORIAS DE

LAVATER, MOREAU, PORTA, LE BRUN, ROUSSEL, VIREY E OUTROS

SEGUIDA DE UMA CLASSIFICAÇAÕ METHODICA
DE TODOS OS SENTIMENTOS AFFECTIVOS E MORAES, CONFORME
A FORÇA COM QUE OBRAM NO ESPIRITO, NA IMAGINAÇAÕ
E NO CORAÇAÕ

PELO

Dr. Mello Moraes (A. J. de)

NATURAL DA CIDADE DAS ALAGOAS.

TOMO I.

RIO DE JANEIRO

EMP. TYP. — DOUS DE DEZEMBRO — DE P. BRITO

IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL.

1854.

AO MEU LEITOR

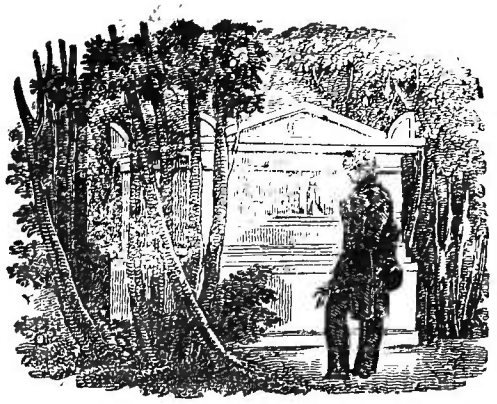
Um livro faltava na litteratura medica, e principalmente na bibliotheca da lingua portugueza, que exclusivamente tractasse do homem e da mulher, em relação ás suas paixões. Eil-o vestido á brasileira, tal, qual o podemos escrever, colligido dos numerosos escriptores que nos são familiares, e o melhor que nos agradou. Dividimol-o em tres partes: na primeira fallamos da mulher, sob todos os pontos de vista, que se a pode considerar; na segunda, do homem; e na terceira, das paixões e affecções.

O nosso livro é um ramalhete de flores, que com cuidado colhemos no jardim das sciencias: se elle preencher o fim, que nos moveu escrevel-o, julgar-nos-hemos pago e satisfeito, e semelhante ao filosopho portuguez (Ferreira P. L.) diremos:

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei e a minha gente.

Alexandre José de Mello Moraes

(DOUTOR EM MEDICINA).



Á MEMORIA DE MEU PAI

O CAPITÃO MOR

ALEXANDRE JOSÉ DE MELLO

DE MINHA MÃI

ANNA BARBOSA DE ARAUJO MORAES

DE MINHA AVÓ MATERNA E MINHA DESVELADA AMIGA

MARIA PAES DE ARAUJO

DE MEU PRIMO E AMIGO

O CORONEL SALVADOR PEREIRA DA ROSA E SILVA.

Á MEMORIA DE MEU TIO

O CAPITÃO MOR

Dr. Antonio de Moraes e Silva

(PHILOLOGO E O MAIS ERUDICTO DOS BRASILEIROS) (*)

De que serve o marmore matisado de ouro, que cobre o crapuloso, o assassino, ou o ladrão? O que exprime elle?... Tristissima lembrança! ... recordações tristissimas das miserias humanas!...

.....

A grinalda, que com esmero teci no jardim das sciencias, vai ser, meu Pai, desfolhada pela nunca manchada mão de vosso filho, sobre a vossa campa, sem nodoa, da de minha Mãi, de minha Avó, da de meu Primo e da de meu Tio, como viva expressão de minha saudade na terra. E por que não vai ella, humedecida de pronto?.. Na magua verdadeira do peito, no arfar pungente do coração, não se pode chorar. Mudo como a lage do sepulchro, secco como o ouro do avaro, é o aspecto da mágoa.

Alexandre José de Mello Moraes.

(*) No Gabinete de Leitura se lê o seguinte:

☞ *Glorias litterarias da America.*

Os annaes da litteratura, indicando que os maiores *Lexicographos* das linguas *Portugueza e Ingleza* nasceram no novo mundo, offerecem nesta curiosa coincidencia um perfume ao amor proprio de todo o Americano: amor proprio louvavel, e que (em verdade seja dito) necessita de tanto estimulo principalmente no Brasil. . . . . *Webster* ainda vive: elle ouve os votos de agradecimento de seus concidadãos, e recebe as oblações dos sabios estrangeiros. *Moraes*, nome de amor, nome de saudade para todo o coração brasileiro; já não existe, digam com ufania os Fluminenses, que o Rio de Janeiro foi o seo berço natalicio, e ouçam com tristeza todos os Brasileiros, e tambem os Portuguezes que ha poucos annos elle adormeceo para sempre no regaço do heroico Pernambuco. A Capella do engenho da *Muribeca* é mui pequena para conter tão grandes despojos: ella só representará a Ferney, a Esmenoville Brasileira. Tempo virá, e talvez não tardará, em que o genio creador do collegio de Pedro 2.º apparelhe no Templo de S. Joaquim jazigo de cinzas tão preciosas, cuja guarda será confiada aos alumnos desse instituto: Será um annuncio certo do reinado das lettras, quando no tumulo de *Antonio de Moraes e Silva*, logo abaixo do seu nome, brilhar esta inscripção:

☞ *A Maior Gloria Litteraria do Brasil.*

PHYSIOLOGIA DAS PAIXÕES

Considerações geraes e phylosophicas sobre o homem.

De qualquer forma que se considere o homem, no momento em que sai das mãos da Natureza, elle se nos apresenta como o mais infeliz na ordem dos seres creados: —A DÔR— é a primeira sensação, que experimenta:—seu corpo nú, e sem abrigo, sua delicada pelle ao desamparo, que o proprio menêio do ar ambiente o incommoda—sua crassa imbecilidade, tudo se apresenta para aniquilal-o, se a ternura de uma protectora mão (a maternal) o não soccorre.

Cheio de mil precisões, e rodeado de infinitas causas, que tendem a destruil-o, elle não as reconhece; e por isso mesmo que ignora os males, os não póde prever:—necessidades inherentes á sua propria natureza o vem aboccanhar: sente fome e não se sabe exprimir; não procura os alimentos para reparar as perdas, que o seu organismo principia a soffrer, porque não póde:—chora, e este signal é a linguagem mais eloquente, o sentimento mais sublime e expressivo, que a Providencia deu ao homem para significar o que sente, e o mortifica. E o que val isso?... A Providencia, crear um ente para seu ludibrio; collocal-o n'um ponto da terra ao desamparo; fornecel-o de orgãos impotentes, para servir de escarneo aos elementos; miseravel gloria teria se assim

procedesse até o fim, porque o homem com a extincção da vida poria limites a seus males, e ella ficaria sendo mera espectadora de sua impotencia.

Cheio de razão, parece gritar o homem quando entra no theatro das reflexões, ao ver que a sabia mão da Providencia não foi igual na formação dos seres animados; porque aos outros animaes, no momento em que nascem, lhes fornece uma vestimenta propria e constante, que os abriga das intemperies das estações, e um instincto (1) igual ao daquelles que lhes deram o ser; de modo que, logo que apparecem sobre a face da terra, procuram os meios necessarios á sua conservação, sem que seja mister lh'o levarem á bocca e lhes ensinar a comer. Mesmo aos vegetaes, concedeo a casca para os abrigar dos ultrages, que lhes possam fazer os objectos que os rodeam; e no lugar onde os plantou, ahi mesmo forneceu-lhes os materiaes para a sua alimentação.

A natureza, vária, rica e fecunda em seus productos nunca marcha de salto; uma immensa cadêa une todos os seres, fazendo transições tão admiraveis, que só a vista perspicaz do observador póde conhecer e apreciar.

O litophito é o êlo que une o reino inorganico ao organico; assim como o zoophito é a passagem dos vegetaes para os animaes.—Entre os animaes que compoem as diversas clasSes, ha uma perfeita cadêa, tão bem ordenada e tão syme-

(1) A palavra Instincto, é um termo vago, que na sua genuina significação quer dizer cousa occulta, mysteriosa; termo empregado pelos antigos, que comprehendendo certos phenomenos, não obstante serem judiciosos, não se arrojavam a dar uma explicação phantastica; e como não se achavam nas circumstancias de explicar com certeza a verdade do facto, que presenciavam, recorreram a estas e outras palavras, que querem dizer : *por ora a este respeito nada sabemos.*

Os modernos, porém, tem assentado chamarem *instincto* a um movimento ou sentimento irreflectido ou machinal, que serve a dirigir os animaes para satisfazerem suas necessidades, e velarem em geral na conservação de sua existencia ; o que, no homem, sempre precede á reflexão.

A natureza sería impotente se, creando tantos e tão variados entes, não prevêsse os damnos á que estavam sujeitos logo que se mostrassem á face da terra.

Alguns querem que o instincto seja uma potencia mais firme que a razão, o que não é mui admissivel, por depender exclusivamente dos sentidos, e estes serem susceptiveis de muitos enganos. O prazer e a dor, o amor e o odio, são verdadeiramente os que geram o instincto, e

tricamente arranjada, que vem a ser, por ultimo, o macaco, a separação do homem para os irracionaes. (1)

Neste ensejo notamos, que os mais animaes, logo que nascem, são tão instruidos como seus progenitores; e o seu saber é infinitamente limitado.

Porêm não... A fins sublimes, foi creado o homem: e embora nos primeiros dias de sua existencia elle appareça fraco, imbecil, á medida que a idade cresce, seus orgãos ganham forças e actividade, e se torna o primeiro de todos os viventes, o unico apreciador do universo, e o rei da creação.

Homem, como foi grande o teo destino!
E's rei da creação! tua figura
O indica magestosa!.. como aos hombros
Da cabeça em anneis lhe desce a trança!
Como na altiva fronte lhe reflecte
Da divindade um raio! aos seus olhos
Se pintam com viveza as paixões todas.

COSTA E SILVA. P.

A Providencia, depois de haver formado o universo, creou o homem dotado de razão, isto é, de intelligencia, para por meio della se a senhorear de tudo, tornando-se semi-deus na terra.

conforme o gráo de relação de conveniencia ou damno, o animal se afasta do que lhe é nocivo, e busca o que se conforma com a sua maneira de existencia.

O homem possue, como os mais animaes, o instincto; porém se afroxa, á medida que a razão se cultiva; o que se consegue pela educação. *Voltaire* (T. 5 do Dicc. de Phil., p. 233) quando tracta do instincto, diz que tudo é effeito incomprehensivel d'uma causa incomprehensivel: tudo é determinado pela natureza. Nós a respeito de tudo pensamos; e sobre o que pensamos nada dizemos, ou concluimos com segurança e acerto.

Quem quizer melhor se compenetrar das theorias, concernentes ao instincto dos animaes, póde ler o que escreveo Fenelon, Carpentier, Virey, Adelon, Magendi, Muller, etc., etc.

(1) No tomo 7.º das obras de Lavater, vem um trabalho curioso de *Carlos Le Brun*, sobre as relações da physionomia humana com a dos animaes. E' curioso ver-se as estampas e a semelhança dos individuos que as representam. Este trabalho e o de Porta, ácerca dos caracteres physionomicos, nos tem dado muita luz para o presente escripto.

Encheo, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie
As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobres rios
Dos negros, fundos mares.
Para sua defesa,
A todos deo as armas, que convinha
A' sabia natureza.

Deo as azas aos passaros ligeiros,
Deo ao peixe escamoso as barbatanas,
Deo veneno á serpente,
Ao membrudo elefante a enorme tromba,
Ao javali o dente.
Coube ao leão a garra:
Com leve pé, saltando o cervo foge,
E o bravo touro marra.

Ao homem deo as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas,
Deo-lhe dedos ligeiros,
Que póde converter em seu serviço
Os ferros e os madeiros;
Que tecem fortes laços
E forjam raios, com que aos brutos cortam
Os vôos, mais os passos.

A's tímidas donzellas pertenceram
Outras armas, que tem dobrada força;
Deo-lhes a natureza
Além do intendimento, além dos braços,
As armas da belleza.
Só ella ao Céo se atreve;
Só ella mudar póde o gelo em fogo,
Mudar o fogo em neve.

(DIRCEO).

Esta verdade, que o poeta refere, é tão manifesta que se lançarmos os olhos para as sagradas paginas (Genesis cap. 1.º § 26) veremos o que disse Deos, no momento de crear o homem:—Façamos o homem á nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do Céo, ás feras, e a todos os reptis, que se movem sobre a terra.—Et ait:—*Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram, et præsit piscibus maris, et volatilibus cœli, et bestiis, universæque terræ, omnique repitili quod movetur in terra.*—E ao mesmo o homem, depois de creado, e de lhe haver infundido

a alma racional—disse:—crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e tende-a sugeita a vós, e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves do Céo, e sobre todos os animaes que se movem sobre a terra:—Et ait.—*Crescite, et multiplicamini, et replete terram, et subjicite eam, et dominamini piscibus maris, et volatilibus cœli, et universis animantibus, quæ moventur super terram.*

Mais adiante do capitulo da creação, depois de haver o Senhor formado o homem intelligente e pensador, damos logo com o paragrapho das paixões; e apenas inceta o primeiro homem a sua existencia, começam ellas a movel-o á seu arbitrio. Apparecem a *desobediencia* e a *infidelidade*, paixões improprias de um peito forte, da lei que lhes impôz o Senhor. E depois seguiram-se o *mêdo*, e a *vergonha*, paixões penitentes, consciencia de haver delinquido, as quaes acompanham a terrivel pergunta feita ao culpado:— *Ubi es?* — (Genes., cap. 3) — Onde estás? — Respondeo Adão ao Senhor: — *Eu ouvi a tua voz no Paraiso, e tive medo, porque estava nú; e por isso me escondi.*— Apparece tambem a *dissimulação* em desculpa, paixão indigna d'uma alma franca, e o resultado do temor, combinado com o crime: —*A mulher que tu me déste por companheira, deo-me da arvore, e eu comi.* — *Mulier quam dedisti mihi sociam, dedit mihi deligno, et comedi.* Á transgressão da lei, seguio-se o castigo; e com este, a observação constante do primeiro preceito imposto ao homem: —*crescei e multiplicai.*— Dahi a pouco, que *odio!* Que mortifera *colera* do primeiro nascido, contra seu fraco e innocente irmão, motivado, pela *ambição* e pela *inveja*.

Tal o destino do mortal primeiro,
Nascendo vio a luz serena e pura,
Raiar a vio... esvaecer-se logo.
Houve entre o berço e o tumulo um só dia.
E tanto póde em nós seu erro e crime,
Que temos por herança o mal e a morte:
Para nós foi desterro o que era patria,
A um dia de ouro seculos de ferro
Se viram succeder; fechada noite,
Profunda escuridão pousou na terra;
De mistura co'as brutas alimárias
O rei da creação nos bosques vive. MACEDO (*Medit.*)

Apresenta-se o homem, dotado de intelligencia e de paixões; cultiva aquella e domina a estas, e tornando-se pensador em face do universo, se vai servir dos beneficios de que o encheo a Suprema Sabedoria. E como póde elle apreciar as maravilhas da creação? Só, entregue a seus pensamentos e combinações, quando a natureza está silenciosa, quando tudo está disposto para a observação, o homem reconcentra-se, e lança as vistas para o universo e começa a admirar, no immenso espaço um fluido respiravel, envolvendo a terra que, quanto mais se afasta della, tanto mais raro fica : neste vastissimo lençol aeriforme, se apresentam tantos phenomenos, que o fazem pasmar. Nuvens de variadas fórmas e de côres diversas, rapidas ou tardas, cruzam a terra, por diversos pontos. Um continuo moto de emanações terraqueas, sobem ou descem ás regiões aereas, a receberem as influencias eletricas, pasmoso fluido, de cuja existencia fica o observador sorprehendido: condensados os vapores, se transformam em nuvens, e conforme o estado do ar e a influencia planetar, em milhões de bagas, se precipitam na terra, para a tornar fecunda, e assim alimentar aquelles entes, á quem a natureza não concedeo a faculdade locomotiva. Previdente e sábia essa mãi fecunda da creação jámais deixa ao desamparo, por mais miseravel e abjecto que seja o individuo: se o priva de uma ou muitas faculdades, se o estaciona, ahi mesmo lhe vem trazer as provisões, a manutenir a existencia; tambem se lhe priva de certos orgãos, dá-lhes outros que tem o mesmo fim.

Alargando mais a vista observa o firmamento, risonho e bello, adornado com milhões de mundos, cada um com sua atmosphera, onde gyram, sob uma força perpetua em suas orbitas, sem que se afastem do ponto onde os collocou o Supremo Artifice (1).

Vê-se a lua, astro mimoso, imagem das saudades, symbolo

(1) O movimento dos astros deo origem a imaginarem-se systemas, sendo que Ptolomeu foi o primeiro que ordenou os corpos celestes. Neste admiravel systema a terra fica no centro do universo, e os mais planetas vão-se afastando á medida dos seus movimentos e influencias.

A Lua serve de satelite á terra ; mais distante fica Mercurio, e progressivamente Venus, o Sol, Marte, Jupiter, Saturno; e mais além está o firmamento marchetado de corpos fixos. Cada um destes corpos tem seus movimentos proprios, cujas revoluções particulares sobre os polos

da melancolia, tranquilla mostrar-se ao homem em suas diversas fazes, e fazendo-lhe sentir, que o primor da creação é sem limites. Seu clarão mavioso, sua luz pacifica derramada sobre a face da terra, produz um não sei que, de magestoso melancolico no universo, que melhor se sente que se exprime. E' na hora mais avançada de uma bella noite de luar, quando tudo dorme, que o homem pensador contempla a natureza; e que o desditoso amante sente com mais vehemencia os tormentos do coração, porque ninguem o interrompe no encadear de suas idéas dolorosas. A lua é, para o homem viandante, a lanterna de salvação; para o philosopho, a companheira da meditação; e para o amante, a origem dos suspiros, a imagem da saudade: porque a lua se mostra risonha ao nascer; sincera quando passa pelo meio do Ceo, e melancolica quando procura esconder-se.

Se em uma noite serena e clara, espanta-se o homem com as maravilhas do universo, muito mais o confunde uma escura e tempestuosa, em que os elementos travam-se, parecendo querer acabar com a terra.

A presença do sol, não é menos para admirar, e nota que

de um circulo obliquo, a que chamam Eclitica, se executam continuamente.

Galileó, victima da inquisição, seguindo as doutrinas de Copernico, que reformou o systema planetario, collocando o Sol no centro do universo, foi accusado de crime de lesa religião, por ir de encontro ás expressões dos livros sagrados, porque as doutrinas não concordavam com as palavras de Josué (capitulo 10, §§ 12 e 13), quando fallando ao Sol diz: « Sol, detem-te sobre o Gabaon. Lua pára sobre o valle de Ajalon. » No L. 1.º do Ecclesiastico, cap. 10, §§ 4, 5 e 6, se diz: « Uma geração passa á outra geração; mas a terra permanece sempre firme. O Sol nasce e se põe, e torna ao lugar donde partio, e renascendo ahi. Faz seu gyro pelo meio dia, e depois se dobra para o norte, etc.

Não nos é permittido commentar o texto biblico, porque é tão claro o sentido metaphorico do escriptor sagrado, que não deixa duvida a quem o comprehende; porém, a quem temos que censurar, é á estupidez dos frades, em querer circumscrever os dominios das sciencias. Contra esses estupidos fanaticos, escreveram o celebre Pascal as suas cartas provinciaes, e o immortal padre Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio), etc.

Copernico, philosopho, medico, ao depois conego da igreja de Vormia, foi igualmente perseguido por ser o autor d'um systema, que os sabios modernos depois suppozeram o mais philosophico e verdadeiro.

essa scena magestosa, que milhões de mundos lhe offerecêo de noite; desappareceram de todo:

Nesta immensa extensão milhões de globos,
Em profundo silencio, em gyro eterno,
Sem encontrar obstaculo caminham,
E a lei primeira, que escutaram, guardam;
Como surgiram na primeira noite,
Inda surgem agora, e aos olhos brilham,
D'extasiado Astrónomo, que véla
No silencio da noite, absorto, immerso
No quadro encantador. Descubro, e vejo
Astro origem da luz, que fórma o dia;
Este o mais bello dos objectos todos,
Que o mortal domicilio aformoseam;
Nem póde a vista em magestade tanta
Deter-se um pouco, e suportar-lhe os raios!
Se onde as Estrellas fulgurantes brilham
Longe andasse de nós, fôra um só ponto;
E como ellas são centro, é centro a globos,
Que gyram delle em torno, e a luz lhes presta.
Ao choque horrivel de cometa errante
Foram delle arrancados (o delirio
Que tão grande te fez, ministro augusto,
Da Natureza interprete profundo,
Este aos Planetas nascimento marca!)
Avivadora chamma! A escura Terra
De luz se banha, se elle nasce, e logo,
Se elle desce dos Céos, s'envolve em sombra,
Da noite se desdobra o véo profundo,
Melancolico luto encobre o Globo!
Assim te vêm meus olhos, mas a mente
Que junta em si dos seculos o estudo,
(Que desde Athenas ao Tamiza vôa,
E aonde o Arno espraia as vitreas ondas
Comigo, ó Galilêo, sóbe ás Estrellas)
Vai de perto encarar-te, e ver-te, immobil
Massa abrasada, pélago insondavel,
De fogo liquidissimo, que, apenas
Rodando a Terra no seu eixo, a face
Te mostra, em vibrações tua luz s'entorna;
E vestem-se apartados horizontes
De multiforme côr; e os véos se enrolam,
Que desdobrára no hemisferio a Noite.
O' fulgerante Sol! Figura, emblema

De explendor immortal! Ès delle a copia;
Vate inspirado em ti seu throno observa;
Symbolo és vivo da bondade eterna!
Com chamma ardente, e pura o Mundo aclaras,
O cahos foge, se lhe a face amostras;
Os Entes todos teu fulgor aviva,
E purifica os Elementos todos:
Do sempiterno Artifice de tudo
E' copia teu clarão; dardejas raios
Do vasto espaço aos ultimos limites;
Pelos ares diafanos te espalhas,
Chegas do mar ao seio, aos astros chegas.
E' teu calor manancial perenne
Dos thesouros, e dons, que a Terra ostenta,
Tu lhe envias mil dons, tu não recebes
Da Terra galardão; renasces, vive
A Natureza amortecida, quando
Ás cavernas do Polo o Inverno foge,
E do throno dos ares desce á Terra
A Primavera envolta em rosea nuvem.
Sente-te a força, a séve amortecida,
Plantas, arbustos, arvores abrolham;
Tal o supremo SER, de si principio,
De si mesmo se nutre, e se sustenta:
No throno eterno triumphante sempre
Do Tempo affronta a sanha, e quebra a fouce,
De ti se entorna o fogo, e a copia ingente
Não te enfraquece a força igual, e eterna;
E brilhas tanto luminoso agora
Como brilhaste no momento, e dia,
Em que a voz do Immortal prompto acudiste,
Que te chamava do confuso Nada.
Ergues (se a vista creio) a excelsa fronte,
E os inflammados horizontes cortas,
Sem transgredir os Tropicos, em ponto
Sempre diverso, e variante sempre.
Infatigavel sempre a noite, e o dia
Publica sabias leis, e a Natureza
Ao decreto obedece, e a voz escuta
De seu supremo Author. O Sol lh'a entende;
D'onde hoje solta a rapida quadriga
Não avança amanhã; sem que transponha
Entre immudaveis terminos a méta,
Onde deve chegar. Se acaso a toca,
Eis volve, eis guia o coche ao Polo opposto.

No éther liquidissimo pre-sente
Reguladora mão, que o traz seguro
Pelo espaço da Ecliptica brilhante :
Depois de tantos seculos, intacta
Conserva a mesma luz, sem mancha, ou sombra.
Do frígido Saturno o globo ingente,
O portentoso annel, que o fecha, e cinge,
E as frouxas luas, que em continuo móto,
Qual brilha a nossa aqui, tambem lá brilham,
Vivo, immenso calor do Sol recebem,
E a viva força da atracção lhe sentem,
Qual sentiram no instante, em que do Nada
O quiz chamar Architector Supremo.
O diluvio ardentissimo de chammas,
Que do nascente Mundo em quarto instante
Quiz o Immortal que derramasse, entorna
Da Creação no portentoso quadro.
Não falléce o Volcão de fogo ondeante,
Que sobre o eixo sem cessar se agita
Do grão astro central; materia immensa
Ali produz continuo a mão do Eterno.
E inda tempo ha de vir, que o nome acabe!
Vaidoso Ptolomeo manda que os astros
Tenham por centro de seu gyro a Terra:
Dentre os gêlos Sarmáticos um sabio
Volve os olhos ao Céo, co' a mente os corre,
Devassa os penetraes da Natureza;
Salva do opprobrio a alampada do dia.
Do throno seu fantastico tirada
A Terra, já Planeta, e globo errante,
Gyra, tornêa o Sol, e, igual aos outros
Tristes globos sem luz, no espaço ondêa.
Do Planetar Systema, alvergue humano,
Tu foste, ó Sol, brilhante, immobil centro!
Tal te vio Galilêo, que ousado rompe
Esse véo, que a ignorancia outr'ora tinha
Lançado, audaz, no rosto á Natureza.
Olha aos Céos Galilêo, rasga-se a nuvem,
Que a mente dos mortaes té ali cercara.
Estendem-se os confins do Céo, do Mundo;
Assombroso Britano, eis mede, eis marca
(Atrevido compasso!) o gyro aos astros;
Na creação descobre oppostas forças;
Uma só da tangente os globos tira,
Outra lhes manda descrever as curvas,

D'ambas a ellipse regular se fórma;
O Sol no centro pôz, e o Sol abrange,
Prende, sujeita em seu Imperio os astros
Vistos té agora no systema nosso:
Talvez que mais os seculos me mostrem.
  Cego! Que apraz cuidar que os Sóes, gravados
Por todo o esmalte azul a cento, e cento,
Sirvam só de espargir (mortal soberba!)
Inuteis, sem vigor, languidas luzes
Quando a noite serena os astros mostra
No desdobrado véo, vasto, infinito!
Acaso as semeou do Eterno a dextra
(Tantas, e mais que o túmido Oceano
Ondas em si contém, e a praia arêas)
Só porque as roupas lúgubres recamem
Da noite muda, e triste? Oh sempre incertas
Conjecturas mortaes! Póde ignorante,
Não polido Pastor, que vê d'um tronco
D'alta faia assombrar co' a frente ao longe
Nobre cidade as nuvens enroladas,
Julgar inhabitado, e solitario
O pomposo espectáculo que ávista,
E povoada a misera choupana,
Onde do Inverno inoperosos dias
No seio passa da familia inerte?
Tão estreitos confins não sente o Mundo!
  Mil vezes solitario, e pensativo
Cançado do fervor d'arido agosto,
Já quando posto o Sol, bafajem doce
Se derrama no ar co' as mudas sombras,
Sobre a relva odorifera me assento,
E no vasto painel da noite umbrosa
Meditador tranquillo os olhos fito;
No pomposo espectáculo me embebo:
Esquecido de mim, rapidas horas
Do repouso enganei philosophando.
Absorto exclamo então: talvez que o mesmo
Quadro que a Lua aos olhos me offerece,
Ora que em coche argenteo as sombras corta,
Tal de lá me mostrará o terreo globo,
Se um momento ao satéllite voára!
Elle errante tambem, e ao Sol opposto,
Ora todo illustrado, e logo em parte,
De igual figura, e similhante marcha;
Tambem fases analogas lhe vira,

Quaes na Lua estou vendo, argenteos rios,
Ilhas dispersas, máres, promontorios.
E não será de habitador estranho
Qual vejo a Terra, povoada a Lua?
Diverso clima embora eu me afigure,
Vapor mais denso, ou raro, e outro diverso
Palpitar de pulmões, e estranha fórma,
Ao circumfuso fluido ajustada,
Em cárcere mortal, substancia eterna,
Alma d'ordem sublime em corpo humano,
Que o quadro possa meditar da immensa
Pasmosa creação, qual eu medito:
Que calcule da Terra a marcha incerta
Qual eu de seu Planeta a marcha indago;
Que ali se alvergue extatico Poeta...
E que não póde o braço Omnipotente
DoEterno Animador, se novos Mundos
Elle pode crear, mandando ao Nada
Que encha d'Astros os Céos, de luz os Astros?
Se remontada fantasia póde
Publicar teu louvor, teu nome, e gloria,
E' este o hymno da grandeza t ua,
Sempiterno Motor. Seu pezo immenso
A' mesma fantasia encolhe as azas,
Ao pensamento ousado o vôo encurta.
Eu neste abysmo immensural me perco!..
Globos, que o Mundo Planetario formam,
Que os já passados seculos não viram,
Que Hérschel não pôde achar, que Olbers descobre,
Que os immensos periodos não podem
N'um seculo acabar, que errantes gyram,
E deste immobil Sol recebem luzes...
E Astros, Astros não vistos, que recebam
D'outros Soes o clarão; Globos que sejam
De pensadores Entes domicilio,
Que adorem como nós, que incensos queimem
Ao sempiterno Author, que rege o todo...
Oh sublime delirio! A mente accesa
Rompe os estreitos circulos, que ao Mundo
Os débeis orgãos visuaes lhe marcam.
Tantos brilhantes Soes, tantos Planetas
Da vida habitação, qual gyra a Terra...
Nunca mais digna ao pensamento humano
Idéa se amostrou... De um Deos a gloria,
Como um brado sonoro, os Céos publicam...

O silencio profundo, a magestade
Com que em si mesma esconde a Natureza
Seus mysterios, seus dons, me assusta, e prende...
Debalde julgo que no espaço inertes
Brilham dispersas lúcidas Estrellas,
Quaes contemplo entre os véos da noite umbrosa;
Se este mesquinho globo alvergue fosse
Da nobre imagem do Immortal somente (1),
Ah! quão mesquinho globo, inda que aos olhos
Da vaidosa ambição vasto pareça!
Pois quasi confundido, e quasi ignoto
Correndo vai no Céo; qual vae de arêa
Pequeno grão rodando em ar vazio
Nas leves azas rapidas do vento,
Do calmoso Verão nas longas tardes;
Assim gyra, assim corre ignoto, escuro
Entre maiores lucidos Planetas,
Que tem por centro o Sol no espaço immenso...
Ah! Que me alongo mais! Descubro ao perto
Frouxamente movendo-se a tardia
Do frigido Saturno ingente massa!
Eu pararia attonito se ousára,
Calcular, e medir o espaço immenso,
Que me sepára do terrestre globo!
Em seculos, e seculos não fôra
Inda proxima aqui bala, que accesa
Parte do bronze militar, que o mesmo
Incalculavel impeto levasse
Com que toando sahe, e os ares corta.

MACEDO (*Medit*).

Collocado sobre a terra, e no meio do mundo, o homem busca explora-la, e quanto mais penetra por suas entranhas, tanto mais admira o poder do Creador. Parecendo uma massa informe, estacionaria, se desvanece por fim quando vê os mais estupendos phenomenos nas profundezas da terra elaborar-se; e deste modo muitas vezes não alcançando os mysterios da natureza, e os limites

(1) Todas estas imagens, ainda que sejam conjecturas philosophicas, como se acham expostas elegantemente por Fontenele no Tratado da Pluralidade dos Mundos, nem como taes aqui desejo que sejam recebidas; mas como raptos, e extases de um Poeta, que se deixa tocar do immenso quadro da creação.

do seu trabalho, torna-se mero espectador em theatro desconhecido.

A primeira vez que o homem vio o oceano, imagem do infinito, devia naturalmente sentir um não sei que de maravilhoso. Por isso mesmo que lhe sobrepujou a attenção, reconheceo ser o unico objecto visivel, a que se não póde marcar limites. Para o homem reconhecer-lhe a profundidade (1), e saber que occupa os 3/4 da superficie da terra, os differentes lugares onde elle se eleva mais ou menos, que perigos não tem arrostado! Porem a verdadeira causa, porque em 6 horas precisamente elle ha de chegar ao mesmo ponto donde sahio, não o sabe o homem.

A condição dos mortaes,
O' Marcia, não se melhora;
O que era ignoto ha mil annos
Ainda hoje se ignora.
Vae inda a causa escondida
Da agitação, que o mar tem;
Porque seis horas prefixas
Na enchente e vasante tem.

MACEDO (*Anacr.*)

Assim como elle, sobre a face da terra, vê entes sensiveis, e reconhecendo-lhes as propriedades e prestimos, os ageita a seus usos.

Não ha objecto algum na natureza, sensivel ou inorganico, de que não tire a maior somma de proveito possivel.

E depois de haver tudo estudado, por sua ordem, e per-

(1) A profundidade do oceano varía (segundo Roznet, Pr. Elm. de Geol., § 10, p. 16, etc.), de 3,200 á 4,800 metros do Equador aos polos. Sua corrente é tambem variavel. Em S. Malo sobe a maré de 60 a 70 pés de altura. Nas ilhas do Oceano Pacifico sobe 2 pés. No Brasil varía tambem muito a elevação das marés. Sua corrente é maior ou menor, segundo os lugares por onde atravessa.

..... largol aos mares:
Livres corramos sobre as ondas livres
Do oceano indomado por tyrannos.
Sua feitura unica no globo
Que impias mãos d'homens não puderam inda
Avassalar, destruir.

GARRETT.

corrido o amplo dominio da creação, olha para si e vê, que é formado de duas entidades que funccionam. Actos puramente simples, lhes são pelos objectos que o rodeiam transmittidos; *ideas* : conserva-os e combina as relações de conveniencia ou opposição, que estes sentimentos lhe offerecem; *juizo*: combina estes ultimos; *raciocinio* : e finalmente se decide, pondo em ultimo resultado, e em perfeita harmonia, estes diversos actos, que dentro em si se passam; *o methodo.*

Além destes actos, investiga quaes são as propriedades, que *o Ente pensador* por excellencia possue ; e reconhece ser *actividade, intelligenc a e sensibilidade.*

Não pára ahi sua investigação; porque elle se apalpa, e vê que tem orgãos diversos, e que diversamente trabalham; muda d'um lugar para outro, apenas a vontade o convida; come, e vê que não é o mesmo o objecto que ingerio; respira, sente pulsar seu coração, e diversos phenomenos durante estes actos nota passarem-se; emfim ouve, sente, cheira, gosta, e vê : impaciente vae sobre o mesmo homem reconhecer, e satisfazer o objecto de sua curiosidade. E' la no recinto de um amphitheatro, onde elle passa a estudar o sem numero de pessas, de que é composto o organismo. Mas ah! quão admirado não fica com a simples vista da caixa craniana, formada de differentes pessas, e sabiamente dispostas e articuladas, fiel depositaria do mais delicado orgão, o *c rebro*, centro do sentimento e do movimento. Abre essa caixa; e chegando ahi, já não é audaz; respeitoso, elle nota a bella disposição que a Natureza deo á essa importante massa, para bem se acommodar ao involucro, que a contem : vê, e nota mais a sua importancia, pela grande previdencia da Natureza á seu respeito; diversos repartimentos, diversas membranas separam o mesmo orgão, de maneira á se não dilacerar, e uma porção não incommodar a outra, para bem funccionar.

Passa ao seu interior, e que observa? Cavidades; os *ventriculos*, communicando-se: elevações; os *thalamos opticos, os corpos striados, e comissuras:* membranas e vasos; *plexos e téias chroides*: e no pavimento do 3 ° ventriculo e quasi no centro de quatro corpusculos (os *tuberculos quadrigemeos*) um corpo, o *Pineal*, lhe offerece côr e consistencia diversa, do mesmo orgão. Os nossos maiores davam tanta attenção a

esta glandula, que moveo a Descartes estuda-la e toma-la por objecto do seu bello romance (1).

Na base do cerebro, vê partir um grande numero de filetes electricos, os *nervos*, seguindo diversas direcções ; uns para os olhos,os *patheticos*; outros introduzindo-se pelos crivos ethmoidaes, os *olfactivos*, e irem presidir a olfacção. Para a orbita vae o *motor occular commum*; e para o mesmo lugar, o *pathetico*, caminham outros. Mais por detraz daquelle, nasce o *trigemeo ou trifacial*, que se dirigindo para a face fornece uma multidão de filetes nervosos; dos quaes, uns vão presidir as lagrimas, outros a mastigação; e finalmente outros para os diversos orgãos da face. Assim pois, para a orbita ainda seguem outros, o *motor occular externo*: para a face, e por caminho differente, o *facial ou pequeno sympathico*, segue de companhia com o *acustico*, para dentro do canal auditivo interno, e ahi, o segundo fica para presidir a audição, emquanto que o primeiro, despedindo-se delle, entra no aqueducto de Falopio, tomando o canal tortuoso de Cruveilhier, e se vae perder na face.

A lugares mais distantes, marcham novas sentinellas; como seja para a boca e pharynge, o *glosso-pharyngêo*, que se perde nessas partes.

As visceras contidas no peito e ventre, não ficam exemptas de sua influencia e necessaria presença ; porque o *pneumo gastrico*, nellas se vae espalhar perdendo-se. Para o pescoço parte a despejar-se o *accessorio de Wilis*; e finalmente outro, que ao depois de se expandir por outras partes, vem presidir ao paladar : o *hypoglosso*. Neste orgão e no cerebêllo, muitas hypotheses estão baseadas (Vêde o Syst. de Gall. Spurzheim, Broussais, etc.); de modo que seus autores presumem, achar nelles, a séde de todas as propensões, e de todos os talentos. Outro centro nervoso encontra no canal rachi-

(1) Muitos Anatomicos tem achado a glandula pineal petreficada; outros cartilaginosa, e muitas vezes s'a não tem encontrado. Em 1839, em um cadaver, que me veio para o meu estudo, notei que o interior da glandula estava cheio de liquido, o que verifiquei abrindo-a : não tinha parenchyma, e em seu lugar estava um liquido amarellado. Em 1840 me veio outro para o mesmo fim, em quem observei atrophia completa do orgão: e estes individuos durante a vida não accusavam encommodos cerebraes, e sucumbiram por enfermidades das visceras abdominaes.

diano, e de seus lados, vê como a principio partir novos cordões. Que delicadeza e magnificencia não se observa na structura do ôlho! pessas de figura e natureza differentes delicadamente collocadas, e mal arremedadas pela mão do homem, nos deo a Natureza para mais a admirar. Este bello instrumento do *amor*, tem uma linguagem tal, que muitas vezes só elle basta para persuadir. — O ôlho, diz Buffon, mais que nenhum outro orgão pertence á alma; elle parece tocar e participar de todos os seus movimentos; elle exprime as paixões as mais vivas, e as emoções as mais tumultuosas, como os movimentos os mais doces e os sentimentos os mais delicados. O ôlho recebe ao mesmo tempo, e reflecte a luz do pensamento, e o calor do sentimento; elle é o sentido do espirito, e a linguagem da intelligencia.—E que diremos do ouvido! (Sublime instrumento da harmonia) diversos canaes, diversas cavidades, communicando entre si, constituem esse importante e delicado orgão, etc., etc. (1).

Abre o peito confuso de si mesmo, e o que vê? Dous unicos orgãos; examina-os? Sim: e o que encontra? Mil objectos.

Uma estreiteza de relações; uma dependencia nas funcções, que jámais se poderá separar um, sem que destrua mais ou menos o outro; e se ambas não funccionam regularmente, a saude é alterada; e se sómente um é quem adoece, o outro dos seus incommodos tambem participa.

Cheio de Religião abre o ventre, e o que encontra? Corpos de côr, volume e disposição diferentes; cada um executando funcção diversa, á fornecer com o seu prestimo, grandes utilidades: uns, bem que tenham sua vida propria, elaboram para dentro; outros para fóra, e todos de commum accordo, trabalham para um fim unico, que é sustentar a vida.

Mais embaixo encontra um apparelho simples sem duvida (na mulher composto de cinco unicas pessas, e no homem de sete) destinado á executar a mais sublime e importante funcção, a *geração*; e em quem a Natureza, confiou o inexcrutavel segredo, que tem affrontado, e affrontará

(1) O Padre Macedo no Poema da *Meditação*, descreve, no 1.º canto, excellentemente a harmonia dos sentidos.

o homem com o seu inigma (1). Ah! Quão profundos não são os seus arcanos! Que mysteriosa não é sua comprehensão.

« Heureux qui le connaît! Plus heureux qui l'adore! »
. . . . . .
« En inclinant mon front, j'éléve à lui mes bras,
« Car la terre l'adore et ne le comprend pas. »

DE LAMARTINE.

Quanto mais simples é o objecto da Natureza, tanto mais difficil se torna o explicar-se; e por isso diremos nós, que quanto mais simples é o objecto na Natureza, tanto mais se mostra grande o Creador. La Harpe disse : « *Quoi ! le monde formé prouverait moins une intelligence, qui le monde expliqué?* » Eis ahi o homem (diz o Dr. Broc, Intr. ao estudo da Anatomia p. 8), considerado no todo sob a relação dos seus actos physicos, intellectuaes, e moraes.

Elle constitue o mais perfeito dos entes animados, podendo com orgulho proclamar-se o soberano senhor da terra. No entretanto, não poderá elle reconhecer entes, que possam equiparar-se comsigo? O animal irracional sem duvida parece ser seu rival, e muitas vezes somos levados a crer, que o nome só, fórma toda a sua inferioridade; porque assim como o homem, elle (o irracional), é sensivel, activo, e intelligente, e, bem como elle, tambem, tem necessidades, sabe apprecia-las, e obra conformemente afim de as satisfazer.

Visto de todas as maneiras, o homem se suppõe animal

(1) Ninguem nos explica como
A flor na semente esteja,
Como, lançada na terra,
Em pouco tempo viceja.
Não se conhece o profundo
Milagre da geração,
Como é composto perfeito
O que era ha pouco embrião.
Eu não me occupo em romper
Tal sombra; seja o que for:
Como eu te conheço, ó Marcia,
Ao menos conheço amor.

MACEDO (*Anacreontica, ode 81, a Sciencia*).

sociavel, e é na sociedade que adquire mil padecimentos; é ahi que todos os generos de paixões, pelo menor motivo, se inflamam e se augmentam; é por isso que (com razão nota bem o Dr. Mello Franco, Elem. de Hyg. p. 8 da Introd. 3.ª ed.), de todas estas reflexões facilmente deduzimos, que quanto mais simples é a sociedade em que o homem vive, tanto mais feliz é a sua existencia como individuo; e que o contrario succede, quando as circumstancias se envertem; pois é sempre inseparavel das grandes e mui populosas sociedades, a degeneração dos primeiros habitos singellos e virtuosos. Povoando-se cidades, excessivamente pouco e pouco ficam êrmos os campos; e nellas se atêa o fogo das paixões mais violentas. A insaciavel ambição, o desmedido aferro ás riquezas, as sulapadas intrigas, o luxo, a intemperança, tudo alteram e tudo perturbam. Chega a desordem a ponto de parecer mais um enorme ajuntamento de inimigos que de consocios. O mesmo prodigioso augmentos de habitantes das populosas cidades produz grandissimo males physicos.

O ar se corrompe, e fica pouco proprio para a conservação da saude. Os differentes officios e occupações, quasi todas sedentarias, concorrem em grande parte para o enfraquecimento das constituições e degeneração da especie. Se o homem (p. 9) pois podesse conservar-se no estado da Natureza, não teria que sentir tantas, e tantas enfermidades, que são o resultado de sua civilisação: e aquelles povos, que mais chegados estão ao primitivo estado, são robustos; não conhecem doenças; e se algum adoece, a Natureza ainda não transtornada o cura. Quanto porém mais se afasta delle, mais fragil é a sua organisação. Que tropel de molestias não tyrannisa o homem nas grandes sociedades? Com ellas appareceram todos os exanthematicos, bexigas, sarampo, febres escarlatinas, erupções, miliares, pethechias, etc.; que variedades de febres só endemicas nas cidades populosas? Que multiplicidades de doenças chronicas, se não observam nestas, já pelo abuso que se faz das riquezas, e já pela miseria da maior parte dos seus habitantes?

O homem, organisado como está, dotado da faculdade sensitiva, melhorado e aperfeiçoado pela educação, pela experiencia, é de momento em momento movido por impressões da mente, que o impellem á agir na razão directa da

força do impulso e da irritabilidade de seu systema. Ninguem ignora a influencia das *paixões e affectos* da nossa alma: ellas tomam parte em todas as acções humanas, e determinam os nossos gozos, qualquer que seja nossa posição na vida ; influindo tão evidentemente, que as expressões physionomicas, traduzem as emoções do coração e da intelligencia.

Sendo assim, é de razão que o Medico, defensor da honra da sua profissão, e zeloso do bem estar de seus doentes, cultive cuidadosamente o estudo da Anatomia do Espirito, bem como a do corpo; pois que ella está tão annexa á Natureza racional e methaphysica do homem e de todas as suas acções moraes, que ajunta a investigação, o saber outr'ora mais recommendado pelos nossos maiores: *nosce te ipsum.*

O estudo do homem, de qualquer fórma que se considere, é o emprego mais nobre e o mais sublime á que elle se póde dar, e para a humanidade é a sua verdadeira escola.

Cœli enarrant gloriam Dei, et opera manum ejus annunciat firmamentum — Os Céos publicam a gloria de Deos, e o firmamento annuuncia as obras das suas mãos.

ESTROPHE 5.ª

Sem ti, Eterno Ser, ninguem podéra
O véo mysterioso
Que encobre a creação, com mão sincera
Rasgar; e descobrir maravilhoso
Principio luminoso,
Que a origem fecunda da existencia
Do Orbe faça ver com evidencia.

ANTISTROPHE 5.ª

Tece embora, escriptor endurecido,
Philosopho arrogante,
Extenso fio nunca interrompido
De seres que perecem: se um instante
Vacillas inconstante
Sem novo annel prenderes á cadêa,
Do teu mundo desfaz-se até a idêa.

EPODO 5.

Abre os olhos e estende
Do frio norte ao sul tempestuoso,
Ou antes ao lugar onde formoso
O louro Sol descende,
Com passo agigantado mede a terra,
E com raios a noite escura aterra.

EPODO 11.

Os Céos, a terra, os mares,
Do Creador á lei obedecendo,
Se estão nos seus limites revolvendo
Per modos regulares:
O homem só, rebelde as leis despreza
Do Supremo Senhor da Natureza.

P. CALDAS (*Ode á ex. de Deos*).

Do homem e da mulher em geral.

DA MULHER.

Sendo o *homem* e a *mulher* os individuos em quem as paixões obram, com mais ou menos vehemencia, convem notar quaes as differenças que ha entre elles.

As fibras organicas da mulher, ordinariamente são mais delgadas, suas fórmas mais bem torneadas, o que torna nellas os sentimentos mais apurados e agudos; e as sensações internas mais delicadas.

Esta disposição natural, como diz um philosopho, lhes faz preferir os objectos sensiveis aos seres metaphysicos; as qualidades amaveis, ás essenciaes, o brilhante ao solido; o luxo e o fausto á prosperidade e ao commodo: é tambem o que as torna sensiveis á piedade; inconstantes e levianas, e muitas vezes caprichosas. A impressão, que nellas deixam os objectos, não sendo assás profunda, são facilmente apagadas por uma outra nova; de sorte que o objecto presente sobrepuja nellas o ausente.

Porém se o homem tem alguma vantagem, pelo lado do juizo e da razão, vantagem que elle deve tanto á natureza, como á educação, importa convir-se, que o tracto das mulheres bem nascidas, tem para elle um encanto, que o não póde achar em outros objectos, ainda mesmo nos homens os mais bem educados e os mais amaveis. Este encanto, que sempre e em todo o tempo, se encontra na mulher, está na doçura e na delicadeza do espirito e dos sentimentos, que se nota em todas as suas palavras, em todas as suas acções.

. triumphante
Das entranhas do nada surge o homem:
Eis apparece; e a candida belleza,
O sisudo semblante lhe enobrece.
Seu magestoso porte
Soberano do mundo o patentêa.
Gravada mostra n'alma a augusta imagem
Do Senhor adoravel,
Que o immenso universo senhorêa:
De sua pura carne se teceram
As meigas graças, que no rosto amavel
Da mulher carinhosa,
Com suave doçura resplandecem.
Apenas a divisa transportado,
Tu és o meu prazer, que novo encanto
Eu vejo! lhe dizia; e arrebatado
Em delirio amoroso,
Mil vezes em seus braços a apertava,
E todo o extenso mundo,
Por ella só, deixar pouco julgava.

(P. CALDAS.)

A sociedade só lhes deixa a pratica das virtudes obscuras, sem contradicção as difficeis e asperas; e no entanto, que reserva para os homens as brilhantes. Comtudo essas vantagens imaginarias, que os homens devem ao prejuizo, são obrigados a convir, que o tracto das mulheres é mais ameno, porque ellas se guiam mais pelo coração, que pelo espirito; e que o coração, é que faz sempre o encanto da sociedade.

As mulheres possuem ainda, o que commumente se chama espirito, em maior gráo que os homens. Ellas o tem natural, porque recebem as idéas da impressão immediata dos objectos, porque pensam e raciocinam apóz das sensações,

que as produzem; no entanto que nós adoptamos loucamente os pensamentos e os sentimentos dos outros (*Viry-Russell*).

O primeiro merito para as damas (diz *S. Evremont*), é o *amor*; o segundo é entrar nas confidencias de suas inclinações; o terceiro, é dar engenhosamente muito apreço ao que ellas tem de amavel: fazei-vos amar, ou lisongeai-as no que amam, ou fazei-as achar em si proprias o que devem mais amar, porque emfim é-lhes preciso amor de qualquer natureza que seja: seu coração não póde estar sem esta paixão.

Os dous sexos, diz *Duclos*, teem em commum virtudes e vicios. A virtude é mais apreciavel nas mulheres, e suas faltas, são mais dignas de desculpa, pela má educação que recebem.

Na infancia falla-se-lhes de seus deveres, sem se lhes fazer conhecer os verdadeiros principios delles; e os amantes fallam-lhes uma linguagem opposta: como se podem ellas garantir da seducção?!..

A celebre *Ninon l'Enclos*, amante leviana, amiga solida, e philosopha, lastimava-se da singularidade e injustiça gravosa á este respeito: « Tenho reflectido, dizia ella, desde a minha infancia, na partilha desigual das qualidades, que exigem os homens; e nas mulheres vejo, que carregáram do que ha de mais frivolo; e que os homens reserváram para si o direito e qualidades essenciaes — *desde este instante fiz-me homem*.»

Parece que a virtude de uma mulher é neste mundo um ser estranho, contra o qual todos conspiram: se o amor seduzio seu coração, ella deve estar em guarda contra a impressão dos sentidos. Muitas vezes a miseria, ou outras desgraças ainda mais crueis, sobrepujam toda a firmeza de uma alma nobre, muito tempo combatida: e então é preciso, que sucumba: o vicio offerece-lhe soccorros, tanto mais perigosos, para se mostrar sob a generosidade: a desgraça os faz acceitar; o reconhecimento dá-lhes valor, e uma virtude arma-se contra a outra. Rodeada de tantos perigos, se uma mulher é seduzida, não se deveria antes olhar sua fraqueza, como uma desgraça, e não como um crime? A mulher é o encanto do mundo, ou antes, é a obra prima da creação (1).

(1) *Milton*, no canto 4.º do seu *Paraiso Perdido*, traz uma bellissima descripção da mulher, a qual não transcrevo por não amontuar sobre o mesmo objecto muitas poesias: o Dr. *Lima Leitão* em 1840 fez imprimir uma traducção do famoso poema de *João Milton*, onde isto se pode vêr

Já tinha o mundo
Jove formado,
E rei de tudo
O homem creado.

Mas solitario
Este se achava:
Brusca tristeza
O dominava.

Com mão profusa
A natureza
Em vão mostrava
Tanta belleza!

Cantavam aves
Bolia o vento;
Tudo infundia
Contentamento.

Florido o valle
Reverdecia:
De aromas mil
O ar se enchia.

Manhã serena
Ledo brilhava:
Manto de estrellas
A noite ornava.

. . . . . .
. . . . . .

Fórma então Jove
Nova creatura;
De Venus bella
Fiel pintura.

Esbelto talhe,
Menêo brando,
Mil amorinhos,
Vão rebanhando!

De ouro madeixas
Ao vento soltas
Ameigam feras
Que andam revoltas.

Os cupidinhos
Dos verdes olhos
Duros despedem
Setas a molhos.

Covas da face
Branca e rosada,
Vós soes das graças
Gentil morada!

Vozes suaves,
Que as almas prendem,
De fio em fio
Dos beiços pendem.

Ah! são seus labios
Fontes de vida!
Em neve pura
Romã partida.

As alvas tetas
De marfim puro
Ah! são mais rijas
Que crystal puro!

Carne mimosa
Que a vista enleva,
Onde o desejo
Em vão se ceva!

Ao vê-la o homem
Pasma, estremece!
Quer abraça-la,
Corre, enlouquece!

« Quem és, és deusa?
(O homem lhe grita)
Ah! se podesses
Trazer-me a dita?

Ella responde:
Sou tua esposa;
Deixa a tristeza,
Ama-me, e goza.

J. B. DE ANDRADA.

Reflexões geraes e parallelo entre o homem e mulher

SEGUNDO LAVATER.

Começarei, diz Lavater, confessando, que minhas observações, sobre essa metade do genero humano, serão muito circumscriptas. Mui poucas vezes tenho seguido as mulheres, nas occaiões em que ellas podem ser estudadas e conhecidas; não as hei visto, nem nas grandes sociedades, nem no circulo da intriga, no theatro, no baile, e nem no jogo. Fugia dellas em minha mocidade e nunca fui amoroso.

Depois d'uma tal confissão de minha parte, alguem me dirá, talvez: « Farieis melhor passar em silencio esse capitulo e incumbi-lo á um conhecedor. »

Vá feito: não se ganha sempre, cedendo-se um terreno. Um outro, por mais habil que fosse, trataria da materia a meu gosto? a encaria elle, sobre o mesmo ponto de vista, e o pouco que eu diria, por elle seria dito exactamente?

Tremi muitas vezes, e tremo ainda, considerando até que ponto, a physionomia, póde comprometter as mulheres, e á quantos inconvenientes esta sciencia as póde expôr.

Desgraçadamente acontece a physionomia, o mesmo que á philosophia, á poesia, á medicina e á tudo que tem o nome de arte ou sciencia. A verdadeira philosophia conduz á religião, a semi-philosophia encaminha ao atheismo. Pode-se concluir disso, que as mulheres, terão muito á temer da pseudophysionomia..

Com tudo não desesperemos. Todos os conhecimentos humanos, teem seus periodos: devem ter um principio e progressos, antes de chegar á perfeição. E' pelas quedas, que aprendemos á andar; e o temor de cahir, fará com que nossos pés fiquem em inacção? Certissimamente que não.—Eis

o que é positivo. O verdadeiro juiso physionomico, á respeito do sexo feminino, é um adorno da vida, e um preservativo efficaz contra abjecção.

Digo, que é para o homem, um adorno da vida.—Adoçar a aspereza de nossos costumes, animar-nos e sustentar-nos nos momentos de fraqueza, calmar nosso espirito nos transportes mais violentos, reanimar a energia de nosso caracter, dissipar nossos desgostos e nosso mau humor, desterrar nossas tristezas, encantar nossos dias e espalhar flores nos caminhos mais espinhosos da vida; eis o que pôde fazer uma mulher, com os atractivos de sua pessoa e com a nobreza de seus sentimentos. Sua presença, um brando aperto de sua mão, uma lagrima prestes á escapar de seus olhos, que mais é preciso para enternecer o homem, ainda o mais duro? Nada opera com mais efficacia em nossos corações e com mais doçura, do que o vivo e puro sentimento da eloquencia physionomica das mulheres; e não temo dizer, que esse sentimento, é um beneficio do creador; elle ajnnta um interesse novo á tantos detalhes indifferentes, fatigantes e monotonos, que se succedem constantemente ; adoça as amarguras, de que a carreira, ainda mesmo a mais feliz é semeada. Quantas vezes, acabrunhado sob o peso d'um trabalho fatigante, minha alma estava opprimida: quando meus olhos estavam inundados de lagrimas ardentes, e meu peito presa d'agonia ; quando, com o coração cheio de meus pensamentos, eu era inhumanamente regeitado por aquelles á quem tinha necessidade de as communicar; quando via minhas acções mais simples e honestas envenenadas pela calumnia, a sagrada empulsão da verdade, aviltada e tachada de frenesi : nesses momentos de ardor e de angustia, em que inutilmente procurava ao redor de mim um raio de consolação, meus olhos se abriam derepente, e eu era ferido de uma doce luz, que me recreava e vivificava. Era o sensivel e terno olhar d'uma mulher, de quem eu havia sufficientemente experimentado a firmeza e a coragem; era a modesta e pura physionomia d'uma mulher querida, que sabe ler no rosto de seu esposo, e distinguir no mais recondito de sua alma a menor de suas emoções, seus mais ligeiros soffrimentos; uma mulher, que está sempre prompta a mitigar suas penas, e que nesses instantes se aformoseava á meus olhos como um anjo, sem que ella

seja dotada de nenhuma dessas vantagens naturaes, que o vulgacho julga inseparavel da belleza.

Estudar o merito e as sublimes qualidades d'um sexo, que tem tanto poder sobre nós, é o mais nobre uso, que podemos fazer do nosso sentimento physionomico.

Além disto, como já disse, esse sentimento é um preservativo contra a abjecção. Guiado por elle, vós aprendereis á conhecer e a fixar a linha de separação entre o espirito e os sentidos; acompanhareis a razão até ao ponto em que ella parece confundir-se com a sensibilidade; apartareis o verdadeiro sentimento do falso, que não é mais de que um brinco da imaginação; distinguireis o galanteio do amor; e o amor da amizade; respeitareis mais a innocencia das mulheres e a pureza de seus costumes; fugireis á essas impudentes, cujos olhares revoltam a modestia e a virtude. Segui vosso guia, e dareis as costas á mulher, que attrahir as homenagens da multidão; ficareis indignado do insolente orgulho de seu silencio, da affectação de sua linguagem pretenciosa e só cheia de banalidades, de seu olhar desdenhoso, que jámais se fita nas miserias da humanidade; notareis seu nariz imperioso, seus labios relachados pela inepcia, decompostos pelo despreso, tintos pela inveja, e meio rubros pela intriga e pela malignidade; encontrareis até na collocação de seus dentes, o ciume, a avidez e a paixão de imperar; e todos esses traços, e outros, que nos não escapáram, serão vossa guarda, que tereis contra o engodo dos encantos, que ella ostenta sem corar. Segui vosso guia, e sentireis quanto seria humilhante deixar-se surprehender por uma physionomia, em que tendes desmascarado os vicios. Cito um unico exemplo entre mil.

Mas se d'outro lado, vós virdes a belleza em todo seu brilho, em toda sua pureza ; uma dessas mulheres candidas e sensiveis, que impressionam á primeira vista, e que exercem um imperio irresistivel em todos, que d'ellas se aproximam; se descobrirdes em sua testa avelludada, uma aptidão espantosa, em receber as instrucções do sabio; se aperceberdes em suas sobrancelhas concertadas, mas não muito alongadas, um fundo inexgotavel de prudencia; no delicado contorno de seu nariz, o mais fino e apurado gosto; na brancura de seus dentes e na frescura de seus labios, o terno interesse, que dicta a bondade; em cada movimento de sua bocca, a be-

nevolencia e a doçura, a humildade e a compaixão; no som de sua voz, uma modestia nobre; se encontrardes em seus olhos meio baixos e brandamente moveis, uma alma, que parece chamar a vossa; se ella vos parece superior a todos os quadros e a todas as descripções; se vossos sentidos encantados se dilatam nas perfeições de seu bello corpo; e se essas perfeições, vos encadeam, como os raios d'um sol benefico, vosso sentimento physionomico, tão lisongeado, não se arrisca á vos fascinar e vos perder?

« Se tua vista é simples, todo teu corpo será esclarecido.» E o que é o sentimento physionomico, senão a simplicidade da vista? Não poderiamos estudar a alma separada do corpo, mas é pelo exterior que julgamos do interior, e quanto mais o espirito falla em nossos olhos, mais respeitamos o corpo, que lhe serve de involucro. O homem compenetrado d'um sentimento que emana da Divindade, poderia profanar o que Deus sanctificou? profana-lo, quero dizer, magoá-lo, aviltá-lo, desfigurá-lo e destrui-lo? Se uma physionomia nobre e bella, não vos inspira respeito e um amor fundado sobre a virtude, o sentimento physionomico não é feito para vós, pois que elle é uma revelação do espirito. E' a guarda da castidade, reprime os desejos desregrados, eleva a alma, e communica essa elevação ás physionomias, que estão em correspondencia com a vossa. A energia ordena o respeito; o sentimento do amor, produz o mesmo amor, mas um amor puro como o dos anjos!

Em geral, as mulheres são muito mais delicadas, mais ternas, mais sensiveis, mais passificas, mais de formar corações e de conduzi-los, que o homem.

A primeira materia de sua substancia parece mais molle, mais irritavel, e mais elastica, que a do homem.

Foram criadas para ser esposas e mãis. Todos os seus orgãos são delicados, flexiveis, faceis de excitar e de ferir, susceptiveis em todos os sentidos.

Entre mil mulheres conta-se apenas uma, que não tenha os caracteres distinctivos de seu sexo, a molleza das carnes, o arredondado dos musculos, e a irritabilidade do systema nervoso.

Ellas são o reflexo do homem, presas delle, feitas para lhe

serem submettidas, para consola-lo em seus desgostos, para mitigar suas penas. Sua ventura consiste em procrear filhos, e educa-los na fé, na esperança, e no amor.

Com esse caracter de ternura, com essa subtileza de espirito, e essa amabilidade de seus sentidos, com esse tecido delicado de suas fibras e de seus orgãos, não admira, que ellas sejam tão doceis, e ao mesmo tempo tão fracas e tão promptas em ceder á um sexo mais emprehendedor e mais forte. Mas o poder de seus encantos, as eleva sobre o poder do homem.

Não foi o homem o primeiro seduzido, mas sim a mulher; porém elle, o foi depois por ella.

No entanto sejamos justos : se a mulher succumbe facilmente á seducção, nem por isso, seu coração é menos inclinado á virtude e a receber todas as impressões, que o podem enobrecer e torná-lo mais amavel. As mulheres, teem um gosto natural para tudo, que tende á decencia, á belleza, e á semetria ; sómente é pena, que ellas se empregando, quasi sempre, muito no exterior, não saibam apreciar o merito intrinseco. « A mulher vio que o fructo era bom ao paladar, e agradavel á vista; e a arvore lhe agradou, porque dava sciencia, e comeo do fructo. » (1).

O homem pensa, e a mulher sente. A força delle, consiste na reflexão; a força della, no sentimento.

O imperio das mulheres é muitas vezes mais solido, mais absoluto do que o dos homens : ellas o exercem por um olhar, por uma lagrima, por um suspiro. Desgraçadas dellas, quando recorrem á colera e á violencia! seu poder destroe-se, e tomam-lhes aversão.

Entre as virtudes de seu sexo, conto a mais pura sensibilidade, a inexgotavel ternura de coração, a bella simplicidade de costumes, um amor ardente, que toca as vezes ao heroismo.

(1) Genesis Cap. 3.º §§ 1.º, até 6.º — Prohibido o uso do fructo, a Serpente persuade a mulher que transgrida o preceito, porque com isso será immortal e semelhante a Deos — vio pois o mulher, que a arvore era bôa para comer, e formosa aos olhos, e deleitavel á vista : e tirou do fructo della e comeo, e deu a seu marido, que tambem comeo:— *Et tulit de fructu illius, et comedit: deditque viro suo, qui comedit.*

A physionomia da mulher, traz o cunho d'uma sanctidade inviolavel, que o homem de honra, tem como dever respeitar, e que muitas vezes impõe aos libertinos mais desenfreados, o mais severo preceito de acatamento.

Irritaveis por constituição, pouco acostumadas á pensar, á raciocinar e á descernir; arrastadas pela torrente do sentimento, tornam-se fanaticas, e nada as póde curar disso.

Entre ellas o mais ardente amor, não está ao abrigo da inconstancia; seu odio, ao contrario, é quasi sempre implacavel, e só com uma perfeita lisonja, se as póde apaziguar.

O espirito do homem, abraça o todo; o da mulher liga-se aos detalhes: ella atina com as gradações mais delicadas.

E' muito ordinario, que a timidez, seja o apanigio natural d'um sexo fraco. O homem, aprecia o espectaculo magestoso d'uma tempestade; sua alma se eleva ouvindo o ronco do trovão, por cima de sua cabeça; a mulher treme, á aproximação da borrasca, occulta-se e busca um asylo entre os braços de seu protector.

O homem, contempla o arco-iris, como um metéoro natural; a mulher, só vê o jôgo de suas côres. Ella fixa esse phenomeno, no lugar em que apparece; o homem acompanha seus raios, em todo o circulo, que percorrem.

Nas mesmas circumstancias a mulher chora, e o homem fica mais serio; ella se desespera por um acontecimento, que em nós apenas excita algum pesar; ella entrega-se á impaciencia e á murmuração, e nós não cuidamos senão em nos lastimar: comtudo a fé da mulher é mais forte, que a do homem (1).

Um homem irreligioso assemelha-se á um doente, que se persuade, que está bem disposto, e que póde passar sem medico. Uma mulher sem religião, é uma creatura repulsiva; revolta-nos querendo fazer-se libertina, porque é feita para a devoção e para a piedade. Foi ás mulheres, que o Salvador resuscitado, appareceo primeiro; mas soube reprimir-lhes o grande transporte com estas palavras: *Não me toqueis.*

(1) Estamos tão convencidos da firmeza de caracter e inflexibilidade de sentimentos da mulher, para com o homem, que não temos o menor escrupulo em dizer, que o unico e verdadeiro amigo do homem é a mulher; ao menos esta é a nossa opinião e a que a experiencia nos tem mostrado por mais exacta.

Tudo, que é novo e extraordinario as impressiona e as fascina.

Entregues á um unico sentimento, esquecem-se de si mesmas, em presença do objecto amado.

São sujeitas á mais profunda melancolia; e as satisfações as arrebata em extasi.

O sentimento do homem tras sua origem da imaginação, e o da mulher vem do coração.

Sua franqueza é mais ingenua, que a nossa; reservadas, são impenetraveis: seu coração é um mysterio.

Ellas são mais pacientes, mais indulgentes, mais benefícas, mais modestas, e mais cheias de confiança do que nós.

Se o homem occupa pela força da intelligencia o primeiro lugar na escala da creação, o segundo pertence á mulher. O homem só, não é perfeito; é um ente sem imperio. O homem, é a honra e o sustentaculo da mulher; mas tambem é pela mulher, que elle torna-se o que póde e o que deve ser.

« O homem não deve viver só. Por sua mulher elle deixará seu pai e sua mãi. Elle não fará mais que uma só carne com ella. » (*Genesis Cap. 2 § 24.*)

Analogias physionomicas dos dous sexos.

A constituição do homem é forte, a da mulher fraca.

A fórma do homem é mais direita, a da mulher mais elegante.

O homem anda com passo firme, a mulher põe os pés com desconfiança.

O homem contempla e observa, a mulher olha e sente.

O homem é grave, a mulher leviana.

O corpo do homem é grande e largo, o da mulher mais pequeno e mais delicado.

A carne do homem é dura e grosseira, a da mulher branda e macia.

A tez do homem é trigueira, a da mulher branca.

A pelle do homem é aspera, a da mulher lisa.

Os cabellos do homem são mais curtos e mais grossos, os da mulher mais compridos e mais finos.

As sobrancelhas do homem são cerradas, as da mulher mais ralas.

As linhas physionomicas do homem são proeminentes, as da mulher mais apagadas. Rectas no homem, e arqueadas na mulher.

Os perfis dos homens são muitas vezes menos perpendiculares, que os das mulheres.

As feições do homem são mais angulares, as da mulher mais arredondadas.

Parallelo do homem e da mulher

SEGUNDO L. J. MOREAU (DE LA SARTHE), PROFESSOR DA FACULDADE DE MEDICINA EM PARIS.

« O bello sexo, dizem nossos *galans*, fallando das mulheres... Elle é sómente bello, para quem não tem senão olhos; para aquelles, que tem coração, é tambem o sexo gerador que traz nove mezes o homem em suas entranhas, com perigo de vida, e o sexo nutridor, que o amamenta e cuida de sua infancia. E' o sexo piedoso, que o conduz aos altares; é o sexo pacifico, que não verte sangue de seus semelhantes; o sexo consolador que cuida dos doentes, e trata-os sem magoá-los... (1)»

Parece-me que essas, ou o sentido dessas palavras, se deviam naturalmente achar no bico da penna e na alma de Lavater... Ou pelo menos surprehender, que esse habil e delicado observador, tenha passado com tão pouca sensibilidade, e tão circumscripto, sobre um assumpto, na verdade,

(1) Bernardino de Saint-Pierre, estudos da natureza, vol. 2, in-12, p. 241.

mais agradavel, que facil de tratar, e no exame do qual é muitas vezes assás difficil conciliar o encanto, ou a amargura das recordações, com a exactidão de suas observações.

O caracter, que importa mais fazer sobresahir no parallelo do homem e da mulher, considerado relativamente á physionomia, não é o mesmo indicado nas observações de Lavater. Esse caracter é a disposição particular da structura do semblante das mulheres, e principalmente do apparelho muscular dessa parte. Este apparelho, é muito delicado no homem, e melhor apreciado por linhas salientes, e relevos bem pronunciados.

A physionomia das mulheres, não reproduzindo, habitualmente, senão pensamentos menos fortes e paixões menos violentas e uniformes, não deve offerecer, quando a alma está tranquilla, essas indicações positivas, esses signaes não equivocos, que tornam a physionomia de muitos homens tão facil de interpretar.

As mulheres tem muito mais physionomia, que os homens em movimento, e muito menos que elles em repouso. No caso mesmo, em que os sentimentos fossem tão profundos, como duraveis, elles não influiriam tão vesivelmente nas feições do rosto, donde a frescura, a delicadeza, os musculos mais fracos, a pelle mais fina, parecem excluir as riscas physionomicas profundamente impressas, nesses traços, nessas rugas, nesses vincos, nessas linhas, cuja direcção e combinação são tão notaveis e tão caracteristicas em muitos homens. Todavia, quando as mulheres, avançando em idade, vêem desapparecer com seus encantos alguns caracteres de seu sexo, a physionomia se desenvolve, e o que perde em belleza, ganha em expressão permanente; e a cultura do espirito, o habito dos sentimentos generosos, preenchendo, por sua indicação mais distincta, os encantos fugitivos dão á idade madura e á velhice, um genero de attractivo physionomico independente da frescura e da força da organisação.

Admira, que semelhante observação, tenha podido escapar á Lavater. Ajuntaremos á esta, outras observações sobre os caracteres e a natureza da mulher, com a intenção de applicar á um assumpto tão interessante de reflexão, alguns dados physionomicos, que não são sem ligação com os meios de

melhorar a situação d'um sexo, cuja felicidade a natureza deixou aos esforços beneficos da sciencia e da civilisação.

Desmahis, Saint-Lambert, Segur, e em geral a maior parte dos autores, que escreveram sobre as mulheres, excepto Rousseau (1), Russel (2), e Cabanis (3), são philosophos superficiaes, que só teem conhecido as mulheres dos salões ou dos toucadores. Não enchergando toda a importancia, toda a extensão d'um tal assumpto, não o tractaram com benevolencia activa e desinteressada; e foram omissos em explicar em suas obras essas extensas indagações, que igualmente se applicam ás mulheres de todas as classes da sociedade, de todas as raças, e de todas as variedades da especie humana.

Quando se considera a mulher, debaixo d'um ponto de vista mais amplo, para compará-la ao homem e procurar na analyse de sua organisação os differentes caracteres, que a destinguem, fica-se admirado do numero e da variedade delles. Vê-se então por esse exame aprofundado e circumstanciado, que o homem e a mulher não differem em superioridade; mas que sua structura é muito diversa; que a physionomia do sexo apparece em toda essa structura, que revela uma larga cadêa de effeitos physicos e moraes, que teem, por graduações mais ou menos notaveis, relação com os orgãos d'amor, e que emfim, para o naturalista, o medico e o philosopho, a mulher é mulher em todas as partes de sua constituição organica, na natureza de seus pensamentos e de suas affeições, no seu modo de sensibilidade em geral, no rythimo e na força de suas impressões interiores, no som de sua voz, na maneira de se nutrir, de respirar, e mesmo no modo de sua transpiração, menos activa e de um odôr quasi especifico. Este ultimo caracter, ao qual

(1) 5.° volume de Emilio ou Sophia.

(2) Systema physico e moral das mulheres.

(3) Memorias relativas á influencia dos sexos e das idades sobre as analogias do moral e do physico do homem. Sorprenderá talvez o não estar o nome de Thomás ao pé dos de Rousseau, Russel e Cabanis. Thomás na verdade merece alguns elogios, mas seu Ensaio sobre as mulheres, é antes um panegyrico, que um tratado; importa-me menos lôuvar as mulheres, do que contribuir para sua felicidade, ajuntando sobre o que lhes diz respeito, conhecimentos positivos e uteis observações.

nós não podemos prestar attenção na sociedade, não escapa ao olphato subtil dos selvagens.

Um viajante celebre, conta um exemplo muito saliente á respeito dessa sagacidade. Havia a bordo uma rapariga vestida de homem, cujo disfarce nunca excitou a menor suspeita, durante muitos mezes á gente da equipagem. Chegados a um povoado d'America, qual foi sua sorpreza, vendo os selvagens chegarem-se ao individuo disfarçado, cheirá-lo e reconhece-lo immediatamente por essa maneira?

Nos grandes hospitaes, póde-se facilmente destinguir este caracter do sexo: e as pessoas que teem visitado os hospicios, sabem, que se reconhecem pelo cheiro as salas dos homens e as das mulheres.

Os caracteres e os signaes distinctivos da mulher podem ser resumidos em dous artigos, a saber : 1.°, *os caracteres exteriores e physicos*; 2.°, *os caracteres interiores e geraes*, que fazem descobrir a analyse da organisação.

Dos caracteres exteriores das mulheres, por Moreau.

Entre os caracteres exteriores, uns são essenciaes e pertencem ás mulheres de todos os climas e de todas as classes da sociedade, em todas as épocas da civilisação; outros, menos constantes, dependendo todavia dos primeiros, não se manifestam entretanto senão na estação ephemera da mocidade, e entre povos cuja civilisação está muito avançada. Esses caracteres passageiros, e que as mulheres mostram com o mesmo desenvolvimento em todos os lugares, são o que chamamos com tão terna emoção, seus attractivos e seus encantos ; a saber : a delicadeza, a doçura, e o polido das fórmas, a elegancia e a ligeireza dos movimentos, a graça e a brandura das attitudes, as passagens faceis e graduadas entre todas as partes, o numero e a perfeita combinação das

linhas ondulantes á superficie do corpo, a elasticidade, a delicadeza dos contornos, a firmeza e a maciez voluptuosa da pelle; emfim todo esse aggregado de traços seductores, que trazem á imaginação os unicos nomes de mulher, mocidade, e belleza.

Esses caracteres do sexo, que a eloquencia e a poesia tem muitas vezes apresentado em quadros (1), não pertencem exclusivamente á mulher, assim como temos avançado, o que é facil de ver. Comeffeito, a belleza e as graças que a natureza só aperfeiçoa, no meio do descanço, não se podem desenvolver inteiramente nas primeiras idades da vida social. Exercicios violentos, a exposição quasi continua, ás intemperies atmospherícas, a escravidão, a perseguição, são as principaes causas de, nas primeiras épocas da civilisação, suspenderem-se ou destruirem-se esses encantos, essa belleza, de que os povos selvagens não conhecem se quer a existencia e nem o poder. A organisação e a condição das mu-

(1) Vêde Colardeau, no seu poema dos Homens de Prometheo, do qual aqui apresento um fragmento. Trad. em verso por [illegible]:

« Sahido do pincel de sabio artista,
Ostenta seu poder na fronte altiva
O homem por naturcza assim formado:
Nelle tudo annuncia o rei do mundo.
Soberbo seu olhar se escapa claro;
Seu porte magestoso nobre e doce
A' destreza reune herculea força,
Sobre membros nervosos, rijos musculos,
Um composto lhe formam grandi-bello;
Tal no circo se mostra atleta ousado.

« Junto delle a esposa terna o olha;
A timidez que mostra, mais lhe augmenta
As graças naturaes e os attractivos.
O pintor não cobrio com véo zeloso
Da formosa Pandora os mil encantos:
Nua estava a innocencia, e socegada,
Seu pudor a envolvia, lhe bastava;
Só perdendo o candor, córa a belleza
Pura e celeste ainda junta ao berço
A nudez não lhe tira a sã modestia.

« Para tantos encantos produzir
Arredonda-lhe o artista as fórmas bellas;
De delicado pincel, mimosos toques

D. Anna Barbara de Lossio e Scilbin

lheres, são mais favorecidas em proporção, que a arte social faz mais progressos; e sensivelmente o sexo, que chamamos bello sexo, e que durante muito tempo só foi fraco e desgraçado, adquire direitos e belleza, e differe d'uma maneira mais notavel do outro sexo: e ajuntemos mesmo, que a graça e a belleza, que são um objecto de culto nas nações policiadas da Europa, exigem cuidados particulares; é necessario desenvolve-las, conservá-las, aperfeiçoá-las, e até direi, faze-las desabrochar á força de cultura, pois que brilhantes productos do luxo, raramente se encontram nas profissões peniveis e nas ultimas classes da sociedade.

Os caracteres exteriores da mulher, que não dependem de causas particulares, são muito mais importantes para o philosopho e para o physionomista.

Esses caracteres se referem ás proporções e á fórma das differentes partes do corpo.

Em geral a estatura das mulheres é mais baixa, em pro-

Parecem só roçar nas superficies;
A' branda e linda pelle dá mais brilho
O colorido, que o sangue proprio emitta.

« No quadro só se vêem risonhas fórmas.
Os cabellos se notam fluctuantes
Sombrear, coroar-lhe a fronte calma.
Abandonados anneis no collo rolam;
Figurae entre lirios rubra rosa
Ao despontar d'aurora, meia aberta,
Apenas do botão desabrochada,
Tal era o lindo seio, primo ornato
Que recebe a belleza da natura;
Meio-globo gentil, cujo contorno
Palpitante d'amor mais graças tem!
Para melhor retratar o sexo amavel
Nas feições de Pandora se juntáram
O que ha de encantador entre as mais bellas:
Era unida ao sentimento, á graça ingenua
Do esposo que a conduz attento e terno
Como por distracção, a mão retira,
E sobre as claras aguas d'um regato
O lindo corpo inclina, e os olhos lança;
Enlevada admira a imagem sua,
Satisfeito sorriso os labios roça-lhe
Os divinaes encantos contemplando...
Neste quadro o artista quiz mostrar
Que o amor proprio nasceo d'amor no berço. »

porção de meia cabeça; e a uniformidade entre as dimensões das differentes partes, não são ás mesmas. Por exemplo, no homem, a metade do comprimento total do corpo, corresponde á bifurcação do dorso; na mulher ella estende-se a cima dessa região; os membros inferiores são mais curtos, o pescoço mais comprido, assim como os hombros. Quanto ás fórmas, sem terem a delicadeza e elegancia de que fallamos, no entanto teem entre todos os povos, e em todos os estados, tal conformação e tal feitio, que é impossivel não descobrir a ligação, que ha com a natureza inteira, e as funcções particulares da mulher. Os membros inferiores, sobre tudo, apresentam essa disposição physionomica, e que facilmente se descobre mesmo atravez dos vestidos masculinos, de que as mulheres se servem para se disfarçarem, cuja metamorphose, nunca é em sua vantagem. Em geral essas partes são menos volumosas, menos arredondadas, e menos afastadas uma da outra, no homem. Nas mulheres ellas se ajuntam mais na parte inferior. Os joelhos são um tanto mettidos para dentro e ligeiramente salientes, conformação esta, que se nota na mesma Venus; conformação que manifesta, relativamente á prenhez e ao parto, vantagens, que não tem as mulheres, que se assemelhão muito aos homens, e que não devem ser tidas por bemfeitas, pois que a conformação e a belleza, devem offerecer uma relação directa e bem assignalada entre a fórma dos orgãos e seus usos. Além disso, os caracteres exteriores mais importantes da mulher, dependem da disposição e da configuração do systema osseo; mas um esqueleto feminino bem conformado, e cuja structura possa offerecer ou lembrar os traços da mulher, difficilmente se encontra. Um celebre anatomico, *Sœmmering*, depois de longas indagações, comparações e observações multiplicadas, chegou á encontrar um, que mandou gravar para servir de modelo.

A cabeça desse esqueleto, comparada com a d'uma Georgianna, que fazia parte do museo de *Blumenbach*, se lhe assemelhava perfeitamente, diz *Sœmmering*; e não obstante os horrores de que a morte rodeava essas minas da belleza, o naturalista podia compara-las com a Venus, cujo typo fundamental e proporções, ellas lembraram.

A região das espaduas e a parte inferior do tronco, chamada bacia, apresentam, mais particularmente, os cara-

cteres femininos. As espaduas são, em geral, menos afastadas do tronco, e por consequencia mais unidas; as claviculas mais curtas e menos curvadas. Não podendo afastar o braço do eixo do corpo, tanto quanto o homem, ellas limitam necessariamente a extencção dos movimentos, e esta disposição é que nos explica o porque as mulheres, querendo vencer grandes resistencias com os membros superiores, experimentam tanta difficuldade; porque, por exemplo, quando querem lançar uma pedra, são obrigadas a inclinarem o corpo sobre o pé opposto ao braço, com que executam essa evolução. Quanto á bacia, ella é mais dilatada e menos profunda: examinando-se-a com attenção, observa-se, que sua parte posterior é mais saliente e que a arcada do pubis é mais larga, que os quadris, tem mais extensão, e que as cavidades articulares, onde são recebidos os ossos das coxas, acham-se mais afastados, menos obliquos e mais superficiaes; ajuntemos mais, que a mulher, tem o peito mais estreito e mais fundo, e que emfim os pés são mais pequenos e mais unidos e a base da *sustentação*, menos larga, o tronco um tanto dirigido obliquamente, a columna vertebral menos forte; as espaduas, a cabeça e a bacia mais inclinadas para traz: estas disposições são que teem particularmente direito á attenção do physionomista, e tambem são ellas, que nos explicam porque as posições mais naturaes da mulher, annunciando fraca resistencia e abandono, são incertas e abatidas; porque, em geral, a mulher, nao executa com graça grandes movimentos; e porque ella não pode fugir muito, e só foge para ser pegada, conforme a observação de *Russeau*.

Todos esses caracteres distinctivos da mulher, são apresentados em concurso em sua structura. Cada parte examinada separadamente, igualmente conserva sua physionomia sexual. Não ha ninguem, diz *Russel*, que não distingua á primeira vista o braço, ou a perna de uma mulher, do braço ou da perna de um homem. Essas partes, subretudo os braços, são na mulher mais arredondados; ellas tem as formas mais lisas e mais macias: podia-se dizer formadas de um cylindro de marfim, ou do mais bello alabastro, tão delicado é o contorno e tão docemente os perfis se baseam uns nos outros.

Os musculos, apresentam nas mulheres disposições, que

influem directamente sobre as formas e que não devem ser esquecidas no parallelo dos dous sexos. Em geral, nas mulheres, os musculos fazem menor saliencia, seus relevos mais graciosos, não apparecem na superficie do corpo com caracter de vigor sob a forma dessas inchações asperas e groçeiras, que se desenham na superficie do corpo d'um homem bem conformado, no qual os custumes afeminados, não tem feito parar o desenvolvimento dos traços exteriores da virilidade.

Todas as differenças exteriores, que acabamos de indicar, emanam da constituição e natureza da mulher. A educação e os habitos podem dar-lhes mais elasticidade, accrescentar-lhe a elegancia das formas, ou a delicadeza dos orgãos, mas não podem destruir a differença radical e original, que se mostra em todos os paizes e entre todos os povos. Na verdade ha habitos, trabalhos e condicções, que dão as mulheres um aspecto mais viril e menos gracioso; que chegam mesmo a endurecer o tessido cellular, que augmentam o volume dos musculos e dos membros, que tornam a pelle dura e callosa, e a cobrem com os signaes do trabalho e da miseria. Porem essas mudanças forçadas, são verdadeiras alterações do systema physico da mulher; e além disso, conforme a observação de *Russeau*, quando as mulheres ainda se tornam robustas, a robustez dos musculos augmenta-se; quando os homens se enfraquecem, as mulheres ainda se tornam mais fracas: e quando os dous termos igualmente mudam, a differença é sempre a mesma.

Todas as differenças que dependem da natureza do sexo, tem uma influencia directa e bem notavel sobre o genero de belleza que é proprio á mulher.

Esse genero de belleza, se approxima mais do que aquelle que é proprio ao homem, da maneira porque *Edmondo Burke* considera o bello em geral, para distingui-lo do soberbo (1). Todos os traços, todos os caracteres desse bello que queremos, que procuramos na mulher, são doces

(1) Segundo Burke, o que é sublime tem dimensões vastas e imperiosas. O que é bello deve ser arredondado, macio, pollido, e se estender em linhas rectas. O sublime massisso, solido, e um pouco obscuro; o bello delicado, brando, etc. Vêde Tratado do Sublime, 1 vol. em oitavo, por Burke.

e amaveis; inspiram mais prazer do que admiração e respeito; lisongeiam tanto a vista como o espirito; fazem nascer a terna predilecção, o desejo e o amor. Um porte severo, um traço grosseiro, mesmo um ar de magestade, muito notavel, destruiria o genero de belleza, que exigimos na mulher; e *Luciano* tem razão de nos apresentar o deus d'amor, horrorisado do ar masculino de Minerva.

A belleza masculina tem, na verdade, um caracter mais sublime; occupa mais o pensamento, indica uma organisação mais perfeita, ou pelo menos, mais forte, e uma esphera de vida extensa. A belleza impõe menos, porém é mais amavel; inspira mais amor do que admiração, e se dirige mais aos sentidos e ao coração, do que ao espirito. As formas do homem mais bello. as de Apollo, por exemplo, obteem todas as idéas de perfeição e de superioridade, em todos os actos da vida, indicam força, genio a plenitude de todas as qualidades, de que a natureza humana é susceptivel, ou mesmo uma excellencia sobrenatural. O sentimento, que faz nascer o caracter de belleza femenina, igualmente conduz ao ideal; contemplando-se, por exemplo Venus, experimenta-se sentimento mais agradavel; porêm menos expansivo, mais exclusivamente relactivo aos attributos do sexo, mais approximados da emoção, que do pensamento, e por isso mais ligados ás idéas de prazer, de amor e de voluptuosidade. Um homem bello, não deve ser comparado á uma mulher, como muito bem nota *Russeau.* São iguaes no que ha de commum entre elles, mas no que são differentes, são incompativeis.

Idéa geral dos caracteres interiores e da natureza da mulher por Moreau.

Procurando descobrir e congregar as circumstancias da organisação, donde se derivam principalmente as qualida-

des, os caracteres interiores e a natureza das mulheres, devemos notar primeiro, as mudanças de feições, e as perigosas revoluções que se operam em seu systema physico, em certo espaço de tempo.

Formando seres tão sensiveis e tão delicados, a natureza, diz um philosopho moderno, parece ter-se occupado mais de seus encantos, que de sua felicidade. Rodeadas constantemente de dores e de temores, as mulheres partilham todos os nossos males, e ainda por sobre tudo estão sujeitas á outros, que são exclusivamente dellas.

Esta differença, tão notavel entre os dous sexos, depende principalmente das profundas alterações, que as funcções inherentes á organisação da mulher, tornam indispensaveis; e é particularmente á vida da mulher, que se refere o que alguns philosophos teem dito sobre a vida em geral, comparando-a á uma doença, cujos movimentos variados, periodos e crises, facilmente destinguem-se.

Qnão numerosas e importantes são essas épocas criticas, da vida das mulheres! O apparecimento e as voltas periodicas da menstruação, os primeiros desenvolvimentos do amor physico, a passagem bem notavel á um novo temperamento; em uma palavra, a crise da pubredade, suas consequencias, e sua longa influencia; o casamento, a prenhez, o parto, a mamentação, a desmamação, o fim do menstro, e os padecimentos, muitas vezes prolongados, da idade critica: taes são as épocas importantes, as revoluções e as variações notaveis, que modificam tão poderosamente a organisação da mulher, e cujo effeito devêra sobresahir no quadro dos principaes tratados de sua constituição physica. Os resultados dessas transições, necessariamente produzem n'uma organisação, aliás originalmente mui delicada, alternativas quasi continuas de soffrimento e de doença, de vivas impressões, de tremores nervosos, de espasmos e de agitações. Com semelhante maneira de existir, com a frequente volta d'um estado de indisposição, com os desmanchos e os soffrimentos, não era possivel que a organisação das mulheres deixasse de estar sujeita á fraqueza, á mobilidade nervosa e á sensibilidade, donde necessariamente se devem derivar as inclinações éphemeras, a benevolencia e a piedade muito excessivas, os caprichos e as phantasias muitas vezes involuntarias, mais propensão para a emoção do que para o pensamento, e

em geral, negação á todas as operações que exigem attenção continuada, recolhimento prolongado. e grande meditação?

O poder, a extensão, e direi tambem, a continua reacção do utero sobre todos os outros orgãos da mulher, durante um certo tempo, são causa d'uma longa serie de influencias caracteristicas. Este orgão, que o famoso *Vanhelmont*, chamava ente vivo dentro d'outro vivo, tem seu despertar, seus momentos de imperio, seu repouso, seus accessos, e seus augmentos, que são outros tantos acontocimentos notaveis na vida das mulheres. E' um poder interior e secreto que as governa, que as atormenta muitas vezes, e que perturba suas funcções organicas e sua existencia moral.

Diderot, comprehendeo bem toda a extensão dessa reacção, quando é exagerada, e que de certa maneira invade toda a organisação. *A mulher*, diz elle, *traz dentro de si um orgão susceptivel de terriveis spasmos, que dispõe della e lhe suscita na imaginação imagens de toda a especie. E' em delirio histerico que ella remonta ao passado, que se lança ao futuro, e que todos os tempos lhe são presentes.* E' deste orgão, proprio á seu sexo, que partem todas as suas idéas extraordinarias. A mulher hysterica em sua mocidade, faz-se devota na idade avançada e madura. A mulher, que na idade avançada tem muita energia, era hysterica em sua mocidade; sua cabeça ainda falla a linguagem dos sentidos, quando já estão mudos. Nada ha mais contiguo do que o extasi, a visão, a prophecia, a revelação, a poesia exaltada, e o hysterismo.

São essas influencias, mais ou menos vivas, do orgão proprio á mulher. que dão ao desenvolvimento e á direcção de suas propriedades vitaes, um caracter tão notavel; da mesma causa nascem, a desigualdade de caracter, os caprichos, as aberrações de sensibilidade, que muitas vezes se observam em muitas mulheres, principalmente em certas épocas, ao que todo o homem instruido só deve oppor, esclarecida indulgencia, vivo interesse e terna commiseração.

As funcções communs aos dous sexos apresentam tambem nas mulheres disposições caracteristicas, que não devem ser olvidadas neste parallelo. A digestão, e a respiração, que são funcções proprias á vida commum e puramente animal, não se excluiram inteiramente da modificação do sexo. Geralmente, as mulheres consomem muito menos alimento que

os homens, e nota-se, que todos os exemplos de voracidade extraordinaria, que as observações tem colhido, são fornecidos por homens, no entanto que os exemplos de longos jejuns e prolongadas abstinencias, de muitos mezes, nos tem sido fornecidos por mulheres.

Accrescentemos, que as mulheres dão menos apreço que nós, ás necessidades alcoholicas; que a bebedeira nellas, é sempre mais repulsiva que nos homens: que ellas preferem as iguarias agradaveis e ligeiras, e que essa maneira de viver nos parece tão natural, tão conveniente, que o espectaculo de uma rapariga, bebendo e comendo com excesso, devorando alimentos grosseiros e engulindo-os com avidez, repugna-nos, como se estivessemos persuadidos que a belleza deve ter um regimen menos terrestre, menos material, e em parte, só viver de aroma e de ambrosia.

Os orgãos da respiração e da circulação, tem igualmente parte na physionomia geral da mulher.

Tem-se julgado notar, que o coração das mulheres tenha menos volume que o dos homens; que os pulmões tenham menos dimensão, que sejam irritaveis, as arterias menos desenvolvidas, comparativamente ás veias, e d'um tecido menos apertado; no entanto que uma predominancia do systema sanguineo inferior, depois da outra, corresponde á grande quantidade de sangue exigida para as funcções do utero, e para o volume muito mais consideravel dos membros inferiores (1).

As disposições mais importantes e menos duvidosas no modo da irritabilidade e da sensibilidade reunidas, ou de algumas partes do apparelho respiratorio, annunciam-se na mulher, pelo caracter da voz, cujo timbre se não póde desconhecer, por ter sempre alguma cousa de infantil, ser um pouco aflautada, e ao mesmo tempo, muito mais aguda, á ponto de se notar que, em geral, as mulheres, quando cantam com os homens, fazem constantemente, e ainda mesmo sem querer, de *tiple*. Assim como as funcções e os orgãos da absorvição e da transpiração insensivel, differem em muitos pontos nos dous sexos.

(1) Estas observações são antes suppostas do que demonstradas. Vêde, para mais esclarecimentos a These de Thierl: « *An præter genitalia sexus inter se dissipant.*»

Os vasos e as glandulas lymphaticas, que servem d'absorvição, são muito mais desenvolvidas nas mulheres, tomam mais parte no temperamento e nas doenças de cada uma dellas, e parecem mais dispostas aos diversos e mui graves modos de alteração, taes como as escrofulas, as phtysicas tuberculosas, e as obstrucções glandulosas.

A transpiração insensivel, e a exhalação pulmonar, são muito menos activas nas mulheres do que nos homens, como muito bem conheceo *Hipocrates* quando disse: «*Num corpus muliebre minus dissipatur, quam virile.*» Além disso, quando as mulheres são delicadas, e que a molleza e o luxo as conduz á um estado de fraqueza e de abatimento, que se assemelha á uma prolongada convalescença, a transpiração insensivel se faz mais notavel, por esse defeito de actividade: as mulheres, que estão neste caso, transpiram apenas, e só tomam mui pequena quantidade de alimento; as forças da vida e o calor animal, só lhes chegam fraca e incompletamente nas extremidades inferiores; no entanto que a acção nervosa, é constantemente empregada pelos sentidos, ou concentrada no cerebro: viciosa distribuição, donde necessariamente resultam, a *fraqueza*, os *vapores*, os *espasmos*, e uma não interrompida serie de dolorosas affecções, e de indisposições.

A pelle, que é o orgão da transpiração, é, nas mulheres, muito mais branca e d'um tecido mais delicado. As que são um pouco morenas, apresentam, sobretudo, essa macieza e esse polido de pelle, que dão sensações tão voluptuosas ao orgão do tacto, e *Winkelmann* teve razão em dizer, que os homens, que preferiam as morenas ás louras, deixavam-se seduzir mais pelo tacto, do que pelos olhos. E' preciso tambem notar, que nas mulheres, a pelle é mais transparente e menos grossa, e deixam melhor aperceber as veias, que são notaveis por suas linhas, e pelas bellas gradações de azul, que a vista encantada acompanha com tanto prazer na superficie do seio e de todas as partes, onde a epiderme, é mais fina.

A organisação e structura das mulheres, muito mais delicada que a organisação e structura dos homens, se desenvolvem facilmente, e os progressos da nutrição são ahi tão rapidos, que ordinariamente o corpo da mulher, está tão bem formado aos vinte annos, como o do homem aos trinta.

A belleza e as graças exigiram menos trabalho e tempo á natureza, do que os attributos de força, que pertencem ao homem, e que constituem a virilidade.

Essa organisação, cuja marcha de crescimento é tão prompta, parece mais abundantemente provida, ao menos durante a primeira metade da vida, do elemento organisado, que os anatomicos chamam tecido cellular. E' esse elemento da structura da mulher, que, sendo mais dilatado, mais cheio de liquidos, e dotado de maior expansibilidade, dá-lhe, durante a mocidade, essas fórmas tão docemente arredondadas, e esses contornos elasticos, olhados, com razão, como a flor da belleza.

A abundancia desse mesmo tecido cellular nas mulheres, parece contribuir particularmente para a docilidade e flexibilidade, que as torna capazes de supportar mudanças, e as revoluções perigosas, que marcam os differentes periodos de sua vida.

Esta disposição, parece essencialmente ligar-se ao caracter physico e ao modo de vitalidade da organisação propria á mulher. O que, pelo menos, é certo, dizem os partidarios das causas finaes, é que este sexo é sujeito a crises, que perturbam todos os orgãos, se estes lhes offerecem grande resistencia. Certas partes do corpo da mulher, estão expostas á dissensão, á choques, e á compressões consideraveis; e estes effeitos não podem ter lugar senão por essa circumstancia da construcção, que toma as partes proprias a cederem á impulsão das causas, que podem obrar vigorosamente sobre ellas. A natureza, na organisação do homem, subjuga os obstaculos por uma violenta reacção. Na organisação da mulher, ella parece evitar ou destruir qualquer esforço nocivo, cedendo de quando em quando, decompondo, e enfraquecendo os choques no meio da geral docilidade dos differentes orgãos.

Um medico philosopho julgou, depois de ter bem comparado as observações com os factos, que o temperamento vulgarmente chamado sanguineo, era o que mais vezes se encontrava nas mulheres. Sabe-se, que debaixo desse temperamento, a organisação está disposta á se mostrar de todos os modos, tomar todas as fórmas, e prestar-se á todas as circumstancias mais oppostas; que é annunciado por amaveis apparencias, e por um exterior seductor.

A mobilidade nervosa, tão natural na mulher, e as frequentes e vivas irradiações do utero, parecem contribuir para o desenvolvimento e para a exaltação do temperamento sanguineo.

O temperamento lymphatico e pitintoso, é modificado e retido em seu desenvolvimento, por essas mesmas irradiações uterinas e essa mobilidade nervosa. A combinação da predominancia lymphatica, e d'uma sensibilidade excessiva, formam um temperamento mixto, cujos numerosos exemplos se encontram entre as mulheres, em quem os habitos de opulencia e luxo, tem estragado os orgãos.

Facilmente acontece, que essa multidão de differenças geraes e exteriores da organisação, que acabamos de reconhecer na constituição physica da mulher, correspondem as differenças não menos essenciaes, no modo de sensibilidade, nos habitos intellectuaes, nos gostos, nas paixões, e nos sentimentos. As semelhanças entre o physico e o moral, táo importantes á observar no estudo do homem, parecem mais evidentes e mais directas entre as mulheres, cujos caprichos, gostos, mudanças nos habitos, alterações subitas no caracter, disposições á alegria ou á tristeza, aos prazeres mais doces, ou á melancolia mais sombria, se podem quasi sempro explicar por causas organicas, de que é impossivel desconhecer a influencia.

As affecções permanentes, os gostos habituaes, parecem tambem depender das mesmas causas. Por exemplo, o desejo do prazer, a negação á qualquer occupação, que exige força, a timidez, a doçura, necessariamente resultam da delicadeza da constituição. *Braços mais lindos que vigorosos*, dizia *Russel, não são feitos para lutar com trabalhos peniveis, e paixões odiosas e violentas.*

Segundo a observação de *Roussseau*, as mulheres, longe de corarem de sua fraqueza, della se gloriam. Sens debeis musculos, não teem resistencia; ellas affectam não poder levantar os menores pesos. Teriam vergonha de serem fortes.

E' por essas disposições, que o homem esclarecido julga os exercicios violentos, as voltas ou dansas, que exigem mais força do que destreza, contrarias á natureza da mulher, e é dolorosamente affectado, vendo nas nossas grandes cidades, como entre os selvagens da America, mulheres acabrunhadas, sob o peso dos fardos, ou entregues aos mais peniveis traba-

lhos; entretanto, que homens robustos, usurpam as profissões do sexo delicado e fraco; fazem das mulheres alfaiates, mercadoras de modas, e não se envergonham de passar a vida. vendendo perfumes, garças e rendas.

Aristoteles, fallando das mulheres, disse, *que mais commumente são ellas más do que boas* (1). Esta asserção é de todo desprovida de razão, e de motivo. Todas as condições, ao contrário, de um caracter amante e sensivel estão reunidas no sexo, que não só é o bello, porém ainda mais o sexo bom e sensivel; o sexo, cuja organisação, funcções e habitos, que delle se derivam, o dispõe para a pratica de virtudes doces e amaveis.

Vêdes, diz *Voltaire, cem irmãos inimigos, contra uma Clytemnestra.* Entre mil victimas da justiça, entre mil assassinos executados, contais apenas quatro mulheres; e como é possivel não conhecer, que subtraidas, pela natureza de seu sexo, ás funcções de soldado, de archeiro, de carcereiro, e d'outras muitas profissões, que pervertem o coração, e o dispoem para acções crueis e sanguinarias, as mulheres devem ter mais doçura e sensibilidade no caracter, do que os homens?

São notaveis no systema physico e moral da mulher duas disposições principaes : 1.°, o excesso de mobilidade nervosa e de sensibilidade, propria á sua organisação ; 2.°, uma união mais directa do que no homem, entre o pensamento e o sentimento.

Da mobilidade nervosa derivam-se, a grande irritabilidade das mulheres, suas graças, seus movimentos faceis, e principalmente a inclinação para a irritação. Este ultimo caracter é extremamente notavel; e geralmente nas mulheres, as feições do rosto, os membros, o diaphragma, e até as fibras do coração, parecem tomar o modo e rythmo de tudo que as cerca. O medico e o moralista, não podem distinguir. ainda mesmo, empregando toda a attenção, nas mil circumstancias, a influencia da causa do movimento da acção e da alteração nas mulheres.

As mulheres, diz Diderot, *podem ser accomettidas de furor epidemico; nesse caso só a primeira que o experimente é*

(1) *Aristoteles* fallava mal das mulheres, no entanto adorava cegamente a sua bella.

criminosa, as outras são doentes. A sensibilidade nas mulheres, não é inferior á mobilidade muscular. Ella se desarranja mais facilmente, bem como as faculdades intellectuaes; e nota-se, que nos hospitaes de alienados, em certo tempo marcado, recebe-se maior numero de mulheres, que de homens. Os nomes de Psychéa e de Eva, que correspondem as nossas expressões alma e vida, nomes dados á mulher por excellencia, designam bem essa excessiva sensibilidade, que tem mostrado entre todos os povos as adivinhas, as pythias, as sibyllas, as convulsionarias, etc., e que tão directamente se amolgam á natureza da mulher.

A grande mobilidade nervosa, e a extrema sensibilidade, que se tem observado nas mulheres, são originaes e essenciaes á sua organisação, ou poderiam ellas depender das renovações de irritações impressas no systema nervoso, pelas exaltações periodicas de vitalidade do utero e exercicio das funcções sexuaes? Seria difficil responder positivamente a esta questão.

O que é certo é, que á estas disposições, é que se devem attribuir á vivacidade e á rapidez de sensações nas mulheres, á aptidão, á emoção, e á expressão, a attenção mais difficil e pouco sustentada, e mais flexibilidade de espirito e de penetração, que força e extensão nos pensamentos.

O espirito das mulheres, vôa e repousa; tem mais brilho do que solidez: o que não alcança logo, desespera de alcançar. Sua curiosidade activa, porém limitada, quasi, que não passa além do circulo das relações habituaes.

Nós conhecemos melhor os homens em geral; a mulher, conhece melhor os de seu circulo; e se interessa menos pelos segredos da natureza, do que pelos mysterios e pelas pequenas emoções da sociedade (1).

Esta differença póde, sem duvida, depender de nossos prejuizos, de nossos usos, e do genero de educação que ordinariamente recebem as mulheres. Comtudo, é custoso não se ceder alguma parte desse resultado, ao modo de sua organisação.

As mulheres, tem gosto e delicadeza; como suas fórmas, o seu espirito é agradavel. O pensamento no homem é mais

(1) As mulheres são aptas para tudo o que é grande e extraordinario, e quem conhecer perfeitamente a historia do genero humano, em todos os seus pontos, concordará comnosco.

forte, e sua esphera tem mais amplidão; e se as graças da imaginação e seu talento amavel e facil, brilham a par d'elle, oppõe a essas vantagens, a mais vasta e profunda concepção, os vôos do genio, e os poderes da meditação.

A união do sentimento, das paixões, e das affecções, com o pensamento e o juizo, ajudam muito a physionomia particular de seu espirito. Nas mulheres, é mais geral que uma impressão forte determine a opinião, do que o raciocinio.

Mme. Deshouliéres preferia *Pradon* á Racine; e Ninon de Lenclos, apezar de todo o seu espirito, nega á Richelieu senso commum, por ter preferido a ella *Marion Delorme*.

Todavia, a influencia das paixões se tem manifestado em muitas mulheres, dando seu á espirito uma força e um brilho extraordinarios.

Guyon tem, no seu livro dos Terrores, paginas de admiravel eloquencia.

Se analysassemos mais circumstanciadamente os habitos intellectuaes e moraes das mulheres, notariamos muitas outras maneiras de existir, e muitos outros caracteres, e seria então mais facil descobrir as variedades essenciaes da organisação, que temos exposto, e que devem ser tomadas em consideração, todas as vezes que se tratar da condição, da ventura, da educação, e da medicina das mulheres (1).

Influencia das mulheres na obra da geração

SEGUNDO O DR. P. RUSSEL.

O fluxo menstrual é um signal tão evidente de fecundidade, que andam sempre com elle, os desejos que a devem realizar. As mudanças que então se operam no caracter da

(1) Vêde, para mais esclarecimento, a obra intitulada—*Historia natural e philosophica da mulher*—, seguida de observações sobre o regimen physico e moral das mulheres nas differentes épocas da vida, vol. 3.°, em oitavo, com figuras.

mulher, talvez não sejam menos sensiveis, que as alterações physicas, que se manifestam em seu corpo. Os autores acostumados á aproveitarem todas as explicações mecanicas (1), creem, que a causa da inclinação ao amor depende, nos homens, da abundancia do liquido seminal, e nas mulheres, da grossura dos ovarios. Elles fundam-se, para dizer isso, em ter-se encontrado essa parte muito inchada, nas pessoas accomettidas do que se chama *furor uterino*, e tambem em saber-se que os animaes, que são privados dessa parte, não sentem o aguilhão, que os excita a multiplicarem-se.

Esses factos não são tão concludentes, como se poderia imaginar. Uma parte engrossa em proporção da quantidade dos humores, que a natureza ahi envia. Nas pessoas muito atormentadas de desejos, os orgãos destinados á satisfazelos, naturalmente ficam mais cheios e mais inchados que os outros, porque os liquidos que contribuem para dar-lhes a disposição conveniente á suas funcções, ahi se demoram mais tempo, nutrindo-os mais, e por consequencia augmenta-lhes o volume. Nesse caso a grossura dos ovarios poderia ser, com mais razão, olhada como resultado, do que como causa de desejos relativos ao conjuncto amoroso. Quanto á extirpação dessa parte, ás vezes póde cortar a origem da fecundidade; mas esse meio não aproveita sempre. E' certo, que, á maior parte dos animaes castrados, a natureza torna-se indifferente á uma funcção, que sente não poder mais preencher, por falta de instrumentos: entretanto, como já dissemos fallando dos eunucos, ha alguns, que parecem mofar de sua propria natureza; é nelles tão firme, no que conserva a especie, que, por um erro que lhe occulta sua impotencia, obstina-se sempre á um combate á que só póde levar armas inuteis.

O systema animal, consiste n'uma serie de operações successivas. Cada idade (2) é caracterisada por funcções, que lhe são proprias. Com a idade da puberdade se desenvolve a que tem por fim a conservação da especie. A natureza então prepara todos os materiaes necessarios, e parece que estes, em vez de fazer nascer desejos, são precedidos por elles. Ha certo tempo na vida, em que esses desejos, enlevações sem fim, são movimentos vagos do instincto, que procuram um

(1) Haller, *Elementata physiol.* Tomo 8.º, livro 29. sec. 1, pag. 8
(2) Stahl. *De morbis ætatum Dissert.*

objecto sem conhece-lo. Se essa nascente necessidade faz ás vezes experimentar impressões de enternecedora melancolia (1), parece outras vezes irritar-se contra tudo que lhe é estranho, e alliviar-se por explusões ferozes. Este ultimo sentimento se abranda á proporção, que o objecto vai sendo mais conhecido e mais determinado; fica-se mais tratavel; e quizera-se que todos os entes se associassem á sua paixão, para que fosse melhor acolhida. Nota-se que os amantes, ordinariamente, são generosos, humanos, e beneficentes, quer seja pela razão de, só apreciando o objecto de que estão occupados, darem pouca importancia ao bem, que fazem aos outros, quer pelo motivo da necessidade, que experimentam, acharem-se mais dispostos para sentir as de outrem.

Tem-se insistido muito sobre as causas materiaes, que se referem á conformação das partes, para explicar os actos de um amor desordenado. Parece haver-se dissimulado o poder que em nossa alma causa uma infinidade de causas moraes, taes como a leitura dos livros heroticos, a imaginação fixada muito tempo em imagens voluptuosas, a lembrança pungente de uma felicidade perdida para sempre, ou de um prazer só entre-visto e escapado, um doce habito frustrado pela viuvez, ou por uma cruel separação.

Os sentidos uma vez abrasados por alguma dessas causas, ou por todas ao mesmo tempo, não nos apresentam os objectos taes quaes são, mas sim como convem ao sentimento que nos domina: a alma absorvida em uma unica idéa, parece nella encerrar todas as sensações que recebemos, todas as suas faculdades ao mesmo tempo, atacadas mudam a natureza das impressões, que ellas experimentam: qualquer musica escutada ás vezes sem attenção ou com indifferença, produz um doce langor, ou desperta a actividade do desejo. Se a côr das flores só nos offerece contrastes agradaveis, ou comparações, que jámais lhes dão vantagens, seu aroma causa em nossa imaginação um abalo, que se communica á todo o corpo, espalhando voluptuosa impressão. Quantos laços não encontra um amante, na sombra e no silencio de um bosque?

(1) Um dos symptomas ordinarios, que caracterisa essa disposição, é o gosto pela solidão e retiro, que apparece nos moços, e que M. de Segrais chama, *bexiga do espirito.*

pag 53
(nota)

(1) Esta é uma das razões q' tem alguns pensadores p.ª dizerem q' o casamento é Potumulo do amor, o motivo q' sentem alguns homens p.ª o refrimento dos seus ardores amorosos

(2) Eu tenho visto o hymen com um, dois e tres furamen, esperado creanças completam.te obliteradas.
A ausencia do hymen tem occasionado graves questões e mesmo desgraças entre os esposos.

Quando a mão por acaso toca n'outra, qual é o magico effeito do contacto? O individuo apaixonado que a sente, não respira, o coração palpita-lhe; uma torrente de fogo circula-lhe rapidamente as veias; e elle não se reconhece mais. Emfim, tudo se reveste da paixão de que se é agitado, augmentando-a mais; só se tem olhos para elle; e só a voz delle se escuta. Deve espantar por ventura, que em tal crise, a razão seja á custo ouvida? Para achar a causa desse phenomeno, não é necessario suppo-la proveniente d'um vicio organico nas partes, que servem immediatamente á geração.

A natureza, impele-nos á essa funcção pelo attractivo do prazer. Como se lia questionado sobre tudo, tem-se tambem querido saber se o prazer que a mulher sente, é tão vivo, como o que o homem experimenta. Questão occiosa, propria de escola, que é tão inutil como impossivel de resolver. E' sem duvida essencial, é mesmo dever de um ente intelligente e sensivel, não consentir em ser feliz, sem ter certeza que os outros tambem o são; porém é uma vã subtileza o pretender-se determinar com acerto a dose de felicidade, que vem á cada um. Que importa que seja mais ou menos? Basta sabermos, que a natureza não foi madrasta com ninguem.

O impetuoso ardor com que o homem procura unir-se á mulher, parece excluir-lhe um gosto extravagante e contradictorio, que ás vezes lhe perturba o repouso. Quando chega a vencer todas as difficuldades, que se oppoem á sua paixão; quando tem destruido todas as barreiras, e que, depois de haver marchado de victoria em victoria, acha-se senhor de tudo, e que não lhe resta mais de que gozar, gostaria de encontrar ainda um obstaculo, que o detivesse derepente; quer que a passagem que deseja transpor, lhe seja vedada. A realidade dessa tapagem, é um motivo de controversia entre os anatomicos. Alguns duvidam que a pellicula, que se chama *hymen* e que dizem fechar a entrada da vagina, exista no estado natural da mulher, e só admittem uma duplicatura da membrana, que forra o interior desse canal. Essa duplicatura, conforme elles, sómente encolhe-se, até que pelo exercicio dessa parte, ou seja de todo destruida, ou obliterada. Outros mais favoraveis aos prejuizos que correm, talvez enganados por falsas apparencias, ou por producções contra a natureza, asseveram que o *hymen*, encontra-se em

todas as mulheres a excepção d'aquellas em que algum accidente, ou imprudencia destruio (1).

A importancia desta parte, supposta ou verdadeira, não é a mesma em todos os paizes. Entre alguns povos do norte, cuja gelada imaginação nada sabe accrescentar ao que os sentidos percebem, e que os objectos só se mostram pelo que tem de real, o *hymen*, deve ser tomado pelo que, com effeito é, quando considerado physicamente, isto é, como um embaraço. Diz-se, que entre alguns desses povos, a preguiça voluptuosa dos ricos, paga a robusta indigencia, para livra-la d'um trabalho penivel, preparando-lhe um caminho á prazeres faceis. Ao contrario, nos povos do meio dia, onde o sentimento do amor, tem prodigiosa energia, onde os homens não satisfeitos com o presente, quereriam ainda gozar do passado, dá-se grande apreço á esse signal, que constitue a integridade das mulheres. E' encarado como um bem precioso, e os homens fazem tudo para delle se assegurarem; seu ciume sempre prompto a incendiar-se, não sabe achar outros meios de segurança senão em brutaes precauções, ou em odiosas indicações, que fazem gemer o pudor. Finalmente, sua extravagancia como que lhes faz crer, que a natureza prestando-se á seus tyrannos caprichos, deu-lhes o modelo de seus ferrolhos (2).

As idéas orientaes, chegadas passo á passo até nós, reduziram á arte, em nossos climas, a maneira de descubrir a virgindade. Houve, durante longo espaço de tempo, uma jurisprudencia fundada nessa arte, e resta-nos ainda actos della. Póde ver-se em Joubert e em Venette (3) as analogias juridicas concebidas nos termos technicos, e conforme a ridicula linguagem que as matronas usavam : contavam quatorze signaes, pelos quaes, diziam ellas, podia-se reconhecer se uma rapariga havia sido deflorada; mas enviamos o leitor e as matronas ao proverbio de Salomão.

E' tempo de terminar um preambulo já assás longo. En-

(1) Mulheres ha que não tem *hymen*, ou provenha isto de uma causa material, porem innocente, ou da natureza. A falta deste signal da virgindade, tem causado por ignorancia do homem grandes damnos a innocencia da mulher.

(2) Chama-se á uma lamina membranosa, que fecha em parte a entrada da vagina: *columna virginitalis*, columna da virgindade.

(3) *Quadro do amor conjugal.*

tremos na materia. De que modo concorre a mulher para a producção d'um novo ser? Qual sua influencia n'uma funcção, que não póde exercer sem o soccorro do homem? Um vasto campo se abre aqui ás opiniões humanas, que, como sonhos vãos, successivamente se destroem, offerecendo ao principio fracas luzes ao espirito, para depois deixa-lo em profunda obscuridade, ou em humilhante vasio. Entretanto á primeira vista parece que os homens, nisto e em outras cousas, firmáram-se no que ha de mais seguro e melhor. O resultado de suas primeiras observações é o mais honroso monumento para a razão humana. O systema de *Hypocrates*, sobre a geração, é ainda hoje, não obstante nosso pretendido progresso, o mais claro e verdadeiro. De sorte que se póde dizer, que durante mais de dois mil annos, os enganos não tem cessado; e todos os erros, todas as descubertas e todas as quimeras, que se hão exhaurido, não tem feito mais do que *Hypocrates* disse: depois de muito tempo perdido, tornamos para o caminho, que esse grande homem nos mostrou.

Seu parecer sobre a maneira da propagação e conservação da especie humana, foi reproduzido por um celebre naturalista (1), que o aformoseou com os encantos de sua eloquencia, mas que o não tornou mais solido, ajuntando-lhe accessorios, pouco compativeis com as idéas antigas. Mesmo se póde dizer, que o systema de *Hypocrates*, perdeu mais do que ganhou com o verniz da physica moderna. Esse medico encara a semente do homem e da mulher, como extracto de todas as partes do corpo. Crê, que o licor fecundante do homem, misturado com o da mulher no conjuncto, e disposto pela natureza, ou por uma *faculdade geradora* (2), formam um novo ser. Talvez se diga, que a phrase *faculdade geradora*, é destituida de senso, que não nos dá idéa alguma; uma dessas expressões vagas, que os antigos substituiam ás explicações mais precisas que a sã philoso-

(1) M. de Buffon.

(2) Nenhum medico duvida, que as obras de *Hypocrates* sejam obscurecidas pela mistura adultera das idéas physicas de seu tempo, que os editores erradamente a emitem. Lê-se com sorpreza o lugar em que diz, que o calor da mulher condensa o licor fecundante. O que nellas ha de mais constante e seguro, é que *Hypocrates*, admitte ordinariamente uma natureza, que tudo dirige.

phia pede. Confessamos, que a idéa desta faculdade geradora, nada nos explica sobre sua maneira de obrar; porém cremos que esse principio, cuja existencia, attestada pela antiguidade, e confirmada por muitos modernos, uma vez admittido, destroe todos os erros, que os raciocinios physicos applicados aos corpos organisados, devem necessariamente arrastar; faz desapparecer todas as lacunas, todas as difficuldades, que á cada passo se offerecem nos differentes systemas physicos, sobre a geração.

Não se admittindo um principio activo, formado de nossas funcções corporaes, é preciso suppor-se um encadeamento de causas, cujos movimentos ligados entre si, terminam-se em dois resultados precisos e exactos, sempre iguaes, como os que produzem as molas de um relogio. Ora, não só a experiencia é contrária á esta supposição, porém ainda o mais simples exame basta para fazer ver, que isso é impossivel em corpos organisados, continuamente lutando com infinidade de agentes, que os rodeam, e que devem mudar-lhes a determinação á cada instante. Elles teem necessidade de serem regidos por um principio independente, até certo ponto, de causas physicas, que attingem á seu fim, sem que causa alguma os desvie; e é isso que fórma o principio que anima os corpos vivos. Os differentes periodos, que dividem a vida, guardam pouco mais ou menos a mesma ordem; a época da dentição, a da puberdade, a em que cessa a faculdade de reproduzir, chegam sempre quasi ao mesmo tempo, qualquer que seja o estado do individuo, gordo ou magro, fraco ou robusto.

Se o licor fecundante, como se pretende na recente hypothese, não fosse mais que o excedente da materia destinada ao crescimento e á nutrição das differentes partes do corpo, os meninos serião para a geração, pois que não ha duvida, que os sucos nutrientes nelles sejam ás vezes superabundantes: de outro lado sugeitos sempre magros, desprovidos da materia organica superflua, jámais chegariam á puberdade: e finalmente, se o principio que serve de base á essa hypothese é verdadeiro, todo o mundo organisado seria uma confusão, e tudo estaria subordinado ao acaso.

Sem querer examinar até que ponto são provaveis as relações de attracção, pelas quaes se suppõe, que as differentes partes, que tem de formar o corpo do feto, se compoem en-

tre ellas, contentamo-nos em observar, que essa supposição torna a concepção muito precaria; pois que para o trabalho da geração ter bom exito, seria preciso sempre uma quantidade determinada de licor prolifico. Se da quantidade do licor fecundante, que deve entrar no utero, a parte que devesse formar a cabeça, o braço, ou outro qualquer orgão, se separasse das outras, ou se retivesse na passagem, a concepção seria imperfeita; e, como a quantidade precisa de licor para formar um homem ou um animal, é a reunião exacta de todas as suas partes, raramente teriam lugar n'uma materia liquida, cujas partes devem ter pouça adherencia entre si, a vida se passaria em ensaios imperfeitos e inuteis.

Pensa-se que a simples attracção das partes não formaria um todo variado em suas fórmas, como o corpo, se essas partes fossem homogenias; tem sido preciso suppor-se, que as moleculas organicas, que devem entrar na formatura de cada membro do feto, vão já moldadas pelas do pai ou da mãi, e com a configuração que o destingue, compartilha elle um pouco da idéa de *Hypocrates*, mas sobre tudo da de Anaxagoras. *Bonnet* (1) observa muito bem, que é impossivel essas moleculas serem moldadas, pois que sendo o superfluo da nutrição, que os moldes tem recebido, nelles não podiam ter penetrado, e por consequencia tomando-lhes a fórma que devem ter.

A maneira pela qual os corpos se nutrem e crescem, é muito difficil de conceber. Diz-se que seu systema é por *intus-suscepção*. As fórmas que admittem a materia organica, hão sido, por consequencia, suppostas fórmas *interiores*, isto, tem-se tentado explicar sendo uma cousa obscura com outra que repugna.

Nada mais arbitrario, como se vê nesta hypothese, do que o modo pelo qual se fórma a placenta e as outras partes dependentes do feto. Deve-se, na verdade, ficar muito embaraçado para dizer-se alguma cousa satisfatoria sobre a formação de partes, cujos moldes ou modelos não se acham no homem e nem na mulher.

A faculdade geradora dos antigos, ou a alma architecta, que nada mais é do que as *fórmas plasticas* de Cudworth, admittida por muitos modernos, e principalmente por

(1) *Corpos organisados.*

Stahl, apaga facilmente todas essas difficuldades. Portanto o systema de *Hypocrates* é, a nosso ver, em todos os sentidos, mais luminoso e mais verdadeiro, que o moderno, que o tem querido sobrepujar.

Os antigos diziam, para darem a razão da differença dos sexos, que o homem e a mulher tinham um licor fecundante forte, e outra fraco; e que se o licor do homem, era superior ao da mulher, ou por sua quantidade, ou por sua actividade, nascia um menino; e se ao contrario o da mulher excedia ao do homem, nascia uma menina. Essa distincção entre os licores fecundantes do homem e da mulher, não é fóra de verossimilhança.

Elles explicavam a semelhança dos filhos com os pais, como hoje faz o systema de moleculas organicas. A attribuiam á natureza e á constituição dos humores, cujas partes suppõe-se ter a mesma fórma, e tomarem a mesma disposição, que tinham no corpo do pai ou da mãi. Essa era a idéa commum de todos os antigos medicos e physicos (1).

E' difficil conceber-se como um homem do saber de M. Astruc (2) póde dizer, que adoptando-se o systema de Hypocrates sobre a geração, se cahiria *na mesma obscuridade á que chegaram os Epicureos, acreditando que o universo era formado pelo concurso, dos atomos agitados da vida.* Em primeiro lugar, Hypocrates não disse, que os licores fecundantes devessem sua união á um encontro fortuito. Em segundo lugar, não ha mais acaso na ordem em que se tem tomado os atomos de Epicuro, de que nas composições chymicas, que resultam da combinação de muitos mixtos. Epicuro suppunha os atomos redondos, pontudos, tortos, assim como alguns physicos suppoem, que os alcalis teem a fórma d'uma bainha, e os acidos de agulhas pontudas, em virtude dos quaes elles operam os effeitos, que se observam. Além disso, o acaso é um encadeamento de cousas, que ignoramos; e logo, as cousas mesmo que M. Astruc admitte para explicar a geração, assim como todas aquellas que podem adoptar os outros medicos e philosophos, não merecem menos o nome de acaso.

O systema de Hypocrates, ou antes dos medicos anti-

(1) Valerio Maximo, Lib. XI, Cap. 15.
(2) Trat. das infermidades das mulheres, T. 5.º pag. 51.

gos (pois é verosimel, que elle o tivesse recebido de seus predecessores), pouca alteração soffreo dos philosophos e dos medicos, que o seguiram. Aristoteles, não necessitou fazer-lhe grande mudança, para o ajuntar á seu systema geral de physica. Elle disse, que a causa efficiente da geração, estando no licor do homem, vevifica o da mulher; isto é, conforme sua maneira de fallar, dizendo que o homem fornece a *forma*, e a mulher a *materia*. Este systema assim modificado, seguio a sorte de todas as outras opiniões do grande philosopho, e teve a mesma fortuna entre os physicos. Os medicos continuáram a admitti-lo tal qual sahio das mãos de Hypocrates, até que a anatomia veio mudar as idéas.

Esta sciencia, que procurando a formatura dos orgãos e a natureza das relações, que fazem os animaes moverem-se, propoem-se, como se tal cousa fosse possivel, á fazer-nos conhecer todas as suas propriedades; esta sciencia, que augmentando o dominio da physica, tão pouco tem alargado o da medicina, cujas descobertas quasi todas teem sido marcadas por um numero mais ou menos consideravel de erros; quando descobrio os avarios, deo lugar á acreditar-se que as vesiculas redondas que nelles se observam, erão ovos. O espirito humano gosta naturalmente de encontrar conformidades, porque isso allivia sua fraqueza; muitos factos reduzidos á um só, cansa-o menos que se estivessem separados; além disto, á semelhança que se julga encontrar nas diversas maneiras porque o homem e os passaros se multiplicam, devem impressionar, por sua singularidade. Não sabemos se as mulheres se acomodariam com um systema, que as comparava ás gallinhas; porém nesse systema ellas teriam mais parte na geração: são depositarias de todo o genero humano; pretende-se nelle, que o ovo contem o feto já formado, e que o licor do homem só faz dar-lhe o impulso, que deve produzir seu desenvolvimento.

Como custava a comprehender a maneira por que era formado o feto no ovo, quiz-se resolver a questão recuando: fez-se remontar a formação do feto ao principio do mundo, onde se suppõe que Deos reunio todos os ovos de todos os fetos, que teem de produzir a especie humana. Os ovos femeas não só continham uma menina, como ainda mais ovos, que a menina continha, ou meninos sem ovos, ou meninas com ovos, que diminuiam sempre de grandeza em re-

lação da primeira menina com seu ovo. Desta sorte as mulheres tinham então a maior influencia na geração.

Uma nova descoberta anatomica, e por consequencia um novo systema, as veio despojar desta vantagem. M. Hartsoecker, tendo examinado com microscopio o licor de differentes animaes, descobrio nelle uma multidão innumeravel de animaculos, que se moviam em diversos sentidos, e que nadavam como os peixes. Esta descoberta, espantou o mundo sabio; não se duvidou mais que esses animaculos fossem os germens dos homens futuros; e accreditou-se ter-se encontrado o segredo, que ha tanto tempo se buscava.

Entretanto, á medida que se examinava a cousa mais de perto, e acalmada a primeira agitação dos espiritos, as duvidas nasciam tumultuosamente. Esses pretendidos animaes, não tinham fórma humana; sua prodigiosa quantidade espantava a imaginação. Não era possivel resolverem-se á crer, que a natureza estabelecesse a existencia d'um animal sobre a destruição de muitos milhares d'outros animaes, e que um desses animaculos não podesse viver senão sacrificando, como um sultão cruel, todos os outros que tenham o mesmo direito que elle. Esta consideração causava pezar, e affligiam-se de haverem recebido a vida por tal preço; a natureza era accusada de ser mui prodiga. E' verdade que se via nas plantas um exemplo dessa excessiva fecundidade, onde sabe-se, que um milhão de germens perecem para um vingar. Mas esta analogia, tirada dos vegetaes, tidos por insensiveis, não satisfazia completamente.

Os physicos e os medicos, em quem a descoberta dos animaculos tinha feito grande impressão, conservaram-se na convicção, que elles eram a base e a origem de todas as gerações futuras. No systema dos ovos acreditou-se, que todos os ovos tinham sido fechados no primeiro ovo; no novo systema acreditava-se, que todos os animaculos tinham sido encaixados uns nos outros, com a differença, que o animaculo macho continha todos os meninos, e todas as meninas, que deviam nascer delle; no entanto que o animaculo femea se limitaria á seu proprio sexo; de modo que nessa nova hypothese os homens tinham á superioridade, que os ovos haviam dado ás mulheres.

Alguns auctores prevenidos em favor dos ovos, e que não ousavam regeitar os animaes espermaticos, tractáram de

conciliar as duas hypotheses. Suppozeram, que os animaculos ensinuavam-se arrastando-se nas trompas de Fallopio, que os levava até aos ovarios; ahi o mais feliz, ou o melhor, era recebido no ovo mais proprio, por sua fortaleza, a servir-lhe de asylo; esse ovo desligado do ovario, cahiria na trompa, donde descia ao utero para nelle se feixar, crescer, e desenvol er-se; emfim, suppunham, que a pluralidade dos fetos dependia da pluralidade dos ovos promptos para receber tantos animaculos.

Se todos os physicos não acreditáram que as partes activas do licor, fossem verdadeiros animaes, outros houveram que desconfiáram tão pouco de sua imaginação, que se capacitáram não sómente da existencia desses animaculos, como ainda estabeleceram muitas fabulas ridiculas sobre seu pretendido sexo, sua união e suas outras funcções. O que uns de boa fé asseguram, M. *Plantade de Montpellier* certifica, para mangar com os sabios; publicou sob o titulo de *Dalempatius*, suppostas observações, nas quaes encarecia os contos que corriam sobre a opinião dos animaes espermaticos.

M. de Buffon, julga que as partes que haviam sido tomadas por animaculos não são animaes; mas sim materias activas, que devem formar um animal. Suppõe elle, que o licor fecundante, bem como em miniatura todas as partes necessarias ao feto; isto é, olhos, braços, um estomago, um pulmão, um coração, etc., e que essas partes teem sido fornecidas pelos orgãos correspondentes do pai e da mãi, que a mulher á esse respeito não leva vantagem alguma ao homem, e que o licor d'um e d'outro contem igualmente tudo que é preciso para a formação do feto. Ao ler-se isto, somos tentados a perguntar, porque a reunião do licor fecundante do homem e da mulher é necessario, havendo em cada um delles todas as partes que devem constituir o embryão? E' bem visivel, que faltando ao homem o lugar proprio á seu desenvolvimento, isto é, o utero, elle tem necessidade da mulher; mas não se sabe a razão porque a mulher não póde progredir sem soccorro do homem, possuindo a materia e o lugar proprio para vasá-la e germinar.

Esse systema explica as semelhanças de uma maneira muito especiosa. Suppõe, assim como já dissemos, fallando dos antigos, que tinha a mesma maneira de pensar, que as partes analogas fornecidas pelo pai e pela mãi, conservavam

no feto a mesma fórma, a mesma ordem, e a mesma posição que tinham nos orgãos d'elles. Para dar a razão, da differença dos sexos; diz, que a creança a toma do individuo que forneceo mais materia organica. Se esta idéa lisongéa e satisfaz, é muito preciso tambem, que a razão concorde com todos os factos. Segundo esse systema, é necessario não só, que o licor penetre no utero, como que seja em quantidade sufficiente. Seria inutil fallar dos exemplos, que se referem de mulheres que teem concebido sem haverem soffrido intromissão alguma da parte do homem, porque esses factos são tão raros, ou tão apocryphos, que não temos direito de negá-los. Porém ninguem ignora, que todas as experiencias d'Harvey, que em todas as multiplicadas vezes que se tem aberto a femea de differentes especies de animaes, immediatamente depois do conjuncto, não se tem descoberto a menor gota de licor fecundante no utero.

Se nos fosse permittido misturar nossas conjecturas com ás de tantos sabios, sobre um ponto da historia natural, tão interessante e tão obscuro, diriamos, que os ovos parece-nos terem sido o fructo d'uma imperfeita semelhança, fornecida pelas visiculas dos ovarios, assim como os animaculos d'uma mui precepitada inducção, tirada d'um facto mal aprofundado. Como M. de Buffon, pensamos, que as moleculas viventes do licor não são animaes, mas sim uma materia propria á tornar-se um animal. Entretanto será necessario, que ella contenha em miniatura todos os orgãos, que devem entrar na formação do feto? Muitas difficuldades se oppoem á uma tal supposição. Não se poderia á esta substituir outra, que talvez, não tivessem os mesmos inconvenientes, e que certamente concordaria melhor com as experiencias de Hypocrates, as unicas que podiam esclarecer-los sobre o mysterio, que dellas tem sido objecto, se tal descoberta fosse dada ao espirito humano?

Seria contrário ás regras d'uma exacta analogia dar á cada parte do licor do homem as propriedades, como essas especies de vermes, cuja singular historia devemos á M. Trembley? Basta talvez, que a mais pequena parte do licor penetre no utero, para despertar as faculdades que tem, e adquirir as que lhe faltam, comtanto que de seu lado o utero, esteja disposto á favorecer seu desenvolvimento; pois que essa res-

pectiva disposição é necessaria em todas as especies, em que a geração se opéra pelo concurso dos dous sexos.

Os polypos seminaes, sem duvida d'uma natureza mais composta que os polypos d'agua doce, teem necessidade de despojarem-se no utero, d'algum estorvo que obste sua actividade, ou de receberem em sua formatura alguma addição precisa ao novo genero de existencia, que vão gozar. Se alguma particula sensivel do licor é um ponto, como é em apparencia, a mais segura emanação da materia seminal do homem, bastará para fecundar a mulher. Isto tornaria mais verosimel o que os auctores tem dito a respeito do espirito seminal, *aura seminalis*, que, pelo que se tem dito, introduzido nos póros organicos da mulher, proprios para a geração, póde pô-las em estado de conceber, sem que haja perfeito conjuncto. Facilmente conhece-se, que a energia do licor fecundante, póde ser tão forte em certos homens (1), e o ardor de produzir tão vivo em certas mulheres, que o mais pequeno atomo desse licor, que achasse uma abertura para penetrar no útero, ou em outro qualquer lugar proprio, a prehencher o mesmo fim, ahi se fecharia para vegetar e chegar ao estado de homem.

Nesse caso não é preciso cuidar na quantidade de licor, que deve entrar ahi; basta que entre. As experiencias d'Harvey, que nunca puderam descobrir o menor vestigio de licor nos uteros das corças e nos coelhos abertos, tambem nada teriam de sorprendedoras por um atomo seminal collocado nas pequenas aberturas do utero, póde subtrair-se á vista do observador, emquanto não attrahe a si e não iguala assás substancias da mãi para tornar-se sensivel. Harvey, só vio um ponto animado, ao redor do qual estão arranjados differentes membros que compoem o animal (2). Assim é, que o polypo mutilado recobra todas as partes que ha perdido. E' verdade que se diz, que as partes do embryão são formadas antes de serem visiveis, e que Harvey errou quando disse, que ellas se

(1) Logo, póde-se conceber, que ha circumstancias que tornam o licor fecundante mais ou menos proprio para a geração. Diz-se, que o veneno da vibora é mais activo quando o animal está irritado. Porque não aconteceria o mesmo com o licor seminal? Vêde o que dissemos sobre os effeitos do pudor, e tambem o que havemos dito sobre os da imaginação.

(2) Harvey, *de cervorum, et damarum coitu exercit.*

formavam no instante em que começavam a ser sensiveis. Porém como essa objecção não é mais que uma supposição, não póde ter a menor força contra uma correspondencia natural, tirada d'um facto que os sentidos descobriram a Harvey. Este auctor, que com um bom microscopio, vio um ponto vivo tomar gradualmente uma fórma e revestir-se de orgãos que não tinha, teve direito de affirmar, que o facto passava-se como elle tinha visto; mas seus adversarios, não o de supporem o que ninguem ainda pôde ver. Além disto, essa formação detalhada do feto, nada tem que espante, e está conforme com os outros factos naturaes. Sabe-se que as pernas do caranguejo, regeneram-se; o polypo, a que se corta a cabeça e cauda, e que recobra-os, dá-nos um exemplo d'um animal, que póde adquirir novos orgãos.

D'outro lado, custa á crer que todas as partes d'um animal, tão composto como é o homem, possam estar sempre dispostas á se juntarem e á se arranjarem n'um estado de fluidez como se devem achar, na supposição de que todas as suas partes estão já formadas no licor O menor abalo não bastaria para destruir o ajuntamento? O menor sopro não as afastaria da esphera d'attracção que as reune, o que faria a concepção muito incerta e furtuita?

Em nossa supposição o licor em vez de ser um monte de orgãos debuxados, não será mais que uma materia animalisada, da qual, cada parte será capaz de tornar-se um centro de actividade, como cada pedaço d'um polypo póde tornar-se um polypo. Esta materia lançada no utero, ahi ficará em totalidade, ou em parte; esse orgão, tocado pela sensação que desejava e que a presença d'essa materia procura-lhe, d'ella se amparará logo, lhe accrescentará o que lhe falta para formar o feto, a cobrirá dos envolucros que a devem pôr á abrigo dos acidentes e concorrerá, com os outros meios para dar-lhe o gráo de perfeição, que tem de receber.

Niguem póde duvidar que o utero seja um orgão activo, dotado d'um instincto particular e inexplicavel, que não só ajunta a materia fornecida pelo macho, como ainda a modefica, e a compõe de uma maneira relativa e conviniente á cada especie. Talvez surprehenda, que um instincto sego possa formar orgãos regulares. E por accaso será menos maravilhoso que isso, ver-se os passaros construirem ninhos da mais delicada e preciosa estructura? Porque razão as opera-

ções inferiores do instincto serão menos seguras, que os exteriores, que elle produz? Porque razão o utero não póde formar os tecidos, que envolvem o embryão, assim como certos insectos fiam a teia em que se devem envolver, e cuja materia mesmo fornecem?

O lugar em que o embryão se fixa, não é determinado. As diversas oscillações do utero, fazem com que a materia seminal vá tocar, ora n'um, ora n'outro lugar; todos elles são igualmente avidos de conceber, mas nem todos são proprios para fazerem chegar á um termo feliz o fructo da concepção: o feto concebido nas trompas de Fallopio ou nos ovarios, não tem bom exito. Tambem quando a dimensão dessas partes, por ser mesmo limitada, oppõem-se á seu perfeito desenvolvimento, falta-lhe o meio favoravel de dar-lhe a luz. Tem-se visto todavia embryões cahidos na cavidade do baixo vêntre, onde se sabe, que ha ainda menos recursos para elles crescerem. Felizmente, esses casos são mui raros; são erros da natureza, ás vezes causados pela pertubação e agitação da alma. Observou-se que as mulheres solteiras, e as viuvas, erão mais sujeitas a essas concepções irregulares, que as casadas; a razão não é difficil de advinhar.

A materia seminal do macho póde espalhar-se no utero e cada porção tornar-se um ponto vivo, se o utero tem bastante ardor ou influencia para adoptar todas, e repartir com ellas sua influencia. De cada ponto animado, se formará um feto. Na especie humana, o utero ordinariamente emprega-se só n'um ponto d'essa materia viva.

N'um e n'outro sexo, as partes que formam o licor, quando ainda espalhadas no corpo e confundidas, com os outros humores, tem o mesmo caracter geral, e o mesmo gráo de vitalidade que as outras partes gozam. Actividade particular, que ellas adquirem depois, está então encadeiada.

Tornando-se mais livres e revestindo-se de attributos especificos, passam para o orgão onde, se diz que o licor seminal é preparado.

Os homens e animaes faltos desse orgão, jámais podem mostrar as qualidades, nem o signal que devem caracterisá-los e distingui-los; são entes imperfeitos, votados á uma impotencia eterna, inuteis á sua especie, extranhos aos dous sexos; e fazem horror á natureza.

As partes seminaes, teem necessidade de passar pelo orgão

destinado á sua elaboração, para terem a energia que os torna capazes de concorrer para a formação d'um novo animal. Esse orgão, bem como o licor, que elle offerece, não está ainda bem determinado na mulher. Diz-se, não se sabe com que fundamento, que o licor seminal femenino, é mais limpido e mais fluido, que o do homem (1).

Ainda que não se conheça a natureza, temos fortes razões para crêr em sua existencia. Não se sabe a razão por que o licor seminal da mulher, para comsumar a obra da geração, deve ser unido ao do homem. A solução d'essa difficuldade, tem circumstancias, que ainda estão encorbertas para nós.

Todavia póde-se conjecturar, que a materia seminal, tem uma maneira de existir, e qualidade, relativas á cada individuo, assim como relativamente á sua especie. O licor seminal da mulher, tem pois um caracter, um modo de obrar, finalmente um genio, que lhe é proprio. Se, na mistura com o do homem, elle toma o principal ascendente, o novo ente que d'ahi resultar, será regido por sua acção: sua organisação lhe será submetida; emfim tomará a constituição, os costumes, as feições, e o sexo da mulher; se ao contrário elle tiver o sexo do homem, o licor deste é, que domina (2).

A semelhança dos filhos com os pais, funda-se no mesmo principio. Não é effeito do arranjo mecanico de partes semelhantes, como pretendiam os antigos; depende antes do caracter da força activa, que preside ás funcções vitaes da creança. Se essa força, como é verosimel, está disposta a produzir nella os mesmos movimentos que se exercem no pai ou na mãi, disporá a materia organica, que tem de nutrir e fazer crescer as differentes partes da creança, do mesmo modo que estão dispostas nos pais, e que deve produzir uma se-

(1) Esta theoria que apresenta Russel sobre a geração, será mais circunscripta, quando descrevermos o apparelho desta funcção.

(2) Não pretendemos que esse ascendente se derive simplesmente da maior quantidade de licor, que um fornecer; porém de certas qualidades, que fazem que o licor d'um tome o caracter e a maneira de existir do licor d'outro, como os miasmas contagiosos nos fazem tomar a maneira de existir d'aquelles, que tendo sido infeccionados antes de nós, e que no'las commonicam.

melhança de feições e de caracter mais ou menos perfeita, entre elles e seu filho.

As creanças se assemelharão em parte á mãi, e em parte ao pai, segundo o rastilho da materia seminal, que ambos tiverem fornecido, e que entram na formação do feto. Se o licor seminal da mulher, torna-se principio dominante, as funcções geraes do novo individuo serão determinadas por sua impulsão, deixando subsistir, até certo ponto, a acção particular das partes seminaes do homem, nos orgãos em que ellas teem entrado alguma cousa. Ao contrario, se o licor fecundante do homem é, que tem a principal influencia, elle é que dará o caracter geral aos orgãos, sem de todo apagar as impressões, que algumas moleculas seminaes da mulher lhes poderão ter dado.

Ha creanças, que não se parecem com seu pai, mas sim com seu avô: este facto é difficultoso nas hypotheses, principalmente na das moleculas organicas. Comtudo poderiamos dizer que as partes seminaes, que são a base dessa parecença, que teem sido transmittidas pelo ovo, não tendo podido exercer sua actividade no pai, para onde haviam passado, por quaesquer circumstancias difficeis de determinar, ahi ficáram detidas, acháram uma occasião mais favoravel de se desenvolverem no filho. Acontece o mesmo, com a semelhança dos sobrinhos com os tios.

Os irmãos recebem do pai, partes seminaes semelhantes, que n'um ficam sem acção, e que n'outro desenvolvem sua energia: os filhos do primeiro, se parecerão mais com o segundo, do que com elle proprio, se as moleculas que ficáram inactivas nelle, poderem exercer em seus filhos a propriedade de que são dotadas, e que mais se tenham manifestado no tio ou na tia.

Estas propriedades consistem principalmente n'uma certa disposição de produzir, no filho ou no sobrinho, a mesma serie de movimentos vitaes, que teem lugar no pai, no tio ou em outro qualquer parente. O que prova, que as semelhanças são fundadas na ordem desses movimentos, e que as disposições hereditarias, seguem tambem a ordem particular de cada idade. Uma creança, que nasce phtisica ou gotosa, não soffrerá as impressões senão na idade em que ellas parecem proprias. Se a parecença do filho, vem d'um arranjo de moleculas semelhantes, tal qual ellas estão no pai, o fi-

lho d'um pai phtisico, nasceria com os pulmões ulcerados, e o de um gotoso sentiria dores de gota no ventre materno. A experiencia desmente isto. Demais; creança nem-uma quando nasce, parece-se com os pais; a semelhança das feições exteriores e corporeas que o filho deve ter com o pai ou a mãi, não existe quando elle vem ao mundo; só a adquire successivamente. Animal nem-um nasce com os attributos, que deve ter em certa idade. A plumagem dos passarinhos pequenos, e o pello dos quadrupedes, tambem n'esse estado, nada se assemelham com os dos pais. Esta semelhança, é uma acquisição que elles fazem crescendo; é o fructo da mesma serie, do mesmo encadeamento de feições, em que a existencia de seus pais foi fundada.

Taes são as conjecturas que julgamos poder apresentar, tocantes a uma materia, sobre a qual nada se póde dizer de positivo. Nossas observações se limitarão quasi á este capitulo, no que diz respeito ás qualidades do licor fecundante: no seguinte examinaremos se a imaginação da mãi póde estender sua acção sobre o feto.

Do effeito da imaginação da mãi sobre o filho. (1)

CONFORME ROUSSEL.

Parece-nos que todo o mundo convém, que, quando a concepção é fructo dos transportes de prazer, sentidos pelos dous individuos ao mesmo tempo, é mais segura. Esta curta alienação, em que a alma, como que passa toda inteira ao novo ser, que tem de produzir, e as circumstancias physicas, que a precedem, são talvez uma condição necessaria, um acto proprio para imprimir o sello da vida na obra da geração: como um corpo que se electrisa, as moleculas do licor recebem, talvez, d'ahi, as propriedades que ainda não tinham.

Pretende-se, que a disposição moral em que então, se pó-

(Nota) pag 68

(1)

Na curiosa obra de Pedro N. de A. Padilha intitulada Raridades da Natureza e da Arte, vem alem de outros o seguinte facto =

Maria Estevão estando gravida de Jaquem 1º vio matar na sua presença um seu valido e foi tal o susto q' teve e tão grande a impressão q' sua imaginação experimentou q' seu filho durante toda a sua vida não podia olhar p.ª uma espada p.lo horror q' lhe causava.

Em 3 de Abril de 1864, constando-me existir na rua da Princeza (Rio de Janr.º) dos Cajueiros nº 37 uma menina q' tinha nas costas toda cuberta de um pello exactamente igual ao pello do Gato, me dirigi a casa ~~[illegible]~~ p.ª ver o phenomeno, ~~[illegible]~~ e o pai Joaq.m Pinto Nogueira prestando-se a satisfazer a minha justa curiosidade apresentando-me a innocente Amelia de 11 mezes me referio q' sua mulher estando gravida de 3 mezes vio um Gato de cor m.to esquerita encarar p.ª ella, e isto fiz-lhe tal apprehensão q' não tirou mais o Gato do pensam.to p.ª q' sempre falava nelle, e dando a luz no tempo competente apresente menina ~~[illegible]~~ vio q' ella trazia nas costas a pelle do Gato

de achar a mulher, tem muito poder na formação do feto, quer seja para modificar de diversos modos sua constituição physica, quer para determinar o caracter e a tempera de seu espirito. Além disso, já dissemos, que era verosimil, que os diversos estados dos humores, ou pela impressão local que podem fazer nas partes sensiveis, ou pela percepção geral que a alma tem, influem muito na existencia desta. Como entre ella e o corpo, ha uma correspondencia intima e constante, é provavel tambem, que seus movimentos reflectindo nos humores, causem alterações momentaneas, que augmentem ou diminuam a vitalidade. Sendo assim, haveria sobretudo lugar para o licor, no momento em que todas as faculdades d'alma se reunirem para vevificá-la, e em que toda a sensibilidade se concentra no orgão que a fornece. E' menos verdadeiro dizer-se, que não é um impossivel, o ter a imaginação da mãi, e talvez mesmo a do pai, alguma influencia na concepção.

Uma tradicção popular quer, que os filhos illegitimos tenham mais espirito e sagacidade que os legaes: M. Camus deo sem duvida (1) credito á esta tradicção, pois que tracta de explicar o facto que della é assumpto. Faz ver que os filhos illegitimos, ordinariamente são fructo d'um amor industrioso; que o espirito de seus pais continuamente agussado, por ardis necessarios á uma ternura atravessada por obstaculos continuos, exercitados pelos artificios proprios a enganar o ciume d'um marido, ou a vigilancia de uma mãi, esclarecido pela necessidade de occultar á opinião publica, prazeres que ella condemna, deve indistinctamente transmittir aos filhos que delles provém, grande parte dos talentos á que elles devem o ser; no entanto que os filhos nascidos na indolente segurança d'um amor permittido, devem ressentir-se d'essa especie de abandono, e d'essa inercia d'alma, com que se lhes dá a existencia. Finalmente, a maior parte da gente (e as idéas do vulgo não são sempre de desprezar) pensam que a maneira por que a alma da mulher é affectada no acto da geração, não é cousa indifferente para a creança.

Ella, não deve participar menos das affecções da mãi depois da concepção; torna-se então parte de seu individuo; associa-se á sua existencia, a mãi fornece-lhe a materia pro-

(1) Mèdec. de l'Esprit., tomo 1.°, pag. 310.

pria para nutri-la e faze-la crescer; é animada de seu calor, e vive tanto da vida que lhe communica, como da sua propria. Assim não será para sorprender, que as paixões que agitem a mãi passem ao filho. A communicação, que torna isso possivel, existe: a creança, toma intima relação com o utero pela planceta e pelo cordão umbelical. E' verdade, que não se vêem nervos nessas partes; mas para que a vida circule e vá d'um lugar á outro, não é necessario que as partes sejam unidas por tramas nervosos; basta que exista entre ellas livre intimidade. Os nervos são cordões necessarios nos animaes destinados a produzir grandes movimentos, ou a carregarem grandes pesos: porém todos os corpos organisados delles não precisam. Um dos phenomenos, que podem servir para provar esse commercio reciproco, e essa communidade de movimentos vitaes que existem entre a mãi e o feto, são as creanças acephalas, isto é, que nascem sem craneo e sem cerebro; morrem assim que nascem, pois que essas partes são essenciaes e necessarias ao homem, que vive de sua propria vida; o feto sem ellas vive, porque deve á mãi uma parte da força que o anima, e que suppre os orgãos que lhe faltam.

Um dos autores (1), dos menos dispostos á crerem nos effeitos da imaginação sobre o filho, depois de haver esgotado de todo a sciencia da anatomia, para provar a impossibilidade d'uma transmissão das affecções da mãi ao filho, é forçado á confessar, que os filhos são sugeitos, durante a vida, a convoluções, porque soffre-as durante a gravidez, feridas de grande terror ou d'outra paixão viva. Esse autor disse, que pela falta de nervos, que estabelecem a communicação entre a mãi e o feto, unicos meios, pelos quaes os movimentos se podem transmittir á mãi, não póde fazer experimentar ao filho o que sente. Porém se, como elle mesmo confessa, uma communicou á seu filho as convulsões causadas por um forte terror, é evidente que a mãi, póde fazer o feto partilhar de suas affecções, sem intermediario soccorro de nervos.

Mallebranche, como todos sabem, deo ao poder da imaginação a maior extensão. Muitos autores emprehenderam refutá-lo; porém os meios de que se serviram são muito vicio-

(1) Haller, Elem. Physiol. Comp. hum. Tom. 8, lib. 26. pag. 450.

sos; são tirados da anatomia das partes, e da relação mecanica, que ha entre os orgãos. Se se quizesse explicar os phenomenos da electricidade, pelas leis geraes do movimento, achar-se-ia, que elles não combinam com ellas ; talvez essa seja a causa, mas não os effeitos emittidos que estão submettidos a causas intermediarias, precisava conhecer estas para saber-se a ligação, que teem com as primeiras. O mesmo acontece com os phenomenos da vida e da vegetação. Cada ordem de existencia, tem sua mecanica particular, e querer julgar dos effeitos relativos a uma ordem pelas leis da mecanica propria á outra, é um dos maiores erros de logica, que se possa commetter. Portanto, dizer-se, que as impressões da mãi não se podem transmittir ao filho por meio dos humores, que ella lhe envia, e nas quaes, dizem nada do moral póde ser communicado, é confundir os objectos; e tendo-a por uma simples machina hydraulica, todos os raciocinios, que dahi poderem tirar-se, serão de um principio falso.

M. Maupertuis parece-nos estar mais perto da verdade : « Que uma mulher perturbada, diz elle, por alguma paixão « violenta, pela vista de um grande perigo, pelo espanto cau- « sado por algum animal feroz, pára um menino contrafei- « to, nada mais facil de comprehender. Certamente existe « entre o feto e a mãi, uma communicação assás intima, por- « que uma agitação violenta no espirito, ou no sangue da mãi, « transmitte-se ao feto, e nelle causa desordens, á que as « partes da mãi poderiam resistir, porém a que as delle, por « muito delicadas, succumbem.» Não é por que Maupertuis explica o facto, que admittimos sua possibilidade, pois haveria muita cousa que dizer sobre a explicação dada, mas porque sendo um accidente muito commum, delle se não póde duvidar. O mesmo autor accrescenta, que quando vemos soffrer alguem, partecipamos de suas dores, e que a natureza não achou outros meios de tornar-nos compadecidos para os outros, senão fazendo-nos experimentar uma parte de seus males; que quando um homem recebe diante de nós um golpe violento n'um membro, sentimo-nos de repente feridos no mesmo lugar, e que, por consequencia a historia da mulher, que deo á luz um menino, cujos membros estavam rotos, do mesmo modo que ella tinha visto romper a um criminoso; nada tem, que não seja facil de conceber.

Existe outra classe de phenomenos, relativa á imaginação das mãis; são os que consistem na figura do objecto, que as impressiona, ou a fructa, ou outra qualquer iguaria que desejem durante a gravidez, que influem na creança. Esta ordem de factos é mais difficil de explicar, que o precedente, e essa razão determinou M. de Maupertuis (1) a não dar-lhe credito. Pensamos, que quando uma cousa é inexplicavel, porque é obscura, e porque ignoramos as circumstancias, que della são a chave, se as conhecemos, a duvida deveria ser o recurso do maior sabio.

O que se não póde negar, é que o espirito das mulheres gravidas, é singularmente modificado. Seus desejos, seus caprichos, seus desgostos provam, que ellas são dominadas pelas sensações interiores, provenientes do novo estado em que se acham; os desejos sobretudo, que então são nellas uma especie de delirio, poderiam bem vir do sentimento d'alguma necessidade, que a creança experimenta. O instincto desvairado liga-se a objectos extravagantes, que julga serem proprios a calma-lo; porém seus mesmos erros mostram o interesse com que véla na conservação do deposito, que lhe foi confiado.

Modificações naturaes na constituição das mulheres segundo as idades.

CONFORME VIREY.

Já se tem demonstrado, que os climas quentes animam o ardor amoroso no sexo femenino, e mesmo desenvolve mais seus orgãos sexuaes; que os gozos prematuros, ou que precedem ao inteiro crescimento, abreviam-lhe o talhe, tanto na India como em toda a parte: poder-se-iam ainda citar as observações de Otaiti e Sumatra, pois é aos casamentos pre-

(1) Venus physica, primeira parte, pag. 83.

coses e á corrupção dos costumes germanicos, que um medico (1) attribue a diminuição da altura, que antigamente tinham os povos allemães, quando viviam em sua primitiva innocencia (2).

Numerosas observações fazem ver ainda, que se o calor do clima não é a unica causa da precocidade do fluxo menstrual, nella influe singularmente. Com effeito, na raça branca do Norte da Europa, as mulheres soffrem essa evacuação mais tarde, que as do Meio dia. Em Saxonia, em Thuringe, e na Alta Allemanha, a menstruação só começa, mesmo nas cidades (3), aos quinze annos; ella ainda é mais tardia nas regiões mais septentrionaes e nos territorios elevados, onde só apparece aos vinte ou vinte e quatro annos: tambem, segundo Martine, nas ilhas do Norte, nas Orcadas, e nas Hebridas, as mulheres conservam até avançada idade sua fecundidade; mesmo na Irlanda tem-se visto mulheres de 60 annos terem filhos (4). Na França a nubilidade, ordinariamente, começa aos 14 annos, e mesmo aos 13, nos departamensos meridionaes, ou nas grandes cidades, onde o espirito é mais precoce, a nutrição mais abundante, e as paixões mais excitaveis. Em Languedoc as raparigas são mais regradas que em Paris (5). Na Italia as mulheres formam-se aos 12 annos; acontece o mesmo com as Hespanholas; e as de Cadiz casam-se com essa idade. Em Minorca, a puberdade é marcada desde a idade de 12 annos. Em Smyrna, tem-se visto mãis de idade de 11 á 12 annos. As Persianas, commumente, são regradas de 9 á 10 annos, segundo Chardin (6); no Kairo acontece quasi o mesmo (7); as mulheres barbarescas, são muitas vezes mãis com 11 annos, assim como as dos Agows em Abyssinia, conforme Bruce (8). Desde a

(1) Herrera Conningius, *De habitu Germanor.*, C. IX.
(2) Cœsar, Bell. Gall., L. v.; et Tact., *Mor. Germ.*, Cap. XVIII.
(3) Blnmenbach, *Instit. Physiol.*, Gotting., 1798, em 8.°, pag. 427 e 506.
(4) Bonte, *Of Irland*, pag. 178; Plot, *Oxfordshire*, pag. 199.
(5) Titzgerald. *Memories*, pag. 3. *L'age nubile pour les femmes juives a été, fixé par la loi à douze ans et pour les hommes à quatorze ans.*
(6) *Voyage*, tomo VII, pag. 163.
(7) Resvati, *dans l'Histoire Med., de Carmie d'Orient*, de M. Desgenethes, Paris 1802, parte 2.ª, pag. 44.
(8) *Voyage aux sources du Nil*, T. III, pag. 849, in 4.°

idade de 9 á 10 annos, notam-se signaes de puberdade nas filhas do Senegal (1). Parece que a idade de 10 annos, é mais geral para a menstruação, não só na Arabia (2), como em diversas partes da Africa (3).

Exemplos ainda de maior precocidade tem-se allegado na Arabia e em Alger (4), e na costa do Malabar, á respeito de mulheres casadas na idade de 8 á 9 annos, vindo a ser mãis pouco tempo depois. Em Decano, segundo Thévenot (5), mulheres tem ficado gravidas na idade de 8 annos. Paxmon (6), vio meninas de 4 á 6 annos casarem-se; mas é totalmente impossivel, que fossem nubis; sabe-se, que ha nas Indias um costume geral de despozarem, ou mesmo, cazarem as creanças; é por isso, que se veem mulheres na idade de 10 annos mãis em Java (7) e no Indostão; porém esses factos não são geraes, pois tem-se observado mesmo nas regiões frias da Europa, excepções nesse genero. Haller, cita Suissas menstruadas na idade de 12 annos (8); e Snaellié, falla de algumas Inglezas casadas nessa idade. Tem-se visto na Belgica e na Suissa (9) meninas de 9 annos conceberem e dar á luz; mas nada ha a concluir dessas particularidades. Além disso, em Guiné, é excitado o fluxo menstrual antes do tempo, pelo conjuncto entre as meninas. Em Porto-Real e Ardéa, o fluxo determina-se nas negrinhas por ellas introduzirem na vagina repetidas vezes um canudo de madeira tenra, cheio de formigas, e a cosseira occasionada por esses insectos, determina o fluxo de sangue nas partes sexuaes (10). O uso de banhos estimulantes e almiscarados entre as Egypcias e Asiaticas, afim de inflammar os desejos voluptuosos, não faz senão accelerar, desde a mais tenra mocidade, a evacuação

(1) Adamson, *Voyage au Senegal*, pag. 20.
(2) Niebuhr, *Desc. de l'Arabie*, pag. 101.
(3) Demanch, *Afr. francaise*, T. II, pag. 60.
(4) Prideaux, *Vic. de Mahomet*, pag. 78. *Lougier de Tossy*, Hist. d'Alger, pag. 68.
(5) *Voyage*, parte V, L. I., C. 48.
(6) Medicina Indor, pag. 17.
(7) *Philos. transact.*, n.º 243.
(8) *Physiologiæ Elem.*, Lib. XXVIII, tomo V, pag. 40.
(9) Jouber, *Err. Popul.*, Liv. II, Ch. 2; et Acta helvetica, tomo IV, pag. 107.
(10) *Cout. et Cérém. religieuses*, de Picart, tomo VII, pag. 229.

menstrual; e os alimentos mui suculentos, que as Banianas dão ás suas filhas, produzem um effeito analogo.

Disto, sobretudo, resulta a confirmação dessa lei geral, que quanto mais a mocidade das mulheres é curta e rapida debaixo dos céos dos tropicos, quanto mais sua velhice é commumente longa : *citius pubescunt, citius senescunt.* Semelhantes ás flores das mesmas regiões, apenas desabrochadas de manhã, murcham no ardor do dia (1). Logo que ellas perdem as pretenções de agradar pelos encantos corporaes, entregam-se todas, aos cuidados domesticos e á educação de seus filhos. Todavia, como sua velhice é mais precoce, é menos velhice que a nossa; os cabellos das mulheres, não enbranquecem tão depressa como os nossos ; raramente ficam calvas, e sua vida extingue-se mais de vagar, que a dos velhos, porque, em geral, as mulheres chegam á uma idade muito avançada, com menos inconvenientes, que o outro sexo. Serão ellas mais vivaces por sua vida menos activa e sua constituição, naturalmente mole, adquirir menos rigidez, sequidão e aridez, que a nossa? O certo é que as mulheres, ordinariamente, morrem em menor numero que os homens; excepto dos 20 até aos 50 annos, periodos dos gozos sensuaes, mas tambem dos perigos e trabalhos que trazem a gravidez, o parto e amamentação dos filhos. Em outra qualquer época, ellas morrem mais raramente e soffrem menos, que os homens : a maior parte dellas, chegam a uma velhice muito avançada.

Na raça negra, quando mesmo os individuos são transportados á climas mais temperados que a Africa, como a America Septentrional e Europa, tornam-se mais sedo impuberes, que os brancos, pouco mais ou menos a differença é d'um anno, o que prova, que a raça negra é mais precoce, que a nossa. Este exemplo, nota-se mui evidentemente na raça Mongola. Não sómente, em Lião, em Galgonda, nas circunferencias de Methold, na China e no Japão, conforme diversos viajantes, começa a puberdade do sexo feminino aos 11 annos, como tambem nas regiões muito mais frias, que as nossas, tem-se reconhecido, que ella é mais precoce que em

(1) Voyez des Recherches sur la longévité dans notre ouvrage *De la puissance vitale,* in 8.°: Paris 1823, pags. 392, et suivantes. Nous devoloppons les causes de celle des femmes.

nossos climas. Uma Klimane, uma Mongola da Siberia debaixo d'um céo tão rigoroso como o da Suecia, ficam nubis na idade de 13 annos, no entanto que uma Suissa, só o é quasi aos 15 ou 16. E mais para o norte ainda, e até nos confins do mar Glacial, as mulheres Samoiedas, são menstruadas de idade de 11 annos, e muitas vezes aos 12 (1). Ainda que fracamente, as Laponias, são regradas na idade de 12 annos (2); e parece acontecer o mesmo em todas as raças de myrmidons polares, como os Ostiacos, os Jakentes, os Hamtschadales, etc., e mesmo os Esquinaos da America.

Talvez que a pequenhez natural de talhe, accelere a época da puberdade entre esses povos; mas tambem sua nutrição completamente animal, os peixes, que como se sabe, é em geral um estimulante e aphrodisiaco, sua habitação quasi continua debaixo de subterraneos onde reina suffocante calor, no meio dos vapores d'agua vertida sobre pedras quentes ao fogo; todas estas cousas, dizemos nós, podem apressar a época da puberdade entre os povos polares.

Na America, a puberdade, segundo as relações de viajantes, declara-se dos 10 aos 12 annos.

Mas essas mulheres nubis antes de tempo, não teem faculdade de conceberem antes da idade de 45 annos; que ordinariamente é para as de nossos climas, época da cessação do menstruo. Na Azia as mulheres, são velhas desde a idade de 30 a 35 annos (3). Em Java (4) não concebem mais depois de 30 annos. Mesmo na Persia ha mulheres, que perdem essa faculdade aos 27 annos (5). Ainda que puberes muito cedo, as Siamoses teem filhos até aos 40 annos. Póde-se pois estabelecer como facto constante, que a nubilidade das mulheres começa, debaixo dos céos ardentes dos tropicos, dos 9 aos 12 annos, e termina-se aos 30, e ao mais tardar aos 40. Ao contrário, as mulheres Samoeidas, puberes muito jovens, são menstruadas até a idade de 41 annos.

Parece que a quantidade do fluxo menstrual varia igualmente em razão dos climas, pois que as Laponias e as Sa-

(1) Klingstaedt, *Mém. sur les Samoiédes*, pag. 41, 43.
(2) Linnée, *Faune suecic.*, pag. 2.
(3) Paxman, *Medicina Indorum*, pag. 17; *Grose Voyage*, pag. 243.
(4) *Philos. Transact.*, n.° 243.
(5) Chardin. *Voyage*, tomo VI, pag. 236.

Puberdade prematura. — Lê se no *Pedro II*, folha do Ceará :

« Existe na freguezia de Santa Quiteria d'esta provincia, na ribeira de Gurahiras, á 10 leguas de Sobral, uma menina de 3 annos e meio de idade (nascida em Agosto de 1854), a qual tem tido um desenvolvimento physico, que se acha com todos os signaes de puberdade bem caracterisados, já sendo emfim uma mulher !

« Essa creatura, com quem a natureza tem sido tão caprichosamente phenomenal dando-lhe tão precoce puberdade, é filha de um vaqueiro do Sr. senador Paula Pessoa, residente em uma fazenda denominada — Passagem — á duas leguas de distancia da fazenda Gurahiras de residencia do S. Ex.: é de qualidade branca, sua cutis é delicada e alvissima, os cabellos louros e os olhos azues : tem de altura cinco palmos craveiros e mais meia polegada, isto é, pouco mais de uma vara de medir : seus peitos já se acham tão desenvolvidos, que o seu torneado, e o azulado das veias que se devisa atravez do sua alvura, excitam a attenção de qualquer observador, ainda mesmo, quando fosse algum beato ermitão.

« Este prematuro desenvolvimento physico não é porém acompanhado de igual desenvolvimento do intelligencia, pois que, em quanto o complexo do que fica ligeiramente esboçado, faz d'essa menina, attenta sua tão pouca idade, uma verdadeira maravilha da natureza, nota se que seus gestos, o balbuciar de suas palavras ainda pouco intelligiveis, a levesa de seu espirito e a mobilidade de seu corpo são inteiramente infantis, e correspondentes ao verdor de seus annos.

« O que sobre tudo mostra que n'essa tão curiosa quão interessante cachopinha o desenvolvimento moral está muitissimo áquem do physico, é que ella não tem ainda a menor ideia de pudor, de maneira que approxima-se de qualquer desconhecido, que passa em sua casa, deixa que lhe mostrem os peitos, com a mesma indifferença, com que o faria uma criança commum de sua idade. . .

. . . . .

« Entretanto o nosso amigo em sua volta passando em casa do Exm. Sr. senador Paula Pessoa, que tem conhecimento d'aquelle phenomeno, foi por elle informado de que de feito a menina só tem tres annos e meio, e lhe constava que já havia sido menstruada, apparecendo ahi quem asseverasse que outros signaes de puberdade, bem como o pello do pubis, já n'ella se haviam manifestado. »

moiedas deitam mui pequena porção de sangue (1), e as Groenlandezas não deitam quasi nada, por causa do frio que impede o desenvolvimento das faculdades geradoras, assim como se oppõe ao florecer das plantas. Nas regiões frias da Alta-Allemanha e da Inglaterra, a evacuação periodica é de 3 onças, segundo Dehaen; de 4, segundo Smelli e Dobson; ou de 5, segundo Porta. Na Hollanda ordinariamente chega á 6 onças e até a 8 nos outros lugares da Allemanha, que parece geralmente ser a quantidade, que perdem as mulheres na França; porém quanto mais se caminha para o meio dia, mais esse corrimento augmenta (2); eleva-se muitas vezes á 12 onças na Italia e na Europa meridional. Emett e Fitzgerald, viram na Hespanha chegar á uma libra; emfim, debaixo dos tropicos vae até 20 onças (3), e mesmo á 2 ou 3 libras, se se deve dar credito á Snellen.

Finalmente existe a maior variedade a esse respeito, conforme a constituição das mulheres, de tal fórma que as Gregas das Ilhas do Archipelago, ainda que mais precoces e collocadas debaixo d'um céo mais quente que as Italianas, quasi que não deitam mais de 3 onças de sangue menstrual. E é certo que as Europeas, que vão para as colonias ou para as Indias, ficam mais expostas ás hemorragias, e mesmo aos abortos pela mesma causa, que debaixo dos céos mais temperados (4).

A mesma qualidade de sangue menstrual, tambem differe, segundo os temperamentos; pois se é em nossas regiões, é tão puro como o sangue d'uma vitella, conforme a expressão de um celebre medico; póde adquirir nos climas mais ardentes certos gráos de fedor. A opinião popular da pudridão dos menstruos, não é originaria da Arabia e do Oriente, encontra-se tambem nos selvagens Americanos, pois que se separam de suas mulheres durante o tempo critico. Com effeito, no calor, quando as excressões da pelle, das glandulas cebaceas, e das cryptas da vagina augmentam em abundancia e em

(1) En été seulement, d'apres Linnéc, *Flor. Lapon*, pag. 324.
(2) Olearius, *Voyages*, pag. 132.
(3) Treind *Emmend*, Cap. 1, pag. 1.
(4) Tous ces faits sont developpés avec plus de details dans notre *Histoire Naturelle* du genre humaine, nouvelle edition, tomo 1, Sect. III, Art. 2,

fetido, não é admiravel, que o sangue menstrual, por pouco que se demore nas partes visinhas ao anus, que estão em estado de orgasmo, adquiram então máo cheiro. Tavernier (1), fallando da menstruação das negras e das Hottentotes, fornece provas disso.

A excreção do leite, parece estar em relação com a menstruação, pois que as Irlandezas, como todas as mulheres dos paizes frios, dão muito pouco leite. O bispo de Troil, diz, que ellas só criam seus filhos durante 3 ou 4 dias, e depois dão-lhes leite de animaes; seus partos, tambem são muito difficultosos (2). Mas no Egypto, em Ceylão, e na maior parte dos paizes quentes e humidos, as mulheres tendo os peitos mui desenvolvidos, podem crear muito tempo. Ellas teem menos leite, e o seio menos volumoso, nos territorios seccos, elevados, ou ventosos, como em Marselha, na antiga Provença, na Castalia, etc.

Diz-se, que na Russia tem-se visto homens capazes de criar meninos á seus peitos, tão lymphatica é sua constituição (3), principalmente nas regiões lodosas da Crimea.

Considerações sobre as causas do amor entre os sexos.

POR VIREY.

A força, que conserva, é a mesma que produz; e o mundo não se mantem senão pela continuação das mesmas, que o criaram. Deos fórma constantemente o mundo e suas crea-

(1) *Voyage*, Liv. II, Ch. 27.

(2) Horrebow, *Hist.* d'Islande et obs., p. 316. Os selvagens não ajudam nunca as mulheres a parir. Persuadidos. que a natureza só basta para tudo, pensam que ficamos contrafeitos por culpa das parteiras, e corcundas pela ternura de nossas amas. (Sam Hearne, *Voyage à la Baie d'Hudson*, etc., Trad. Franc., tome I, page 144.)

(3) *Comment. Acad. Scienc. Petropol.*, tomo III, pag. 298. O leite das Europeas, que residem na Batavia, é tão salgado, dizem, que ellas não criam seus filhos; não succede o mesmo com as negras. *Mem. Acad. Scienc.* Paris, 1707, Hist., p. 10.

turas, porque a conservação não é mais, que o desenvolvimento perpetuo da creação, ou antes, uma geração continua.

Nossa vida sendo produzida pelo amor, só se conserva pelo amor; é a força e o principio de nossa existencia, assim como causa de toda a reproducção. Nossa vida tambem, nunca é tão energica, como na época dos nossos maiores fogos d'amor, assim como nunca é mais languida e mais miseravel, que na velhice, que nos precipita na morte. Os filhos formados por pais esfalfados, são debeis, doentios e pouco amorosos, e sua vida é curta; no entanto que, os formados em todo o vigor da idade e do amor, tornam-se robustos, ardentes, e teem uma vida longa, se não abusam.

Nos climas quentes, onde os alimentos são mais animados, a vida e o amor adquirem uma impetuosidade extrema, d'ahi procede o findarem-se mais sedo. Acontece o contrário nas regiões glaciaes, onde o amor e a vida são languidos, inactivos, e por isso mais duraveis. O amor, que é o principio de nossa vida, proporciona-se ao estado particular de nosso globo, ou antes, recebemos uma quantidade determinada de amor e de vida da constituição e dos elementos de nosso mundo.

Com effeito, esse amor ou essa vida, não é mais que uma porção do poder geral, que muda toda a natureza segundo as leis de Deos. Pois que a *natureza*, que renova todas as cousas, suas reproduções sem numero, que mulplicam os seres animados e os vegetaes, não são senão o effeito do principio de vida, que penetra em todo o universo e obra sobre cada uma de suas substancias.

O amor, essa affecção universal, que accende a tocha de todas as existencias, que organisa, embelleza e exalta a vida, é especialmente o dominio da mulher, ou do ente depositario dos germens. Este sentimento faz o destino natural de um sexo, que é fonte da reproducção. A necessidade de amar, é mesmo da essencia da mulher, quer seja por sua timidez impedir-lhe de ser forte, quer pelos deveres da maternidade, desenvolverem em seu seio novas producções, quer pela ternura, com que véla na educação e crescimento dessas creaturas innocentes, emanadas d'ella. Seu puder e seu galanteio são elementos neccessarios, d'esse sentimento reproductor, o mais sagrado, o mais respeitavel da natureza, e ao mesmo

tempo o mais ardente, mais delicioso para todas as creaturas organisadas.

A importancia capital deste assumpto impõe-nos a obrigação de mostrar sua influencia e seus resultados na constituição da mulher.

Todos os seres organisados, sendo resultado de geração, tiram do amor sua existencia, e sendo elle pois o principio de suas vidas, quanto mais transmittirem essa paixão á novas creaturas no acto da propagação, mais debilitarão sua propria vida. Entre os vegetaes e os animaes imperfeitos que, ordinariamente, reune os dois sexos, ou mesmo então as especies que não teem orgãos, masculino ou feminino (os crypotogamos, os polypos, etc.), a reproducção parece ser uma prolongação da existencia em novos corpos emanados d'um tronco primordial: tal é a propagação das plantas pelas estacas, pela divisão, etc. O amor nelles, parece frio; é um acto mecanico, que não offerece traço algum de paixão.

Entre as raças mais perfeitas e de sexos separados, observa-se já uma mutua sollicitação, desejos reciprocos, um sentimento manifesto de amar, em certas épecas, ou de sua existencia, ou do amor. Porém, é principalmente entre as especies de animaes de sangue quente, que a sensibilidade mostrando-se mais exaltada, a expressão do amor torna-se mais ardente e mais elevada. Ora sendo a raça humana, por causa do desenvolvimento de seu systema nervoso, a mais profundamente sensivel, as relações de seus sexos, devem ser mais extensas, mais completas, mais frequentes, e mais intimas que em qualquer outra especie de seres animados.

Na verdade, considerando physicamente nossa organisação, a nudez da pelle torna os ajuntamentos mais immediatos, as impressões mais voluptuosas, e os contactos mais carinhosos; nós temos idéas de bellezas, muito nobres, muito elevadas, e muito encantadoras, que sem duvida faltam aos animaes; porque nossa imaginação, nosso centro intellectual, desdobram o maior poder da illusão para encantar-nos, o que não tem o instincto limitado dos brutos. Pódemos accrescentar, que a duração de nossa existencia, e a faculdade de procrear, são mais longas que as de quasi todos os outros animaes conhecidos, e que, longe de sermos como elles sugeitos a uma época particular de cio, nosso genero de vida permitte-nos em todos os tempos uniões sexuaes; final-

mente a existencia social multiplica até ao infinito as affecções mutuas dos sexos entre si.

Pertence, pois, ao primeiro dos seres da creação, ao mais intelligente e ao mais sensivel, mostrar-se o mais amoroso, e talvez tambem, o mais voluptuoso delles, pois que a natureza ensina-lhe o epicurismo, e o amor torna-se mais ardente e mais inflammado, quanto mais sensivel é. E' por essa razão, que os passaros, cuja organisação é tão avivada e como que abrasada pela vasta extensão de sua respiração, parecem mais amorosos que os reptis, os peixes, e outras classes de animaes de sangue frio.

Tambem a grande capacidade medular do cerebro, a extensão do apparelho nervoso no homem, multiplicando, exagerando sua sensibilidade, accrescenta mais poder, e chammas á suas paixões, quer moral, quer physicamente. Sabe-se a estreita ligação, que une a faculdade propagadora ás funcções do systema nervoso; tanto a debilidade do cerebro pela meditaçao gela a energia genital, como, reciprocamente, a fraqueza genital ou a muita evacuação do licor fecundante afrouxa a energia cerebral. Tem-se o exemplo disso nos eunucos, nos quaes a resecção dos orgaos preparadores do licor fecundante, parece tambem cortar o vigor do pensamento.

A vivacidade d'alma, que se annuncia pelo fogo das vistas, pelos olhos scintillantes d'amor, languece e apaga-se nos gozos multiplicados; relativamente aos outros movimentos, as faculdades de nossa vida jámais enfraquecem; a belleza só murcha promptamente pelo abuso dos gozos multiplicados. Procrear, é com effeito morrer por si mesmo; é legar a vida á sua posteridade, é fazer de alguma maneira seu testamento. Amar é viver para a sua especie, é trazer em si mesmo os elementos da mortalidade; é não só existir para si, como para toda a sua raça; é accumular uma existencia infinita n'um tempo muito limitado, e viver mil seculos n'um instante.

Para se estabelecer o amor, entre dous entes differentes em sexo, a natureza emprega os mais engenhosos e admiraveis meios. Se os dous sexos não offerecessem entre si diversidade alguma, o amor não os poderia encadear um ao outro, porque a igualdade produz unicamente amizade, e a opposição correspondente ou harmonica, é que estabelece as rela-

ções d'amor. Na verdade, temos amizade á um individuo quasi igual a nós, na idade, no sexo, no temperamento, na maneira de sentir e de ver, no emprego, na fortuna, e (com tanto que não seja nosso rival); *simile simili gaudet.* Nada disso constitue o amor, pois que de algum modo elle nutre-se de contrariedades, ou antes, de contrastes. Jámais uma mulher varonil, será mui cara a um homem; elle acreditaria ficar com ella como com seu semelhante, e quasi que experimenta a mesma repugnancia. Igualmente um homem muito effeminado, longe de ser amado e procurado pelas mulheres, é quasi tão desprezado como um castrado; ellas não acham nelle o que lhes falta.

Como se estabelece o mais penetrante e perfeito amor entre os sexos? E' quando a mulher, é completamente mulher; e o homem perfeitamente viril; é quando um homem trigueiro, cabelludo, secco, ardente e impetuoso, encontra uma mulher delicada, humida, lisa e branca, timida e pudica. Um é destinado á dar, e o outro é constituido para receber; o primeiro, por essa razão, deve ter um principio de superabundancia, de força, de generosidade e de liberalidade, que deseja diffundir-se; a segunda, pelo contrário, tendo sido constituida *com menos*, deve, por sua timidez, tractar de recolher e absorver com uma especie de economia o muito do outro, para estabelecer a igualdade e o nivel completo. Logo, o resultado da união conjugal, ou o fim da procreação de um novo ente, não póde ser prehenchido senão pela unidade physica e moral de que fallam *Pythagoras* e *Platão*, por cujo meio os dous sexos, se igualam e se saturam, por assim dizer, reciprocamente.

Se alguns entes de sangue ardente, como o passaro, o homem, e o quadrupede, fossem hermafroditas, e pudessem contentar-se a si mesmos, se destituiriam então pelos meios destinados a perpetuá-los. Quem os poderia impedir de se entregarem frequentemente á copulação, de se enfraquecer, de matar-se por seus proprios excessos? Com uma sensibilidade tão irritavel, com a continua estimulação da proximidade dos sexos, principalmente nos climas ardentes, que individuo resistiria a esse imperioso peccado? Não obstante a separação dos sexos, não obstante os obstaculos, que a natureza, o pudor, as conveniencias sociaes, as leis da honra, e as prohibições da religião oppoem para temperar a febre do

amor, custa assás a impedir os homens de arremessarem-se aos prazeres e corromperem seu vigor: entre as abrasadoras regiões dos tropicos, as mesmas leis são insufficientes; é absolutamente necessario aprisionar-se o sexo femenino nos harens, para conter os estragos morticinios do amor. Se a natureza não tivesse feito a maior parte dos animaes quasi indifferente á reproducção, excepto no tempo do cio, como poderiam resistir, quando muitos d'entre elles, cahem quasi esgotados após d'um só acto de conjuncto, quando os mesmos insectos machos morrem depois desse esforço, como se legassem sua vida inteira a seus descendentes? *Et animas in vulnere ponunt.*

Mas n'um frio mollusco, como a ostra, ou o caracol, apenas o amor faz sentir seu aguilhão; sua carne mole e babosa, quasi que não tem nervos, é como uma massa insensivel. Portanto, não haveria perigo de reunir ahi os dous sexos, assim como nos vegetaes.

Além disto, essas creaturas imperfeitas, e immoveis pela maior parte, não poderiam procurar seu semelhante, para a elle unir-se, nem reconhecel-o, por faltarem-lhe os sentidos exteriores, e principalmente escapar ás differentes causas de destruição que os rodeam; era necessario pois, que um individuo desses, pudesse só representar a especie completa e inteira; que trouxesse em si os elementos de sua immortalidade, por isso mesmo que é mais facilmente destructivel e mortal.

O dom da fecundidade deve corresponder ao perigo das destruições, por uma admiravel compensação, pela perpetuidade das especies.

Temos observado que, em geral, os sexos estão reunidos nos entes organisados providos de fórmas radiantes, como as flores, os zoophitos, as radiadas, etc.; porém, que a separação dos sexos existia nos animaes formados de duas partes symetricas, juntas em seu comprimento. Temos demonstrado, que essa constituição organica, dupla, ou symetrica, tendo os sentidos duplos, procura sensações de consonancia harmonica e proporções de symetria, d'ordem, e de unidade na variedade. Temos feito vêr ainda, que a separação dos sexos, masculino e femenino, em individuos differentes, os fazia eminentemente susceptiveis do amor, dessa grande harmonia do universo; d'ahi procede os sexos procurarem-se para

a unidade ou consonancia sexual: os outros satisfazem-se á si mesmo, como as plantas hermaphroditas; esses entes faltos de symetria, não sentem amor (1).

Com effeito, um ente hermaphrodita ou androgynio, cujas necessidades oppostas, á dar á masculina ou á receber da feminina, fossem sempre satisfeitas e compensadas reciprocamente, não teria desejos; seria um ente neutro e farto. Não amaria, e nem seria capaz de ser amado. Seria esse um individuo equivoco, ambiguo, indifferente, e frio em todos os sentidos. Pela mesma razão, a mulher virago, tendo muitas qualidades masculinas em sua constituição, tenta juntar-se com seu sexo, como para se effeminar e encontrar suas qualidades naturaes. Do mesmo modo, o homem muito effeminado, é dado a um vicio, que parece mostrar a necessidade que elle tem de se prover em seu sexo do elemento creador que lhe falta. Essas uniões de individuos do mesmo genero, por mais abominosas e ultrajantes que sejam para a natureza, notam-se frequentemente nos climas quentes: a mulher masculina tem pouco menstruo, e o homem effeminado pouco esperma.

Resulta ainda destes principios, que tudo que tende a diminuir a energia de cada sexo, e a enfraquece-lo, como a devassidão, é contrário á propagação; assim, quanto mais os sexos se abandonam, entre si, a uma incontinencia illimitada, ou neutralisam por seus desregramentos o ardor do amor, mais se degradam e menos prehenchem o fim da união sexual. E' por essa razão, que as cortezãs, quasi todas são estereis; ellas destroem constantemente a obra do amor; portanto, a corrupção dos costumes é opposta á população (2). Nada deprime, avilta, e deprava mais as raças, que a multipli-

(1) Demais, parece que os animaes só amam em suas femeas, o novo ente, que d'ellas deve sahir. Os peixes machos, por exemplo, não gostam de suas femeas, e não as cobrem (excepto um pequeno numero de especies); porém seguem os ovos que ellas poem, e fecundam-os com seu leite. Mesmo o homem, distingue dous seres na mulher: ella, e o ente futuro, ou germen de que é depositaria: por isso elle prefere uma rapariga, a uma mulher velha ou esteril: ha mais vantagem d'amor, onde se póde operar mais impregnação.

(2) *Os palacios dos ricos, trasbordam de mulheres; e as cabanas dos pobres de filhos* (proverbio chinez). A população cresce, assim como tudo, em razão inversa da corrupção dos costumes.

cidade dos conjunctos, que enfraquecem os individuos, para augmentar-lhes os gozos. Disso procedem esses entes miseraveis, que pullulam nas cloacas do vicio das cidades corrompidas, degradando-se de mais em mais, e abreviando a vida na prodigalidade constante de gozos obscenos: elles acabariam, na continuação dos seculos, reduzindo a especie degeneradora, a uma multidão de embryões, disformes, degradantes, vergonha da natureza, abortos ignobeis e abjectos, sem merito e sem alma, que entremeando-se n'uma promiscuidade universal, findariam por tudo confundir e destruir. Tem-se notado, que as mulheres publicas, que não produzem por causa da profusão de gozos lascivos, que as enfraquecem, tornam-se fecundas quando são forçadas pela reclusão ou pelo casamento, á economia mais salutar dos prazeres. E não só ficariamos fartos, ou mesmo revoltados pelo abandono lubrico que uma Messalina fizesse de seus encantos, como o pudor do sexo, e sua *crueldade* seria, ao contrário, o mais doce adubo da voluptuosidade, e o mais vivo estimulante do ardor amoroso. Quantos encantos ajunta a essa paixão, que cedendo a custo, lisongea nosso amor proprio! Quanto a nobre altivez d'uma mulher bella, que põe ao mais alto preço sua derrota, augmenta a honra da victoria! O pudor, é pois um galanteio inspirado pela natureza a todas as mulheres, para attingirem com mais segurança ao fim da geração. O recato aperfeiçoa mais a secreção prolifica, e augmenta a rejecção; tende, assim como a emulação entre os homens, á ennobrecer a raça (1). Logo, qualquer separação, qualquer opposição, qualquer barreira, qualquer obstaculo que retarde o prazer, aviva a necessidade, e abre uma das mais deliciosas fontes d'amor. E' então que a mulher torna-se uma deosa para o homem, e este um deos para ella; é então, que a illusão e o delirio do encanto, tocam ao

(1) Uma belleza que se abandona, perde todo o apreço; extingue o amor:

Galla, nega, satiatur amor nisi gaudia torquent.

MARTIAL, Lib. IV, Epigr. XIII.

Lycurgo, diz Montaigne, ordenou que houvesse mysterio no amor dos casados, para que não esfriasse. A difficuldade d'uma cousa, augmenta-lhe o merito. A voluptuosidade é mais assucarada, quando custa: a facilidade esmorece.

apogeo, e que nesses transportes ineffaveis de mysterios e chimeras, durante os quaes respira-se a immortalidade, a vida se communica a um novo ente. Sim, o amor n'um paiz de atheus, faria com que se adorasse a Divindade, como diz um poeta (1). A alma, absorve-se toda inteira n'um abysmo de felicidade; e se, depois desse instante de extasi, ella cahe n'um langor secreto; se depois de haver experimentado os sentimentos d'um Deos, acha-se aviltada até quasi ao estado do bruto, é pelo resultado da communicação de nossa vida, que dá-nos presentimentos de nossa morte :

.... *Medio de fonte leporum*
Surgit amari aliquid quod in ipsis floribus angit.

Independente da inclinação geral, que attrahe um sexo para outro, pergunta-se, porque uma mulher, menos bella que outras, produz n'um homem impressão mais viva que essas? Uma mulher, tambem prefere o homem que a admira, áquelle que a domina. Uma mulher fraca, ama um sustentaculo podereso; a forte, procura um escravo docil.

Muitas vezes, nem é a belleza, e nem a fealdade, que decide do amor entre os sexos, mas sim uma certa harmonia de desigualdades corespondentes. Não se tem visto mulheres horrivelmente feias, sem fortuna, e mesmo sem espirito, conquistarem de tal modo o amor de um homem, bello, rico e dotado de brilhantes qualidades, que fazem o mais inesperado e inexplicavel casamento, á vista de tantas rivaes altivas de sua belleza, e das magnificencias da opulencia e do espirito? Eis o milagre; eis a explicação.

O homem não gosta menos que as bellas, de ser eclipsado; teme o imperio d'um tyranno feminino, tão orgulhoso de seus encantos e do esplendor, de suas riquezas, e tão superior talvez pelos dotes de seu espirito, ou energia do caracter, que não se contenta com um papel subalterno. Que delicias, ao contrário, para uma alma generosa e sensivel, o poder offerecer ao merito humilde, ás graças modestas, desdenhadas do grande mundo, os dons do amor, e os thesouros da fortuna? Então quantas delicadezas e reconhecimentos, devem pagar os mais ternos sentimentos do coração? Desgra-

(1) *Rochester.*

ça sobre o esposo que só visse na doce companheira, que voluntariamente escolheo, uma escrava, acabrunhada de seus beneficios e humilhada a condescender com todos os seus caprichos! Não; ordinariamente essas uniões são cheias de encantos; o bemfeitor idolatra, mesmo pelos dons que faz, áquella que os recebe; não quer aviltar aquella, que honrou com o titulo de sua esposa; n'ella não foi a belleza que foge com o tempo, que o seduzio. Encontrando em seu esposo sua gloria e sua felicidade, a esposa de sua parte lhe consagra sua vida e seu terno amor; e onde poderia ella obter na terra, uma existencia mais afortunada?

Como poderia acontecer o mesmo com uma mulher rica, bella e espirituosa, que se ligasse a um homem inferior a ella em todos os sentidos? Uma tal união não seria senão forçada, ou então por uma embrieguez momentanea dos sentidos, um inevitavel desprezo espera o esposo até no leito nupcial. Então a mulher, sem duvida, brilha e reina. Bem que seu orgulho se satisfaça com esse papel, ella não gozará felicidade domestica, fazendo de seu esposo um escravo, ainda que este consentindo nessa situação abjecta, lhe vote o mais sincero amor. A duração d'um tal estado é impossivel, pois que o inexoravel tempo murcha os encantos da esposa. Mesmo, quando se encontra igualdade entre dous esposos, muitas vezes nascem, a rivalidade e as richas, porque ambos querem dominar; e quantas disputas secretas resultam dessas mutuas pretenções, á fazer valer a superioridade do proprio merito; até nas mais intimas relações da vida domestica? Rivaes de belleza e de espirito, repellem-se e temem-se.

Não succede o mesmo com uma esposa mais modesta em seus encantos, ou que póde menos ensoberbecer-se de sua belleza; porque quasi sempre ella, a prehenche com um merito mais solido; e ordinariamente estuda com vontade e orna seu espirito com mais delicadeza. Menos insensada das homenagens seductoras do outro sexo, será menos vezes victima dos perigos d'um mundo corruptor; e sua virtude ficará mais intacta, por isso mesmo que a maior parte dos homens, repara mais nos dotes do corpo, que nas qualidades do coração. Geralmente, a belleza é antes bem d'outrem, do que do individuo que a possue; e se é necessario traçar aqui o elogio da fealdade, direi, que a do rosto faz sobresahir mais as graças do corpo; admira-se uma bella figura, porém

muitas vezes a esposa terna, a mulher virtuosa e boa, é sempre capaz de imperar, apoiada na estima do coração, e não nesses fogosos caprichos, que uma pomposa belleza excita durante o brilho passageiro da mocidade. Que esperança de ventura póde ter o esposo d'uma *Helena*, celebre por seus encantos vencedores, que a expõe a todos os perigos da infidelidade? Se só é casta aquella que não foi sollicitada nunca, como assevera *Ovidio*, que se póde esperar d'aquella que está constantemente rodeada de adoradores? Pelo que diz *Propercio*:

Formosis levitas semper amica fuit.

Quantos ciumes e tormentos para um amante, que inferno para um velho Titão, que o brilho d'uma joven aurora, nos bailes, nas assembléas, nos espectaculos, attraiam sobre ella olhares ardentes, que devoram seus encantos? Como poderá ella entregar-se no seio de sua familia aos deveres maternaes? Quantas tentações não se offereceriam á sua vaidade, e o que seria capaz de prehencher todos os seus desejos de casquilharia, constantemente executados no mundo? Reduzido ao papel mais subalterno, desprezado e invejado de todos; cada um tenta roubar a esse pobre marido o thesouro que possue, e tanto os deoses como os homens riem-se sempre d'um desgraçado Vulcano. Que alma abjecta supportará o impertinente desdem d'uma esposa, que o olha sempre, orgulhosa de sua belleza, como um ente muito inferior a ella? Senhora imperiosa, mãi muitas vezes desnaturada em seu egoismo; o homem prudente foge della, como do antro de Circe e da voz das sereias. Que digo eu! ella se aviltaria; e os annos, destruindo-lhe os attractivos, não lhe deixarão, nem a pudicidade, nem as virtudes do sexo; e não lhe restará de sua belleza, senão suas faltas e sua desgraça. Perdida na estima publica, será, por assim dizer, precipitada do throno com os encantos, que ahi a tinham elevado: quéda terrivel, pois que perde-se n'ella a honra e a vida.

Portanto, não é, nem a belleza e nem a fealdade, que estabelecem d'uma maneira absoluta os laços d'amor, entre os sexos; mil outras relações differentes o decidem, e muitas vezes, as mais extravagantes escolhas na apparencia são fun-

dadas em secretas impressões, que se hão sentido, mas que se não pódem definir.

Em uma numerosa sociedade dos dois sexos, quantas d'essas sympathias particulares, apparecem sem se poder dar o motivo d'ellas! O profundo plysiologista póde entretanto estabelece-las e adevinhá-las, quando tem estudado bem as relações da opposição harmonica, que forçam os dous sexos á approximarem-se. Cada um d'elles mesmo por sua constituição, possue seu interior modelo, sua proporção d'affenidade, assim como nos acidos e nos alcalis as preferencias, as escolhas ou as selecções que formam differentes combinações salinas. Mas o que só é simples attração nas materias inorganisadas, opéra-se no homem pelo concurso simultaeno d'uma multidão de analogias entre o homem e a mulher. Se todas as uniões conjugaes, fossem livremente irmanadas conforme a escolha da natureza ou instincto innato da simpathia, nada sem duvida, seria mais afortunado que o laço do hymeneo. Por essas proporções naturaes bem irmanadas, os dous sexos se formam certamente melhores e mais perfeitos; a confiança mutua em que vivem á respeito um do outro, formando delles um só ente por assim dizer em dous corpos, dobra-lhes os sentimentos e a vida; os desgostos partilhados são mais ligeiros, os prazeres unidos parecem mais vivos e mais intimos, a fecundidade da mulher torna-se maior, e sua saude mais segura.

Como a mulher é mais precoce que o homem, envelhece, relativamente á seu sexo, mais depressa que o homem. E' necessario portanto, que ella seja mais moça que seu marido, para estar em proporção com elle. Assim como á um homem muito secco, muito magro e ardente de constituição, é preciso uma mulher humida, gorda e um pouco languida. Na circumstancia opposta, a relação deve ser igualmente contrária. Na verdade, só dous temperamentos, semelhantes masculino e feminino, se unem, como Voltaire, e a marqueza du Châtelet, que não se podiam deixar, e nem tambem estar muito tempo juntos; essa igualdade produz uma serie de disputas; e torna-se uma causa muito notavel de esterilidade. Tem se visto, em semelhantes casos dous esposos estereis, accusarem-se de impotencia ou de frieza, tornarem-se, pelo divorcio, fecundos e ardentes com outros individuos de constituição opposta. A mulher viril se accommodaria

mais com um homem afeminado, com o qual ella d'algum modo tomaria o papel masculino, do que com um, cuja compleição completamenta varonil, offendesse, por assim dizer, a sua. Assim tambem dous entes muito frios concordariam mal e seriam desgraçados. Eis pois a causa das consonancias dos sexos entre si e d'essa dose de sympathia, que se declaram espontaneamente no amor. As sympathias d'amizade entre os sexos semelhantes, ou d'homem á homem, ou de mulher á mulher, sendo fundadas na semelhança physica e moral, se determinam por um principio totalmente contrário ao do amor.

A affeição das mãis para os filhos adquire mais vivacidade, á medida que elles lhes custam mais trabalho e tormentos. Os animaes selvagens tomando pouco cuidado de seus filhos, abandonam-os logo que estão em idade de passar sem mãi; o mesmo succede com a mulher, que não amamenta os seus, pois que experimentando menos amor maternal por elles, é assim punida. Quanto mais soffre a esposa para ser mais terna, em compensação, mais lhe inspira ternura a natureza por sua progenie: assim a mulher, de todos os viventes é o mais desgraçado em seus amores, pelos padecimentos do parto e os longos cuidados da maternidade, e tambem o mais ternamente offerecido á seus filhos, principalmente se são fracos e desditosos; economia admiravel da natureza, que paga com um cumulo de trabalhos encantadores uma mãi para recompensa-la de todos os seus sacrificios!

Logo a pessoa que dá mais, é a que melhor sabe amar, por isso tem se visto paes bemfeitores inclinarem-se muito á seus filhos ou a seus protegidos, sem que esses lhes retribuam affeição. O homem ama mais ardentemente que a mulher, antes da união sexual, e faz então mais empenho e mais sacrificios; porem depois da consumação do acto, a mulher por seu turno, immola-se aos maiores trabalhos futuros, ama mais, e tambem liga-se mais desde então; torna-se por este modo subordinada, e sua fraqueza, a gestação e o cuidado que reclama um novo ente, a submettem á dependencia do marido. Emquanto solteira, era uma rainha, rodeada de adoradores, que disputavam seus favores; tornada mãi, uma multidão de necessidades á sujeitam á seu protector. Alem disto, qualquer que seja o brilho de sua belleza, começa a murchar e vem-se particularmente raparigas muito gordas perderem totalmen-

te toda sua nediez com o casamento, como se a energia do licor fecundante, imprimisse mais tensão e sequidão em suas fibras.

Pois que o amor, como temos observado, resulta na mulher da *falta* e no homem da *superabundancia*, que buscam igualar-se, a indifferença provém, do estado neutro ou medio; é tambem isso que se observa no castrado ou em qualquer ente incapaz de formar ou de conceber. As mulheres muito gordas, por exemplo, são frias ou pouco amorosas, e ás vezes estereis como os eunucos. Quando na idade de quarenta annos, ellas engordam muito, é signal evedente de deminuição de energia uterina; a maior parte deixam de ser fecundas: tambem a abundancia do tecido gorduroso sob-cutaneo, apaga as rugas que começavam a sulcar a pelle, arredondando de novo as fórmas, e dá um ar de mocidade e de frescura; e é por isso, que se chama á essa época *idade do remoçamento*.

Parece que na mocidade e na velhice, o homem domina menos os productos da concepção, que na época de sua força ou do maior ardor viril, e a mulher então obtem a preponderancia. Disto resulta nascerem as meninas em maior numero, nas épocas de que fallámos a respeito do pai, no entanto que na idade florescente deste, nascem mais rapazes. Estas mulheres, muito louras e muito brancas, além de serem muito leucorhoicas (flores brancas), teem os orgãos sexuaes muito relaxados, pricipalmente se se entregam aos contactos embriagantes. Os effeitos das doenças syphiliticas, causam igualmente mais estragos em sua constituição molle, que nas compleições duras e tenazes dos homens seccos e melancolicos.

A mulher considerada em relação ás suas paixões.

CONFORME VIREY.

A natureza, por uma admiravel economia, fez o galanteio, essa antiga necessidade de agradar, innata da mulher, derivar-se da mesma delicadeza da organisação, fonte de todas as

suas inclinações. Não é para obter a protecção do forte, que o fraco busca ligar-se a elle? Por esse motivo é que *Venus*, segundo a fabula, foi amante de *Marte* : maravilhosa providencia da natureza, para manter as especies em todo o seu vigor e perfeição originaes. No *amor*, como na *guerra*, a victoria é sempre da valentia. A mulher apaixona-se pelos caracteres bellicosos, atrevidos e emprehendedores; julga-se mais forte, porque é timida; e toda a sua gloria está em domar um coração indomavel, em fixar um inconstante, e em sujeitar uma altiva independencia. Ha tal, que despreza vossos suspiros respeitosos, vossas ternas supplicas, picada da fria indifferença, do ar de desdem d'um joven e soberbo *Hipolyto*, e caro pagará sua indifferença; de reservada, que era, tornar-se-ha cedo amante apaixonada; e ajuntará em seu amor todos os fogos, que recusava aos outros empenhos; no entanto que aquella, que é dotada de facil bondade, e escuta um enxame de frivolos adoradores, só fórma ligações passageiras, e muitas vezes sem consequencias.

E' necessario um apoio á vinha flexivel (1). Vêde essa triste viuva; os sentimentos ternos lhe nascem atravez das lagrimas; um consolador faz-se amar; o luto desapparece. O *amor*, que só é, dizem, um episodio da vida do homem, é na mulher a norma de toda a sua existencia. A menina ama sua boneca, na idade util liga-se a seu esposo e a seus filhos; na [illegible], desesperando por não agradar mais ao homem por sua belleza, vota-se a seu Deos; cura um amor com outro amor, sem delle se desabusar; a mulher póde principiar por amar um ou outro, mas depois ama pelo amor, isto é, pelo prazer.

Que mulher será capaz de resistir sempre ás occasiões, á perseverança, e ás seducções continuas e adaptadas ás inclinações? Muito poucas sem duvida : foi isso que fez *Montaigne* exclamar : « *O' furiosa vantagem da opportunidade!* » Todas as mulheres, jovens ou velhas, bellas ou feias, ficam encantadas, quando se as admiram ou se lhes dirigem homenagens. Se a orgulhosa resiste ás vezes mais tempo, que a casta,

(1) A liberdade ou independencia, de fórma alguma convem á mulher : *nunquam salvis suis exsistitur servitus melioris et ipsa libertatem quam vilitas et orbitas fecit, detestantur.* Tit. Livius, Dec. IV, Lib. IV, *de lege Oppia.*

lisongea-se, comtudo, em sua vaidade, com o epitheto de cruel; nunca se zanga de ser desobedecida por excesso de amor: este sentimento justifica-se em si mesmo, porque a resistencia excita e inflamma, e então uma liberdade autorisando outra, a mulher, que cede o mais ligeiro favor, vê-se obrigada a tudo perdoar, pois que está vencida, sem haver succumbido.

Uma vez subjugada, a mulher não póde mais ser livre; é mais facil para ella, viver sem contrato algum, que limitar-se a um só, quando ousa dar o primeiro passo (1). Ella liga-se por seus favores, aos que a recebem; a qualidade de libertino nem sempre é nociva, mesmo para as mais prudentes, que se lisongeam de serem as reformadoras. As mulheres, são libertinas de coração, segundo um poeta inglez. Platão assegura, que ellas primeiro foram rapazes depravados, e accrescenta, que as mais determinadas espertalhonas estão bem longe de desagradar-lhes:

Et mentem Venus ipsa dedit.

Que se examine quão pouco ellas se estimam naturalmente entre si, por serem rivaes; que suas amizades nunca chegam a sacrificar-se a uma paixão; que os unicos laços que as podem prender, são os segredos do amor, que mutuamente temem, que se não traiam. Quantas vezes tambem se não ouvem essas meias palavras, esses epygrammas, e essas picantes reticencias, que as impustoras, e mesmo as devotas,

(1) Não é bem cruel, para os melhores maridos verem precisamente as mulheres mais devassas, a maior parte das vezes por causa de sua mesma indulgencia? Não queremos por provas senão os dous imperadores, *Antonino*, e *Marco-Aurelio*, que esposáram as duas *Faustinas*, mãi e filha, ambas infames por seus desregramentos desenfreados, e no entanto ambas collocadas por seus esposos na classe das deosas, a ponto de serem honradas publicamente nos templos depois de mortas.

O imperador *Claudio*, foi certamente um marido *paciente e commodo*, e evidentemente levado ao excesso por *Messalina*, e todavia tudo lhe teria perdoado.— Estamos convencidos, que a mulher, que franqueia seus favores á outro homem, que não o seu primeiro amante, franqueia a quantos a provoquem. O primeiro passo dado, o véo mysterioso do pudor rompe-se, e tudo esta perdido: ordinariamente a verdadeira amante, que sente a morte do seu amado, se sobre-vive, é para morrer depois em tormentos de dor e de saudades.

sanctamente lançam nas mais amaveis de seu sexo! *Montaigne* julga a mulher, incapaz d'uma verdadeira amizade; não lhe acha uma alma assás firme, e exempta de ridiculos ciumes, uma por outra mulher; diz, que é só no homem ou nos meninos, que esse sentimento se exalta ao heroismo.

Porém se a mais prudente não perdôa ás outras as voluptuosidades á que se entregam, nada tambem ha comparavel ao odio com que as mulheres perdidas, perseguem as mais virtuosas; a honrada conducta destas, como que é uma insultante testemunha de sua infamia: é por isso, que as prostitutas são tão encarniçadas em corromper a mais pura virtude, afim de que tendo perdido toda a vergonha, por causa de repetidas quédas, a mulher não tenha outro partido senão gozar da mesma ruina de sua reputação. Quanto mais a mulher se entrega aos homens, menos merito conserva aos olhos dos mesmos homens; quanto mais julga firmar seu ascendente pela profusão de seus favores, mais desmerece a estima que havia adquirido (1). Ao contrário succede com áquella, que custando mesmo a ceder, por isso o homem a ella mais se liga; assim como acontece com tudo; a raridade enriquece a virtude, e o amor se aguça com seus generosos sacrificios.

Uma das paixões que o sexo feminino sente com mais violencia, é o ciume. Na verdade, como a mulher faz mais sacrificios que o homem no amor, e expõe-se a todos os incommodos da maternidade; como as leis são mais severas contra novos laços, para ella, que para elle, ver-se abandonada, é sentir-se immolar á mais cruel injuria e deshonra. Portanto,

(1) Dahi procede o desgosto dos homens polygamos para as mulheres; por muito fortes entregam-se a vicios infames. Assim a *pederastia* é, tambem por isso, tolerada entre os Turcos, e vê-se em Constantinopla mancebos disfarçados, ou mascarados, instruindo-se em todos esses vicios do luxo. *Olivier, Voyage. emp. Othaman,* tomo I, pag. 92. Resulta ainda outro inconveniente desse abandono das mulheres, principalmente nos paizes em que ha muitas: é entregarem-se entre si á paixões desordenadas, pelo effeito do desleixo em que vivem.

As mulheres orientaes sempre passáram por *libidinosas,* diz *Chardin.* Tenho ouvido asseverar isso por muitas pessoas, accrescentando, que ellas teem um modo de satisfazerem mutuamente suas paixões, o que tenho por muito certo. Impede-se ahi de se satisfazerem tanto, quanto podem, porque pretendem que isso desmerece seus encantos, e as torna menos sensiveis ao amor dos homens. (*Voyage en Perse,* tomo II, pag. 280.)

é natural que ella se entregue com furor ao ciume. E talvez que a privação dos prazeres, á que ella julga ter direito, não seja o menor movel dessa paixão, que absorve toda a sua alma (1). Se o amor não se póde occultar muito, o ciume se patenteia tambem facilmente, em uma amante aos olhos de outra mulher. Taes são os funestos arrebatamentos que conduzem tantas esposas e amantes sensiveis, á demencia e ás doenças de abatimentos, de que ellas em vão disfarçam a causa, e que, como o amor secreto, teem necessidade de serem adevinhadas por intelligentes Erasistratos. Como se explica com effeito, as mãis odearem quasi sempre sua nora, no entanto que muitas vezes amam seu genro?

Todas as mulheres perdoam a *Orosmane*, o ter apunhalado Zaira, por excesso de ciume; pois, como essa paixão devorante é prova do mais violento amor, que mulher não se offenderia mais com a froxa indolencia de um amante, que a visse quasi sem desgosto, roubar por outro? Quantas d'entre ellas não teem honra, que duelos sanguinolentos assignalem a todos os olhos o poder de seus encantos (2)?

(1) E' princípalmente pelo secreto despeito de sua nullidade, que os eunucos são tão intrataveis guardas dos serralhos; gostam de se oppor ás menores recreações das mulheres, como todo o ente fraco e impotente, quereria ver todos reduzidos a seu miseravel estado. Muito inferior para chegar á elevação de seu adversario, esforça-se em curvá-lo, e arrastá-lo á sua propria baixeza.

O invejoso tem ao menos isso de bom, pois pune-se a si mesmo, assim como o ferro se estraga com a ferrugem.

(2) Entre os antigos Gaulezes, as mulheres só recebiam por amantes homens corajosos e direitos. Arbitras das acções gloriosas, fim e preço das mais brilhantes façanhas, eram juizes muitas vezes em pontos de honra nos duelos : os *Kempes*, especie de cavalheiros, que combateram sempre entre os Scandinavos da idade media, viam muitas vezes sua audacia e suas proezas guerreiras recompensadas com a mão de alguma princeza; as moças mais ricas eram tambem ganhas á ponta d'espada; e era ainda preciso que o vencedor estivesse sempre prompto á conserva-la contra qualquer pretendente (Mallet, *Introd. á l'hist. de Denemarck*, liv. IV, p. 128. Thorlacius, *Mém. sur les duels*, en daneis, Copenhag., 1812.) Os noivos, sempre occupados de suas amantes, viajavam, como ainda hoje fazem os jovens Dinamarquezes e Norweguenses.

Entre os mais bravos Caraibas, a mulher foi tambem o preço do valor; os Brasileiros não podiam dantes casar-se, sem terem morto um inimigo, costume igualmente usado entre os Tartaros (*Vincent Leblanc*, Relat., part. I, ch. XXX.) Um pai, tendo como honra ter por genro

Como todas as paixões são impetuosas nos entes mais fracos, e mais sensiveis, o ciume torna-se mais terrivel a respeito das mulheres para os maridos.

.... *Notumque furens quid femina possit.*

Quanto mais elegancia, merito, mocidade, e qualidades brilhantes tem o esposo, ou o amante, mais ellas se entregam a supposições e desconfianças sobre sua infidelidade, e mais se enfurecem contra qualquer mulher, que delle se approxima. Quem desconhece a raiva d'uma Medea, enviando á sua rival um vestido envenenado, e degolando seus proprios filhos? Quem não terá ouvido retinir as scenas de dores de uma *Hermiona*, desdenhada por Pyrrhus?

*Nullæ sunt inimiciti*æ, *nisi amoris acerbæ.*

PROPERCIO.

« Quando se apossa dessas pobres almas, fracas e sem re-
« sistencia, diz ainda Montaigne, faz piedade ver com que
« crueldade elle as despedaça e tyrannisa. Ensinua-se com o
« titulo de amizade, mas depois que as possue, as mesmas
« causas que lhe serviam de fundamento á benevolencia,
« servem de base ao odio capital : é das doenças do espirito,
« a que mais alimenta, e menos se cura. »

Nota-se nas casas de alienados muito mais loucas, que loucos por ciume (1). O abandono de um feroz parece, principalmente para a belleza, um ultraje atroz; é por isso que se vêem mesmo em sua primavera, brilhantes flores murcharem com o envenenado sopro do desprezo de seus encantos: deste modo, uniões formadas sob os mais afortunados auspicios, só apresentam então renhidas disputas, até

um homem de coragem, lhe offerecia sua filha, e desta era disputada a possessão do vencedor quando voltava d'uma guerra; assim não era o homem que solicitava com seu amor uma joven belleza, mas sim os encantos della eram os que se tornavam o preço de seu valor.

(1) Um dos mais notaveis exemplos do ciume, é o de uma rapariga, que exigia que seu amante trouxesse um annel com um cadeado, do qual só ella tivesse a chave. Tal era o *botão* que se punha dantes em Roma aos cantores para conservar-lhes a voz, privando-os dos gozos do amor. Porém a inflammação e a gangrena, que sobrevinham ao pre-

+

Dido nos offerece o triste exemplo desta verdade
quando abandonada q̃ Eneas matase
Desce a noute; supita o somno a o mundo:
No solitario leito a infausta Dido
Unica véla; em mar de pensamentos
Sua idéa naufraga; amor, vingança
Odio, furor no peito se lhe alternam,
E entada a parte o Tenero se lhe antalha.
"E' esta a fé (exclama em pranto a triste)
D'esse heroe em piedade abalisado
Que o velho pai salvou q̃ or entre as chamas
Da abrasada Dardania! Que blasona
De interessar os Ceos no seu destino!
Se é tal um semideos, quem será monstro?..
Perseguido do mar, co'a morte a vista,
Do meu reino nas praias o rumbo,
Franqueio lhe o meu paço... e o que é mais ainda,
Minha mão... e por prémio me abandona!
Cabe tanta maldade em peito humano!
Ah! se o rosto é fiel retrato d'alma,
Seu rosto taes perfidias não promette!..
Eu tal vêz me enganei!.. suas palavras
Não percebi!.. Talvez Dido infelice
Amor com vãos phantasmas te atormenta!
Sim as náos, que engolfados já presumo,
Talvez na falva arêia aquilha encravam!
Nada socega recêvea amante.
Corre inquieta a minha rainha
Já com tremulo pé ganha alto éirado
Que dominava o mar e immovel fica!..
A luz da incerta Aurora vira a infausta
Do perjuro os Baixos, que a plenos vélas
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.

Um pouco torna ~~[illegible]~~ si, que não tornara,
Sentira menos dor! Que! desaferram!..
Partirão!.. ai de mim!.. oh Jove!.. Oh Nunes!..
Más que Jove, oh que Nunes!.. são Chymeras!..
Ou justos em punir minha loucura!
Eu, eu propria devia o tenro filho
Co'estas mãos lacerar!.. com os membros delle
Banquetear o pai!.. mesmo a seus olhos
Levar o fogo as náos, matar-lhe os socios,
E enviá-lo depois ao negro Averno
Seus manes consolar!.. mas ah que os impios
Já de todo a meus olhos se escanderam!..
Zombão do meu furor!.. efico inulta!..
Furias surgi... brami, tufões, eventos!..
Inchaivos, escarceos!.. vossos furores
Sobre o ingrato apurai... vingai... vingai-me!..
Jogo dos vagos longo tempo acabe
Sobre duro penedo!.. Esta alma, esta alma
Que um momento não tarda, chegue a tempo
Dem sultar seu destino!.. mais dissera,
Mas falen-lhe a voz, cador succumbe.

Costa e Silva (Passão)

mesmo no leito nupcial; d'ahi nascem os desgostos roedores, que fazem da vida domestica, um tormento infernal. Qual seria a existencia do mahometanismo no meio do harem, onde as mulheres disputassem com furor sua paixão, se elle ahi não fizesse reinar o terror e a sujeição? Mas então avilta-da nessas voluptuosidades sem encantos, a odalisca de um sultão, não tendo senão os restos de suas rivaes, emprega em seus filhos toda sua ternura : elles a consolam dos pezares do amor, e tornam sua esperança e sua alegria. Onde estão essas mulheres corajosas, tão affeiçoadas á ventura de seus maridos, que lhe sacrifiquem todo o seu ciume, e lhe levem mesmo jovens bellezas á sua cama? *Sara*, dizem, o fez por Abrahão; *Stratonica*, pelo rei Dijotaro, e *Livia*, por Augusto; mas é provavel, que essas mulheres achassem melhor ceder de boa vontade a uma causa, que seria permettido á seus maridos, sem o consentimento dellas, afim de escolherem rivaes incapazes de supplantá-las. O mesmo nos conta a historia da *marqueza de Pompadour*, quando *as flores brancas nasciam debaixo de seus passos*; e essa astucia servio de perpetuar-lhe o imperio.

Estude pois o medico a mulher, e veja como a natureza tem disposto essa temida e requebrada *Galathéa* :

Et fugit ad salices, et se cupit ante videri;

seu pudor, e esse encantador attributo da belleza, que finge recusar o que arde por dar; essa amavel vaidade, que condescendendo com as immunidades femininas (*mundus muliebris*) inveja o novo ornato, que brilha n'uma rival, e que chora secretamente a perda d'uma graça. Observe as profundas raizes desse amor proprio, entretido, exaltado por tantas ho-

pucio assim trespassado pelo annel, que os obrigáram a praticar a circumscisão. Facto chegado a Paris em 1823.

A *infebulação* pratica-se em diversos paizes, nas mulheres e nos animaes do sexo feminino. Os santos fakirs da India, trazem tambem ás vezes anneis por espirito de castidade, os devotos do Indostão vão beijá-los, dizem, ser objectos sagrados. Martial fallou dos cantores que quebravam ás vezes seus anneis, e era preciso mandar fazer outros;

Et cujus refibulavid turgidum faber penem.

Lib. VII, epigr. LXXXI.

menagens seductoras; examine-se a jovem e viva elegante de nossos circulos mais brilhantes; é uma criança estragada pela adulação e parte de louvores insipidos; a dessipação, os espectaculos e os bailes, ajudam á seus requebros, e á sua graciosa impertinencia; elles imprimem em seu systema nervoso, uma extraordinaria mobilidade, é preciso vapores, enxaquecas e nervos erritados, á essa nympha educada nas delicias e na molle ociosidade. Tudo sorri á seus menores caprichos, e ella é indifferente a tudo; mas quando o tempo, *esse insigne ladrão*, lhe rouba seus encantos, quando ella vê diminuirem as homenagens e os prazeres, que doloroso erro de sua altivez! que cruel humilhação para seu amor proprio! que enganadores elogios indignamente desmentidos! quanto custa resolver-se á não puder agradar mais! e como se tornam os espelhos perfidos. Em vão accusa-se os homens de falsidade e de ingratidão, lisongeando-os a antiga politica de nossos avós; no fundo do coração eleva-se não sei que desgosto, que róe a vida e sulca as faces. Feliz então a esposa modesta e sensata, que sabe resignar-se á seu destino, preenchendo cuidados mais importantes, do que os das ruinas de sua belleza!

Quando a mulher não póde mais contestar o titulo de *velha*, conhece, que não tem mais o direito de reinar pelo amor; e que lhe é menos permettido então ficar imperfeita; seu espirito, estende-se e fortifica-se com mil reflexões que o uso do mundo e a sociedade lhe haviam d'antes inspirado. Em sua mocidade, um instincto sagaz indica-lhe repentinamente o que agrada e o que póde desagradar, mostrando-lhe o vicioso e o nocivo; que na idade madura adquire um tacto maravilhoso para surprehender um ridiculo, para sondar o coração, para descobrir uma inclinação inappercebivel; ella descirne, com uma vista d'olhos, o que convém á tal ou tal pessôa; sua politica torna-se mais profunda e mais refinada, sustenta-se por sua destreza, e arte de interessar, em dirigir a inexperiente mocidade nos atalhos do mundo: é *Ulysses* de saia, como se dizia de *Livia*, mulher de *Augusto*. Se ella sabe principalmente evitar a lembrança da belleza passada, merece então todos os respeitos dos homens. Um moço nunca é bem educado, se lhe falta os conselhos prudentes d'uma mãi idosa; só ella possue o segredo de torná-lo verdadeiramente amavel; politica alguma é perfeita sem suas lições;

§ Cornelia, diz o Abbade Millot, sempre olhou p.ª seus filhos como p.ª o seu unico thesouro, e supportou a perda delles com uma constancia admiravel. Julgou-se q' a idade e a infelicidade lhe tiravão os sentimentos; mas os q' pensavão deste modo, diz Plutarco, não conhecião quam poderoso recurso é contra as penas a educação junta com as qualidades superiores; e q' se algumas vezes as riquezas levão vantagem a respeito da virtude, estas não lhe tirão os meios de supportar com valor os reveses da fortuna. — Cornelia viveo tranquilla na sociedade dos sabios; honrada pelos homens mais respeitaveis; modelo de urbanidade e de virtude, em uma palavra era a maravilha de Roma. Quando mostrando, Cornelia, os seus filhos a uma dama curiosa de adornos disse: eis as minhas joas; — era esta expressão de uma alma nobre, que fez das suas obrigações a sua primeira delicia

Entre nós durante a guerra com os Hollandezes, em Pernambuco, (1) no anno de

(1) Ved. as nossas memorias diarias

conhece mil affectuosas attenções, e essas habeis providencias que sabem encantar, e o commercio da vida.

Seus filhos tornam-se sua gloria e n'elles, e por elles, é que essa illustre *Cornelia* se lisongeia de ainda brilhar em seu occaso sobre a terra.

Da amizade entre a mulher e o homem.

O celebre Lafontaine, fallando da amizade, disse, exclamando: « *Que doce cousa, é a posse de um verdadeiro amigo! Porém mais doce ainda, é a de uma verdadeira amiga* » Lafontaine lembrava-se das senhoras *de la Sabliere e Hervart,* com quem viveo, e de quem tinha sempre recebido os mais ternos, e impagaveis testemunhos de amizade. Lafontaine, tendo residido por mais de 20 annos em casa da Sra. de *la Sabliére,* estava tão tranquillo e edentificado, como pessoa de sua estima, que havendo em uma occasião despedido todos os seus creados, disse, tão aguda quão graciosamente: « *Estou agora sem pessoa alguma em casa; só deixei comigo os meus tres animaes, o meu cão, o meu gato, e Lafontaine!* »

A natureza, sempre constante em seus trabalhos, e sempre admiravel em seus productos, formando a mulher da propria substancia do homem, ligou-os de tal modo, que nem mesmo nos sentimentos os quiz apartar. Esta verdade é tão palpitante, e cheia de fundamentos, que fallando no mesmo assumpto, diz um homem de juizo : « Pessoas grosseiras e malignas não podem descobrir, nem perceber (na amizade entre o homeme a mulher), mais do que o prazer dos sentidos e o amor. Porém a mulher, pode inspirar um sentimento mais refinado e duradouro, que o do galanteio; e é capaz do cultivo dasagrada amizade. Ninguem mais do que ella, sabe apreciar uma união pura e nobre, e nutrir sentimentos cheios de delicias, e fundados sobre a estimação e virtude. Quem conhe-

cer o caracter do virtuoso Dr. *Pedro Russell*, autor do *Systema Physico e Moral da Mulher e do Homem*, e souber dos seus costumes singellos, comprehenderá, que o Dr. *Russell*, tinha uma alma, como a natureza, cheia de imagens amenas, e mais que muito vivissimas. Desconhecia o imperio das paixões violentas, que atormentavam o coração, e o seu amavel desleixo, fez com que a inveja, lhe perdoasse a superioridade dos seus talentos. Era um phylosopho pratico, e nenhum homem de genio se havia mais assemelhado a *Lafontaine* em tudo. Era tão amigo de Mme. *Helvecio*, viuva do phylosopho deste nome, como *Lafontaine* de Mme. de *la Sabliére*. Reputava a conversação o mais suave remedio, para os corações enfermos: amou sempre as mulheres, porém nos ultimos tempos da sua vida, dava preferencia á companhia das mulheres provectas, persuadido de achar ainda nellas, muitas vezes o encanto das paixões, sem communicar o delirio dellas, á maneira dos bellos quadros, cujas cores modificadas pelo tempo, agradam, mas não deslumbram.

A amizade da mulher, sendo um formoso sentimento (ainda concorda esse escriptor), não tem o fogo e os transportes do amor: tem uma parte do seu suave colorido, e em tão placida união, se gosta e saborea a voluptuosidade do coração.

Dizia *J. J. Rosseau*, que não tomaria por esposa, e nem por amante uma Parisiense; mas que em Paris escolheria uma terna e modesta amiga, que amplamente o compensasse da falta de uma e de outra.

A verdadeira amizade, ou pelo menos, a mais exquisita doçura, talvez que só possa dar-se entre mulheres e homens.

A amizade entre os homens, é muitas vezes alterada e completamente destruida pelo mesquinho interesse, pela ambição, por certas rivalidades de espirito, pelo desejo de proeminencia, e disputas mui calorosas e muitas vezes acerbas, e finalmente pelas colisões do amor proprio e da vaidade. Muitas vezes a nimia familiaridade, produz uma especie de frieza, um desgosto, que enfraquece todas as presilhas; porém, as attenções, as condescendencias, os delicados disvelos e as galantes maneiras, que costumam praticar-se com o sexo amavel, dão á amizade, graça, doçura, duração e dignidade; e são ellas, quem corrobora, conserva e enfeita todos os bons sentimentos.

de 1635 em consequencia da morte de Estevão Velho, q̃ já tinha perdido 2 irmãos e um cunhado sabendo D. Maria de Souza, mulher de Gonçalo Velho, pernambucana, da morte de mais esse filho, chamou aos dois ultimos q̃ lhes restavam, ~~e depois de suffocar~~ um de 14 annos e outro de 12, e com varonil coração lhes disse = Neste momento meus filhos, chegou a vosso pai e a mim a noticia de haver o inimigo morto a vosso irmão Estevão, q̃ já é o terceiro filho, q̃ nesta guerra perco, alem de um genro. Mas bem longe de desviarvos dos mesmos perigos, quero collocarvos na carreira delles. Portanto, já e já tomai a espada e ide dar a vida com a mesma honra, que vossos irmãos por Deos, pelo rei, e pela patria =

Isto proferia ella com os olhos fitos em Gil Velho q̃ era o mais idoso dos dois filhos, e com uma intrinseca admiravel, não já em mulher, mas em q̃ q̃ homem animoso D. Rosa Maria de Siqueira, natural de S. Paulo, em viagem q̃ Lisboa no anno de 1714 a por de seu esposo fez processos de valor contra os infieis, tornando-se q̃ isto digna de admiração dos contemporaneos e de veneração da posteridade

O homem com o homem, tem relações de negocios, credito, de dividas, de projectos: com a mulher, não havendo nada disso, o seu sincero commercio é mais vantajoso e duradouro. Ella possue francamente o seu suavissimo encanto, por que é uma creatura feita para adornar os dias do homem.

A mulher, que *Pope* chama — Softer Man —. o homem mais brando, derrama a felicidade e a doçura, por tudo quanto a circunda; teem a alma forte do homem, e a sensibilidade nimia da mulher.

A amizade de uma mulher por um homem, é desinteressada, e por isso mais nobre e apreciada. Se ella se interessa em vossos bens, é com um zelo e ardor infinito; entende os vossos negocios com uma sagacidade incrivel, e é incansavel em vos servir e assistir. Madame *Thianges* dizia á Marmontel: « Uni-vos mais depressa a uma mulher, do que a um homem, se quereis dar largos passos pela estrada da fortuna. Uma mulher cuidará em vós com fervor, emquanto os vossos protectores e amigos cuidam de si. Ella escolherá todos os momentos, repetirá vezes mil os assaltos, triumphará pela sua insistencia, pelas suas graças, e pelos seus maciços rogos. »

Dizia Zoroastro: « Sê protegido por uma mulher, e nada temas. »

A mulher partecipa de todos os sentimentos briosos, de todas as generosas paixões do amigo, não se occupa com elle em unicas bagatellas, eleva o seu caracter, associa-se com a sua fama, veste-se com a sua gloria. Tendes um projecto? comvosco o examina e discute. Seu juizo é fino, seu conselho salutar, e parece que prophetisa.

Atormenta-vos alguma acerba mágoa, algum triste cuidado? Uma terna e verdadeira amiga partecipa de vossas penas, e é um encanto, para suavisar os vossos males.

As mulheres são piedosas enfermeiras dos corpos doentes, são um balsamo para as chagas do coração, teem palavras magicas com que adormentam as dores.

A mulher, como temos tido a fortuna de conhecer, é a amiga do nosso coração, e se torna o nosso conselho, conforto, allivio dos nossos trabalhos, e prazer das horas placidas da vida. *Thomás*, dizia, e com muita razão, que era mister um amigo nos grandes lances da vida, e uma amiga para o prazer diario: mas pela historia se prova, que tambem

nas mais arduas circumstancias, as mulheres foram mais do que homem, e mostrando na amizade uma adhesão sublime, uma firmeza heroica, como adiante mostraremos, affrontáram todos os perigos, insultáram os tyrannos, e souberam morrer.

O amor, delirio dos sentidos, perturbação da razão, poderá ao homem de grave caracter, e de grandes bens, que for insensivel aos attractivos da existencia, parecer fraqueza e este lhe cederá com pejo: mas o homem de maior coração, mais envolvido em grandes estudos e negocios, precisa de uma amiga, para descançar suavemente depois de uma vida agitada. O sabio *Periclis*, consultava a douta Aspasia: muitos outros homens de estado, tiveram uma doce amiga, que lhes inspirou magnanimidade. Abri as venerandas paginas da historia, e lá achareis em cada um de seus capitulos e paragraphos, variados exemplos, do que acabamos de dizer.

Uma amiga, é necessaria para um homem de lettras: tal era Mme. de la *Sabliére* para *Lafontaine*, Mme. *Helvecio* para o Dr. *Russell*, a marqueza du *Chatellet* para *Voltaire*, Mme. la *Villete*, para *Bolinghbroke*; *Elisa Drapier* para *Stern* e *Raynal*, Mlle. *L'Espinasse* para *D'Alembert*; e Mme. *Lambert* para *Sacy*.

Todos sabem que o mundo deve ás mulheres, o que tem de mais precioso: ellas estimulam as artes, as sciencias, e a poesia. Quem foi, senão D. *Catharina de Ataide*, que accendeo no animo de *Camões* o amor da patria, e fez arrancar da harpa sonora os maviosos sons, que tem de levar o nome portuguez, aos confins das eras!

Laura; as princezas *Leonor* e *Beatriz*, não foram as musas de *Petrarca*, de *Tasso*, de *Bernardin Ribeiro*? Entre nós não foi D. *Maria Joaquina Dorothea de Seixas*, que inspirou, ao desterrado de Angoche (Dr. *Thomaz Antonio Gonzaga*), as lyras immortaes, que por ahi correm com o titulo de *Marilia de Dirceo*?

As mulheres, teem um sentimento delicado; uma intelligencia prompta, um gosto finissimo, e são excellentes juizes em materia de sentimento; julgam mais com o coração, que com o espirito: o espirito vê, e o coração sente. Uma sabia amiga, póde ser utilmente consultada; póde inspirar um grande escriptor, inflammá-lo no amor do bello e da verdade. « Parece-me (diz Raynal) ouvi-la do alto dos céos: esta mus

« severa, que te contempla (diz ella), é a Historia, que tem « a seu cargo determinar a opinião da posteridade; esta di- « vindade, que sobre o globo passeia, é a Fama, que se não « despreza de entreter-se um momento comtigo: ella me « trouxe as tuas obras, e preparou a nossa doce união, pelos « sagrados vinculos da estima. Olha esta Phenix, que nunca « morre; estes emblemas te exhortem continuadamente a « mostrares-te o defensor da humanidade, da virtude, e dos « sagrados direitos do homem: do alto dos céos, tua primeira « e ultima patria, recebe Elisa, o meu juramento: — Juro « não escrever uma só linha, que não faça honra ao meu « coração, e em que se não conheça o teu amigo.»

Tal é a felicidade, do que se une a uma mulher, em vinculos de honesta amizade; então se conseguem aquelles ternos desvelos, que os homens não teem entre si, senão pela metade; a differença dos sexos, que não póde de todo esquecer-se, põe um encanto novo nesta amizade; prova-se um sentimento mysterioso, indefinido, dulcissimo, que não é amor, não é amizade, porém que participa de ambos, e tem todas as delicias delles. Tem menos transportes, que o primeiro; tem mais vivacidade, do que o segundo.

Porém, esta amizade, assim considerada, e observada, só póde dar-se entre pessoas bem creadas, de espirito fino e alma cheia de delicadeza: feliz, quem tem a fortuna de se achar nestas circumstancias. O homem, mais do que ninguem, se considera venturoso, porque conseguio uma tal amiga: ao contrário, é um tormento quando nos vemos separados e privados da pessoa, que tinha o segredo da nossa alma, e a quem nós devemos a vida do coração, e a vida celeste? O celebre *D'Alembert*, perdeo ao mesmo tempo Mme. *Geoffrin*, que costumava visitar todas as manhãs, e Mme. *L'Espinasse*, com quem passava ás tardes. « Ah! (dizia *D'Alem-* « *bert* a seus conhecidos, cheio do mais acerbo pezar) depois « que a morte me roubou estas pessoas, tão queridas da mi- « nha alma, já para mim não ha manhã, nem tarde.— Quem « teve uma terna amiga, e a grande infelicidade de a per- « der (exclama um philosopho), tem perdido quanta doçura « ha no mundo, tudo quanto lhe fazia amavel a vida; cahio « do céo sobre a terra! » Exemplifiquemos com um facto, bem que embellezado pelo pincel da imaginação, com tudo

como é elle facto real, aqui se verá a mulher na adversidade (1):

CARLOS DA SILVA (*á parte, olhando para* HENRIQUETA, *emquanto ella põe a roupa na condeça*).

Auj/do céo, que á terra me prendeste,
Com teu amor tão puro, e teus cuidados!
Por ti, e só por ti, que eu sinto as mágoas,
D'insoffrido penar... se tu não fôras.
Os tormentos da vida acabaria...
Desta vida infernal, peor que a morte...
Horrivel pensamento. e meu filhinho...
Innocente... sobre elle meu duro fado
Descarrega tambem seu golpe injusto...

HENRIQUETA (*indo ao pé de* CARLOS).

Adeos, Carlos! Adeos ..

CARLOS (*com melancolia*).

Assim me deixas?

HENRIQUETA (*com candura*).

E' forçoso sahir... tu bem o sabes...
Vou levar essa roupa a meus freguezes...
Não lhes devo faltar... disso vivemos.

CARLOS (*erguendo-se com amargura*).

Obrigada a servir, para que eu viva!
Tu!.. que outr'ora feliz, e na abundancia
De nada carecias!.. hoje... tudo!..
Em vez de lauta mesa, pão de rala ..
Em vez de festas... lagrimas, suspiros...
Que suffocas até para que os não veja...
Em vez d'um pae, que é rico e poderoso...
Um marido proscripto... homisiado...
Cuja vida talvez não seja longa...
E tenha de acabar n'um cadafalso...

HENRIQUETA (*com ternura*).

Não digas tal... as penas que tu sentes
Eu as quero tambem soffrer comtigo

(1) *Henriqueta ou o Proscripto*, drama portuguez.

Qu'importa o que eu perdi?.. sou tua esposa;
Deste nome sagrado me glorio...
Quando todos na terra te abandonam
Eu estou perto de ti... Um peito amante
Palpita junto ao teu, por ti suspira,
E vive de te amar... e de provar-to...
Se barbaros algozes te procuram
E querem no teu sangue embriagar-se,
Eu posso proteger tua innocencia,
Esconder-te a seus olhos carniceiros,
Velar ao pé de ti, e defender-te.

A amizade e o amor da mulher para o homem, é tão antigo e tão exemplar e heroico, que a propria historia se admira de tamanha magnanimidade. Ella é sempre a mesma como mãi, como filha, como amante, como esposa, como amiga, como agradecida, e como tudo: vejamo-la.

Da mulher como mãi.

Principiaremos pela SAGRADA VIRGEM, typo dos soffrimentos, e de dor, que nunca desamparando a seu FILHO, acompanhou-o até o Golgotha. Quereis ver até onde chega a vehemencia da dor do coração materno, ouçamos, com profundo respeito, e com santa veneração as proprias palavras da DIVINA SENHORA, dirigidas á sua amada serva Santa Brizida, segundo refere o Padre Frei Sarmento, no seu estimavel e classico livro, o *Flos Sanctorum*.

« Era meu FILHO de milagrosa compleição, e assim tra- (1)
« balhava n'ELLE a morte com a vida; as dores que padecia
« subiam dos pés e mãos cravados, da cabeça traspassada, e
« dos nervos e veias rotas, até o seu coração ternissimo, e o
« atormentavam com incrivel angustia. Resistia a valentia do
« coração á violencia das dores, e assim tornava a diffundir-
« se pelos nervos, e se prolongava a morte, com indizivel
« amargura. Estando nesta batalha de innumeraveis agonias,

(1) Na primeira serie do meu Brasil Historico transcrevi a Costa de P. Lentulo em q̃ descreve a figura miraculosa e Divina do Salvador do mundo

« voltou para mim os seus olhos, e conhecendo a grandeza do « tormento, que a minha alma padecia, foi tanta a amargura « e tribulação do seu coração amantissimo, que rendendo-se « á inexplicavel angustia da morte, segundo a humanidade, « exclamou a seu ETERNO PAI, dizendo : — PAI, nas vossas « mãos encommendo o meu espirito. —

« E como Eu, a mais triste de todas as creaturas, ouvisse « o clamar do meu FILHO, e conhecesse, que era signal da « sua morte, tive tanta tristeza e dor na minha alma e corpo, « que principiei a tremer com tal força, que as entranhas se « me estremeciam, e todos os membros e ossos do meu corpo « tremendo, batiam uns nos outros, com tanto pavor e es- « panto, e com tão amarga dor do meu coração, que faltam « palavras para o explicar. Olhei então para meu FILHO « SANTISSIMO, e conheci, que o seu coração se lhe partia de « dor; vi, que todos os membros do seu Divino Corpo, hor- « rorosamente estremeciam ; vi, que levantou um pouco a « sua santissima cabeça, e logo a inclinou para mim, sua « afflicta e dolorosa mãi; vi, que a bóca se lhe abria, e que « a lingua se divisava toda coberta de sangue gelado; vi, « que as suas mãos sacratissimas se retiravam um pouco dos « cravos, alargando as feridas, e que todo o pezo do corpo, « se deixava cahir sobre os divinos pés; vi, que os dedos das « mãos e os braços se estiravam, e que as costas se apertavam « fortemente contra a cruz....»

« Estão, pois, consummados os oraculos (continúa o Padre « Sarmento) dos Prophetas Santos, consummados os decre- « tos da justiça divina, e consummados os excessos da barba- « ridade humana. O autor das nossas vidas, o esposo amado « e amante fino das nossas almas, na bella flor dos seus annos, « á vista de todo o mundo, á hora do meio dia, com horror « dos Anjos... com assombro da natureza... fecha os be- « nignos olhos, inclina a sacrosanta cabeça, e põe termo fi- « nal á sua preciosa vida. E á vista de um tal excesso, fica « penetrado summamente todo o insensivel, tudo nelle era « assombro, tudo horror e confusão. Sepultou-se o sol em « um medonho eclipse, cobrindo com negro manto a ma- « gestade dos seus raios; escureceo-se funestamente a lua « entre o horror de sanguinolentas manchas, e logo o céo se « vestio de luto, o ar se cobrio de trevas, a terra se encheo « de sombras, o mar contrastou as rochas, o véo do templo

« se rasgou, o profundo abysmo estremeceo, as pedras dos « montes se quebraram, e as sepulturas dos mortos se abri- « ram; tudo em testemunho authentico de sentimento uni- « versal, que tinham todas as creaturas pela morte do seu « Creador. »

Cornelia, a filha de Scypião, o Africano, mãi do Tiberio e de C. Gracho, sendo visitada por uma matrona da Campania, esta lhe mostrou por ostentação varias joias preciosas, que de proposito levava, e pedindo a *Cornelia* que lhe mostrasse as suas, immediatamente *Cornelia* foi buscar seus filhos, e apresentando-os á sua amiga, disse-lhe : « *Eis aqui as duas joias mais preciosas que eu possuo* (1). »

As Spartanas eram tão nobres de sentimentos, e tinham sobre os homens um tamanho poder, que uma estrangeira, admirada, fallando á esposa de Leonidas, lhe disse : « Vós, « ó Lacedemonias, sois as unicas, que governaes os ho- « mens » ; ao que lhe tornou a matrona Spartana, que a razão era por serem as unicas que sabiam parir homens.

Uma mãi deo a seu filho, ao sahir para a guerra, um escudo com esta legenda : « Volta com elle, où sobre elle. » E outra senhora, ouvindo dar-lhe más novas de seu filho, responde com a serenidade de uma alma magnanima : « Mor- « reu meu filho, com o destino para que eu lhe dei o ser. »

Na guerra da independencia da America, os generaes Inglezes faziam tantas crueldades, que não poupavam as proprias crianças. *Fergusson*, *Brown* e *Tarletan* (coroneis), adquiriram tamanha reputação de crueldade e perfidia, que ficou proverbial, que ainda hoje na America do Norte, aos contractos de má fé, chamam *convenções á Tarletan*.

Fergusson mandava arcabuzar os habitantes em presença de suas mulheres, a quem ameaçava com a mesma sorte quando imploravam a sua piedade. Um dia, em que havia reunido grande numero, para os executar em massa, foi atacado d'improviso por um corpo de tropas do general americano Simpiter, que o matou e a todos os seus satelites.

Quando o coronel Brown, foi aprisionado no forte Cornwallis, que commandava, e se lhe deo uma escolta para voltar

(1) Os Romanos, vendo que o luxo era excessivo, estabeleceram a lei Opia, para moderá-lo e circumscreve-lo.

a Savanach, teve de atravessar os paizes, cujas casas muito recentemente tinha queimado, e feito enforcar os seus moradores; e quando chegava a Sylver-Bluff, uma mulher, mettendo-se rapidamente por entre a escolta, se collocou em frente delle, e segurando-o, lhe diz : « Coronel Brown, lem-« bras-te do dia em que fui ao teu acampamento pedir-te de « joelhos a vida de meu filho, e que tu, surdo ás minhas sup-« plicas, mandaste enforcar, á vista da propria mãi, um jo-« ven, que apenas entrava na adolescencia? Ah! eu mesma « vi, com estes olhos, os selvagens, que capitaneavas, desco-« zerem-lhe a sangrenta pelle da cabeça! Agora, barbaro, « que és prisioneiro dos chefes da minha patria, suspendo « momentaneamente a vingança, mas desde o dia em que « tiveres recuperado a liberdade, armarei as minhas debeis « mãos, e irei onde te acharès, pedir-te satisfação da morte « do meu filho. »

No tempo da revolução franceza, quando o espirito vertiginoso nada respeitava, viam-se as emoções mais fortes da natureza, e o caracter sublime e compassivo, que sente tudo com excesso na alma apaixonada de uma mãi.

Uma mulher, a quem algumas pessoas da sua amizade reprehendiam por chorar no momento que a arrebatavam do seio da sua familia, para a conduzirem diante do tribunal de sangue, respondeo com doçura : « Por ora pertenço ainda « aos meus filhos, e devo este desafogo á natureza; logo vos « mostrarei, que sei morrer com valor.» Ouvio depois a sentença, e morreo como christã.

Entre 22 mulheres, que foram levadas de uma só vez diante do tribunal revolucionario, em 25 de julho de 1794, para serem sentenciadas, havia uma senhora, que levava uma creança ao peito. O espectaculo compassivo de a ver dando de mamar ao filhinho em tão terrivel lance, enterneceo a todos os assistentes. Os juizes, observando esta scena, mandáram-na retirar para uma sala visinha, sem nada lhe perguntarem, e finda a sessão, foram dizer-lhe, que estava condemnada á morte, e arrebatáram-lhe a creança dos braços. Vendo-se esta triste mãi sem seu filho, e na camara dos condemnados, deo tamanhos gritos de desesperação, pedindo a morte, que a nada attendia senão a isso. Vendo que ainda assim nada conseguia, no horror da sua desesperação lança-se aos pés de seus algozes, antes de partir para o supplicio, com as

mais supplicantes vozes pedindo o seu filhinho, que por fim (surdos estes tigres), em delirio de raiva e de desesperação acabou esta infeliz no supplicio, bem que em estado de perfeita alienação mental.

Uma senhora ia para Nantes com seu filho, que tinha tirado de um hospital militar, onde se achava desde muito tempo, por causa das feridas que recebêra em muitos combates, contra os insurgentes da Vandéc. Bem que extremamente fraco, este individuo, sua intrepida mãi, tinha esperanças de o levar sem perigo. Posta em viagem, e suppondo já ter atravessado os lugares de maior perigo, avisinhando-se dos postos dos republicanos, ouvio tiros, e sentio zunir balas á roda da sua carruagem. O seu primeiro impulso foi, de lançar mão das pistolas, mas a presença de muitos homens a cavallo, dos quaes um lhe disse com muito bom modo, que se apeasse, suspendeo o seu resentimento. « Não « me posso apeiar (respondeo ella), porque tenho comigo « um moribundo, que me foi confiado; supplico-vos, que te- « nhaes compaixão do seu triste estado. »

« Com muito boa vontade (responderam os cavalleiros), « mas queremos saber quem é esse homem? »

« E' o meu proprio filho (disse esta respeitavel senhora)»; mas os ladrões, vendo que ella estava em extremo consternada, suppozeram que o filho era algum dos inimigos que elles procuravam; intimáram-lhe novamente que se apeasse, sob pena de ser arcabuzada com o filho. Esta ameaça fez conhecer á intrepida mãi, as apertadas circumstancias em que se achava. Medio o terreno, e vio a desigualdade das forças, e disse para o criado, que a seguia e em quem muito confiava : « Elles são 9, defendamo-nos. » Dito isto, poz-se por diante do filho, atacou os aggressores, e matou 2; vendo que seu filho estava ferido na cabeça, e que matáram o postilhão, criado, e os cavallos, deo um grito de horror, e saltando fóra da carruagem, atacou com mais heroicidade que dantes com a espada do filho; porém cercada de todos os lados, não pôde resistir, e foi amarrada a uma arvore, e o filho a outra, para ser em presença della arcabuzado. Os tormentos que elles queriam fazer soffrer a esta desoladá mãi, prolongando diante della o espectaculo horrivel da execução do desgraçado, que coberto de pó e de sangue, hesitava já entre os soffrimentos e a morte; foi justamente o que salvou a vida

de um e outro. Como esta scena se passava a pouca distancia de um posto de republicanos, o commandante, ouvindo os tiros, destacou um piquete de 50 homens de cavallaria, os quaes ouvindo a pouca distancia uns gritos, carregáram a toda abrida e chegáram no momento em que os ladrões iam consummar o crime. Os ladrões foram, apezar da resistencia, passados a fio de espada. Em consequencia do que tinha a senhora visto, desmaiou e ficou sem sentidos, e os soldados republicanos não podendo ahi prestar-lhe todos os soccorros, leváram-na para o posto do destacamento, onde ella viveo. Vendo-se sem seu filho, e que ninguem lhe dava noticia, e que talvez os soldados o não conduzissem por suppo-lo morto, pedio com instancia que a levassem ao campo da batalha. « Meu filho suspira ainda (exclamou ella), e merece « os vossos cuidados e a vossa compaixão, porque derramou « o seu sangue no serviço da patria. Ai! Quem sabe se terá « sido victima de outros ladrões?» Não era preciso tanto para excitar o zelo dos seus bemfeitores.

Elles tomáram com ella o caminho por onde tinham vindo, e foram ao lugar do combate. Alguns soldados, dos que iam descobrindo campo adiante do destacamento, viram um homem com um lenço ensanguentado, atado á roda da cabeça, fazendo diligencias por se esconder. Era o filho, que a consternada mãi, procurava com tanta ancia, o qual tendo recobrado os sentidos fugia do sitio onde fôra testemunha de tantos horrores. O sangue, em que o viam tinto, e os esforços que fazia para fugir, motivavam a suspeita aos soldados da vanguarda, ser algum dos ladrões, que tendo escapado á morte, fazia deligencias para salvar a vida, o que os determinou a cutilá-lo sem attenção aos gritos e ás supplicas do desgraçado mancebo. O destacamento chegou no mesmo momento em que os primeiros soldados, que vieram acabavam de o lançar em uma vala. A triste mãi, que ia lançando a vista para toda a parte, vendo este corpo estendido por terra, conheceo instantaneamente ser seu filho, deo um grito horrivel, precipitou-se da carruagem, e foi abraçar-se com elle.

A reunião de tantas desgraças esgotou as forças de ambos: os republicanos os conduziram ao seu posto, incertos, se conduziam duas creaturas vivas ou dous cadaveres. Este in-

feliz restabeleceo-se, e sua heroica mãi, teve a consolação de o conduzir para Nantes.

Madama L. C., a quem o furor do Jacobinismo tinha arrebatado um esposo estimavel, para o entregar ao ferro da guilhotina, dormia com 2 filhinhos, quando sentio arrombar-se-lhe com grande estrondo a porta de sua camara pela meia noite, ouvindo ao mesmo tempo algumas vozes de máo agouro, que a chamavam pelo seu nome.

Espavorida com um acontecimento tão cruel, toma os filhinhos nos braços e apresenta-se aos seus algozes, como um signal da sua innocencia, para os mover á compaixão com um espectaculo tão terno. « Ha hoje 8 annos (lhes diz ella), « que eu dei a luz a estes 2 gemeos. Seu pai, foi já victima « da vossa raiva. Não quereis deixar sobre esta terra ensan- « guentada, senão a gente perversa, orphãos, cinzas e caba- « nas? » Os infames satelites da tyrannia arrebatáram-na, sem lhe darem tempo para se vestir, e conduziram-na a uma masmorra, donde foi levada para o supplicio.

Diz a historia, que em Lião horrorosas scenas se praticaram, e que no momento em que se interrogava um prezo, a sua sorte era secretamente decidida. O carcereiro conhecia a mysteriosa senha, e conduzia a desgraçada victima para o lugar da prizão, que lhe era destinado. No primeiro lanço da escada do edificio havia uma porta, á que se tinha posto uma cancella. As mãis que tinham seus filhos prezos, quando sabiam que elles eram chamados a interrogatorios, esperavam consternadas da parte de fóra desta cancella, para os ver passar; se o carcereiro voltava logo, era signal de que o prezo tinha sido deposto na prisão de favor; mas se se demorava, era signal certo de morte.

Quando os prezos passavam junto desta grade, atrás do seu funesto conductor, viam o triste espectaculo que offereciam estas afflictas mulheres. Mais atrás desta grade viam-se outras de joelhos, banhando o ladrilho de lagrimas, esquecendo-se de que eram vistas naquella situação humilhante, por toda a gente que passava, para se occuparem unicamente em supplicar ao Autor da vida, pelos infelizes objectos por demais queridos, por quem estavam submersas de afflicção.

Não referimos exemplo algum entre nós de amor mater-

« Uma mulher com dous filhinhos corre a salvar-se em uma barca. No momento em que já firmava o pé [illegible], um dos filhos cahe-lhe dos braços; a infeliz faz um rapido movimento para arranca-lo á morte, com esse movimento o outro se desprende e tambem cahe n'agua; a desgraçada mãi precipita-se instinctivamente após os filhos, e com elles [illegible] no turbilhão da torrente.

no, porque são tantos e tão multiplicados, que seria infudonho mencionar: olhae para cada uma brasileira, e sem a menor duvida tereis um exemplo sem replica de amor materno.

Da mulher como esposa.

Eu estimaria (diz um escriptor) *poder eternisar todas as heroinas do amor conjugal, e trazer á memoria os seus nomes, e os numerosos monumentos de sua magnanimidade*; porém como isto é quasi impossivel, referiremos alguns, d'entre um grande numero.

Theogena, esposa de Agathrocles, rei da Sicilia, de nenhuma sorte se quiz apartar delle em uma molestia contagiosa, dizendo, que casára para ser sua companheira em todas as circumstancias da vida.

As mulheres *Lacenas*, tendo os consortes captivos, mudáram o traje, e metteram-se disfarçadas nas prisões, e deram traças com que elles fugissem.

Na conspiração contra Cesar, aguns escriptos anonymos, que *Bruto*, então Pretor, achou sobre a mesa do seu tribunal, despertáram na sua alma os sentimentos republicanos: — O' Bruto, tu dormes; tu já não és o mesmo. Bruto pensativo vivia, e *Porcia*, a illustre filha de Catão, a mulher de Bruto, conhecendo que seu marido estava muito agitado, e que lhe escondia alguma cousa de grande importancia, fez uma profunda ferida em uma das suas coxas, para experimentar a sua força contra a dor, certa de poder guardar um segredo nos proprios tormentos, descobrio a sua chaga a Bruto, communicando-lhe o motivo daquella valorosa acção, e obteve a confidencia que desejava. « Queira o céo (excla-« mou Bruto), que eu me mostre digno esposo de *Porcia*.» « A alma de Catão (diz o abbade Millot) respirava em uma « mulher educada pela philosophia, com superioridade aos « homens do seu seculo. »

Marcella, romana, de peregrina formosura, perdeo seu

§

O nosso Junqueira Freire, tendo entrado contra a vontade de seus pais e irmãos q.e o Mosteiro de S. Bento, onde professou arrependeo se do passo q.e havia dado, e entre as abobadas dos claustros ~~traduz~~, em formosos versos as dores do coração ~~[illegible]~~ ~~mais em formosos versos~~ materno, de q.e ~~aqui~~ copiarei alguns.

Não me escandas, meu filho, estas penas,
Desperares, com mimos não me preves;
Eu bem sei que sem mim = entre estranhos =
É difícil a vida que vives.
Vem, descera, meu filho, estes labios
Onde vi transpirarte o cor mim:
Foste ingrato, é verdade, mais sabe
Que eu te estimo, meu filho, inda assim.
Entre a febre, teu pai, se revolve
Nesse leito que outrora foi teo
Grita, clama, tatéia, procura
Só por ti primo gemito seu.
Foste ingrato deixaste teos lares
Teus irmãos, mais teo pai, mais assim,
Tu quisiste ser Monge, meu filho
Tu agora padeces assim.

esposo 7 annos depois do seu desposorio: ficando viuva no verdor dos annos e cheia de attractivos, foi por *Cercale*, consul romano, loucamente amada, homem maduro, e que a desejava para esposa, promettendo faze-la herdeira dos seus muitos haveres. Não podendo obter della a menor demonstração de affecto, *Cercale*, empenha-se com Albina, mãi de Marcella, para obter o consenso da filha, em presença das vantagens, que lhe offerecia semelhante união, e posto que regeitando, a illustre viuva disse a sua mãi, que « se ella não « pretendesse guardar perpetua castidade, buscaria marido, « e não herança. » Ao que tornou o pretendente « que os « velhos tambem podiam viver muito, e os moços morrer « cedo. » « Assim é, disse ella, que podem morrer cedo os « moços, mas não podem viver muito os velhos.»

Porcia, a menor, ouvindo louvar a uma matrona romana, que casou segunda vez, disse: *Fœlix et pudica matrona, nunquam prœterquam semel nubit.* A senhora ditosa e honesta, não casa mais que uma unica vez.

A outra senhora a quem perguntou-lhe a mãi, se estava contente de se ter casado, respondeo: « Estou tão contente, que « não quero casar mais.»

Valeria, por morte de seu marido Servio, sendo instada para novamente casar-se, respondeo: que seu esposo Servio sempre para ella estava vivo.

Os parentes de *Annia*, persuadiram-na para que se casasse segunda vez, visto ter ficado moça e mui gentil, e respondeo « De nenhum modo farei isto, porque se achar um bom « marido, sempre vivirei com susto de o perder; e se o achar « máo, de que me servirá elle, depois de ter tido o bom que « eu perdi? »

Catharina da Suecia, filha de Santa Brigida e de Hulfo, principe de Nericia, depois da morte de seu esposo, sendo pretendida, jámais consentio que seu pai lhe fizesse um novo contrato.

Margarida de Este, filha do marquez de Ferrara, casou-se com Roberto Malatesta, senhor de Rimini, e fallecendo este, voltou para a companhia de seu pai, com o firme proposito de passar o resto de sua vida com a saudosa idéa de seu esposo, e sendo constrangida por este, que havia contratado casá-la, fez tamanhos excessos de resistencia, que por fim conseguio o seu intento.

Como exemplos de fidelidade conjugal, no estado de viuvez, a historia nos conserva a memoria das rainhas Isabel de Portugal (1). Isabel de Ungria, a imperatriz Conegunda, Margarida da Escocia, Thereza de Leão, e Clotilde de França.

Na occasião em que os Turcos cercavam a cidade de Agria, na Alta Ungria, no anno de 1552, com um exercito de 70 mil homens, muito concorreo para a defeza, o valor das mulheres. Uma, assistindo sobre uma muralha, entre sua mãi e seu marido, veio uma bala e o matou; e dizendo-lhe a sogra, que cuidasse em enterrar o cadaver, respondeo-lhe a nora: « Nunca Deos queira, que eu enterre o corpo sem « alma, e ainda para mim amado, de meu marido, sem que « primeiro o haja vingado. »

Joanna de Hespanha, filha de Fernando e Isabel, depois da morte de seu marido. Filippe I, conservava tão vivas as saudades, que todos os dias, abria o caixão em que conservava o seu cadaver, para o banhar de lagrimas, e encher de caricias.

Quando *Canuto* III tomou Winsperg, deo permissão ás mulheres para que sahissem da cidade, levando comsigo o que tivessem de mais precioso; e qual não foi o seu espanto, quando vio que, desprezando tudo, levavam, essas heroinas do amor, ás costas, umas seus esposos, outras seus pais, irmãos, amantes, etc.? Por semelhante causa, tudo o mais foi por amor dellas perdoado.

Roberto, rei da Bretanha, na guerra contra os Syros, recebeo no braço um golpe com ferro envenenado, o qual não podia sarar, sem que alguem extrahisse com a boca o mal que se achava ali depositado. Não querendo elle expor a vida de ninguem, dispunha-se a morrer; e quando dormia, sua esposa lhe desatou a ferida, extrahio-lhe todo o veneno, salvou-lhe a vida, perdendo ella a sua.

(1) E' por demais tocante a allocução, que por duas vezes essa mulher exemplar fez ao infante D. Affonso, seu filho, quando se rebellou contra D. Diniz, seu prudentissimo pai. As chronicas portuguezas fallam com tanto respeito dessa santa mulher, e da sua resignação quando degradada injustamente por infundadas suspeitas, que transcreveram, para monumento eterno, as suas formaes palavras, e os pormenores deste acontecimento.

+ A mulher de João Pinheiro de Souza, lavrador em Macacú, Prov.ª do Rio de Janr.º vendo q' seu marido ~~tinha [illegible]~~ q' causa de desarranjo mental se tinha suicidado enforcando-se apoixonou-se de tal forma q' metendo-se na cama em poucos dias lhe sobreviveo deixando 3 filhos menores na orphandade.!!

D. Luisa Fermacies Meirelles, esposa de Antonio Ribeiro de Meirelles, condemnado injustam.te p.r quebra fraudolenta, na Penitenciaria do Corte do Rio de Janr.º desde q' seu marido entrou p.a aprisão diariamente ocia ver quer chovesse e quer fosse a dia abrasador. Tendo consumido o pouco q' possuia em favor do marido contra ninguem se queixava, e o q' dizia era querer compartilhar com elle a sua desventura. Tão grandes forão os seus esforços p.a conseguir a liberdade do marido q' p.r fim a livrou; e como os pesares e as fadigas forão superiores as suas forças lhe sobrevêo uma hypertrofia de coração da qual em poucos meses succumbio.

A Senr.ª D. Euphemia de Menezes, mulher do meu constante amigo o Dr. Manoel Joaq.m de Menezes, teve tanto pesar da perda de seu esposo q' apenas lhe sobreviveo 34 dias. Convidando-a eu depois do enterro do Dr. Menezes p.a passar algum tempo em minha casa como meio de a distrahir-

Clara Cervante, dama mui formosa, casou-se em Flandres com *Bernardo de Valdaura*, que passava de 40 annos. Tempos depois do seu consorcio, Bernardo cahio enfermo de molestia hedionda e contagiosa. Os medicos, que assistiam ao marido, desconfiavam da sordidez e podridão das feridas, e por isso temiam tocá-las; porém *Clara*, tratava a seu esposo com tão anciosa diligencia, que admirava a todos, com um trabalho tão penoso, chegou a vender tudo o que possuia para salvar-lhe a vida, durante 10 annos sobre o leito de dores. Morrendo Bernardo, sentio esta caridosa amante, tantos pezares, que esteve em risco de perder a vida. Ficando viuva, ainda muito moça, talvez pelo acrisolado amor e não mentida caridade, foi rogada instantemente por um cavalleiro, para que se casasse com elle, ao que formalmente recusou, dizendo, que Bernardo, tinha sido o seu unico amor, e que elle para ella ainda vivia, porque o seu apartamento era o de uma viagem. Elle indo com mais pressa, foi esperar por ella na Eternidade. ✝

A Snra. D. Maria da Gloria, rainha de Portugal, quando sentio por annuncios que a morte se approximava ao seu leito de tormentos e dores, a primeira lembrança que teve foi a de chamar por seu esposo, e entre caricias e abraços arrancou d'alma estas ultimas palavras : « Muito me custa « deixar-te; não ha remedio. » E expirou.

A mulher na adversidade, é ainda maior que tudo no mundo: vejamo-la.

A mulher de Mr. Lefort, preso como conspirador em um dos departamentos do Occidente (em França), depois de tentar todos os meios para lhe conseguir a liberdade, comprou a permissão de o ir ver. Chegada a hora indicada pelo carcereiro, correo á cadeia, e sem se demorar com vãs demonstrações de ternura, determinou-o a que se vestisse de mulher com fato que ella levava de mais, e a que sahisse da prizão com este disfarce. Tudo lhe sahio á medida do seu desejo; o marido escapou-se, sem que se descobrisse o engano até o dia seguinte. « Desgraçada (lhe disse um representante, que fizeste? » « A minha obrigação (respondeo ella com firmeza), faze tu agora a tua.»

Madama de B., nascida na opulencia, mas privada pela revolução de todos os seus bens, vivia retirada em um arrabalde do Paris, sem mais meios de subsistencia, do que o

que podia ganhar pelo trabalho das suas mãos. A unica consolação, que suavisava a sua pobreza, era a lembrança de um esposo, que ella adorava, e de quem ignorava a sorte. Esta virtuosa mulher devia ao retiro em que vivia, a esperança consoladora, de que tornaria a ver um esposo, que o cadafalso lhe roubára havia muito tempo. Ella estava possuida desta doce esperança, quando a lei, que fazia sahir todos os nobres de Paris no prazo de tres dias, a veio reduzir á mais horrivel desesperação, privando-a dos fracos meios de subsistencia, que ainda lhe restavam. Reduzida pela sua indigencia á impossibilidade de se transportar para um paiz estrangeiro, e á de poder subsistir nelle, tomou a resolução de se deixar ficar no seu escondrijo, exposta ao rigor da lei, esperando talvez, que a sua obscuridade, e a sua pobreza a salvariam da vigilancia publica. Vã esperança! Ella tinha já sido observada e reconhecida pelos agentes da junta revolucionaria da sua secção, os quaes foram fazer a visita domiciliaria da casa, onde ella assistia; logo que expiráram os 3 dias prescriptos pela lei, com ordem de a prender, se se não tivesse retirado. Ella estava só trabalhando na sua costura, quando os satellites da tyrannia, se apresentaram no seu asylo. Ella ouvio com todo o socego a leitura da ordem de prisão até o momento em que pronunciáram estas palavras: *Viuva de M. B., morto no cadafalso como conspirador.* Dando então um grande grito espavorido, cahio por terra quasi fóra de si. Os satellites espantados de uma mudança tão extraordinaria, e tão repentina, levantáram-na, e conhecendo o motivo da sua afflicção, falláram-lhe assim: « Acaso igno-« ravas que teu marido foi guilhotinado? Ha já muito tempo « que isto succedeo; e tu devias ter deitado luto.» Este tom ironico e cruel, fez tomar a Mma. B. toda a energia da sua dor. « Barbaros! (lhes disse ella) vós vindes insultar ain-« da a minha desgraça, não imagineis que haveis de gozar « do espectaculo da minha desesperação; sabei que nem vós, « nem todos os vossos supplicios são capazes de abalar a mi-« nha constancia. Eu tenho mais desejo de morrer, do que « vós de derramar o meu sangue: sim, desejo a morte com « tanta ancia, que vos quero dar todos os pretextos possiveis « para que sacieis a vossa raiva, segurando-vos, que não ces-« sei ainda um só instante de conspirar pela volta da Rea-« leza.» Não era preciso tanto para excitar o zelo dos agen-

tes da Junta. Madama de B. foi conduzida para uma cadeia, donde sahio alguns dias depois para o cadafalso.

Claviere, natural de Genebra, muito versado no ramo das finanças, tinha sido elevado pelo seu merecimento ao emprego de ministro das contribuições. Proscripto depois pela facção de *Marat*, e lançado em uma masmorra, apunhalou-se, para evitar o cadafalso. *Claviere* tinha uma esposa, que amava ternamente, e de quem era amado do mesmo modo. Antes de se privar da vida, achou um meio para a informar da resolução que tinha tomado. A esperança de ver o seu querido esposo justificado, e de o poder possuir, era o unico motivo, que ligava ainda á vida esta esposa desolada e inaccessivel a toda a especie de consolação, que não tivesse por objecto a liberdade de seu marido. Esta infeliz, suppunha já proximo o momento de ver realizar os seus desejos, quando recebeo a fatal carta, que elle lhe escrevêra. A dôr não teve talvez nunca uma expressão tão tranquilla, e tão concentrada. Logo que soube dos papeis publicos da morte de seu marido, tomou a sua resolução, encerrou-se em um quarto por alguns instantes, tomou veneno, e mostrou-se friamente aos seus amigos, e aos seus parentes, que se tinham ajuntado em sua casa, para a consolar. Ninguem conheceo, que ella se envenenára, senão quando os effeitos do veneno, se começáram a manifestar. Ella fez então ajuntar a sua familia, e declarou aos seus filhos e aos seus parentes, que o seu ultimo momento estava proximo. « A minha morte (lhes disse ella) não vos « deve affligir, porque põe termo aos meus votos; vou ajun- « tar-me áquelle, para quem não cessei nunca de existir, e « sem o qual me seria impossivel viver. Abençoai para sem- « pre a sua memoria (accrescentou ella, voltando-se para « os seus filhos), vós, a quem elle inspirou todos os princi- « pios das virtudes, que existiam no seu coração! Derramai « tambem algumas lagrimas pela sua infeliz esposa, e por « vossa mãi.» Depois deste discurso fez algumas disposições relativas a diversos interesses da sua familia, poz os seus negocios em ordem, recusou toda a qualidade de soccorros, e dispoz-se para morrer. No meio de horriveis convulsões, que soffreo por espaço de uma hora, teve sempre presente na imaginação a imagem de seu marido. De tempos á tempos, proferia algumas palavras entrecortadas pela dôr, mas fortemente articuladas. « Esposo generoso! (exclamava ella) eu

« sou digna de ti!.. Eu te ouvi deliberar sobre a tua morte, « sem desmaiar. Eu approvei a tua resolução republicana... « Eu vi dirigir o punhal sobre o teu peito, e a tua mão fir- « me marcando com constancia o sitio, onde o devias cra- « var. Tu me déste o sinal, e eu te imitei; recebe o sacrificio « da minha vida, como o ultimo penhor do meu amor! » Esta mulher celebre, que a sua modestia fez sempre estrangeira a todos os negocios, que procuram um nome brilhante, morreo no meio destes sentimentos. Os seus talentos, e a força da sua alma, a teriam sem duvida collocado na ordem das mulheres mais extraordinarias do seu seculo, se ella tivesse tido o amor proprio de se fazer valer.

Quando a cidade de Lião era o theatro das mais sanguinolentas execuções, uma mulher sabendo, que seu marido fôra inscripto na lista dos proscriptos, communicou-lhe esta fatal noticia, deo-lhe o seu dinheiro, e as suas joias, e determinou-o a que fugisse, e vestio-se com o fato deste esposo ameaçado. Ainda o sol se não tinha escondido no horizonte, quando os esbirros dos sanguinarios facciosos, o foram procurar. Sua mulher se apresenta, e como estava vestida como elle, foi conduzida á junta revolucionaria, na supposição de que era o marido. Ainda bem os juizes não tinham principiado os interrogatorios, quando conheceram o seu engano. Perguntando-lhe onde estava seu marido, respondeu: « Eu « o puz ao abrigo das vossas perseguições. Eu o fiz fugir (lhes « disse ella), e glorio-me muito de me ter exposto para lhe « conservar a vida.» Ameaçando-a com o supplicio, se não declarasse o caminho, que elle tinha seguido, respondeo constantemente : « Feri, feri á vossa vontade, aqui me tendes « prompta.»

« E' o interesse da patria (replicáram os juizes) quem vos « obriga a fallar.»

« Barbaros! (respondeo ella) a patria póde determinar « que se ultrage a natureza? »

Uma firmeza tão varonil enterneceo os deputados da Junta, e uma acção generosa prevaleceo por esta vez sobre o systema de crueldade, que parecia ter transformado a França em um vasto sepulcro.

Que mulher se conheceo jámais tão grande e tão generosa, como Madama *Lavergne*, de quem todos conhecem a sublime generosidade; mas de que poucos estão em circumstan-

cias de avaliar a força de caracter, porque se tem quasi sempre sacrificado á principal e ultima circumstancia da sua generosa amizade, as particularidades que a acompanhavam, e que lhe davam o maior valor! Madama *Lavergne*, era havia pouco tempo a esposa do commandante de *Longwy*, quando esta praça se rendeo ás armas d'El-Rei da Prussia. Uma mulher bella e espirituosa, que se casa na idade de 20 annos com um militar de perto de 60, mostra bem que a estimação é o unico motivo, que a determina a esta união tão desproporcionada. Com tudo, as qualidades amaveis do velho militar, juntos aos cuidados assiduos de um coraçao verdadeiramente inflammado, fizeram uma sensação tão forte na virtuosa esposa, que ajuntando o sentimento do amor; ao sentimento de estimação, que a tinham determinado a este feliz consorcio, chegou a amá-lo com os mesmos transportes, com que poderia amar uma pessoa da sua idade. Depois da retomada de Longwy pelos Francezes, *Lavergne*, foi preso para Paris; para onde esta respeitavel esposa, o acompanhou com o designio de o não abandonar nunca. Chegadas as épocas calamitosas da revolução, em que o cadafalso devorava diariamente centos de victimas, *Lavergne* estava a ponto de comparecer diante do tribunal, que havia de decidir da sua sorte, quando cahio enfermo na masmorra em que o tinham encerrado. Este accidente, que teria atormentado cruelmente em outra occasião a enternecida esposa, deo alguma luz de esperança á sua alma. Discorrendo segundo os sentimentos humanos, e compassivos do seu sensivel coração, Madama *Lavergne*, não suppunha que houvesse um tribunal tão barbaro, que chamasse á um juizo de morte um homem, a quem o excesso da mais terrivel febre tinha posto em lastimavel estado. Assim, olhando como um beneficio o acontecimento cruel, que devia subtrahir o seu esposo á sentença sanguinaria do tribunal encarregado de o julgar, ella esperava que as circumstancias actuaes viessem a mudar com o tempo, e terminassem a seu favor o que a natureza começára. Vã esperança! O nome de *Lavergne*, estava irrevogavelmente escripto sobre a lista de morte de 31 de março de 1793; e havia de ser sentenciado neste dia. Instruida desta fatal decisão, Madama *Lavergne*, recorreo ás lagrimas, e ás supplicas, esperando enternecer os magistrados e juizes com a pintura das desgraças, em que a sua sensibilidade fundava

todas as suas esperanças. Em consequencia disto apresenta-se na Junta da Segurança geral, pedindo unicamente alguma suspensão de tempo para o seu esposo, que ella representou devorado por uma molestia perigosa e cruel, consumido por uma terrivel febre, e fóra de estado de comparecer diante de um tribunal, onde o accusado tem precisão de toda a sua força, para defender e disputar a sua vida contra os denunciantes, que lha querem arrebatar. « Representai-vos, cidadãos (lhes disse então a afflicta esposa), representai-vos um « desgraçado, conduzido diante de um tribunal, que ha de « decidir da sua sorte. Que quereis vós que elle responda aos « accusadores animados pelo odio, e que são sustentados por « todas as forças moraes e physicas, quando a vehemencia da « molestia lhe conserva á elle apenas o pouco alento, indis- « pensavel para entreter os fracos restos de uma existencia « dolorosa? Permittireis vós, que um homem, a quem o seu « mal priva da possibilidade de se defender, que não tem « razão nem sangue frio, para responder ás accusações dos « seus inimigos, que expira talvez neste momento na sua « cama de dôr, permittireis vós, que seja chamado a um jui- « zo irrevogavel, que não lhe offerece meio algum entre a « liberdade e o cadafalso? Se a humanidade se deve ajuntar « aos deveres da justiça, como quereis vós que um velho?..» A estas ultimas palavras, todas as vistas se fixaram sobre Madama *Lavergne* ; o contraste da sua belleza, e dos seus poucos annos, com a idéa de um esposo sexagenario, e carregado de enfermidades, despertou na alma dos deputados da Junta pensamentos obscenos. Elles, a interromperam com ditos picantes. Um delles lhe disse com um sorriso de derisão, que como era moça e bella, lhe não seria tão difficil, como ella suppunha, o consolar-se da perda de um esposo, que a tumba reclamava. Outro accrescentou, que o interesse que ella parecia tomar tanto a peito pela conservação de um tal esposo, não era natural, nem merecia por isso mesmo, que a Junta fizesse caso das suas supplicas. O horror, a indignação, e todos os sentimentos, que consternam e dilaceram no mesmo tempo a alma, se apoderáram neste momento de Madama *Lavergne*. Ultrajada e reduzida á ultima humilhação, ella não pôde responder uma só palavra, e sahio suffocada pelo excesso da sua dôr, depois de lançar uma vista de indignação, e de desprezo, sobre os barbaros, que ousa-

vam insultar a sua desgraça. Uma fraca esperança era a unica consolação, que lhe restava em tão tristes circumstancias. Ella conhecia, por anteriores relações á revolução, um dos juizes do tribunal, o famoso *Dumas*. Apezar da sua repugnancia para se abater a semelhante gente, a infeliz senhora vai procurá-lo, lança-se aos seus pés, supplicando lhe com as lagrimas nos olhos, que empregasse a influencia que tinha no tribunal, para que suspendesse a sentença de seu marido, até que elle estivesse melhor. O' cúmulo de desgraça e de ultraje! O barbaro *Dumas*, depois de lhe dizer que se não queria arriscar a pedir aquelle favor ao tribunal, mudou de tom, olhando para ella com olhos impudicos. « Então « (lhe disse elle), suppões que é uma grande desgraça para « ti, o ver-te livre de um marido insupportavel, que te deixa « com a sua morte toda a liberdade de empregar mais util- « mente os teus encantos?» Um raio, que cahisse sobre a desgraçada esposa de *Lavergne*, não podia fazer uma impressão mais forte no seu espirito; do que fizeram as expressões atrevidas deste malvado. Levantando-se com furor, deo um grito espavorido ao insulto, o qual a fez lembrar do que tinha recebido na Junta da Segurança geral. « Justo céo (cla- « mou ella), é possivel que eu não encontre hoje senão ho- « mens atrozes! Ah monstro! (accrescentou ella, voltando- « se para *Dumas*, já não pretendo nada, não tenho precisão « dos teus favores, eu te espero no tribunal, onde tu verás « se tenho merecido o ultraje, com que acabas de me insul- « tar. » Madama *Lavergne*, a quem tudo o que respirava, se tinha tornado odioso, tomou desde este momento a resolução de morrer. Fortificando-se nesta resolução, foi para o tribunal, confundio-se na multidão do povo, e esperou em silencio a hora da audiencia. O seu esposo é chamado, levam-o sobre um colchão, fazem-lhe algumas perguntas, a que elle respondeo com uma voz moribunda, e sem embargo disso foi condemnado á morte. Madama *Lavergne*, levantando no mesmo momento os braços, clamou muitas vezes: *Viva El-Rei!* Disseram-lhe de toda a parte, que se calasse; mas quanto mais a instavam, mais agudos e mais repetidos eram os seus clamores. Chamou-se logo a guarda, a qual a levou presa, cercada de immensa gente. Emquanto desceo a escada e atravessou o pateo para chegar á sala, onde lhe deviam fazer os interrogatorios sobre aquelle procedimento, não

cessou de clamar: *Viva El-Rei!* Perguntada pelo accusador publico sobre os motivos da sua conducta, respondeo, que obrára com muita reflexão, e premeditadamente; « e afim « (accrescentou ella) de vos persuadir disto mesmo, sabei, « que não foi por um sentimento exaggerado e digno de in- « dulgencia, que eu fallei assim; pois que meu marido é ve- « lho e eu moça. O desejo do governo do rei é o unico mo- « tivo, que me determina a conduzir-me deste modo, e per- « sisto no voto, que acabo de fazer publicamente, e que fa- « rei até á morte.»

Uma declaração desta natureza era sem réplica. Poucos momentos depois que se lavrou o auto de prisão, Madama *Lavergne* compareceo diante do tribunal, fez a mesma confissão, e foi condemnada á morte. Uma doce serenidade se patenteou desde este instante no seu semblante; e dispoz-se para a morte com tanto socego, quanto o seu coração estava satisfeito Esta mulher sublime foi a primeira que subio para o carro, e pedio que a puzessem de modo, que pudesse ver seu marido. Este velho tinha perdido os sentidos no momento da partida; de modo que o estendêram por morto sobre uma pouca de palha, com a cabeça aos pés da sua esposa. Os saltos do carro rompêram a sua camisa, e deixáram-lhe a barriga exposta aos raios do sol, que era então bastante ardente.

Madama *Lavergne* pedio ao executor, que tirasse um alfinete do lenço della, e que pregasse a camisa de seu marido. Este infeliz esposo recobrou os sentidos; Madama *Lavergne*, aproveitando-se deste momento para lhe dizer o ultimo Adeos, chamou-o. *Lavergne* fitou a vista sobre ella. « Não « te atemorises (lhe disse então esta mulher extraordinaria), « é a tua esposa quem te falla; tu sabes, que eu não podia « viver sem ti; nós vamos morrer juntos. » Os olhos do infeliz velho arrazáram-se então de lagrimas, e inchou-lhe o peito; mas pouco tempo depois, teve ainda forças para exprimir á sua virtuosa esposa os sentimentos de gratidão de que era penetrado a seu respeito. Madama *Lavergne* foi a unica, que comprehendeo as suas ultimas expressões. O cadafalso, que os devia separar, reunio-os para sempre!

A esposa de Mr. *Dudon*, procurador geral do parlamento de Bordeos, gemia afflicta pelo perigo, que ameaçava seu marido, preso desde o estabelecimento da Commissão revo-

lucionaria nesta cidade, quando soube, que se tinham livrado muitos proscriptos da morte á força de dinheiro. Toda a sua fortuna consistia em cem luizes de ouro, que salvára do sequestro da sua casa. Sem embargo de ter precisão deste dinheiro para sustentar a sua familia, foi offerece-lo pela liberdade de seu marido. *Lacombe*, presidente da Junta revolucionaria, acceitou a offerta. Esta infeliz foi buscar o dinheiro transportada de alegria, e levou-o ao agente do presidente, mas a pressa com que o tirára do lugar onde o tinha escondido, fez com que lhe ficassem lá nove luizes. O infame agente contou o dinheiro, e vendo que faltavam nove luizes, enfureceo-se, insultou-a, e disse-lhe que os fosse buscar immediatamente, se não queria ver seu marido guilhotinado.

A consternada esposa correo a toda a pressa a casa, e trouxe os nove luizes; mas o infame *Lacombe*, desde que pilhou toda a somma, enfureceo-se, e disse, que queria mil luizes. Seria impossivel exprimir o espanto e a afflicção, que esta pérfida proposição causou á infeliz senhora; sobre tudo, quando lhe disseram, que veria conduzir seu marido ao cadafalso, se não apromptasse este dinheiro no prazo de tres dias. Que cruel alternativa para uma pessoa, que não podia ajuntar a somma pedida! Ella supplicou chorando, que lhe dessem tempo, dizendo, que como os seus bens estavam debaixo de sequestro, não podia achar quem lhe emprestasse nada, emquanto seu marido não estivesse em liberdade. Vãs súpplicas! Responderam-lhe que se não tivesse o dinheiro prompto no terceiro dia, veria guilhotinar Dudon no quarto. Mma. Dudon corre consternadissima a casa de todos os amigos de seu marido e dos capitalistas mais ricos que conhecia, implorando a beneficencia de uns, e tentando com promessas de lucro a cobiça de outros; mas todos foram surdos ás suas lagrimas e ás suas supplicas. A infeliz esposa, depois de milhares de tentativas inuteis foi no terceiro dia lançar-se aos pés do seu verdugo, pedindo-lhe em nome da humanidade, da justiça e da compaixão, que lhe désse mais um dia de espera. O tigre, que ella implorava, respondeo com estas palavras dirigidas ao seu agente : « Eu vou para o tribunal, « virás dizer-me se te entregáram a somma.» Dito isto, despedio a esposa de Dudon, a qual vendo, que não podia livrar seu marido da morte, ficou tão desesperada, que rompeo em

gritos horriveis. Chegada a hora da audiencia, o agente de *Lacombe* foi dizer-lhe que não recebêra o dinheiro. O barbaro presidente fez comparecer immediatamente Dudon, e condemnou-o á morte.

Entre os pedaços curiosos de um folheto publicado por *Louvet*, deputado do partido da Gyronda, em que descreve os perigos, que correo, quando fugia á proscripção de Marat, o mais curioso é o que encerra as particularidades dos meios que sua mulher empregou para o livrar das perseguições dos seus inimigos. « Ouve (me dizia a minha esposa), resta-nos « ainda uma consolação, que nos não podem arrebatar, a « de morrermos juntos. Eis aqui o meu plano. Eu alugarei « ámanhã uma casa em um dos arrabaldes de Paris, dizendo « que sou solteira, onde te prepararei um escondrijo. A po- « licia ha de indagar miudamente quem eu sou, e posto que « não suspeite que te dou asylo, bastará que conheça, que « sou tua esposa, e a companheira dos teus trabalhos, para « me conduzir ao cadafalso; mas nesta extremidade eu terei « como tu animo para os privar desta satisfação, matando- « me pelas minhas proprias mãos. Entretanto podemos es- « capar oito dias, quinze, e talvez um mez, ou dous. O' meu « amigo! Neste curto espaço de tempo podemos nós viver « mais do que muita gente, que morre velha. » Eu a abra- « cei, apertando-a ternamente contra o meu coração, e os nossos olhos derramavam lagrimas deliciosas, que attesta- vam o doce sentimento que nos animava. « Todavia (lhe disse « eu), póde succeder, que chegues a ver-te livre de mim, e « que a vida te seja então menos pesada ; que com o tem « po...»

« Que mal te fiz (interrompeo ella inquieta), para me in- « sultares deste modo? Eu juro (disse ella, pondo as mãos, e « levantando os olhos para o céo), eu juro, que a vida é um « tormento para mim, sem a tua companhia, e um tormento « insupportavel. Se me visse só, morreria desesperada. Ah! « permitte-me que morramos juntos. » Minha mulher apres- sou-se a executar o seu projecto; alugou uma casa, para on- de eu fui viver com ella, ainda antes de dispor o escondrijo, que me preparava. As bellas mãos da minha *Ladoiska* (é o nome que Louvet tinha dado a sua mulher), estas mimosas mãos não tinham maneado nunca a enxó, a plaina, e a tro- lha, e sem embargo disso, preparam-me um escondrijo de

madeira e cal, tão bem imaginado, e trabalh do com tanta arte, que podia passar por uma obra dos melhores mestres deste genero. Em uma palavra, a parede estava tão igual, que era impossivel conhecer o que escondia, se se não soubesse anticipadamente. Se alguem batia á porta, minha mulher não a abria, antes de me dar tempo para me esconder mansamente. Eu tinha no meu escondrijo uma cadeira, as gazetas do dia, uma vela, e um phosphoro para a accender sem estrondo. Como nós tinhamos visinhos ao lado, e por cima, forrámos as paredes e o tecto com tapessarias, para que me não percebessem, quando passeiava. Minha mulher, em tudo engenhosa, fez-me çapatos de baeta com palmilhas de clina. Com tudo, estas precauções, e outras muitas menos consideraveis, que tomámos, não podiam pôr-nos inteiramente ao abrigo de uma ordem da Junta da Segurança geral ou da municipalidade. « Se baterem á porta de noite « (me disse a minha estimavel companheira) não a havemos « de abrir, nem disputar um instante á morte a preza, que « ella procurar. Desde que os satellites da tyrannia arrom- « barem a primeira porta, ainda precisam arrombar mais « duas bem atrancadas. As tuas pistolas estão á cabeceira da « cama, não para os assassinos, mas para nós. Pelo menos « teremos tempo para nos matarmos; supplico-te que me dei- « xes morrer antes de ti. Quantas vezes adormecemos quasi « certos de que não haviamos despertar, senão para passar- « mos a um somno perpetuo! Quantas vezes os visinhos, que « se recolhiam tarde, nos faziam despertar em sobresalto, « batendo fortemente ás suas portas! Quantas vezes pegámos « nas pistolas, e nos abraçámos, julgando que nos diziamos « o ultimo adeus? »

Louvet deveo a vida á ternura activa de sua esposa, a qual desde esta circumstancia, até que pôde apparecer em publico sem susto, não cessou de o subtrahir á vingança dos seus inimigos.

Entre os presos estrangeiros da cadeia de Plessis, havia um mancebo gentil, casado com uma mulher moça e bella, que elle amava com excesso. Tão inseparaveis na desgraça, como o tinham sido no tempo da sua felicidade; estes dous esposos lisonjeavam-se de que o mesmo golpe reuniria ás suas almas, terminando no mesmo tempo a existencia de ambos; e a esperança de uma reunião eterna suavisava os

horrores, que os cercavam de todos os lados. Um dia em que a esposa passeiava em um pateo interior da prisão, ouvio chamar por seu marido; presentindo o signal da sua morte, correo para elle, e acompanhou-o. O carcereiro se oppoz a esta resolução, mas ella o lançou por terra, e apertando o marido entre os braços, gritou, *que o queria acompanhar, e morrer junto com elle.* Os guardas a separavam do objecto do seu amor. « Barbaros! (exclamou ella então) enganais-« vos, se pensais que tendes força para me privar da sàtisfa-« ção de acompanhar meu marido na morte. » Dito isto, lançou-se contra a porta da prisão com tanta força, e deo uma pancada tão forte com a cabeça, que cahio sem sentidos, e expirou passados alguns minutos.

Madama de Monchy, vendo prender o marechal de Monchy, seguio-o, e quiz ficar presa com elle. Dizendo-lhe os guardas, que a ordem de prisão era sómente para o marechal, respondeo : « Pois que meu marido está preso, tam-« bem eu estou. » Quando o marechal foi conduzido ao tribunal revolucionario, acompanhou-o, e dizendo-lhe o accusador publico, que ella não era chamada, respondeo : « Pois « que meu marido é chamado, tambem eu o sou.» Depois da sentença de morte, pronunciada contra seu esposo, subio com elle á carreta, e representando-lhe o executor, que ella não era condemnada, respondeo : « Pois que meu marido é « condemnado, tambem eu o sou.» Tal foi a unica resposta desta mulher extraordinaria, a qual teve a satisfação de morrer com aquelle, que não cessára nunca de amar.

A mais compassiva de todas as scenas, que se observavam a cada passo, era a que offereciam constantemente as esposas, que de todos os bairros de Paris se transportavam ao Jardim do Luxembourgo, para esperarem a occasião de verem por momento ás janellas da prisão os doces objectos da sua ternura. Não havia nada que as pudesse apartar deste sitio: passavam dias inteiros expostas ao rigor do tempo, soffrendo, umas vezes a chuva, e outras o frio, ou um calor excessivo, segundo a ordem das estações. Muitas pareciam, como Niobé, transformadas em rochedos, petrificadas por uma temperatura gelada, á espera do momento de verem os esposos; a sensibilidade produzia effeitos tão fortes em algumas, que cahiam desmaiadas quando elles se offereciam á sua vista. Houve tempo em que todo o signal exterior de senti-

PORTUGAL.

CORRESPONDENCIA DO JORNAL DO COMMERCIO

O incidente de Cascaes. Corridas de cavallos em Cintra. Occorrencias diversas.

Lisboa, 6 de outubro de 1873.

Tarde se desvaneceráõ o sobresalto e commoção causados em Lisboa e em todo o paiz pelo terrivel incidente, occorrido eêrca do Cascaes no dia 2, que por pouco não custou a vida a S. M. a rainha D. Maria Pia e seus augustos filhos, o principe real D. Carlos Fernando e o infante D. Affonso Henrique. Entre o pharol da Guia e a caverna denominada *Bôca do Inferno* existe á beiramar um lago, ou pégo chamado a *Meixocira*, da profundidade de tres metros pouco mais ou menos, que em dias de mar revolto offerece um expectaculo, ao mesmo passo horrivel e magnifico. S. M. a rainha, que é dotada de animo verdadeiramente varonil, quiz admirá-lo de perto, e neste intuito para alli se dirigio, acompanhada de seus filhos, das damas D. Gabriella de Sousa Coutinho e D. Maria Thereza, e do veador visconde de Mossamedes. Para lhes indicar o trilho fôra mandado chamar o pharoleiro da Guia, moço valente e resoluto. Ainda bem não havião chegado ao fim do enorme fraguedo, uma onda envolve e arrasta para dentro do pégo as innocentes crianças. A rainha precipitou-se á agua, e logrou colher, nadando, o infante D. Affonso. A esse tempo o pharoleiro, galgando por sobre asperrimas penedias, conseguira segurar o principe D. Carlos, pondo-o a salvo, e volvendo em seguida á rocha, onde os vagalhões se succedião a curtos intervallos, salvou a rainha e o infante, indo depois buscar a dama D. Gabriella de Sousa, que esteve em maior perigo no lago. A dama dos principes perdêra os sentidos. Todos concordão em que á Providencia divina, que visivelmente protegeu neste lance a regia estirpe, e ao bravo pharoleiro deve Portugal não ter de sentir uma desgraça irreparavel, e o bondoso monarcha, que na occasião do sinistro se achava na Ajuda, poder ainda apertar ao coração a virtuosa esposa e os filhos adorados.

A sr.ª D. Maria Pia, que nem um momento perdeu o accôrdo e serenidade, agradeceu ao intrepido rapaz, em termos calorosos, o serviço que prestára; mandou-o depois gratificar com 40 libras, e parece que lhe estabelecerá uma avultada pensão mensal. S. M. el-rei agraciou-o com o primeiro grau da ordem da Torre e Espada, que bem merecêu pelo seu extraordinario arrôjo e dedicação.

A 4, rezou-se na igreja da Misericordia de Cascaes um solemne *Te Deum*, em acção de graças por terem a rainha e seus filhos escapado ao perigo em que estiverão. Foi mandado celebrar pelas pessoas gradas da villa e outras alli eventualmente residentes. Amanhã deve celebrar-se

mento, era olhado como um crime; estas sensiveis e intrepidas esposas recorreram então a differentes meios, para mostrarem a seus maridos a afflicção que as consumia. Uma apresentava-se com o innocente filhinho nos braços, banhando-o com as suas lagrimas, e offerecendo-o assim á vista de seu pai. Outra, para poder lamentar a desgraça de seu esposo, vestia-se de trapos, fingindo-se pobre das portas; assentava-se todo um dia junto de uma arvore, donde o pudesse ver de tempos a tempos, e mostrar-lhe, que não havia nada que a pudesse consolar na sua consternação. A situação destas virtuosas esposas, tornou-se ainda mais compassiva, quando os tyrannos mandáram cercar a prisão com um ripado, para evitar toda a communicação com os presos; e ainda mais, quando deram uma ordem barbara ás sentinellas do Jardim, para que não consentissem pessoa nenhuma parada neste sitio. Ellas recorreram nesta extremidade ao unico expediente que lhes restava, que era o de atravessar muitas vezes o Jardim, olhando a furto para os muros do edificio, que escondia os ternos objectos do seu amor.

Que quadro mais compassivo do que o de uma esposa, que depois de ter tentado inutilmente todos os meios para ver seu marido preso na cadêa de Plessis, se unio á porta desta cadêa, onde se conservou quarenta e oito horas de pé, sem comer, nem beber, exposta a todas as injurias do tempo, até que cahio sem sentidos, tanto por causa da sua excessiva fraqueza, como pelo effeito da terrivel afflicção que a atormentava. Ella ficou 4 horas estendida por terra nesta triste situação, sem que o cruel carcereiro, e a gente que passava, lhe dessem algum soccorro.

Madame *Rebaut-Saint-Etienne*, não podendo sobreviver á morte deploravel de seu marido, se precipitou em um poço, para pôr termo á terrivel situação em que se achava.

Mamdama *Camillo-Desmoulins*, tão amavel, como sensivel, a quem o desgosto da vida, e o desejo de se ir ajuntar com seu infeliz esposo, inspiráram tanto valor e firmeza, que causou admiração aos seus proprios algozes. Quando se instruia o ridiculo processo, que a condemnou á morte, como conspiradora, surria-se algumas vezes com a ingenuidade da innocencia, da extravagancia dos interrogatorios que lhe faziam. Quando ouvio a sentença de morte, exclamou: « Eu « terei logo a satisfação de me ir ajuntar com o meu querido

« Camillo! Deixando esta terra, onde não posso já possuir o « que me ligava á vida; sou menos infeliz do que vós (ac- « crescentou ella, voltando-se para os seus juizes), porque « vós sereis devorados pelos remorsos, que acompanham o « crime, até que uma morte infame vos arrebate a existen- « cia.»

Antes de ir para o cadafalso, preparou-se como quem tinha de fazer uma visita de ceremonia, e toucou-se com um lenço de garça, mais branco do que a neve, que lhe dava muita gentileza, fazendo sobresahir o seu cabello negro. Subio para o carro com um ar tão risonho, que parecia que ia para uma festa. Pelo caminho conversou alegremente com um mancebo, que ia ao seu lado; e quando chegou ao lugar do supplicio, subio ao cadafalso, e offereceo o pescoço á guilhotina com tanta serenidade de espirito, que causou admiração.

Da mulher como filha.

Do poema da Compaixão (*la pieté*), de *Delille;* traducção do meu amigo o *Visconde da Pedra Branca*:

Quem não conhece que delicia pura
A natureza unio á voz do sangue?
Fidelia o prova, cujo amavel nome,
Ao porvir foi por Addison levado.
Na infancia sua mãi roubou-lhe a morte,
Mas offerecia ao pai vivo retrato
Nas mimosas feições, no ar suave.
Esse pai que d'amor a idolatrava.
. . . . . .
D'um amante adorada, qual a Nympha
Que para ornar-lhe a corte amor buscava,
Seus attractivos ella mesma admira,
Mas o amor filial, a amor vencia.
Curar das precisões de um pai querido
Farta aos cuidados se não farta o peito!
A tão gratos serviços dedicada
Os misteres do velho servo inveja.
Tocam-lhe o terno orgulho, humildes prestimos.

por terem a re[illegible]
rigo em que estiver
pelas pessoas gradas
tualmente residentes.

(na Bahia)
(Abril de 1856)

D. Joaquina Pestana natural de Angra dos Reis, Provª do Rio de Janrº. afeiçoou-se ao Pharmaceutico Pedro Jz. de Araujo Pamplona Corte Real, tão bem da mª localidade e como as circumstancias de seu amante não permittisse legalisar o amor mantiverão na mais firme cordialidade durante 8 annos na esperança de realisarem o seu consorcio q. seu amante podesse effectualo, e q. effectivamente aconteceo.

Depois do casamto. vivião essas 2 almas tão identificadas q. q. um queria a outra appellidalhe os desejos. Não lhes offerecendo vantagens a permanencia em Angra dos Reis mudarão q. a capital do Imperio e Pamplona se foi estabelecer com Botica á rua do Hospicio nº 117, e alli vivião as duas esposas na mais perfeita concordia, mas enfermidade acommettendo ao pharmaceutico Pamplona o levou a cama e Sua esposa o rodeava de caricias e cuidados, e se aggravava o mal o medico desesperou da cura q. Pela impotencia dos seus recursos e Pamplona [illegible] em agonia.

Sua esposa, vendo seu desenganado aproximase do unico ente a quem amou na terra, fitalhe os olhos congestos de sangue e com voz dolorosa lhe diz: — meu coração foi todo teu, e não amará a mais nin[illegible]

Reti[illegible] q. um quarto deitase e [illegible] rede com a cabeça e mais logo D. Joaquina Pestana Corte Real era um cadaver.

Seu marido falecendo minutos depois foram ambos justos a presença de Deos e seus cadaveres um atraz do outro seguirão q. [illegible]

(1852)

Minas-Geraes de Ouro-Preto, em data do 1º do corrente, refere o seguinte:

Ha tres annos, pouco mais ou menos, veiu para esta capital, de um dos mais remotos pontos da provincia, um homem já de maior idade, cumprir a pena de galés perpetuas que lhe fôra imposta pelo jury.

Sua mulher, que bem comprehendeu a sublime missão da mulher esposa, não quiz separar-se delle, tomou uma filhinha de tres a quatro annos acompanhou-o na longa viagem que fez, e aqui mendigando o pão á caridade publica, prestava-lhe soccorro, e mitigava o horror de sua triste posição.

Muitas vezes as vimos seguindo o condemnado e indo com os outros ia para o trabalho.

Muitas outras vimos o pobre pai, ao recolherem-se os galés, trazer no braço uma alegre criança, que innocentemente sorria ao tinir das correntes.

« E esse quadro nos apertava o coração.

« Se o Imperador o observasse, compassivo como é, talvez fizesse baixar um acto de clemencia sobre esse desgraçado, cujo crime ignoramos.

« Ultimamente a pobre mulher adoeceu gravemente, e no hospital de caridade terminou uma existencia cheia de amarguras.

« A menina, ficando inteiramente ao desamparo, foi acolher-se ao palacio do governo.

« O Sr. presidente da provincia não podia ser insensivel ao espectaculo de tanta infelicidade em tão tenra edade.

« Acolheu-a, e entendendo-se com a superiora do collegio ds irmãs da caridade em Marianna, fez recolher apobre orphã áquelle santo asylo, pedindo ao mesmotempo ao Sr. bispo diocesano que se dignasse tomar sob sua alta protecção aquella infeliz.

« S. Ex fez ainda mais: servindo-se da autorisação concedida por uma philantropica lei mineira, mandou depositar na caixa economica a quantia de 100$ destinada para o seu dote, visto como estando seu pai civilmente morto, deve ella ser considerada orphã.

« E' bem limitada essa quantia, mas ainda assim, capitalisados os juros, daqui a 10 ou 12 annos póde bem servir-lhe ao menos, para o seu enxoval nupcial.

« Honra seja feita á assembléa mineira que promulgou uma lei tão humanitaria, e que tão docemente mitiga os amargores da orphandade. »

Ella mesma a seu pai dava os vestidos,
Faz-lhe o comer, o banho lhe prepara;
De joelhos o calça, e ella mesma
Lhe pentea a madeixa encanecida.
Ao pé lhe punha os moveis favoritos,
E os amigos da infancia, os caros livros.
Conquistas meditando, quando as bellas
Para o baile e o festim se aderessavam.
Ella ao canto do lar, junto ao seu velho,
Lhe ouvia a historia dos guerreiros feitos.
Dansava, ou já na cythara cantava
Velhas arias qu'outr'ora o encantáram.
Ao leito o conduzia, e á cabeceira
Velando, attenta o somno lhe espreitava.
Ella á mesa lhe punha, e do cheiroso
Nectar das plantas d'Asia o aquecia
De balde seus amigos lhe diziam
— « De fastio piedoso em leis austeras
Ha de ir-se a mocidade supportando
Ignara d'hymeneo, viuvez triste?
Segurai esses rapidos instantes
Vós os lamentareis, porém já tarde :
Qual relampago, vai-se a juventude,
Tristes deveres aligeire o esposo.» —
« Ai! minha mãi morreo (dizia), e a morte
« Do já cansado pai confiou-me a guarda
« Deleite a multidão prazeres futeis,
« No prazer evitar, minha alma goza,
« Gozo quando deixando o somno vejo
« Um raio d'alegria em seu semblante;
« Gozo quando a leitura á noite alongo
« E junto ao leito lhe adormento as dores.
« Gozo de dia, quando no meu braço
« Apoiado, lhe ajudo os debeis passos.
« Em novos laços prêsa a mocidade
« Repartindo entre objectos dois queridos
« De meus cuidados parte amor lhe obstara.
« Amando-o tanto, menos o servira.
« De minha mãi pela alma juro; nunca
« Haverá de meu pai, quem me separe.»
Assim fallava; e assim possa meu canto
Nutrir, firmar tão puros sentimentos.

Salomão, entre os grandes preceitos que dá a seu filho, lhe recommenda instantemente, que honre a sua mãi, e lhe

abrace os conselhos, para que elle viva longos annos sobre a terra.

O mundo abunda, diz o Snr. *Cantú*, de bençãos derramadas sobre os filhos, que honráram seus progenitores, e lhes prestaram os mais disvelados e affectuosos serviços, e sacrificios.

Entre nós, conhecemos tantas pessoas sensiveis, tão caridosas, e tão amigas de seus pais, que não só se teem compromettido por amor delles, como mesmo se exposto a sacrificios. Convinha aqui exemplificar, chamando pelos nomes a essas heroinas do amor filial.

A Snra. F., na Bahia, por occasião da revolta de 7 de novembro de 1837, estando occulta com seu pai; foi, não sabemos por que motivo, descoberto, e quando o vinham prender um dos da diligencia, enrostando a arma para lhe atirar, a bella filha antepoz-se, e com voz supplicante disse: « Ma« te-me antes a mim, que a meu pai. » Contáram-nos varios casos de verdadeiro amor filial por essa occasião, de senhoras, a respeito de seus pais.

Durante a revolução franceza, Mlle. *Carotte*, era filha unica de um pai, que na época da revolução contava setenta e dous annos, passados em acções virtuosas. A amizade que este homem velho tinha com *Laporte*, intendente civil, foi a causa da sua desgraça. Sendo preso por se acharem cartas suas entre os papeis do seu amigo, foi encerrado com sua filha na prizão da *Abbadia*, depois do dia 10 de agosto. Mlle. *Carotte* foi julgada innocente, e solta alguns dias depois; mas não querendo separar a sua sorte da de seu pai, esta virtuosa donzella solicitou, e conseguio, o favor de ficar com elle.

Na vespera do funesto dia 2 de setembro, que foi o ultimo para muitos homens da França, Mlle. *Carotte* interessou tanto com os encantos da sua figura, e com o calor dos seus discursos os Marselhezes, que faziam a guarda da prisão, que a ajudáram a guardar a vida de seu pai.

Muitas vezes chamaram fortemente por Carotte na horrivel noite de 2 de setembro, depois de 3 horas de continuados assassinios. A filha do desgraçado velho, conhecendo o perigo que o ameaçava, foi apresentar-se diante dos assassinos, que se dirigiam para seu pai. A sua belleza, e o seu valor suspendeo-os por alguns instantes. « Por que motivo estás tu

++ Um facto bastante me impressionou e cau-
-mou-me em minha pratica medica.
Era mais de mũa noite, em 1865, qdo
sou convidado p.ª ir a Chacara da Lagôa
de Rodrigo de Freitas, prestar os meus
serviços medicos ao proprietario
della o Sr Fran.co Rodrigues Ferreira
que estava em perigo de vida. Detalhe
~~que me apiasse da carroagem, estava~~
~~no Portão a mais extremosa das~~
~~filhas, q. desde muito alli se achava~~
~~na maior afliçaõ, a Senr.ª D. Carlota~~
~~L. Ferreira~~

A Senr.ª D. Carlota L. Ferreira, que
p.ª sua dedicaçaõ a seu pai, este se desvela-
va p.ª ella. O velho pai enferma
e ella redobrou em caricias. Seus
mal se aggravando, fui convidado
avelo e a extremosa filha que dese-
java com a presença do medico aliviar
os dores paternos, a cada instante
vem ao Portaõ, e cada minuto lhe
parecendo seculos, ao reconhecer
a carroagem debulhada em lagrimas
pergunta de longe ao cocheiro
O medico vem? E o apear-se ella
em lagrimas medis, venha sal-
var meu Pai.

« aqui preso com tua filha?» (perguntou um dos assassinos a Carotte.)

« Examinai o livro do carcereiro, se o quereis saber » (respondeo elle sem se perturbar).

Dous dos assassinos separáram-se, voltando alguns instantes depois, disseram que Carotte fôra preso por contra-revolucionario... Ainda bem estas palavras não foram de todo pronunciadas, quando um delles levantou o alfange para degolar o infeliz velho. A filha deo um grito horrivel, quando vio esta acção; lançou-se ao pescoço do pai, cobrio-o com o seu corpo, e sem se demorar em supplicas humilhantes, mostrou que pretendia unicamente, que a matassem primeiro a ella.

« Feri, barbaros ! (lhes disse esta virtuosa filha) vós não « assassinareis meu pai, sem me traspassardes primeiro o « coração.»

A' vista deste espectaculo, e a força com que a filha de Carotte exprimia o sentimento da natureza, supenderam o furor os assassinos, e fizeram cahir o alfange da mão do verdugo. Um delles disse, que lhe perdoassem, e esta voz foi repetida successivamente por outras. Os Marselhezes, que estavam de guarda á prisão, penetrando até o lugar onde se passava esta scena horrivel, arrebatáram as duas victimas das garras da morte (porque sem embargo dos homens que se inclinavam ao perdão, todos os outros eram inflexiveis), e retiráram-nas deste espectaculo de desgraça e de crime. Livres depois, foi Carotte preso de novo, por ordem do Tribunal Criminal, estabelecido pela lei de 17 de agosto. Que deligencias não fez este pai sensivel, para apartar a filha do designio de o seguir? Supplicas, instancias, ordens positivas, tudo foi inutil. « Se eu desprezei o furor dos assassinos que « vos queriam sacrificar (dizia ella), por que não tomarei « parte na vossa desgraça, quando ha menos perigo? A es- « perança de vos poder livrar da morte basta para me susten- « tar; eu mostrarei aos vossos juizes, o vosso semblante ru- « gado pelos annos; eu lhes perguntarei, se um velho, a quem « restam apenas alguns momentos de existencia entre os « seus semelhantes, não é digno de compaixão aos olhos da « justiça, depois de ter passado por lances tão crueis; se « aquelle, em fim, de quem os cabellos brancos poderam « desarmar os algozes e os assassinos, não deve achar nos ma-

« gistrados a indulgencia que inspira a humanidade? O gri-
« to da natureza se fará ouvir de novo, e talvez que eu vos
« possa arrebatar á sorte cruel, que vos persegue.» Um fu-
nesto presentimento embaraçou por muito tempo o pai, de
consentir na proposição de sua filha; mas vendo por fim que
ella se obstinava a quere-lo acompanhar, cedeo.

O consentimento do pai ficou inutilisado, porque o carce-
reiro não quiz que ella entrasse para a prisão; mas o desejo
de o acompanhar e de o servir, era tão forte, que não soce-
gou, emquanto não conseguio dos magistrados, com sup-
plicas, lagrimas e empenhos, a permissão que solicitava.
Ella ficou ao pé de seu pai, deixando-o só quando ia cuidar
dos meios da sua defeza, ou protecção para amaciar os jui-
zes do Tribunal Criminal. Ella interessou em seu favor até
os mesmos Marselhezes, que salváram antes a vida a seu pai;
e mesmo o empenho de algumas mulheres de valimento;
porém tudo foi baldado.

Carotte compareceo no tribunal encostado á sua filha,
quando foi chamado para ser julgado. A multidão immensa
de gente, que se achava na sala, não podendo presenciar um
espectaculo tão compassivo, sem se commover, manifestou
este sentimento por um sussurro de felicitação. Ella tinha os
olhos fixos em seu pai, como quem o queria consolar. Obser-
vou-se logo que principiáram os debates, e sobretudo no tem-
po que durou a leitura do processo, e o discurso do accusa-
dor publico, que a alma da filha de *Carotte*, parecia impressa
no seu semblante, manifestando sensivelmente os sentimen-
tos diversos de esperança e de temor que a agitavam. Ella
manifestou por differentes vezes desejo de fallar, porém seu
pai, antes de comparecer no Tribunal, tinha-lhe recom-
mendado que não fallasse, e um signal de reprovação da sua
parte bastava para a obrigar ao silencio. Filha desgraçada, a
quem o amor filial fez testemunha do mais horrivel lance!!
Ella teve a dor de ouvir as terriveis conclusões do accusador
publico, que presagiavam a condemnação de seu pai. Pallida
e tremula, não havia já nada que a pudesse sustentar, á ex-
cepção da voz daquelle, que ella amava com tanta ternura.
Carotte disse-lhe algumas palavras em voz baixa, mostran-
do-lhe o céo, para onde as suas vistas se voltáram ao mesmo
tempo, e estas expressões religiosas poderam soccorre-la.
Alguns instantes antes que pronunciassem a sentença do

pai, fizeram-na sahir da sala. Esta scena foi tão compassiva, que enterneceo e fez gemer quasi todos os circumstantes.

Parecia que esta infeliz, tinha communicado a sua dôr a todas as almas; desde que desappareceo da vista dos circumstantes, desde que os seus gemidos cessáram de penetrar nos corações das pessoas, que se interessavam por ella, entregou-se inteiramente a uma consternação difficil de descrever. O momento desta terrivel separação, foi o em que a filha de *Carotte* vio seu pai pela ultima vez. Permittio-se a algumas pessoas que se interessavam na sua sorte, que entrassem na prisão para a tirarem deste lugar de horror. Succumbindo então aos horriveis presentimentos de condemnação de seu pai, ella perdeo inteiramente os sentidos. Desde que os recobrou, cahio em uma terrivel desesperação, fazendo esforços para se escapar e ir morrer com seu pai no mesmo cadafalso. Vendo-se por fim cercada de pessoas da sua amizade, e observando a dôr e a afflicção, que ellas manifestavam, principiou a tranquillisar-se. Aproveitáram-se deste ensejo, para a conduzir ao seio da sua familia.

Mlle. *Sombreuil* gemia desde 8 dias com seu pai nas prisões da Abbadia, nos dias 2 e 3 de setembro. Já muitas pessoas tinham morrido ás mãos dos assassinos, e a ferocidade destes monstros, tornando-se cada vez mais medonha em presença de tanto sangue, procurava novas victimas. Entretanto, que tudo gemia á roda delles, fugindo da morte, Mlle. *Sombreuil* se lança entre os assassinos, que já arrastavam seu pai para o sacrificio. « Barbaros! (exclama ella) é meu « pai, suspendei!!! » A estas palavras, põe-se de joelhos e beija as suas mãos tintas em sangue. Umas vezes suspende o braço que quer cortar a vida de seu pai, e outras offerece-se ella mesma ao ferro homicida, cobrindo com o seu corpo o da amada victima, que os assassinos queriam sacrificar. Um heroismo tão generoso em uma donzella de tão poucos annos, e a quem a sua afflicção e as suas lagrimas tornavam ainda mais interessante, enterneceram por tal modo os assassinos, que por um instante suspenderam a execução. Mlle. *Sombreuil*, aproveitou-se deste momento favoravel, incita-os e applaca-lhes o furor: mas um dos assassinos põe um preço horrivel á vida de seu pai. « Bebe (lhe disse elle) um copo de « sangue, se queres salvar a vida de teu pai. » Mlle. *Sombreuil* ficou pasmada, quando ouvio esta cruel proposição;

mas a ternura com que amava seu pai, era tão forte em sua alma, que a determinou a acceitar.

« Innocente ou culpado (disse nesta occasião um dos que « faziam as funcções de juiz) eu creio que seria indigno do « povo derramar o sangue deste velho, porque é necessario « ao mesmo tempo matar esta donzella.»

Este discurso foi applaudido e acompanhado de um grito geral de perdão. A filha ficou tão contente, quando ouvio aquella decisão, que se lançou ao pescoço de seu pai, abraçando-o e se gloriando de o ter salvado. Livres, foram gozar da felicidade, que parecia ter-se-lhes mostrado, porque não durou muito, pois *Sombreuil*, pai e filha, foram presos novamente em dezembro do anno seguinte, e encerrados em uma das cadêas de Paris. O amor desta moça para com seu pai, foi cada vez mais forte, sem embargo das horriveis convulsões, que experimentava pelo espaço de 3 dias, em cada mez, desde que bebeo o copo de sangue, para livrar seu pai da morte.

Vivendo continuamente na prisão, e jámais se apartando do adorado ente, que lhe dera o ser, foi arrancada violentamente da cadêa, por ordem da Junta de Segurança geral, e ao apartar-se de seu pai, apesar do horrivel presentimento, que tinha, disse-lhe: « Não vos póde succeder mal, vós ten- « des sempre sido virtuoso, e a Junta, não póde deixar de « proteger a innocencia. Com tudo, se a perversidade de « juizes crueis e barbaros vos condemnar á morte, seguro- « vos, que não hei de sobreviver á vossa desgraça.» Era plano urdido contra o honrado *Sombreuil*; elle, logo depois foi decapitado. A infeliz filha, ficou na mais cruel e profunda situação, mil vezes peior do que a morte.

A marqueza de *Bois-Beranger*, estava presa em uma das cadêas do Luxembourgo com seu pai, sua mãi, e uma irmã mais nova. Mais occupada da sorte de seus pais, do que das suas proprias desgraças, a senhora *Bois-Beranger* não se apartava um só instante de sua mãi, desvelando-se em servi-la, e consola-la, com o maior cuidado e carinho. Os seus olhos não podiam apartar-se desta infeliz mãi, que a seguia para toda a parte, animando-a com o seu exemplo e com as suas palavras.

No dia em que intimáram a seu pai, a sua mãi, e a irmã, o auto da accusação, exclamou ella afflicta e consternada

desta preferencia : « Vós morrereis primeiro, e eu sou con-
« demnada a sobreviver á vossa morte? »

Esta infeliz macerava-se, e arrancava os cabellos, entregue á mais horrivel desesperação, abraçando successivamente o pai, a mãi, e a irmã, e repetindo com gritos espavoridos : « Nós não morreremos juntos ! ! »

No momento, em que a consternação de sobreviver á morte de seus pais, tinha exaltado a sua dôr até o ponto de a tornar furiosa, chegou outro auto de accusação, que designava tambem a ella. Desde o instante, que lh'o intimáram, cessou de chorar e de se affligir, passando repentinamente dos accessos de furor á transportes de alegria, que patenteavam os sentimentos do seu coração. Foi abraçar immediatamente a seu pai, sua mãi, e sua irmã, mostrando-lhes o auto de accusação, com signaes de tão grande contentamento, que quem não soubesse o motivo de seus transportes, devia suppor, que aquelle papel, era uma ordem de soltura para restituir a liberdade á toda a familia.

« Mamai (exclamou ella, mostrando-lhe o auto de accu-
« sação) nós morremos juntos. »

Ella se asseiou, como o poderia fazer para assistir a uma festa, e cortou as tranças dos seus cabellos. Quando sahio da prisão para o cadafalso, sustentou sua mãi, á quem o estado de fraqueza, á que se achava reduzida, e um grande abatimento, lhe davam apenas forças para se conservar em pé. « Consolai-vos (lhe dizia esta intrepida e extremosa filha),
« consolai-vos; vós ides ser feliz. Não vos affligaes, vós de-
« veis marchar para a sepultura, sem a menor saudade deste
« mundo; não só porque toda a vossa familia vos acompa-
« nha, mas porque ides receber a recompensa, que merecem
« as vossas virtudes. »

Esta mulher sustentou até á morte, os mais extraordinarios sentimentos de que é capaz uma filha sensivel.

Fougeret, rendeiro oppulento, por não querer dar 30 mil libras tornezas, para uma contribuição revolucionaria, foi preso, e suas 3 filhas regularmente iam 2 vezes por dia á prisão de seu pai para o visitar. Amado extremosamente por suas filhas, desejavam ellas compartilhar com seu pai de sua sorte. Seus votos foram acceitos, e ellas foram encerradas com seu pai na prisão : « Nós estamos satisfeitas (dis-
« seram ellas, com viva alegria). Nós pediamos todos os dias

« que nos prendessem, para fazermos companhia a nosso « pai; a sua innocencia nos tranquillisa, e nós o amamos « tanto! Ah! nós não devemos duvidar do seu triumpho.»

As lagrimas de alegria, que derramava esta virtuosa familia, por se ver junta, continuavam a correr sem se esgotar. « Minhas filhas! minhas queridas filhas! (dizia o pai a estas « almas sensiveis, abraçando-as com ternura) todos os meus « males se desvanecem, pois que gozo á satisfação da vossa « companhia. Agora desafio afoutamente a sorte, á que abale « a minha constancia.

Fougeret, alguns mezes depois, foi conduzido ao cadafalso. Mma. *Fougeret* annunciou a suas filhas esta triste noticia no dia do seu supplicio, dizendo-lhes: « Vosso pai foi execu- « tado.»

Os gritos espantosos e horriveis destas infelizes, fizeram conhecer a todos os presos a desgraça desta familia estimavel, que sem poder alliviar a sua pena, conserva com profundo respeito, a memoria de um pai, tão digno do amor de sua mulher, de suas filhas e de todos, por suas virtudes sociaes.

Mma. *Malizey* assistia com seu pai, mãi e uma irmã, a uma leitura de *Seneca*, sobre a brevidade da vida, quando lhe annunciáram ter chegado a hora de comparecer no Tribunal Revolucionario, para ouvir a sua sentença de morte. Depois de ter visto entregar a seus pais e a sua irmã o auto da accusação, e de os abraçar, entrou animosamente n'um corredor, seguida da sua familia, onde se achavam já muitos infelizes, esperando para serem transferidos, como ella, diante do tribunal de sangue. Vendo um velho septuagenario, que cedendo ao horror da morte, chorava como uma criança, encarou-o, e de um modo agradavel fallou-lhe assim:

« Que! vós sois homem e choraes? Eu não tenho menos « motivos do que vós, para me affligir, sou mãi de familia, « vou separar-me para sempre de meus filhos, tenho aqui « meu pai, minha mãi, e minha irmã, que vão soffrer a mes- « ma sorte, e com tudo isso não me afflijo com um acon- « cimento, que me reune para sempre a elles, e que nos le- « va á uma habitação, onde viveremos juntos para não nos « apartarmos nunca.»

Os presos, que a ouviam, tomáram-na como um anjo de

consolação, e o velho desde este instante enxugou as lagrimas. Quando ella ouvio a sua sentença de morte, observou-se-lhe tomar uma physionomia alegre; e ao entrar com sua familia na sala onde o executor os havia de ir buscar, tirou do seio uma tesoura e disse a sua mãi: « Quero cortar-vos eu « mesma o cabello; é melhor que este serviço seja feito por « vossa filha, do que pelo algoz.» O mesmo fez ao pai e irmã. Com a maior calma confortava a todos, e ao abraçar pela ultima vez a seu pai, disse-lhe com toda a candura : « Eu me « apertarei tanto comvosco, meu amado pai, que Deos me « deixará passar sem embargo de todos os meus peccados.» Ella indo ao lugar da execução, morreu tranquilla.

Mma. *Lachabeaussiére*, teve a infelicidade de associar-se com um homem perverso e ingrato, porque não só abandonou sua mulher, como teve a barbaridade de denunciar toda a familia, como contra-revolucionaria.

Este perfido, conscio do mal que fazia, levou *Lachabeaumiére* ao cadafalso. A senhora deste infeliz, sendo posta na prisão da Borba, em segredo, e as suas duas filhas, na de Santa Pelagia, tambem em segredo, aconteceo que a desditosa esposa do infame denunciante, foi para a prisão da senhora de *Lachabeaussiére*, para poder prestar algum serviço a sua desgraçada mãi. Bem que estivesse na mesma prisão, não podia fallar a sua mãi; porém observando a barbaridade com que a tractavam, affligiu-se tanto, que cahio em um frenesi, que a tornava louca por alguns intervallos. A's vezes os guardas tiravam a mãi do calabouço, onde estava encerrada, para fazerem-na aquecer por algum tempo ao lume, onde se iam aquecer outros presos. A infeliz mãi, encontrou um dia a filha neste sitio, a qual se precipitou a abraçá-la com tanta ternura, que se conservâram algum tempo assim sem poderem articular uma palavra sequer. Os signaes da loucura da filha, foram mais frequentes desde este encontro; podia dizer-se que era a Nina do amor filial. Uma situação tão terrivel, não podia deixar de affligir aos que a viam. Se trabalhava na costura, dava alguns pontos, depois levantando-se precipitadamente, corria aos corredores, e ia assentar-se á porta do calabouço de sua mãi; escutava com muita attenção, observando se sentia algum movimento, e exclamava afflicta: « O' minha mãi! minha terna e infeliz « mãi ! » Se sentia alguem andar, ou fazer algum movimen-

to, fallava-lhe e ficava horas inteiras estendida no chão. Sua voz suave exprimia no mesmo tempo, os accentos da dor e da loucura. Quando se assentava ao lume, olhava para toda a parte, e se não via ninguem, gemia e suspirava inquieta, soffrendo algumas vezes crueis convulsões. Chegava em alguns momentos a tão grande estado de alienação, que não podia tomar cuidado de sua propria pessoa; sem alinho, passava as noites ao desamparo. Todos os dias levava á sua mãi uma parte da sua ração, o que lhe conservava a vida, porque os guardas esqueciam-se muitas vezes della. Um dia que solicitava com expressões compassivas, que lhe abrissem a porta do calabouço de sua mãi, para satisfazer este acto de caridade e de amor filial, os guardas que estavam á mesa comendo um gato guizado, zombáram muito della, e disseram-lhe : « Nós, não somos criados de sua mãi; que espere se « quizer.»

As injurias destes esbirros, obrigáram-na a chorar.

« Tu choras (lhe disse então um delles); espera, eu quero « tomar a meu cuidado o abrir-te a porta da prisão de tua « mãi, mas com duas condições; a primeira é, que has de « comer um bocado de gato; a segunda, que has de beber « pelo meu copo.»

Ella lhe representou com muito bom modo, a sua repugnancia para comer o gato e beber vinho, que não tinha bebido nunca, mas o perigo a que se expunha por estar muito adiantada a sua gravidez.

« Se não fazes o que te digo (tornou o malvado cerbero), « não se abre hoje a porta da prisão de tua mãi.

Vendo ella, que não havia outro remedio, passou pela repugnancia e pela humilhação de satisfazer a estas duas condições, soffrendo as zombarias grosseiras e indecentes dos guardas, e assim mesmo esperou muito tempo primeiro que lhe abrissem a porta da prisão de sua mãi, para lhe levar o comer e passar alguns instantes com ella. Esta infeliz senhora, pario uma menina na prisão, e os guardas tiveram a deshumanidade de a não deixar ver sua avó.

Esta virtuosa familia salvou-se com a revolução, que levou ao cadafalso a Robspierre, e a seus infames partidarios.

Mma. de *Rozambeau*, succumbio tanto á força da afflicção, que lhe causou o supplicio de seu marido, que cahio em delirio. As consolações de seu pai, o celebre *Malesherbes*, e

as caricias de seu genro e de sua filha, não puderam moderar a sua dor. No dia em que lhe leváram o auto da sua condemnação e da de seu pai, fez um grande esforço, e antes de partir para o supplicio, foi ter com Mlle. *Sombreuil*, e fallou-lhe nestes termos: « Senhora, vós tivestes a fortuna de « salvar vosso pai, e eu vou ter a de morrer com o meu, e a « de seguir meu marido.»

Esta luz de razão durou pouco, porque esta infeliz creatura tornou para o seu estado de loucura, e assim foi suppliciada.

Delleglace, estando preso, devia ser transferido dos calabouços de Lião, para a Conciergerie de Paris; e sua filha, que o não desamparou nunca, desde o instante em que o prenderam. Esta estimavel filha, depois de fazer inutilmente todas as diligencias para que a admittissem no carro, que havia de conduzir seu pai, acompanhou-o por mais de cem leguas, que dista de Lião a Paris, não obstante a educação fina e delicadeza do seu sexo. Como o carro levava grande quantidade de presos, ia de vagar, o que dava a Mlle. *Delleglace*, tempo para se adiantar algumas horas, para ir pedir esmola, e preparar alguma comida para seu pai, no lugar onde o carro havia de parar ao meio dia. De tarde precedia-o igualmente algumas horas, para pedir alguma coberta com que lhe facilitasse o somno nos differentes calabouços, onde ia pernoitar. Chegando á porta da Conciergerie, empregou os mesmos meios de que já estava acostumada, que era enternecer a todos, e ao carcereiro se dirigio. Foi aos magistrados e juizes para desarmar-lhes o furor, com tanta constancia e bondade, que conseguio salvar seu pai. Contentissima, com a felicidade de ter ella só concorrido para conservação dos dias do ente á quem ella só amava neste mundo, puzeram-se a caminho para o seio de sua familia, e em viagem cahio Mlle. *Delleglace*, enferma, em uma estalagem, cedendo naturalmente á força das fadigas, á que se tinha entregado, morrendo nos braços de seu pai, que a pranteava loucamente, pela certeza que tinha no objecto que perdia.

A filha do duque de *Rochefaucault*, condemada á morte com seu pai, achou meios de se escapar com elle, subtrahindo-se ambos á execução de uma barbara sentença, que os condemnava á morte, para esperarem uma época mais fa-

voravel á justiça, que tinham direito de reclamar e conseguir.

A filha, depois de esconder o pai em casa de um artista, que em outro tempo fôra seu criado, buscou outro asylo para si.

Ambos viviam ao abrigo dos assassinos publicos; mas como os seus bens tinham sido confiscados, e a caridade cansa depressa, viram-se logo reduzidos á penuria. A filha no tempo em que principiava a experimentar os rigores da mais horrivel pobreza, soube que seu pai estava nu e morrendo á fome. Não o podendo soccorrer nestas crueis circumstancias, tomou a resolução de se sacrificar por elle. Sabendo que tinha chegado um general republicano á cidade onde ella se achava com seu pai refugiado, escreveo-lhe uma carta nestes termos:

« Cidadão general. — Em toda a parte, onde as vozes « da natureza são attendidas, uma filha tem direito de re- « clamar a sensibilidade dos homens a favor de seu pai. Con- « demnada á morte, com o que o céo me deo, eu tentei to- « dos os meios para o livrar da sorte funesta que o espera- « va; mas subtrahindo-o ao cutello dos algozes, eu me vejo « na impossibilidade de o poder alimentar. Meu infeliz pai, « de quem todos os bens se acham confiscados, geme actual- « mente na mais horrivel miseria. Sem vestimenta, nem « pão, e destituido de todos os recursos, a sua dasgraça che- « ga até ao ponto de não poder mendigar um bocado de « pão, implorando a comiseração publica, e apresentando « os seus cabellos brancos aos corações sensiveis, para os « interessar na sua desgraça. Meu pai, se não é logo soccor- « rido, morre de miseria no seu asylo; assim, o gosto de o « ter livrado do supplicio, vai mudar-se na terrivel afflicção « de o entregar a uma morte, muito mais cruel, do que o « cadafalso, a que nasce da nudez e da fome. Julgai, cidadão « general, se a minha infelicidade é digna de compaixão. « O unico meio que me resta, é o de recorrer á vossa ge- « nerosidade ; eu vos offereço a minha cabeça, entregando-a « á execução da sentença, que me condemnou, se vós me « prometteis de soccorrer promptamente meu pai, que se « acha quasi a ponto de expirar. Nesta mesma carta acha- « reis indicado o lugar do meu asylo, onde esperarei a morte « contente, se puder ter a certeza de que vos compadeceis

5

A Senr.ª D. Francisca Princeza de Joinville, filha do Sr. D. Pedro 1º do Brasil era m.to amante de passaros. Em um dia anniversario do natalicio de seu pai, vendo que ninguem mais se lembrava de o commemorar chia de vivissimas saudades disse: já q' não posso de outro modo festejar o dia em q' meu pai nasceo, o festejo eu dando liberdade antes innocentes que aqui os conservo presos p.ª destrahirme = e abrindo a porta do grande viveiro deixou q' sahissem todos os passaros.

« das minhas supplicas, e da deploravel situação do meu in-
« feliz pai. »

O general republicano, correo ao asylo, logo que leo a carta, e apresentou-se á filha de *Rochefoucault*, não como um amigo, mas como um protector, o qual não se dando por contente com soccorrer o pai, salvou a filha. Depois do dia 9 Thermidor, revisto o processo, foram absolvidos, e entráram no gozo de seus bens.

Conta-se que em Paris, todos sabem da historia de uma menina de 8 annos, que ia chorar por sua mãi todas as manhãs na Praça da Revolução. Esta interessante menina, tomava a precaução de se esconder em um canto; mas por fim foi observada pelas regateiras, que vendiam frutas naquelle sitio. « Minha mãi (disse ella a essas mulheres), minha boa
« mãi, que eu amava tanto, foi guilhotinada nesta praça. Ah!
« pelo amor de Deos, não digais que me visteis chorar, por-
« que se souberem, matam tambem a meu irmão e minhas
« irmãs.

Depois destas palavras, que exprimio com tanta candura, que fez chorar de compaixão, a todos que tinha em roda de si, retirou-se, e não voltou mais ao lugar. Algum tempo depois, soube-se que este anjo de ternura, tinha morrido de paixão, pelas saudades de sua mãi, no curto espaço de seis semanas.

Foi nas prisões de Lião, a consolação de um pai, até o momento de morrer no cadafalso, uma innocente criancinha de 5 annos.

Esta criancinha, ia todos os dias de manhã e de tarde, á prisão, onde fazia mil negaças para arrebatar a cruel melancolia, que causava a sua triste situação. Quando os carcereiros a não queriam deixar entrar, fazia-lhes tantos afagos, e instava com tanta graça, que lhe não podiam resistir. Quando algum dos guardas a não deixavam entrar, assentava-se á porta da prisão, até que a abrissem de novo á alguem, e escondendo-se então ao lado da pessoa que entrava, corria com toda a força pelos corredores até chegar ao quarto onde estava o pai, que o acariciava e beijava mil vezes, rindo-se para o alegrar, e chorando, quando o não podia tirar da profunda tristeza á que se entregava algumas vezes. Esta amavel creaturinha, parecia superior á sua idade, e enviada do céo á consolar o desgraçado; porque dava provas de que

conhecia a desgraça de seu pai, a necessidade de o arrancar á afflicção que o abysmava. Contava-lhe, para o distrahir, algumas vezes as novidades do seu bairro, e as anecdotas que succediam em casa das familias do seu conhecimento. Todos os presos a adoravam, admirando-a pelos meios de que se servia para lhes procurar alguma distração. Fazia alegremente os recados de todos, trazendo-lhes de fóra o que lhe encommendavam, fazendo admirar a todos os que a tractavam, o seu profundo amor filial.

Da mulher como irmã.

Diz um escriptor, que não ha sentimento generoso, que as mulheres não levassem á um gráo extraordinario de força e de energia nos tempos calamitosos da revolução franceza, do seculo passado. Igual aos outros, o amor fraternal produzio estupendos prodigios.

A irmã do livreiro *Gatly*, esperava tranquillamente a decisão da sentença, que decidia o destino de seu irmão e o seu. Senhora de si e do segredo que occultava o seu coração, tinha-se introduzido no meio dos assistentes, onde ninguem a via, mas ao ouvir proferir a sentença, que o condemnava á morte, gritou com grande exforço: *Viva El-Rei!* Sendo presa, disse, que assim o praticára, porque queria morrer com seu irmão. Deferindo-se-lhe a supplica, marchou para o supplicio, onde acabou a vida.

Antes que o dia 9 Thermidor, pozesse termo ás inauditas scenas de verdadeiro canibalismo, aconteceo entrar na prisão da rua de Seves, um esbirro, para chamar algumas victimas e levá-las ao cadafalso. Entre os nomes, pronunciou o de *Maillé*, que atravessando por entre aquellas desgraçadas pessoas que circumdavam as infelizes victimas da perversidade, se apresentou, esquecendo-se de si, para se lembrar sómente dos seus 4 filhos, que recommendou aos infelizes que a cercavam. O esbirro, tanto que a vio junto de si, leo todo o nome, que vinha por extenso na lista, designando-a com o indicativo de solteira. Não era ella a pessoa indigitada

pelo Tribunal, e o satellite dos juizes de morte, reconhecendo então o seu erro, perguntou-lhe a morada da pessoa designada na lista, que era sua cunhada. « Eu não desejo a « morte (respondeo Mme. *Maillé*), mas prefiro-a mil vezes « á vergonha de me salvar á custa de outrem. Estou prompta « para te seguir.» Mme. *Maillé*, foi livre como outros infelizes, em consequencia dos movimentos do dia 9 Thermidor.

A Princeza *Maria Thereza Izabel de França*, filha do Delfim, e de Maria Josefa de Saxonia, amava extremamente a seu irmão, Luiz XVI, e não querendo desampará-lo, e em uma occasião do dia 20 de junho, em que o tumulto se amontoava em roda della, e em que se ouviam ameaças de todos os lados, notavam-se algumas imprecações contra Maria Antoinette. « Onde está ella? (exclamavam alguns sediciosos.) « Queremos a sua cabeça! » A princeza *Izabel*, voltando-se então para os assassinos, apresentou o peito aos seus punhaes e disse-lhes com firmeza : « A rainha? ei-la aqui.» Observando, que alguns dos seus criados affirmavam, que não era ella, disse-lhes : « Para que os designaes? Não é melhor que « derramem o meu sangue, do que o de minha irmã? » Nas Torres do Templo, *Izabel* esquecia-se de si, para se occupar unicamente das desgraças de seu irmão, de sua cunhada, e de seus sobrinhos. Por muito tempo permaneceo presa esta infeliz senhora, e foi só em 1774, que ella ouvio a sentença de morte. Quando a conduziram para o cadafalso, os balanços do carro fizeram desprender e cahir o lenço, que lhe cobria o seio, e assim se vendo descoberta diante da multidão dos espectadores, disse para o carrasco : « Respeita o pudor; « cobre-me o seio. »

Quando os Jacobinos tomáram Lião, e uma junta militar condemnava á morte os desgraçados habitantes dessa cidade, entrou na sala do julgamento uma donzella, e fallou desta maneira, lançando-se de joelhos aos pés dos infames juizes : « De toda a minha familia já me não restavam senão meus « irmãos; vós tendes ordenado, que sejam arcabuzados. Ah! « pelo amor de Deos! determinai tambem, que eu morra com « elles. »

Esta triste supplica, que ella acompanhou com os mais horriveis signaes de desesperação, foi-lhe recusada. Vendo,

que lhe negavam esta funesta graça, foi-se atirar no Rhodano, onde morreu afogada.

Por esta mesma occasião, e nesta mesma cidade, as irmãs de um mancebo, que se achava preso, em vespera de ser suppliciado, venderam as suas joias, e compráram com o valor do seu producto, a permissão de lhe irem fallar á prisão, onde lhe leváram alguns instrumentos, que lhe facilitavam os meios de se escapar. Este mancebo, e mais quatro presos, se achavam em identicas circumstancias; trabalháram com tanta felicidade em limar os ferros da prisão, que puderam fugir. Vencida esta grande difficuldade, havia ainda outra, que era a de poder illudir a vigilancia dos melhores guardas que rondavam constantemente a cidade e os suburbios. As irmãs, vendo que lhes não era possivel fazer passar o preso com segurança pelo meio de tantos perigos, tinham preparado antecipadamente um escondrijo, onde o occultáram, até que as circumstancias lhes permittiram, que se puzesse em salvamento.

Em Nantes, uma donzella, foi ter-se com *Carrier*, para se elle interessar por seu irmão, que se achava preso. « Que « idade tem elle? (perguntou *Carrier*.) « Trinta e seis annos.» « Máo (replicou o perfido commissario da commissão nacio- « nal), deve morrer, e as tres quartas partes dos outros com « elle.»

Quando a consternada irmã, ouvio uma resposta tão deshumana e cruel, prostrou-se de joelhos, clamando contra a sua sentença barbara. O cruel *Carrier*, lançou-a fóra ás pancadas com a bainha da espada. Um instante depois deste evento, chamou-a, e lhe disse : « que livraria seu irmão « da morte, se ella consentisse na satisfação dos seus infames « appetites.»

« Eu sou sensivel aos sentimentos de honra (respondeo a « donzella, horrorizada de semelhante proposição), eu peço « unicamente justiça, e a justiça não se deve comprar por « uma infamia.»

Dito isto, retirou-se, e soube que, seu irmão fôra conduzido para Pambeuf, e lá morrêra no supplicio. Certa ella disto, em desesperação suicidou-se.

pag 144

Os Jornais do Rio de Janr.º de 17 de Dez.
de 1868 noticiaõ um facto admiravel p.
p.r uma menina de 11 annos, que espa
dos aqual foi narrado pelo seguinte

—Menina corajosa.—Escrevem-nos do Sacco de Mangaratiba:

« No domingo 6 do corrente á tarde andava de passeio perto do rio Araçá a esposa do Sr. Francisco Alves de Mello, com tres filhinhas, e mais duas crianças suas parentas.

« As crianças, reunidas, adiantárão-se no passeio, e sem que a Sra Mello percebesse forão collocar-se em cima de uma pinguela (ponte pequena que atravessa o Araçá).

« Quando a Sra. Mello conheceu de longe o perigo em que estavão as crianças, correu a ver se podia evitar algum desastre, pois sabia que a pinguela estava podre e incapaz de dar passagem. Era, porém, tarde, porque um menino havia já cahido ao rio, bastante fundo, e debatia-se com a corrente. Aos gritos das crianças espavoridas, e á vista de tal scena, a Sra. Mello não teve forças, desmaiou e cahio.

« Adelaide, do 11 annos, filha mais velha do Sr. Mello, ao ver sua mãi inerte e sem sentidos, as crianças a gritarem o o menino a ponto do afogar-se no rio, revestе-se de um animo varonil, e, pondo uma de suas irmãs ao pé da mãi, manda outra, a correr, dar parte ao pai, e depois segue ella rio abaixo, precipita-se no primeiro ponto accessivel na margem, e alli, mettida na agua até aos peitos, agarra-se a uma mouta de capim de Angola, e, confiando na Providoncia Divina, espera que chegue boiando o corpo da criança.

« Quando esta se approxima faz um esforço, lança-lhe a mão aos cabellos e a arrasta para terra.

« Acabava Adelaide de praticar este acto de coragem e heroismo, quando ouve a poucos passos gritos de gente que, já sciente do occorrido, vinhão em soccorro.

« Dahi a uma hora a Sra. Mello recuperava os sentidos, a criança estava salva das garras da morte, e a menina Adelaide era abraçada e victoriada por quasi todos os habitantes do litoral, que admiravão a coragem e energia de uma menina de 11 annos.

Da mulher como amante.

SACRIFICIOS PELO AMOR.

. . . . . .
Tu, só, tu puro amor, despir pudeste
Da estupida bruteza a humana especie;
Só tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

Sem ti insociaveis viveriam,
Nas escarpadas serras, embrenhados,
Ou nos sombrios, verde-negros bosques,
Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passariam
Em languido lethargo submergidas,
Té que o pungente estimulo da fome
Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amizade,
Prazeres suavissimos, só dados
Aos peitos generosos e sensiveis
Provar não poderiam.

As sciencias, as artes sepultadas
No seio da ignorancia inda jazeram,
Que inerte e froxo a nada se atrevêra
Um peito irregelado.

As bellas Marcias, as gentis Lycores
Em vão dos vivos olhos fuzilaram
Accesos raios com que audaz fulminam
Rebeldes esquivanças.

Suas vermelhas, engraçadas boccas,
Em vão meigos sorrisos soltariam
Tingindo as juvenis, mimosas faces
De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada mover os peitos poderia
Dos animados troncos.

Dos risos, e das graças rodeada,
Venus com farta mão não derramára
Em seus rusticos leitos brandas flores,
Flores que tu só colhes.

O gosto de abraçar a cara esposa,
De se ver renascer nos doces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.

. . . . . .

Ah! crê-me, Sousa, amor, amor, sómente
A nossa natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos gera,
Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expor a vida
Em defeza da patria ameaçada
De inimigas phalanges;

Depois de haver soffrido longas marchas.
Por aridos sertões, por frias serras,
Arrastando cançado os cavos bronzes
Nas pesadas carretas;

Depois de ouvir nas horridas batalhas
Troando a furiosa artilheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte envolta levam;

Depois de ver os rapidos ginetes
Atropellando os fulminados corpos
Dos cahidos guerreiros, que em vão pedem
Vingança, ou piedade;

Entre os braços da timida donzella,
Qne amor lhe promettêra, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa

. . . . .

Assim, ó Sousa, na fiel balança
Onde a razão os bens e os males peza,
Se vê que, sem amor, a vida humana
Seria insupportavel.

P. CALDAS.

Cause, negociante em Toulosa, sendo condemnado á morte pela commissão revolucionaria, sua amante, que ti ha já vendido grande parte do que possuia para comprar á força de dinheiro algum valimento, que lhe pudesse salvar a vida, recorreo depois da sentença a um extratagema, para conseguir o seu fim. Esta senhora comprou immediatamente uma casa pegada á prisão, onde o seu amante devia passar a noi-

te, e encerrando-se nella com uma criada de sua confiança, trabalharam ambas com tanta ancia, para romper a parede de separação, que por fim conseguiram fazer uma abertura, por onde pôde sahir o preso, que ellas queriam salvar da morte.

Vencida esta grande difficuldade, restava ainda outra, que era illudir a vigilancia das guardas estabelecidas em differentes pontos da sua passagem, e as rondas que corriam constantemente por todas as ruas da cidade. Esta mulher singular, tinha já prevenido tudo : acompanhou o seu amante, disfarçados ambos com fardas da guarda nacional, que comprára naquella mesma noite, e passáram livremente pelo meio das rondas, e pela praça, onde se estava levantando a guilhotina, que o tinha de decapitar.

Dubois (residente em Bordeos), preso nas cadêas daquella cidade, foi mandado, por causa de molestias, para um hospital, onde foi tractado com desvelo por uma enfermeira de nome *Thereza*. Como *Dubois* era gentil, inspirou á boa enfermeira um sentimento mais terno, do que o da humanidade. O continuo tracto de o ver e de o ouvir, e sobretudo a compaixão, que lhe inspiravam as suas desgraças, acabaram o que um terno interesse e a caridade tinham começado.

Vendo ella, que não poderia sobreviver á morte de seu amante, communica-lhe o meio de salvamento, que era elle fingir-se perfeitamente convulso, e ao depois morto, por um effeito deste accidente. Tudo aconteceo conforme o plano. *Thereza*, depois de se mostrar sentida pela morte do enfermo, cobrio-o com um lençol da cama, e disse na visita seguinte ao medico, que elle expirára, o qual se retirou sem a menor suspeita do estratagema.

Thereza, mandou o supposto morto para a sala da dissecção, dizendo que fôra pedido pelos estudantes de anatomia. Desde que *Dobois* se vio na sala anatomica, vestio-se com roupa que lhe deu um cirurgião, que *Therezaa* tinha interessado neste segredo, e escapou-se sem ser conhecido. Apezar das cautellas, no dia seguinte se pôde descobrir a trama, e *Thereza* foi presa, e chamada a perguntas pelo Tribunal Jacobino, e ella alegre por ter salvado a seu amante, confessou tudo, sem dissimulaçao. A sua belleza, e um resto de respeito para as acções generosas, salváram esta donzella.

Dobois, que se achava tocado do amor que lhe inspirára sua libertadora, escreveo-lhe do asylo onde se achava, chamando-a, para se unir a elle com os vinculos do casamento.

Thereza, fugio com *Dobois* para a Hespanha, e lá se desposaram.

Mma. C... (a historia não revelou o nome), viuva conhecida nos departamentos do norte da França, pela sua formosura, e por quilates estimaveis, concebeo grande paixão por um militar, o qual foi logo comprehendido nas proscripções da revolução, e encerrado em uma prisão. A amante fez immediatamente tudo o que podia, para solicitar a liberde do seu amor; mas tudo foi baldado, e até mesmo a supplica, que ella instantemente fazia, para ser encerrada com elle na prisão. Vendo que tudo era em vão, foi assentar-se defronte de uma janella da cadêa, onde seu amante se achava preso, esperando occasião de o ver na grade: mas no momento em que elle lhe appareceo, cahio por terra sem sentidos. Logo que tornou a si, fitou a vista na janella onde tinha visto o amante, e ficou muitas horas nesta posição.

Na manhã seguinte, foi para o mesmo sitio, onde passou o dia, e nos seguintes continuou sem interrupção, desprezando a chuva, o vento, o frio, e as sentinellas, ainda mais crueis do que todas as injurias do tempo.

Em uma manhã, no instante em que chegava ao sitio do seu costume, vio sahir um carro da prisão, apresentando-lhe o mais horrivel espectaculo que se podia offerecer aos seus olhos. Este fatal carro conduzia o seu amante para o supplicio, com outros infelizes. O seu primeiro impulso foi de lançar-se diante dos cavallos, para os fazer parar, chamando o povo em seu soccorro, e supplicando-lhe com grandes instancias, que livrasse da morte o objecto do seu amor. Os meirinhos retiráram-na de diante dos cavallos, e quizeram segurá-la, mas ella se escapou das suas mãos, e foi agarrar-se ao carro, renovando as supplicas ao povo, para que acudisse a seu amante.

Vendo, que ninguem se compadecia da sua afflicção, rompeo em imprecações contra os satellites que acompanhavam as victimas ao supplicio, reprehendendo-lhes a infame condescendencia com que obedeciam aos tigres, que determinavam tão nefandas execuções; conjurando-os á que a conduzissem ao cadafalso. Os meirinhos, retiram-na para um

lado; porém os gritos dessa infeliz, tomavam o tom da mais horrivel desesperação: neste momento ella arranca inesperadamente a espada de um soldado, e cravou-a no seu proprio coração.

Todos os circumstantes ficáram horrorisados, vendo jorrar do seu peito todo o sangue do corpo. Os soldados ficáram immoveis de espanto, e o desgraçado amante deo gritos lamentaveis, a fazer com que os companheiros da sua miseranda sôrte se esquecessem da cruel posição em que se achavam, occupando-se do novo espectaculo, que se offerecia a seus olhos. Os soldados retiráram para um lado o cadaver de Mma. C..., e conduziram o carro para o cadafalso, onde os condemnados foram todos guilhotinados.

Mme. Cr..., e o cidadão *Boyer*, seu amante, estavam presos em uma cadêa de Paris, donde *Boyer* foi chamado para comparecer no Tribunal. O primeiro pensamento dos tristes companheiros da sua desgraça, foi de que o não tornariam a ver, e voltáram todos a vista para a sua amante; porem ella, sem embargo de se ter mostrado agitada até então de crueis afflicções, tranquillisou-se inteiramente, no momento desta separação e vio partir o caro objecto de seu amor, com tanto socego, que causou admiração a todos que foram testemunhas das suas desgraças. Ella se metteo em um quarto, no momento em que o cidadão *Boyer*, desappareceo de sua vista. Um preso da sua amizade, suspeitando que o seu socego apparente, occultasse algum projecto sinistro, espreitou-a, e conseguio o meio de lhe interceptar uma carta, que lhe escreveo o accusador publico, a qual patenteava os horriveis pensamentos que agitavam a sua alma. A carta continha as seguintes palavras:

« Cidadão. E' inutil o disfarçar-vos por mais tempo os « sentimentos favoritos do meu coração, e os ardentes votos « que faço pela volta da realeza. Eu consagrarei todas as mi- « nhas forças, e todos os meus meios a esta volta tão deseja- « da; e seguro-vos, de que o meu ultimo suspiro será ani- « mado com a esperança de que os meus votos se realisem.— « Viva El-Rei! »

Mma. Cr... sabia, que escrevendo deste modo, conseguia ser decapitada, o que ella anciosamente desejava; mas vendo que esta carta não produzia o effeito intencional, escre-

veo outra, tomando medidas seguras para que ella chegasse ao seu destino.

Os seus amigos não lhe deixavam ler as gazetas, porque *Boyer* se achava inscripto na lista dos suppliciados. « Não « me occulteis nada (lhes disse ella), eu sei que o terno ob- « jecto do meu amor, foi executado, e tenho animo para « supportar esta desgraça.» Em consequencia desta confis- são, disseram-lhe, que era verdade.

Esta noticia, que confirmou os seus presentimentos, a tor- nou na apparencia ainda mais tranquilla. Ella se encerrou pela segunda vez, no seu quarto; leo todas as cartas de seu amante; fez uma cinta dellas, cingio-as á roda da cintura, e passou o resto da noite á chorar.

No dia seguinte vestio-se e asseiou-se, como se tivesse de fazer uma visita de ceremonia: á hora do almoço, achando- se á mesa com os outros presos, ouvio tocar a campainha da porta da prisão. « Felicitai-me, meus amigos (disse ella, le- « vantando-se com precipitação); agora sim, é que me vem « buscar. Adeos! eu sou feliz, eu me vou unir para todo o « sempre ao meu querido *Boyer*.»

Depois disto cortou os cabellos, e os repartio com os pre- sos de sua amizade, e tambem suas alfaias e joias, dando á um, um annel, á outro, um colar, e á outro, uma fita, e as- sim por diante, como lembrança da sua amizade.

Chegando ao Tribunal Sanguinario, disse ao accusador publico ser ella a autora da carta: « Eu fui a mesma, que « escrevi a carta que ahi está: vós assassinastes o meu aman- « te, assassinai-me tambem a mim; aqui tendes a minha ca- « beça.» Quando ouvio pronunciar a sentença de morte, fi- cou tão contente, que parecia ter-lhe succedido um bom evento. E ao chegar ao cadafalso, exclamou com força: «Eis « aqui o lugar, onde elle morreo hontem á mesma hora; e eu « vejo ainda o seu sangue. Carrasco, apressa-te, e mistura « o meu sangue com o do meu amante.»

Ditas estas palavras, offereceo a cabeça á guilhotina, e morreo pronunciando o nome sempre lembrado do seu que- rido *Boyer*.

pag 150

§ São tantos os sacrificios que faz a mulher quando verdadeiramente ama, que não ha ~~papel~~ limites ~~em seus~~ extremos. Os exemplos são tantos q' seria enfandonho escrevelos aqui. Jovita Alves Feitosa, Sertaneja do Piauhy amava extremosamente a um homem q' lhe captivou o coração. Este amante enthusiasmado pelo amor da patria, q' chamava seus filhos em desafronta de seus brios, nos campos do Paraguay resolveu se marchar q' aguerra. Calistar se como voluntario da patria, e a jovem Sertaneja, não podendo separar se do homem q' com a ausencia levavalhe os sentimentos da alma, ou antes o amor e a vida, foi alistar se igualmente como voluntaria da patria e acompanhando o amante acabar a existencia onde elle tambem deixasse a vida. ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ Chou com elle e seguio q' o theatro da guerra. Lá sentio Jovita visiveis manifestações ~~de desprezo~~ e por fim o completo abandono, e ella ~~[illegible]~~ com justiça resentida, voltou q' a patria, com o fim de se recolher ao seio de sua familia, porem esta a repellio... A Sertaneja Jovita, assim abandonada voltou q' o Rio de Janr.o a esperar q' seu amante; mas sedemida q' findas apparencias transviou se. Jovita não tinha o coração pervertido de todo, e como se vive desamparada no verdor dos annos, e sem esperanças de ser de novo recebida q' seu amante, concebeo paixão vehementes q' um inglez

A mulher é generosa, magnanima e sublime!!! Ninguem a imita.

O deputado *Lanjuinais* proscripto, pelo decreto de 31 de Maio, foi refugiar-se a casa de sua mãi em Rennes, onde havia uma criada antiga na casa. Este deputado não querendo atemorisar a tal criada, não disse que era proscripto; mas sabendo depois pelos papeis publicos, que *Gandet* fôra executado em Bordeos, e que o governo involvêra na mesma proscripção todos os amigos, que o tinham escondido, e os mesmos domesticos, que não tinham declarado o seu asylo; determinou-se a apartar a criada do risco que corria, confessando-lhe as circumstancias, em que ella se achava, e pedindo-lhe que sahisse de casa, com recommendação de que não dissesse nada. Esta mulher foi tão sensivel á sua desgraça, que lhe declarou formalmente que o não havia de abandonar no perigo, em que o via, e que lhe importava pouco o morrer, quando a vida de seu amo estava arriscada. *Lanjuinais* instou-a muito a que se retirasse, e a que não expuzesse a sua vida por amor delle, mas tudo foi inutil, porque a criada persistio na sua resolução, supplicando-lhe como uma graça a felicidade de ficar com elle até o seu ultimo momento. *Lanjuinais*, admirado de tanta generosidade, foi por fim obrigado a ceder. A vigilancia desta estimavel mulher foi tão grande depois disto, que conseguio a felicidade de salvar a vida a seu amo, escondeu-o ás perseguições dos satellites da tyrannia, até a epocha da morte de *Robespierre*, tempo em que acabou a proscripção, com que este sanguinario despota tinha atterrado a França. A fortuna de conservar a vida ao filho de sua ama, foi para esta respeitavel criada um premio superior á gratificação, com que a recompensáram.

Rabaud de *Sainte-Etienne*, posto fóra da protecção da lei em consequencia da proscripção de 31 de maio, andava errante em Paris de asylo em asylo, exposto a cahir a cada momento nas garras dos satellites da tyrannia. Mma. Paysac, uma mulher respeitavel, que habitava em Paris, sabendo o perigo que elle corria, fez todas as deligencias possiveis para o descobrir. Depois de conseguir o seu intento,

foi ter com elle, e offereceu-lhe um asylo na sua propria casa. O respeitavel Rabaud, representou-lhe vivamente todos os perigos a que se ia expôr, se acceitasse esta offerta; mas a virtuosa senhora fez-lhe taes instancias, e insistio com tanta energia, que o determinou a aproveitar-se do asylo, que lhe offerecia. « Porque corro algum perigo, disse ella, « devo desistir do projecto de vos livrar da morte? Que « merecimento será o nosso, se fizermos bem sómente, « quando não custa nada a fazer? » Rabaud vencido pela força desta generosidade, foi para casa de Mma. Paysac, onde achou todos os soccorros, que podia esperar nas suas tristes circumstancias. Mas, que infeliz escapava então ás perseguições activas da tyrannia? Rabaud foi descoberto em casa da sua bemfeitora, a qual o seguio para o supplicio, com um animo igual ao que tinha mostrado, quando instára a que acceitasse o asylo da sua casa.

Não se viram nunca mais graças e gentilezas, reunidas com tanto espirito e animo, do que as que se encontravam na Princeza Stainville de Monaco. A Junta Revolucionaria, depois de lhe intimar a ordem de prisão, em virtude da lei de 16 de setembro, prometteo-lhe, que a havia de deixar ficar em sua casa, com guardas; mas longe de satisfazer o que lhe promettêra, mandou-a prender. Escandalisada da má fé da Junta, buscou pretexto para entrar em um gabinete, quando a iam buscar, e escapou-se. Sem embargo das grandes diligencias, que fizeram os commissarios da Junta Revolucionaria para a prender, conseguio por esta vez a grande fortuna de illudir a vigilancia destes Argos, escondendo-se em casa de uma amiga, que a recebeo com grandes demonstrações de affecto, sem embargo de expor a sua propria vida.

Sahindo depois de algum tempo de casa desta amiga, por imprudencia ou por motivos particulares, andou errante pelos campos, sem poder achar um asylo seguro onde se abrigasse das perseguições dos seus inimigos. Depois de muitos sustos e sobresaltos, voltou para Paris, com a esperança de que poderia viver escondida nesta capital; mas a sua esperança não pôde realisar-se, porque as espias e esbirros, espalhados por todos os bairros de Paris, deram logo com ella, e conduziram-na a uma prisão. Como a qualidade illustre, e a riqueza eram crimes irremissiveis, esta virtuosa

Princeza recebeo dahi a poucos dias o auto de accusação, preliminar certo de morte. Antes de sahir da prisão, quebrou um vidro da janella, e cortou com elle o cabello, que era louro, e que fazia sobresahir muito a sua grande formosura.

Quando foi para o Tribunal, disse estas palavras memoraveis aos presos, que encontrou na sua passagem: « Cidadãos, « eu vou morrer com toda a tranquillidade, que a innocencia inspira; eu vos desejo a todos melhor sorte. » Voltando-se depois disto para o guarda, que a conduzia ao carro, tirou do seio um mólho do seu cabello, e entregou-lho, dizendo-lhe estas palavras: « Quero pedir-vos um favor, pro« metteis de mo fazer? »

« Sim (respondeo o guarda). »

« Peço-vos (continuou ella, entregando-lhe o mólho de ca« bello, embrulhado em um papel); peço-vos, em meu nome « e em nome de todos os que nos ouvem, que o mandeis á « meu filho; neste mesmo papel achareis designado o lugar « da sua habitação. Jurai-me em presença destes honrados « cidadãos, destinados a morrer como eu, que me fareis este « ultimo serviço. »

Voltando-se depois para uma das criadas, envolvida na mesma proscripção, mas de quem o abatimento contrastava com a firmeza de sua ama. « Animo, minha amiga, animo; « os criminosos são os unicos, que devem mostrar fraqueza. » Quando a condemnáram á morte, ouvio ler a sentença com todo o socego de espirito; lembrando-se pouco depois dos seus filhos, declarou-se pejada; mas sabendo que o Tribunal tinha mandado executar 4 mulheres, sem embargo de terem feito a mesma declaração, não quiz prolongar mais tempo uma confissão inutil, e indigna dos seus principios. Em consequencia desta resolução, escreveo uma carta a Fuquier-Tinville, que decidio a sua morte.

No momento de ir para o cadafalso, pedio carmim. « Se « a naturcza vencer, fazendo-me ceder por um instante á « fraqueza humana (disse ella), empregarei a arte para a « disfarçar. »

Dito isto, marchou para o cadafalso tranquillamente, com um animo sublime, acompanhado de decencia e de graças, que fizeram os seus ultimos momentos á imagem interessante da sua vida.

Certa donzella, de uma figura interessante, foi accusada diante da Commissão Revolucionaria de Lião, por não querer trazer o tópe nacional. Perguntando-lhe os juizes, que motivo tinha para aborrecer aquelle distinctivo da nação, rospondeo: « Eu não aborreço o tópe, mas como vejo que « vós o tendes, parece-me o signal dos horrores, a que vós « vos entregais, e não o quero trazer por amor disso.»

Um guarda, que estava por trás desta intrepida donzella, pregou-lhe com um alfinete este distinctivo; porem ella, olhando-o com horror, arrancou-o do sitio, onde lho tinham pregado, lançou-o sobre a mesa do Tribunal, e foi morrer.

O animo, com que se portou Mma. Roland, mulher do ministro deste nome, merece que se cite aqui, por ser uma das principaes qualidades, com que esta mulher extraordinaria, e superior ao seu sexo, se fez digna de grandes elogios. Eis aqui o que ella mesma diz a respeito do seu encerro *Conciergerie*, e do espirito philosophico, que a animava na desgraça. « Quando me vi encerrada entre quatro pa« redes negras, (diz ella), onde havia uma má cama sem « cortinas, e uma janella com duas ordens de grades, e « quando fui affectada do fartum, que sentem as pessoas « acostumadas a viver com limpeza, quando entram em al« gum lugar immundo, conheci que era obrigada a habitar « uma prisão, e que me devia conformar com isto. Toda« via, o espaço comprehendido entre estas quatro paredes « era bastante grande, e tinha uma chaminé; a coberta da « cama era soffrivel, e deram-me um travesseiro; assim jul« gando as cousas sem entrar em comparações, pareceo-me « que não estava muito mal.

« Deitei-me com o designio de ficar na cama, emquanto « me achasse bem; e com effeito, quando o meu deffensor « me veio vêr no dia seguinte, ainda me achou deitada. « Elle lançou a vista por todas as paredes com um ar de « aborrecimento, por me vêr em um quarto tão máo, « o qual me parecia já soffrivel, porque tinha dormido. « Observei pelo seu semblante, que a sua alma estava mais « consternada do que no dia antecedente.

« Havia grande reboliço nos outros quartos da prisão, e « chamava-se com muita frequencia pelos presos; mas eu « ignorava a causa desta agitação.

« Que me importa tudo isto? dizia eu comigo, os tyran-

« nos não me podem embaraçar de viver até o ultimo instante « da vida: eu sou mais feliz com a segurança da minha in- « nocencia, do que elles o podem ser no meio do furor que « os anima; podem vir buscar-me, quando quizerem; eu « sei sahir do mundo, como quem entra no repouso. Quando « fui para o quarto do carcereiro, para jantar, vi a minha « fiel aia, a qual se lançou aos meus braços, banhada em « lagrimas, e quasi suffoccada pela oppressão, que lhe cau- « sava a minha desgraça. Este momento foi terrivel para « mim, porque me enterneci a tal ponto com este encontro, « que não podia respirar; por me parecer, que a tranquil- « lidade de espirito é de algum modo reprehensivel quando « as pessoas, que se interessam no nosso destino, soffrem « grandes afflicções por nos verem na desgraça.

« Eu não gosto de fazer grande despeza comigo, e acho « algum prazer em exercitar as minhas forças, privando- « me das mesmas cousas, que me são agradaveis. Em con- « sequencia disto experimentei até que ponto a vontade « humana póde reduzir as suas precisões. Principiei, pas- « sados quatro dias, por diminuir os almoços, substituindo « pão e agua, ao caffé, e ao chocolate. Determinei que me « não déssem senão carne cosida com hortaliças ao jantar, e « á noite algumas hervas cosidas, sem sobremesa. Princi- « piei a beber cerveja para me desacostumar de vinho, e « por fim deixei tambem a cerveja. Comtudo, como a minha « diéta tinha um fim moral, dava todo o producto desta « economia aos desgraçados, que viviam na miseria, para « ter a satisfação, quando comia o meu pão secco ao al- « moço de que elles poderiam ajuntar alguma cousa ao seu- « jantar.

«Quando Mma. Roland chegou a *Conciergerie*, diz o autor « das Memorias de um preso, fumava ainda alli o sangue de « vinte e duas victimas; e posto que ella soubesse perfeita- « mente, que ia ser condemnada á morte, a sua firmeza foi « inalteravel. Esta senhora era alta, e gentil, e supposto « não estivesse já na flôr da idade, era naturalmente en- « graçada e agradavel. Os seus grandes olhos e negros ti- « nham ao mesmo tempo muita expressão, e doçura; qua- « lidades que se acham raramente reunidas na mesma pes- « soa. Ella fallava muitas vezes á grade com a liberdade e « animo de um grande homem. O seu sexo tomava alguns

« momentos á superioridade; conhecia-se então que ella « tinha chorado de saudades, lembrando-se de sua filha, e « de seu marido. Esta mistura de compaixão natural e de « força, tornava-a mais constante.

« No dia, em que foi chamada aos interrogatorios, pas- « sou diante de todos com a sua costumada firmeza, e quando « voltou, trazia os olhos humidos; mas as lagrimas que der- « ramára no Tribunal, eram procedidas da indignação, a « que a tinham provocado os Juizes, os quaes chegáram a « barbaridade até o ponto de lhe fazerem perguntas ultra- « jantes á sua honra. »

No dia, em que foi condemnada, vestio-se de branco, com mais asseio do que o ordinario; o cabello, que era negro, pendia solto, e chegava-lhe até a cintura; o que a tornava mais gentil. Depois que ouvio a sentença, que a condemnava á morte, retirou-se para a sala dos padecentes, sem dar o menor signal de fraqueza. Na passagem do Tribunal para a dita sala, olhou para as pessoas do seu conhecimento, de um modo, que lhes fez conhecer, que fôra condemnada. Quando chegou á praça da execução, voltou-se para a estatua da liberdade, e pronunciou estas palavras memoraveis: « O' LIBERDADE! QUE CRIMES SE NÃO COMMETTEM EM TEU NOME! »

Mma. Grimaldi, conhecida já pela firmeza do seu caracter, não se desmentio no momento, em que o animo cessa de ser uma ostentação, e em que a alma se acha só com as suas fraquezas, ou com a sua força. Quando lhe apresentaram o auto de accusação, não o quiz ler; não por desesperação, como succedeo a outros accusados, mas para não perder tempo a ler um procedimento injusto, que olhava com razão, como uma formalidade ridicula; porque o rejeitou, sem se inquietar, e sem que se observasse no seu semblante o menor signal de alteração ou de descontentamento. Ella distribuio aos indigentes, que soccorria habitualmente, todo o dinheiro, que lhe restava; abraçou a sua aia e as pessoas da sua amizade, e despedio-se de todos com a mesma tranquillidade, com que um viajante se póde despedir dos seus companheiros no fim de uma longa jornada.

A formosa Princeza Lamballe, nasceo a 8 de setembro de 1749. Todos sabem qual foi o seu destino com o marido que a sorte lhe deo, e como o perdeo no fim de algum tempo

de casada. Ella vivia ligada á familia real, e tinha tanta amizade á Rainha, que a acompanhou constantemente nos seus desgostos. Não havia mais de um mez, que ella tinha voltado de Londres, quando a Revolução mudou de face, pelo acontecimento de 10 de agosto. A côrte de Inglaterra tinha-a tractado com grande distincção, instando-a muito para que ficasse em Londres, até que se restabelecesse o socego em França; porém ella, sabendo que as perturbações deste paiz tomavam uma face mais terrivel, e que a sua amiga era ameaçada de novas desgraças, quiz reunir-se a ella, e tomar parte na sua boa ou má fortuna. Os exemplos de amizade tão fortes, são de ordinario pouco communs nas côrtes dos reis. Mma. de Lamballe foi encerrada em uma das prisões da *Casa de Força*, depois do dia 10 de agosto. No dia 3 de setembro de manhã foram dizer-lhe, que ia ser transferida para as prisões da *Abbadia*, instando-a a que se apromptasse para esta mudança. Ella estava ainda na cama, e respondeo, que prisão por prisão, lhe era indifferente o ficar em uma ou em outra, e não se quiz levantar.

Um homem vestido com o uniforme de guarda nacional, chegando-se então mais perto della, disse-lhe com aspereza, que obedecesse, porque dependia disso a sua vida. A infeliz senhora, enganada vilmente por este pérfido, disse, que faria o que lhe determinavam; supplicou ás pessoas, que tinham entrado na sua prisão, a que se retirassem, e depois de se vestir apressadamente, chamou o guarda nacional, o qual lhe deo o braço para a conduzir a um postigo da prisão, por onde se faziam sahir os presos. Quando chegou ao Tribunal sanguinario, teve tanto horror de ver as armas, e os algozes escorrendo em sangue, e de ouvir os gritos de dôr das victimas, que elles estavam degolando na rua, que cahio em convulsões. Os infames assassinos, que se tinham erigido em juizes, fingiram que lhe queriam fazer interrogatorios. « Eu « não tenho que responder (disse a Princeza), morrer mais « cedo, ou mais tarde, é para mim indifferente; porque estou « preparada para a morte. »

« Ah! (disse o que presidia a este ajuntamento de assassi- « nos), ella não quer responder, conduzam-na á *Abbadia*. »

Esta expressão era o signal de morte, em que estes barbaros tinham concordado. Os algozes, arremeçando-se então á victima, leváram-na ao supplicio. Ainda bem não tinham

sahido do Tribunal, deram-lhe uma cutilada tão forte pela parte de trás da cabeça, que lhe fez correr o sangue a cachões. Um grito lastimoso foi a unica expressão desta infeliz. Os dous algozes, que a levavam pelos braços, fizeram-na passar por cima dos cadaveres dos desgraçados, que acabavam de sacrificar. Como a grande quantidade de sangue, que lhe sahia pela ferida, a fazia desmaiar e perder as forças, ia cruzando as pernas, para não cahir descomposta. Quando os algozes viram que ella se não podia levantar, por ter perdido todas as forças, profanáram o seu corpo com mil excessos de barbaridade e de infamia. Que homem sensivel poderia contemplar este horrivel espectaculo! Os nossos descendentes acreditarão acaso o que eu tenho visto, e o que vejo ainda gemendo de horror? Todo o inferno, e todas as furias com figura humana, disputavam entre si os restos de um corpo, que tinham lançado na enxurrada, depois de o terem despedaçado; e ajuntando a derisão á ferocidade, obrigavam um cabelleireiro a pentear a sua bella cabeça para a levarem em triumpho no meio dos dous peitos do coração sanguinolento, e de outros... A penna cahe da mão (diz o historiador horrorisado), descrevendo atrocidades, que escandalisam a natureza e o pudor.

Citemos aqui um rasgo de generosidade, e de valor de uma amiga da infeliz Lamballe, a gentil e virtuosa Lowendal. Quando esta mulher extraordinaria soube o perigo, que corria Mma. Lamballe na prisão, em que se achava encerrada, ajuntou a toda a pressa as pessoas da sua amizade, e muitos criados fieis, vestio-os com o uniforme dos assassinos das prisões, deo-lhes espadas e piques, e untando-lhes os semblantes de sangue e de lodo, poz-se á frente delles, e marchou para a prisão, onde se achava a sua amiga, com o designio de a arrebatar á sorte cruel, que lhe destinavam os seus inimigos. « Ai! Ella chegou tarde; já o barbaro e « perfido duque de Orleans se tinha adiantado a satisfazer a « raiva, que o devorava, contra a infeliz Lamballe sua cu« nhada. » Elle tinha jurado desde muito tempo a perda desta Princeza, e a sua vingança era instigada pela infame cobiça; porque com a morte de sua cunhada ganhava cento e vinte mil cruzados annuaes, que era obrigado a pagar-lhe, por ter herdado os bens immensos de seu pai com esta condicção.

Sabendo que se tinham offerecido 60 mil cruzados a Ma-

noel, para a livrar, o duque de Orleans apressou-se a mandar á prisão um bando de assassinos, dos que elle estipendiava, para a sacrificarém.

Rotondo, um vil italiano, que vivia desde dous annos em grande amizade com este Principe, foi quem capitaneou o tropel dos assassinos. A desgraça quiz que este pérfido chegasse primeiro do que Mma. Lowendal; assim esta intrepida mulher teve a dôr de não ver senão os tristes restos da sua amiga, entregues aos infames assassinos, que os disputavam entre si, como outros tantos tropheos da sua ferocidade.

O ciume era uma das paixões mais fortes de Robespierre; tudo o que realçava o merecimento de seus collegas, que olhava como seus rivaes, tudo o que lhes procurava a attenção publica, ou tendia a augmentar a sua celebridade, irritava a inveja deste tyranno, e fazia o tormento da sua existencia. Entre os factos que attestam esta verdade, o que vamos contar, é sobre tudo, notaval pela singularidade das circumstancias, de que foi acompanhado, e pelas suas funestas consequencias. Collot d'Herbois, um dos rivaes de Robespierre em poder, e atrocidade, foi atacado por um assassino; as sociedades populares, as secções, e as autoridades revolucionarias reuniram os seus votos, para felicitar a Convenção Nacional, pela fortuna que teve Collot d'Herbois de escapar da morte. Este acontecimento procurou-lhe tanto a attenção publica, que se não fallava senão de Collot d'Herbois. A sua existencia politica tornou-se desde esta occasião muito mais importante do que antes, porque apenas representava um papel secundario: o primeiro pertencia a Roberspierre. Este tyranno receando, que a papularidade, de que gozava, se enfraquecesse, com o accidente de Collot d'Herbois, tomou a resolução de attrahir sobre si a attenção publica a todo o custo. Taes eram as suas circumstancias, quando a visita de uma donzella, que o procurou em occasião em que elle se achava fóra de casa, servio de motivo ao triumpho, que o seu perfido coração ambicionava. Este monstro foi incensado com as mesmas honras, que se tinham concedido a Collot, as sociedades populares, e as seccões correram novamente á sala da Convenção Nacional, para felicitar o mais infame de totos os perversos, por ter escapado ao punhal de um assassino.

A moça Renaud tinha vinte annos, quando deo causa ao acontecimento singular, que a levou ao cadafalso. Esta donzella tomando as cousas em todo o rigor, não devia ser contada entre o numero das mulheres formosas; mas tinha uma certa graça, e um não sei que, que agradam muitas vezes mais, do que a mesma belleza. As suas feições, tomadas em particular, não formavam o que se chama uma belleza, mas o todo, e sobretudo a gentilleza, e a sua figura, davam-lhe tanta graça, que era olhada como a mulher mais interessante do seu bairro. Seu pai assistia na rua da Lanterna, onde tinha uma loja de papel, e gozava da reputação de grande probidade, entre toda a gente que o conhecia, e entre os mesmos mercadores da sua corporação. A sua familia era numerosa e bem criada; dous de seus filhos serviam debaixo das bandeiras da Republica no exercito do Norte.

Não se soube, se a moça Renaud tinha alguma paixão amorosa; formaram-se a este respeito diversas conjecturas; mas todas vagas, e destituidas de fundamento, e de provas. Não se póde attribuir outra causa á sua conducta, senão a que lhe assignou ella mesma nos interrogatorios. O dia em que a moça Renaud se apresentou em casa de Robespierre, foi a 23 de Maio de 1794, de tarde. Perguntado por elle, responderam-lhe que não estava em casa; ella disse então um pouco enfadada, que se admirava de que um funccionario publico não estivesse em casa, para fallar ás pessoas, que o procuravam. Os satellites de Robespierre pouco acostumados a ouvir fallar assim, e suppondo que a visita da moça Renaud encerrava algum misterio, fizeram-lhe muitas perguntas, ás quaes ella respondeo com tanta firmeza, e segurança, que se deram por offendidos.

Que vens aqui buscar? (lhe perguntou um delles) tu vens com má tenção.

« Eu venho vêr que figura tem um tyranno, (respondeo ella). Os guardas de Robespierre enfurecendo-se com esta resposta, olharam logo esta donzella como uma segunda Carlota Corday. Conduzamo-la á Junta da Segurança Geral, (disseram elles então), é um monstro que queria apunhalar Robespierre. Elles a conduziram com effeito á Junta da Segurança Geral, onde os Juizes lhe fizeram logo os interrogatorios seguintes:

« Como vos chamaes, que idade tendes, e em que vos oc-
« cupaes? »

« Chamo-me Amada Cecilia Renaud, (respondeo ella),
« tenho vinte annos, e moro em casa de meu pai, que tem
« uma loja de papel na rua da Lanterna. »

« Quem vos prendêo, e em que sitio? »

« Fui presa em casa de Robespierre, por pessoas que não
« conheço. »

« Que motivo vos levou a casa do representante do povo
« Robespierre? »

« Fui lá para lhe fallar? »

« Em que negocio lhe querieis fallar? »

« Conforme o tivesse achado. »

« Tinha-vos encarregado alguem de lhe fallar? »

« Não. »

« Quereis entregar-lhe algum requerimento? »

« Não vos importa. »

« Conheceis o cidadão Robespierre? »

« Não, pois que eu o queria conhecer. »

« Porque motivo o querieis conhecer? »

« Para vêr se me convinha. »

« Perguntada o que entendia por estas ultimas palavras,
« repondeo, que escusavam de se cançar a este respeito,
« porque não responderia mais nada. »

« Quando procurastes por Robespierre, (continuaram os
« que lhe faziam as perguntas), enfadastes-vos pelo não
« achar em casa? »

« Sim, (respondeo ella). »

« Conheceis a rua da *Estrapade*? »

« Não. »

« Dissestes aos cidadãos, que vos prenderam, que der-
« ramarieis todo o vosso sangue, se isto fosse preciso, para
« ter um rei? »

« Sim, eu o disse. »

« Sustentaes isso? »

« Sim. »

« Que motivos vos determinaram, e vos determinam ainda
« a desejar um tyranno? »

« Desejo um rei, para não soffrer cincoenta mil tyran-
« nos, e fui á casa de Robespierre, para vêr como era um
« tyranno. »

Os deputados da Junta fizeram-lhe apresentar uma trouxa com roupa de mulher, que ella déra a guardar em uma loja de bebidas, antes de entrar em casa de Robespierre; e perguntaram-lhe com que designio trazia a dita trouxa. A isto repondeo: « que como sabia para onde a haviam de « conduzir, queria levar comsigo roupa lavada para o seu « uso. »

« E aonde suppunheis que vos haviam de conduzir ? »

« A' prisão, e de lá á guilhotina. »

« Que uso querieis fazer de duas facas, que vos acharam?»

« Nenhum; eu nunca tive tenção de fazer mal a ningem.»

A moça Renaud foi conduzida á *Conciergerie*, depois deste interrogatorio; o cuidado de punir os seus attentados foi incumbido a Fouquier-Tenville. Este digno ministro da raiva de Robespierre, não esqueceo nada neste negocio de tudo o que podia lisongear seu amo. Elle principiou, fazendo-lhe interrogatorios particulares. No primeiro empregou todos os meios capazes de espantar esta donzella, para a fazer confessar quem eram seus complices; mas ella protestou : « que não queria matar Robespierre, e « que fôra á sua casa sómente para vêr a figura de um ty- « ranno. »

Fouquier-Tinville ameaçou-a em outro interrogatorio, de que a havia de fazer guilhotinar com seu pai, com seus irmãos, e com toda a sua familia, se não confessasse o seu crime, e declarasse os complices delle. A isto respondeo: « que a podiam matar, por ter concebido a idéa de querer « vêr um tyranno; mas que commetteriam uma injustiça « atróz, se punissem uma familia innocente. » Mlle. Renaud conservou nestes interrogatorios a mesma presença de espirito, e respondeo com a mesma firmeza com que tinha respondido na Junta de Segurança geral; o que Fouquier-Tinville olhou com uma audacia orgulhosa, de que se indignou muito. Para a punir, lembrou-se de a fazer passar por uma especie de tormento. Como sabia, que ella era muito asseiada, deo ordem ao carcereiro da prisão para que a fizesse despojar do seu fato, e a obrigasse a vertir-se de farrapos immundos e nojentos. Depois de a reduzirem a este estado, levaram-a á Camara do Conselho, onde lhe repetiram as mesmas questões, e as mesmas ameaças, que lhe tinham feito nos interrogatorios precedentes. Em vez

de se vexar por se vêr coberta de farrapos, zombou do accusador publico, por se servir de meios tão baixos. As suas respostas foram sempre as mesmas, persistindo em negar, « que não tinha cumplices, nem pretendêra assassinar Ro- « bespierre; mas a sua perda, e a da sua familia estavam « decididas. » Esta donzella extraordinaria compareceo no Tribunal, a 19 de Junho, onde teve a dôr de vêr seu pai, e uma tia que a criára entre os accusados, que lhe associaram. Os seus olhos arrasaram-se de lagrimas com este espectaculo, mas passados alguns momentos, tornou a tomar a sua costumada serenidade. Não menos de oito carros foram necessarios para conduzir ao cadafalso os seus supposstos complices. Contava-se, entre elles, a formosa Mme. de *Santa Amaranthe*, sua mãi, e seu marido, o filho do exministro Sartine, Sombreuil pai, e filho, o assassino de Collot d'Herbois, e outros muitos individuos, que ficaram admirados de se verem reunidos, e condemnados como complices do mesmo delicto. A vista de cincoenta e quatro condemnados, vestidos cada um com uma alva vermelha, distinctivo reservado para os assassinos, incendiarios, e cercados de tropas de cavallaria, infantaria, e artilharia, parecendo que iam para uma festa, offerecia um espectaculo capaz de irritar as almas, ainda menos sensiveis.

Todo o mundo olhava com attenção para Mlle. Renaud, a approximação da morte, não produzio a menor alteração no seu semblante; pelo contrario observou-se que conservou até o ultimo momento tanta presença de espirito, que olhava para toda a gente com incrivel tranquillidade. Esta heroina não patenteou um só instante de fraqueza, no espaço de meia legua de caminho, que ha desde a *Conciergerie* até o lugar do supplicio, que era então na extremidade do arrabalde de *Santo Antonio*. Conversou tranquillamente com os companheiros da sua desgraça, e observou-se que se sorrio muitas vezes no meio da conversação. No lugar do supplicio descêo do carro com toda a firmeza, abraçou seu pai, e sua tia, e exhortou-os á que morressem com animo. Quando lhe chegou a sua vez de subir ao cadafalso, lançou-se promptamente para a guilhotina, e offereceu a cabeça ao ferro destruidor, com grande socego. Assim morreu Mlle. Renaud, de quem se não pôde descobrir o projecto; as suas respostas podiam motivar algumas suspeitas,

mas estas suspeitas não deviam de modo algum dar motivo á sentença barbara do Tribunal, que a julgou. Seria impossivel achar Juizes tão depravados, que por indicios tão leves a condemnassem á morte, e toda a sua familia, exceptuando os infames e sanguinarios satellites do jacobinismo. Fouquier-Tinville tinha mandado conduzir a Paris os dous irmãos desta donzella, que serviam no exercito, para os executar; elles tinham já chegado a esta Capital a 9 de Thermidor, (27 de Julho) e deviam ser guilhotinados, pouco tempo depois; mas a revolução deste dia salvou-lhes a vida, dando cabo de Robespierre, e dos seus satellites.

Maria Carlota Corday, de quem fallámos, merece por todos os titulos, o primeiro lugar entre as mulheres celebres da revolução Franceza. Esta heroina, vivia retirada em casa de seus pais, occupando uma grande parte do tempo no estudo da historia antiga; estudo, que lhe inspirou os primeiros sentimentos da liberdade. Achando-se em Caen, quando a mocidade desta cidade, se alistava debaixo das ordens de Winfen, para marchar em soccorro da maioridade da Convenção nacional, opprimida pelos Jacobinos; o ardor com que esta mocidade se sacrificava pela patria, despertou na sua alma os sentimentos, que a acção verdadeira, ou supposta de Mucio Scevola lhe tinha inspirado, o que a determinou a renovar este exemplo, apunhalando Marat, que as expressões sanguinarias do seu jornal faziam olhar naquelle departamento, como o principal motor das calamidades, que desolavam a França. A paixão de vêr o seu amante assassinado em um tumulto, excitado pelos jornaes de Marat, podia ser o principal motivo da sua resolução; mas este facto não é tão evidente, como suppõem alguns escriptores.

E' certo que Carlota Corday foi de proposito a Paris para matar Marat, e executou o seu projecto cravando-lhe uma faca no coração. Longe de defender a vida diante do Tribunal revolucionario, onde a conduziram no mesmo dia, ella fallou da sua acção, como de um dever, com que tinha cumprido para com a sua patria...« Eu tinha direito de « matar Marat, (disse ella), convencido desde muito tem« po da mais infame perversidade, e condemnado pela « opinião publica, de quem eu executei a sentença. »

Percebendo que a desenhavam, quando lhe estavam fazendo os interrogatorios, poz-se em uma attitude, que apresentava ao artista o todo das suas feições, e pedio-lhe que mandasse um dos seus retratos á sua familia. Depois de ouvir lêr a sua sentença com attenção e sangue frio, fallou alguns momentos com o seu defensor officioso, e sahio com a mesma tranquillidade. Tirou tres cartas do seio, depois de ouvir a sentença, e que as deo aos Juizes, rogando-lhes que as mandassem aos seus destinos. Duas eram para o deputado Barbaroux, e continham a relação exacta de tudo o que lhe tinha succedido, desde a sua partida de Caen, até o momento do processo. Na terceira, despedia-se de seu pai.

E' difficil de pintar o heroismo com que Carlota Corday se portou desde a prisão até o cadafalso. As regateiras conhecidas com o nome de *furias da guilhotina*, que os Jacobinos tinham estipendiado para que a amaldiçoassem com apupadas, quando subisse ao fatal carro, que a havia de conduzir para o supplicio, ficáram tão confusas, quando observáram o modo respeitavel com que ella se portava, que não puderam proferir um só palavra. Ella subio ao cadafalso com firmeza.

O carcereiro tinha-a informado em grosso do genero do seu supplicio; mas ella ignorava os accessorios, e quando o algôz lhe quiz amarrar os pés, julgando, que elle a queria insultar, agitou-se para se defender; mas logo que lhe explicou o motivo daquella acção, surrio-se do seu engano, e cessou de resistir. O pudor, fez corar fortemente as suas faces, quando o algôz lhe tirou o lenço, que lhe cobria o seio, no momento em que o ferro da guilhotina a ia privar da vida. Esta ultima impressão da modestia offendida subsistia ainda, quando o executor mostrou a cabeça ao povo.

A esposa de Lépinai, general da Vendei, estava presa em Nantes com uma criada, natural de Chatellerault, a qual a servia com tanta amizade, que se tinha encerrado voluntariamente com ella na prisão. Um dia em que os soldados foram buscar os presos para os conduzir á morte, esta criada ouvindo chamar por Mma. Lépinai, que por amor de certa indisposição se tinha recolhido por um instante ao seu quarto, e sabendo que a ama ia morrer, apresentou-se

no lugar della, e foi para o supplicio muito contente por sacrificar a sua vida, para salvar a de Mma. Lépinai. Esta heroina da amizade, morreo affogada nas ondas do Loire, com outras muitas victimas.

Da mulher como Irmã da Caridade (1).

C'est toi, dont la pieté plus tendre
Verse l'aumône à pleines mains,
Guide l'aveugle, et vient attendre
Les voyageurs sur les chemins;
C'est toi qui, dans l'asile immonde
Où les deshérités du monde
Viennent pour pleurer et souffrir,
Donne, aux vieillards, de salutes fides,
A' l'enfant sans nom, des familles,
Au malade, un lit pour mourir.

LAMARTINE, *Hymne a J. Christo.*

Junto ao leito agonisante de um moribundo, que luta com a morte, permanece uma virgem de feições angelicas, ins-

(1) Não nos recordamos onde lemos, que uma Irmã da Caridade, durante o espaço de 50 annos, que servio em tão santo mister, cuidou de 300 mil enfermos, do que se admira o escriptor dê tamanha virtude.

No dia 19 de julho de 1849, S. Exa. Rvma., o Snr. D. Romualdo Antonio de Seixas, arcebispo da Bahia, (por nossas instancias) fundou a confraria de S. Vicente de Paulo naquella cidade, com o fim de mandar vir de França algumas Irmãs da Caridade, o que se realisou felizmente.

O primeiro que teve a lembrança de pedir para o Brasil Irmãs da Caridade, foi o nosso respeitavel amigo, o Exm. Snr. visconde da Pedra Branca, como se verá dos documentos, que aqui transcrevemos.

« Illm. Snr. Dr. Alexandre José de Mello Moraes. — O mimo das honrosas e benignas expressões de V. S., atiçavam a vaidade, quando devi á frieza da velhice lembrar, que ó apreço nasce da impressão que recebe nossa alma em momentos favoraveis, e que foi de certo em um desses, que V. S. leo os versos tocante ás Irmãs da Caridade; d'ahi vem a fortuna delles, e a estima, que tanto me lisongeia.

« O assumpto disfarça, e encobre os deffeitos: gostamos de ler o que pensamos, e o prazer guarda o sabor de sua origem; o milagre é d'esses anjos, que mostram ser a mulher assim virtuosa, o esmero de Deos.

pag 166

No começo da guerra contra o Paraguay as brasilleiras desenvolverão o mais acrisolado patriotismo a tocar o heroismo. Dentre muitos exemplos refe rirei o seguinte

A illustre Senr.ª D. Rosa Maria Paulina da Fon.ca natural da Cidade das Alagoas (falecida em 11 de Julho de 1873) viuva do Ten.te Coronel Manoel Mendes da Fonseca, já tendo 6 filhos (valentes officiaes militares) no theatro da guerra, mandou o unico que tinha em sua companhia em defesa da patria, e com tanta resignação vivia, q. recebendo q. diversas vezes á noticia da morte de 3 de seus filhos em combate não desesperou: ao contrario consolava com indesivel heroismo as esposas de seus filhos fazendo-lhes sentir terem elles morrido valorosamente nos campos da batalha em desaggravo da honra de sua patria — Disse mais que antes queria perder todos os filhos defendendo a patria q. voltassem sem q. elle ficasse desafrontado. Heroismo maior q. o Romano

A illustre Senr.ª D. Anna Justina Ferr.ª Nery, viuva, natural da Bahia, reconhecendo q. a patria necessitava de filhos q.e desafrontar do ultraje recebido q.la insolencia estrangeira, q.a a pedir a desaggravar-lhe os brios, animou a seus 5 filhos que lhe servião de arrimo e os offereceo ao governo, acompanhando-os igualmente e foi occupar o lugar de enfermeira nos hospitaes de sangue, e tais forão os seus serviços feitos a humanidade e tão sublime á sua caridade, q. estornou a Chefe das enfermeiras dos hospitaes de

de sangue.
Os seus extremos em cuidar dos desgra-
çados lhe fez dar no Paraguay o nome
de Mãe de todos e o Anjo da Cari-
dade.
O Senado da Camara da Bahia cansado
das virtudes de tão illustre matro-
na lhe mandou tirar o retrato
e collocalo na Salla de suas sessões.

pirando com sua presença tranquilla, confiança e conforto; mais adiante, outro anjo de Deos, encostado á cabeceira de um homem, que lhe é estranho, suavisando-lhe as dores com a candida mão. E quem são esses anjos, que symbolisam a mulher na terra? São Irmãs da Caridade.

Nascemos para sentir, e só a mulher é que bem comprehende as mais pequeninas mudanças da sensibilidade. Amanos, quando apenas somos possiveis, quando realidade, e mesmo ainda além do tumulo. Seu amor é unico, unico o seu pensamento de affecto mavioso, ou afflictivo.

Ei-la no mundo, como mensageira de Deos, providenciando e repartindo com o homem a metade da vida, a fazer-lhe menos pesada a propria existencia, e menos tormentosa a peregrinação. Innocente, sem mancha, impeccavel, esse anjo de candura, á medida que a existencia se prolonga, entrega-se á descripção do homem, com vontade e sem acção. Nesse viver de prisões, nessa existencia circumscripta, a mulher se julga feliz, por ser mais nobre que a do homem a sua missão na terra. Anjo de Deos, os homens tudo te devem: o teu imperio, não se acabará na terra. O que ha de grande, indifinido, no sentir dos homens, tu o symbolisas. A religião, a virtude, a sabedoria, a prudencia, a mag-

« Admirando os prodigios, apanhei a occasião que podia dar ao nosso Brasil o exemplo dos santos desvelos das filhas de S. Vicente de Paulo, como V. S. vio no documento, que a meu pedido, lhe apresentou o Snr. Alexandre Borges, não para reclamar prioridade inutil, pois sei que o merecimento não está no sonho, e sim na realisação; porém á mostrar a satisfação de ver, passados vinte annos, verificar-se o que com mágoa minha, então falhára.

« Desculpe não dizer o porque, a cada um fique o que lhe toca.

« Hoje, á piedade de um digno prelado, e ao empenho de homens bemfazejos como V. S., deveremos o que outr'ora seria demasiada fortuna de um só.

« Teremos de ver brevemente estabelecida a irmande, que V. S. me annuncia, graças ao extremo cuidado de V. S., e á paternal valiosa protecção de S. Exa. Rvma. : tão dignos exemplos serão gostosamente seguidos. — Bem haja aquelle, que pela imprensa estendeo a mão do mendigo a pedir esmola, pelo amor de Deos, para obra tão admiravel.

« Agora, que conheço a mão, vou aperta-la em signal de veneração, e nella deporei a minha offrenda : o Snr. João Gonsalves Ferreira, me faz o obsequio de ser o portador, e eu peço o de não saber a mão esquerda, o que faz a direita.

« Nenhuma occasião me podia ser tão grata, quanto esta, para offe-

nanimidade, a fortaleza, a caridade, e as demais virtudes, vestem-se com as tuas galas, adornam-se com os teus vestidos.

Que amigo mais fiel possue um homem, do que uma mulher?

Nos prazeres da vida, ou na adversidade, é a mulher a inseparavel companheira do homem: ninguem a iguala no amor, nem na fidelidade, e mais ainda na piedade. Só a mulher comprehende a piedade, ninguem como ella exerce a caridade, e mais virtudes sociaes.

A par das miserias humanas, ella apresenta o balsamo da consolação, por existir nella a força precisa para o exercicio pleno, infatigavel do seu empenho no mundo.

Votada ao serviço do homem, e até mesmo aos seus caprichos, encara os males sem murmurar.

A mulher, do berço á sepultura, é a amiga desinteressada do homem; e abraçada com a innocencia, carinhosa se desvela á lhe servir de mãi; e qual rainha do universo, por sobre tudo atravessa á se mostrar protectora. Votada ao amor, até depois da existencia, a mulher venera a sombra do homem, adora a sua lembrança. O modo porque comprehende as affeições exteriores, e a facilidade dos desenvolvimentos,

recer-me a seu serviço, e levar-lhe os protestos da distincta consideração, com que preso ser de V. S. o mais attento venerador, amigo, etc.

« Engenho S. João, 1 de abril de 1849. » « *Pedra Branca.*

A' S. M. l'imperatrice du Brésil, D. Amelia.

Madame. — Qu'il soit permis à celui de vos sujets qui de premier a eu l'honneur d'être employé à votre service, d'être aussi le premier qui ait le bonheur de saluer V. M. du nom de son imperatrice. Que la première grâce qui émane de V. M. I. soit aussi la récompense des services d'un serviteur fidéle. Que V. M. commence par perdonner mon ambition; je profite, madame, de la fortune qui me sourit. Je supplie donc à V. M. I. de voloir bien emmener dans sa suite deux soeurs de charité, pour établir au Brésil cette institution, le chef d'oeuvre de la vertu des femmes. Que V. M. emmêne aussi avec elle, deux dames de St. Denis, pour instituer une maison d'éducation, pour les filles des brésiliens qui ont bien merité de la patrie. Que V. M. fasse établir des caisses de rachat, et dépargnes pour la liberté des esclaves, et la civilisation des Indiens. Que V. M. établis e une societé à l'instar de S. M. l'impératrice de Russie, pour la colonisation et le mariage des pauvres. Que V. M. I. apprenne la sous sa protection particulier e les enfans trouvés, et qu'elle fasse établir une société de belles lettres à Rio de Janeiro, et des societés d'agriculture dans tout l'empire, et qu'elle choisisse pour fondateurs des ces divers établissemens l'Evêque d'Anemuria, et Mr. M Calmon du Pin e Almeida. J'ose encore prier V. M.

sua nimia sensibilidade, a collocam na subida da nossa particular estima e adoração.

A cada instante, sua sensibilidade se affecta, e conforme o modo porque lhe toca, ei-la compadecida, em lagrimas, em cuidados sem fim; e quando o homem, ufano do triumpho, busca vence-la, lhe não disputa a gloria.

A beneficencia, e a caridade, são os seus distinctivos de gloria.

E' talvez por este conhecimento, que o homem, profundamente tocado dos males affrontosos de seus semelhantes, congregou por meio da religião, a essas filhas do céo, para exercitarem e repartirem com o homem infeliz os seus mais valiosos cuidados; e ellas, com o pensamento na Divina Providencia, e o coração no amor da beneficencia, a tudo se expoem! Filhas muito amadas de Deos, os soffrimentos dos homens vos são penosos!! Não importa... Vosso coração sensivel, é maior que a adversidade. A miseria é um mal; preveni-la, repara-la, é um bem; vós nascestes para o bem dos homens... Prehenchei vossa missão sublime.

A religião christã, tão maravilhosa em philosophia, quanto simples em preceitos, é fundada na caridade, e na liberdade do homem.

d'accepter l'exemplaire ci-joint de la constitution de l'empire, pour que V. M. I. prenne la langue nationale. C'est déja trop demander, et cependant ma femme et une fille ont aussi leur prière. Elles supplient V. M. d'accepter les deux objets d'art brésilien, que le chevalier de Plannu déposera aux pieds de V. M. Elles seront fières de penser que les premiers objets de parure brésilienne dont V. M. se soit servi, viennent de leurs mains.

En daignant nous accorder les graces que nous demandons à V. M., qu'elle nous permette de lui baiser la main, en signe de notre reconnaissance.

De V. M. I. Le très humble et très dèvouê surviteur. — (Signé) Le Vicomte de Pedra Branca. Cantorbery le 30 mai 1829.

A' son altesse royale madame la princesse Auguste Amélie de Bavière, duchesse de Leuchtenberg.

Madame. — Ayant eut le bonheur d'assister à la assignature du contrat de mariage, qui, dans mon opinion, va faire la félicité de ma patrie, je crois qu'il me sera permis de porter mes félicitations jus qu'aux pieds de votre altesse royale. Fier de cette faveur du sort, j'en abuse peut être, en suppliant votre altesse royale de vuloir bien présenter ma trés humble requêt ci jointe à mon auguste souveraine.

Madame, pardonnez la fierté d'un homme de bien, et d'un serviteur dêvouê, et daignez agrêer l'hommage des sentimens de la vènération profonde avec les quels je suis.

Madame, de votre altesse royale, très humble et ebéissant serviteur,

Cantorbery 30 mai 1829. (Signé) Le Vicomte de Pedra Branca.

As anteriores religiões adoptadas, desconheciam a caridade, por julgar antes um erro dos sentidos, do que uma realidade de facto, que eleva o homem acima das intelligencias. O christianismo, fallando ao espirito e ao coração, comprehendeo a dignidade do homem, e se fundou na caridade.

A caridade, sendo a mais nobre de todas as virtudes, e a mais necessaria para a humanidade, é a bandeira do christianismo, e o sentimento que mais approxima o homem, ao seu creador. A sciencia murcha, mas a caridade edifica. A caridade é paciente, é benigna; a caridade não inveja e nem obra temeraria nem precipitadamente; não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga da injustiça; pois folga com a verdade; tudo tolera, tudo crê, tudo espera, e tudo soffre.

A caridade, como diz S. Paulo (1.ª E. aos Corynthios), nunca jámais ha de acabar, ou deixem de ter lugar as prophecias, ou cessem as lagrimas, ou seja abatida a sciencia. A humanidade, sentimento nobre, que nos enche de compaixão, ou de verdadeiro amor para com os nossos semelhantes, de algum modo nos faz participar dos mysterios da Divindade, quando protege e vela sobre os miseros, que padecem. Este sentimento, que tão de perto nos toca. quando vemos a dor, ou a infelicidade, é tão poderoso em nossos corações, que obrando sobre o instincto, faz gerar a sympathia. Sentimos um não sei que de mysterioso, que nos obriga a voarmos em soccorro do miseravel.

Ouçamos o que diz o Espirito Santo por boca de Moysés (Deut. 15, 78):

« Se estando tu no paiz, que o Senhor teu Deos te ha de dar, cahir em pobreza um dos teus irmãos, que moram das portas para dentro da tua cidade, não endurecerás o teu coração, nem cerrarás a tua mão, mas abril-a-has para o pobre, e lhe emprestarás o que vires que elle ha mister.»

Jesus Christo com as suas obras exemplificou o que estava escripto, e perguntado por um doutor da lei, o que era preciso fazer para entrar na posse da vida eterna? (Lucas, 10, 25 e seg.) « Amarás ao Senhor teu Deos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu intendimento: e ao teu proximo, como a ti mesmo. »

O christianismo dá tanta força ao espirito, que o cleva ao verdadeiro enthusiasmo. A' tudo se sujeita o christão, por amor de Christo. Sua fé não enfraquece, ao contrario, mais robusta se apresenta nos tormentos da vida. O christianismo tanto vigora o homem, como a mulher, cada qual se esforça nos santos trabalhos, á que se entregam. « Assim (diz o conselheiro Bastos), os cenobitas do monte de S. Bernardo, tão elevados acima dos sentimentos vulgares, como sua habitação o é acima das outras habitações terrestres, rodeados de neve e cadaveres, respirando um ar humicida, practicando actos da mais extremada virtude, passam uma vida, que para os apathicos egoistas, e para os impios não póde deixar de ser um incomprehensivel mysterio. Quem se não enternecerá contemplando estes heróes do christianismo? Quem, vendo-os, não cahirá de respeito e admiração a seus pés?

As Irmãs da Caridade são outro prodigio permanente desta sublime virtude. Até a revolução Franceza as respeitou, não respeitando outra alguma associação religosa. As paixões desenfreiadas, que atacavam tudo, suspendiam sua furia á vista desses anjos da terra. Soldados freneticos, invadindo seus hospicios; vociferando injurias, sahiam arrependidos, edificados e cheios de veneração por ellas.

Ao só nome de Irmãs da Caridade, todas as idéas de virtuoso heroismo se despertam. Talvez (diz o patriarcha dos philosophos), não ha nada maior sobre a terra, que o sacrificio, que faz um sexo delicado, da belleza, da mocidade e muitas vezes do alto nascimento, para tractar nos hospitaes a reunião de todas as miserias humanas, cuja vista é tão humilhante para o nosso orgulho, e tão rovoltante para o nosso melindre: mas o que não diz, é que, isto são prodigios da piedade; é que toda a antiguidade pagã, não offerece nada de comparavel a esta admiravel instituição; é que antes do christianismo senão havia visto nada tão grande; é que os inglezes, tão ufanos de seus philantropicos estabelecimentos invejam ao catholicismo, estes, que elles não teem podido aclimar.

Assim como o enthusiasmo do genio faz os poetas e oradores, o enthusiasmo da gloria faz os grandes capitães, será o enthusiasmo da caridade, que faz as filhas de S. Vicente de Paulo? Talvez não faltará quem o pense: mas o

o enthusiasmo ama a publicidade, electrisa-se aos sons dos clarins da fama, e as filhas de S. Vicente trocam as delicias, o esplendor e as vaidades do mundo pela obscuridade dos hospitaes, pelos retirados asylos em que se pena e chora. O enthusiasmo não tem senão accessos; a sua luz é como a do relampago, que rasga subitamente os ares e desapparece; e ellas permanecem sempre da mesma sorte; a sua vida é o sacrificio da manhã, da tarde, e da noite, é o trabalho, é o sacrificio de toda a vida. Onde houve uma constancia superior a dellas, em soffrer e em soccorrer os que soffrem? Quem unio tanta severidade comsigo á tanta sensibilidade com os infelizes? Uma paciencia tão inalteravel, uma abnegação tão heroica, uma coragem tão magnanima, entre tantos objectos, que revoltam os sentidos, entre tantas ingratidões, que revoltam o espirito? Que força desconhecida sustenta este sexo delicado? Que mão poderosa defende estas virgens innocentes, e repelle para longe dellas os males, que ellas alliviam? Porque milagre salvam ellas a sua vida, com a sua vida, com a sua virtude? Alguma columna protectora marcha diante dellas, ou é um raio da gloria divina, que brilha em seus semblantes! Ellas, porém, não se dedicam só nos hospitaes ao serviço da humanidade. Onde se geme, onde se chora, onde a morte lucta com a vida, onde se precisam seus cuidados, ou seus desvellos, ellas estão lá. Correm para prestar, ás ruas das cidades, os caminhos tortuosos dos campos, sem que algum estorvo, sem que motivo algum as embarasse: e anjos enviados do céo, aos desditosos da terra, o seu ministerio não se limita aos soccorros temporaes. Quantas vezes de seus labios purissimos, ellas destillam o doce maná da religião, com que animam entes extraviados, proximos a ficar nos desertos do crime? Quantas vezes com um gesto, com uma palavra cheia de unção divina, ellas introduzem a luz da fé nas trevas da incredulidade, no labyrintho desanimador do crime, as consolações da esperança? Aqui temos a mulher e as Irmãs da Caridade.

pag. 172

(1)

D. Feliciana Maria Barros, ~~natural da~~ ~~A~~ viuva, sabem dante, de fortuna, natural
emoradora em Macuó era tão ex tremosa
em fazer bem, q' consumio essa fortu
na em dar esmolas
Todas as noites sahia embuçada em um
capote pelas ruas botando esmolas
pelas casas das necessitadas sem q' elles
sôbessem donde vinha a beneficencia
~~Era ella a provedencia~~ -

Da mulher perante o Evangelho.

SEGUNDO S. LUCAS.

Houve em tempo de Herodes, rei de Judéa, um sacerdote por nome Zacarias, da turba de Abias, e sua mulher era da familia de Arão, e se chamava Isabel. E não tinham filhos, porque Isabel era esteril, e ambos se achavam em idade avançada.

Succedeo, pois, que exercendo Zacarias diante de Deos o cargo do sacerdocio, na ordem de sua turma, cahio-lhe por sorte, segundo o costume que havia entre os sacerdotes entrar no Templo do Senhor a offerecer o incenso: e appareceu a Zacarias um Anjo do Senhor, posto em pé da parte direita do altar do incenso; o que vendo Zacarias, ficou todo turbado, e foi grande o temor que o assaltou. Mas o Anjo lhe disse: « Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração; e Isabel, tua mulher, te parirá um filho, e pôr-se-lhe-ha o nome de João.» Algum tempo depois concebeo Isabel, sua mulher, que por 5 mezes se deixou estar escondida, dizendo: « Isto é a graça que o Senhor me fez nos dias em que attendeo a tirar o meu opprobrio dentre os homens »

Estando Isabel no 6.º mez, foi enviado por Deos o Anjo Gabriel á uma cidade da Galiléa, chamada Nazareth, a uma virgem desposada com um varão, que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. Entrando o Anjo onde Ella estava, disse-lhe:

« Deos te salve, cheia de graça; o Senhor é comtigo; benta és tu entre as mulheres.»

Ella como o ouvio, turbou-se do seu fallar, e descorria pensativa, que saudação seria esta. Então o Anjo lhe disse:

« Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deos: eis conceberás no teu ventre, e parirás um filho, e por-lhe-has o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado Filho do Altissimo, e o Senhor Deos lhe dará o throno de seu pai David, e reinará eternamente na casa de Jacob; e o seu reino não terá fim.»

E disse Maria ao Anjo:

« Como se fará isso, pois eu não conheço varão? »

E respondendo o Anjo lhe disse:

« O Espirito Santo descerá sobre Ti, e a virtude do Altissimo Te cobrirá de sua sombra; por isso mesmo o Santo, que ha de nascer de Ti, será chamado Filho de Deos. Que ahi tens tu, Isabel, tua parenta, que até concebeo um filho na sua velhice, e este é o 6.º mez da que se diz esteril; pois que a Deos nada é impossivel.»

Então disse Maria :

« Eis-aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim, segundo a tua palavra.»

E naquelles dias, levantando-se Maria, foi com pressa ás montanhas de uma cidade de Judá, e entrou em casa de Zacarias e saudou a Isabel. E aconteceo, que tanto que Isabel ouvio a saudação de Maria, deo o menino saltos no seu ventre; e Isabel ficou cheia do Espirito Santo; e bradou em alta voz, e disse :

« Benta és tu entre as mulheres, e Bento é o fructo do teu ventre.»

Então disse Maria :

« A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espirito « se alegrou por extremo em Deos meu Salvador. Por elle « ter posto os olhos na baixeza de sua escrava ; porque eis ahi « de hoje em diante me chamarão bem aventurada todas as « gerações. Porque me fez grandes cousas o que é Poderoso, « e santo o seu nome. E a sua misericordia se estende de « geração a geração sobre os que o temem. Elle manifestou « o poder do seu braço : dissipou os que no fundo do seu co- « ração formavam altivos pensamentos; depoz do throno os « poderosos e elevou os humildes. Encheo de bens os que « tinham fome, e despedio vazios os que eram ricos. Tomou « debaixo da sua protecção a Israel seu servo, lembrado da « sua misericordia. Assim como tinha promettido a nossos « pais, a Abrahão, e á sua posteridade para sempre. »

Mulier, ecce filius tuus... Ecce Mater tua.
(S. J. Cap. XIX, Vers. 26 e 27.)

Em pé junto da Cruz, Maria, estavas,
Vendo morrer na Cruz o Autor da vida.
Morrer Esse, que o céo cobre de nuvens,
E de um aceno a noite enche de estrellas!

Choravas que eras mãi... mas filha d'Eva,
Sorrias vendo a pobre humanidade
No sangue dessa CRUZ lavando a nodoa,
Que o primitivo crime lhe estampára.
Do alto da montanha Tu mostravas
Aos povos, a Israel, aos céos e infernos,
Que ali vinhas cumprir sobre o Calvario,
O que ao celeste nuncio prometteras,
— Corredemptora ser da raça humana,—
A prol do homem, como Eterno, dando
O mais que tinhas... Deus .. TEU proprio FILHO.

Chorosos, como TU, os milhões d'anjos,
Que pelos céos e terra, e mar revoam,
(Quasi invejando o homem que valia
Do FILHO e do SENHOR o sangue todo)
Prostrados ante o CHRISTO soluçavam,
Vendo humilhado, como rei, AQUELLE,
Que sobre os mundos erigio SEU throno.
As festas de BELEM, as alegrias
Em prantos se mudavam sobre o GOLGOTHA...
Tudo era luto e dor, saudades tudo.
Mas quando a TI JESUS volveo seus olhos
« Mulher (dizendo) os homens são teus filhos,
« Em meu lugar T'os deixo, EU T'os entrego;
« D'elles todos sê mãi, mãi carinhosa, »
Foi então, que o sonoro hosana ouviste
Que inteira a creação TE descantava.

Os anjos das nações banhando as azas
No sangue de TEU FILHO moribundo,
Voaram para os povos, que guardavam;
E sobre elles o balsamo espargindo,
Que das nevadas plumas lhes manava,
Em concerto c'os orbes Te disseram.

Hosana ao TEU nome que E's cheia de graça,
Bemdita entre todas, hosana ó Maria!
A serpe do abysmo TEU pé despedaça,
As furias lhe domas, hosana, ó Maria!

O FILHO não chores, que houveste do Eterno,
O homem por filho, TE fica, ó MARIA,
Invejam-no os anjos, pragueja o inferno,
Acatam-no os mundos, hosana, ó Maria!

Das obras divinas não é a mais bella?
Não foi o seu preço TEU CHRISTO, ó Maria?
Tu mesma o remiste, celeste donzella,
Tu mesma o salvaste... hosana, ó Maria.

O que Eva de males causou peccadora,
Sarastes acceitando ser Mãi, ó Maria,
E Mãi dos homens tornaste-te agora:
O' gentes reunidas, hosana a Maria.

Que és Mái, Tu lhes mostra, que nunca TE esqueces,
Que a CRUZ tantos filhos TE deo, ó Maria,
Ao VERBO apresenta seus rogos e preces,
Dizendo-TE, escuta-os: hosana, ó Maria.

Do alto lhe brilhas estrella dos mares,
Nas trevas da vida, piedosa Maria,
Nas angustias consola-os, ó Mãi dos pezares,
Recebe-lhe os cultos: hosana, ó Maria.

(D. J. M. DA P. E LENCASTRE).

Do Bello e da Belleza.

Dessa mesma harmonia absorto o mundo,
Vio brotar mór poder do que a Belleza,
Que sempre a enfeita mais, e a suppre ás vezes,
Que em todo o tempo e sitio apraz a Graça.
Mas como defini-la, e seus encantos?
Ah! percebe-se a Graça e não se explica.
Vence as exhallações, e é grato á vista
As formas passageiras vislumbrar-lhe;
Scintilla a furto, mostra-se um momento;
E' fragancia que mansa enfrasca os ares,
E' flor que desabrocha ao desalinho
E proxima de abrir-se hesita ainda.
A idéa, que transcende o véo, que a furta,
Gosto de imaginar ao dever junta;
E da imaginação é preferida
A' sempre regular Belleza insulsa.
Acho em suas feições, bem que indecisas,

Um chiste, que não tem cantor no exacto
Da Belleza : a ligeira forma sua
Onde está? na princeza, ou na pastora?..
Onde d'arte a despeito, a Natureza
Passando a faz nascer, e a lança á toa.
Com o mesmo feitiço, em tudo amavel,
Falla ou reprime a voz, descança ou lida.
É da singella infancia o dom primeiro;
Deo lhe a Graça o seu facil abandono,
Lesteza, que Montagne exalçou tanto.
Com ella sempre vem ditoso á tempo,
Seus philtros mais gentis do acaso tira,
Ella nunca procura, e sempre encontra.
Poucos a topam, mas sem custo a topam.
Receia a compressão, teme a fadiga.
O exforço lhe despraz; quando risonha
Os malhos de Vulcano impunha Venus,
O ar da felicidade a faz mais bella.
O capricho se molda á encantadora,
Vem quando a esquecem, quando a buscam foge.
É nympha que ao pastor, que a segue, escapa,
E volve arrependida, e mais amavel;
Traz em desleixo, em desalinho encanta;
Tibullo é seu poeta; e seus cantores
De Lilia nas feições ella inspirava.

DELILLE.

A Belleza, considerada abstractamente, não é outra cousa mais, que os caracteres reaes e destinctos, e os signaes exteriores e conhecidos da perfeição de um individuo.

Condillac, chama bello, a tudo, que agrada á vista, ao ouvido, e ao tacto; do que se póde concluir, com outro pensador, que o bello não é absoluto; e que é relativo ao caracter daquelle que o julga, e á maneira de que é organisado. O bello, póde ser considerado sob quatro modos, que são; o bello que affecta o sentido da vista; o bello moral, que é a mola do coração; o bello nas obras do espirito, que á elle mesmo pertence; o bello musical, que é do dominio do ouviddo ; o bello visivel, que é uma concordia que resulta das producções, que a natureza ou arte, põe em seus trabalhos, e consiste na variedade, reduzida á unidade.

O bello moral, é a analogia das acções do homem, com o

fim para que veio ao mundo; e consiste no amor do bem publico, e da ordem civil.

O bello nas obras do espirito, se divide em bello essencial, bello natural e bello arbitrario. O bello essencial consiste na honestidade e na verdade unidos á clareza: O natural consiste nas imagens, nos sentimentos e nos movimentos. As imagens devem encerrar em si, o grande e gracioso; ou pelo menos, um dos dous: os movimentos devem contêr o forte e o terno, e bem, o que se chama pathètico. O bello arbitrario, consiste no gosto proprio de cada nação. O bello musical, consiste na melodia, ou na harmonia. Estes sentimentos vistos como se devem, não tem em resultado senão conduzir-nos ao gosto do bom e do honesto.

O Dr. *Pedro Russell* (1) fallando do *bello*, diz, que examinando os objectos proprios para delinear a idéa do *bello*, acharemos, que vai com ella envolvida a idéa do bom, que sempre se lhe mistura por uma daquellas rapidas operações do nosso espirito, que de muitas idéas parece formar só uma. Todos cancordam em que, para os objectos serem *bellos*, devem ser *grandes*, isto é, devem ter toda a relativa grandeza, que a sua especie permitte; porque o mais pequeno objecto póde ser *bello*, comparado aos seus semelhantes: uma rosa é *bella*, quando tem toda a grandeza e lustre possivel de uma rosa, e então é mais activa e mais agradavel a impressão, que faz em nossos sentidos: um cavallo é *bello*, em proporção a sua corpulencia, a flexibilidade de seus jarretes, o luzir de sua pelle, a soberba do seu aspecto, e o fogo, que respira pelos olhos, pelas ventas, attestam o seu vigor e ligeireza. O author do artigo *Bello*, na *Encyclopedia*, serve-se do exemplo de um bello cavallo, para combater o author do *Ensaio sobre o Merito, e a Virtude*, que refere ao *bom*, o principio do *bello*: um bello cavallo, que passa pela rua (diz elle), parece bello á quantos o veem, posto que nenhuma esperança tenham de o possuir. Esta objecção, é pouco reflexionada: quando admiramos a belleza de um objecto, que parece não ter com nosco relação alguma, por uma illusão momentanea, tomamos o lugar daquella pessoa, que está em circumstancias de o gozar; esta acção reflexa do nosso entendimento, ou antes da

(1) Syst. Phy. e Mor. da Mulher cap. 1.º part. 2.

nossa sensibilidade, repete-se a cada instante da vida; e é provavelmente com este fio, que á natureza nos prendeo aos outros seres, sem o que para todos, seriamos indefferentes: deste modo, quando um campo nos parece bello, nós por um momento nos identificamos com aquelle, que lhe recolhe os fructos. A belleza do universo nasce da ordem, em que está posta e em especial das vantagens que della resultam aos entes sensiveis, que encerra, em cujo numero nos contamos.

Nas producções da arte, assim como nas da natureza, consiste o *bello*, nas idéas da grandeza, e exacta correspondencia da execução com um designio util, que sempre em nosso espirito accordam. A idéa da grandeza, excita ordinariamente a do poder: e quem é, que não sabe, porque motivo esta ultima atrahe tanto, os homens? Querer-se-hia por ventura ser poderoso, se dahi não viesse proveito? A grandeza e a humildade, seriam maneiras de existir absolutamente indifferentes, se não fossem as vantagens inherentes á uma, e aos inconvenientes, que acompanham sempre á outra.

As proporções de um bello edificio, agradam-nos, porque exactamente preenchem o fim proposto, e concorrem para a grandeza e solidez da obra, ainda mais, que para a sua belleza: pouco admira-nos os mais bem acabados capitéis, corinthios, collocados sobre columnas, cujas dimensões não promettessem bastante segurança ao peso daquellas grandes maças, que tinha de sustentar; os ornatos só produzem bom effeito, quando reunem as qualidades essenciaes: desdenham-se os prazeres frivolos, quando senão gozam aquelles, que são indispensaveis: um tecto pintado por Miguel Angelo, não deleitaria um homem, que receiasse vel-o desabar sobre a sua cabeça: por semelhantes impressões, ainda que menos manifestas, é que ordinariamente julgamos os obejtos, sem que o nosso espirito pareça adverti-lo. A architectura gothica desagrada-nos, porque os ornatos, de que excessivamente se carrega, e a falta sensivel da proporção em seus meios, ainda mais do que provam o máo gosto do artista, annunciam a fragilidade do edificio; por isso que, servindo-lhe de regra o capricho, offerece muitos objectos sem designio; e que as suas multiplicadas figuras, em vez de nos recordarem a Natureza, nol-a fazem anto-

lhar desordenada, atormentando em consequencia, a nossa imaginação. Dir-se-ha talvez, que se tudo consiste na grandeza e na solidez, nada é mais facil do que obter essas prerogativas; porêm esta idéa é falsa: ellas dependem de uma certa proporção nos meios empregados, para as obter; prodigados estes meios, prejudicam o objecto proposto, e estorvam o seu uso. E' pois a peritica correspondencia dos meios, com um fim util e grande, que faz com que as cousas sejam bellas; e é isto, o que os nossos sentidos observam, logo que são feridos por algum objecto, com que se depara esta feliz correspondencia.

Nem tudo o que é *bom*, é *bello*; vejamos agora como melhor se póde comprehender esta idéa: o *bello*, é tudo o que agrada a nosso espirito, pelo conhecimento que temos do ente em que o observamos; ou para fallarmos na linguagem dos discipulos de Leibnitz, bello é ser perfeito, em quanto delle observamos a perfeição. A *Belleza*, é em si mesma a qualidade que tanto gostamos de encontrar nos objectos. Encarada só por si e abstractamente a *Belleza*, não é mais que os caracteres reaes e destinctos, e os signaes exteriores e conhecidos da perfeição de um ente; considerada nos objectos, que por causa della chamamos bellos, dizemos que a Belleza é o poder, que tem um ente de agradar-nos, quer pelos caracteres reaes que nos apresenta de sua perfeição, quer pelos signaes exteriores, pelos quaes elle no-la annuncia. Finalmente (como quer um dos redactores do grande codigo da humanidade), se se toma a Belleza com um sentimento, que nos occupa, é ella o sentimento reflectido do prazer, que experimentamos pelo conhecimento que adquirimos da perfeição de um ente, quer por descobrir nelle, seus caracteres essenciaes, quer por destinguir-lhe os signaes que-della annunciam a presença. Dizer Belleza, é dizer uma qualidade, que quando a vemos impressiona-nos agradavelmente; o sentimento de sua presença, é essencialmente um sentimento de prazer, um movimento de approvação e de preferencia. Segue-se disto, que tudo o que não faz em nós alguma impressão; tudo que não destinguimos, tudo cuja presença physica ou moral para nós não tem principio de prazer algum, não tem para nós Belleza.

A verdadeira Belleza, é essencialmente destincta, e não é outra cousa senão a perfeição percebida nos individuos per-

feitos. O sentimento que a belleza nos faz experimentar, não é um sentimento cego, não é uma sensação, que só dá ao nosso espirito uma idéa simples e confusa, que é independente de nossas idéas, de nosso intendimento. E' um sentimento reflectido do que somos affectados, só pelo conhecimento, menos confuso que, o que delle temos a principio; um sentimento cuja causa não é uma qualidade physica, uma impressão material, de um corpo sobre nossos sentidos; porém um objecto puramente ideal e intellectual, que só é percebido pelo pensamento. Nós o descobrimos mesmo mui distinctamente, nos seres puramente intellectuaes, por meio do espirito, como n'um discurso, n'um poema, n'uma proposição composta, n'um systema scientifico. Se em muitos casos, devemos fazer uso do nossos sentidos para distinguirmos a Belleza, provém isso de a encontrarmos nos corpos, que percebemos pelos sentidos: porém mesmo neste caso, os sentidos servem-nos para descobrir a Belleza, assim como a vista nos serve para descobrir os pensamentos de um autor, n'um escripto que temos, ou com o ouvido a apanhar as idéas do orador que nos falla: estamos certos, que ninguem dirá, que a vista e o ouvido, é que servem as perfeições intellectuaes do escripto, ou do discurso. Dizer, como nós, que o sentimento da Belleza, é um sentimento reflectido, não é dizer, como alguns escriptores, que percebemos e sentimos a Belleza, por um instincto tão pouco esclarecido e reflectido, como o que nos faz distinguir quanto é bom ama-la, distinguirmos o doce calor do corpo humano, e o ardor abrazador do fogo.

Com effeito, se o systema desses escriptores, tivesse fundamento, porque razão o menino não perceberia alguma Belleza, no que por esta qualidade encanta ao homem feito? Porque razão um ignorante, cujos sentidos são tão perfeitos como o do mais habil conhecedor, não encontraria alguma Belleza, no que encanta o homem instruido? Não é necessario conhecimento algum preferivel, nenhuma meditação, nenhuma indagação, nenhuma experiencia precedente, para que um menino, ou um ignorante, que nada tem visto, e que pouco tem reflectido, ache agradavel o leite de sua ama, o cheiro de uma rosa, o som de uma flauta, e o gosto de uma fruta bem madura. Dirão do mesmo modo, que não é necessario ter uma luz de experiencia e de reflexão para en-

contrar e sentir a Belleza, n'um pedaço de architectura, n'um quadro de Raphael, n'um discurso, n'um poema, n'um pedaço de musica, n'uma armada, n'um governo, e n'uma acção moral: porque se o sentimento da Belleza, fosse uma sensação, se a mesma Belleza, fosse uma qualidade, da qual se julga sem razão, o menino ou o ignorante, que nem a sente, e nem a vê de presente em um objecto realmente Bello, ahi a descobrirá quando houver adquirido mais luzes, quando pela experiencia e observação diuturna do succedido na natureza, puzer-se em estado de julgar do que é perfeito. Porque diariamente, vimos, que quanto mais a experiencia nos esclarece sobre o que constitue a perfeição dos entes, mais Belleza, descobrimos no que é perfeito. Se nos objectará aqui, sem duvida, que vê-se os meninos preferirem ás pessoas bellas, ás feias; um ignorante distinguir um bello homem, e uma mulher bella, de uma pessoa feia.

A Belleza não é mais, *que os caracteres distinctos e bem visiveis, e os signaes bem pronunciados e conhecidos da perfeição dos entes.*

Os dous membros desta definição, necessitam ser distinguidos. *Os caracteres da perfeição d'um objecto*, são sua mesma perfeição, o que constitue a essencia; ver esses caracteres, é vêr a mesma perfeição do ser, sua aptidão em preencher seu destino. Para julgal-o, é preciso saber: 1.º ao que o ente é destinado: 2.º o que é exigido para que elle possa corresponder á seu destino. Ora, nem uma, nem outra cousa está no poder dos sentidos; só se adquire disso o conhecimento, pela reflexão e pela experiencia, que fórma as materias com que a reflexão se exerce. Vemos o homem andar, e julgamos que essa é uma das cousas, para que o destino o chama: não o vejo andar de quatro pés como os brutos, vejo-o andar direito: vemos conservar-se de pé, servir-se dos braços para pegar nos corpos, e dos olhos para descobrir em torno de si, o que existe e o que o interessa. Eis uma parte de seu destino; á principio não advinharemos como deve elle ser configurado para poder executar essas diversas cousas com a maior facilidade; mas pela experiencia que em nós mesmo fazmos, pela que vemos fazer nos outros, instrui-mo-nos bem depressa, e então julgamos que para elle conservar-se em pé, é necessario que as partes de seu corpo estejam em exacto equilibrio: sabemos que si só um lado es-

tiver mais carregado decidirá logo sua quéda. A symetria das partes que compõem seu corpo, parece-nos então uma condição essencial á sua perfeição e destincção bem pronunciada dessas partes, que são iguaes de ambos os lados, tornam-se á nossos olhos um traço notavel de belleza, porque a symetria constitue a essencia da perfeição do homem, no que se chama andar direito, e conservar-se em pé. Esses são os caracteres, que nós chamamos *caracteres distinctos e bem visiveis de perfeição*. Dizemos caracteres distinctos e bem visiveis, porque se esses caracteres fossem invesiveis, nós não veriamos alli belleza alguma; se apenas fossem observaveis, nós só teriamos uma ligeira idéa de sua perfeição e só á custo perceberia sua belleza, nosso espirito avidò de conhecer as causas do que vemos succeder, ficaria pouco satisfeito, pois que não enchergaria as razões do que existe e os meios empregados para produzirem o effeito, do qual sente a utilidade. Póde-se fazer o mesmo raciocinio, sobre todas as partes do corpo humano.

A applicação destes principios, é principalmente sensivel na architectura. Um edificio, póde ser essencialmente perfeito e não ter entretanto belleza; sua massa uniforme póde firmar-se n'uma base assáz sólida, para que não corra risco de se abysmar; ser assás elevada perpendicularmente para que se não tenha temor, que se desenrole: os lugares por onde a luz deve entrar collocados de modo, que possam esclarecer os repartimentos, as portas abertas e dispostas de uma maneira propria, á facilitar a entrada e as communicações; os repartimentos providos de tudo que exigem as necessidades, as commodidades e os prazeres dos habitantes. Entretanto tudo isso, póde ser sem belleza; porque em parte, se haverá expremido os caracteres de diversas perfeições, para que o espirito as distingua.

Porêm, quaes são aqui esses caracteres? A experiencia do que a physica e a natureza nos ensina, nos dirá. A' uma reunião de pedaços de certa elevação, da qual se quer prevenir o desmoronamento, a quéda ou a destruição, a natureza exige, que o outro seja mais elevado, que as partes lateraes lhe sirvam de apoio e firmem-se bem umas sobre as outras: que tudo que excede da base, ou da linha parallela sirva de apoio para impedir, que elle se derrube; que se possa sustentar por escóras perpendiculares os pesos

maiores, sobre tudo, quando pela natureza de suas feições exigem, que sahiam do corpo principal; essas escóras devem ter uma grossura proporcionada ao peso, que devem carregar: todas as peças devem ligar-se e apoiarem-se, e sustentarem-se de modo proprio á prevenir a separação, a destruição e a quéda: tal é a regra da solidez; a da estabilidade, que consiste no que é destinado á sustentar-se em pé e não poder ser derrubado nem de um, nem de outro lado, não só exige uma exacta perpendicularidade observada na accumulação das peças; porêm apoios cuja base seja proporcionada á altura do corpo principal; e alêm disso, uma destribuição bem igual do peso de cada lado, as massas mais grossas no centro, ao menos nos lados, com dimensões e talhes iguaes. Muito peso d'um lado faria abater o todo; apoios mais longos, mais fortes e mais altos, que o corpo principal, não seriam apoios; tornar-se-hia o corpo principal, e contra a natureza das cousas o apoio mais baixo e mais pequeno ficaria no centro, onde perderia a força e deixaria de ser apoio. E' esse o deffeito de muitos edificios cujas alas, que são julgadas ser os apoios do corpo principal, são maiores e as vezes mais altos; é esse tambem o grande meio dos edificios gothicos, cujas extremidades são ordinariamente massas gigantescas, ao das quaes o corpo essencial do edificio só parece um lugar muito fraco para contêr o que segundo o bom gosto, que não é mais que a lei da natureza, deveria servir de simples apoios destinados á sustentar a estabilidade do outro, que sendo o corpo principal deveria ser mais elevado do que seus apoios. Vamos procurar nos raciocinios vagos a essencia da belleza; as proporções das quaes não sei dar a razão, o gosto do instincto do qual não conheço as regras, e que fica arbitrario, não poderia me instruir. Porêm vemos a belleza, sentimol-a com prazer, quando sabendo o que deve ser uma cousa para ter todas as qualidades requeridas para sua perfeição, vemos em caracteres distinctos a expressão dessa qualidade, a prova de sua existencia, e os traços essenciaes da perfeição do objecto. E' facil agora fazer applicação destes principios a todos os objectos imaginaveis, que são susceptiveis de belleza, ás producções da natureza e ás obras d'arte. Em tudo que existe perfeição, si o ente é de natureza á poder ou pelos sentidos ou pela reflexão descobrir-se a perfeição,

os traços distinctos e percebiveis dessa perfeição serão sempre a belleza: Já dissemos que, além dos traços que exprimem immediatamente perfeição, e que são caracteres essenciaes e constituintes, havia uma Belleza, que constituia signaes percebiveis de uma perfeição, que sem elles não poderiam percebel-os, porém da qual elles são indicios por instituição da natureza, de sorte que, é preciso conhecer o sentido dessa linguagem da natureza para descobrir-lhe a Belleza. Explicar-nos-hemos por um exemplo. Admiramos como uma Belleza, no corpo da mulher, o arredondamento dos membros e das juntas, a passagem agradavel, correcta e pouco notavel d'uma parte á outra, d'onde provém a apparencia de custo nos movimentos, e por isso mesmo mais graciosos. Vemos com igual sentimento de approvação e encaramos como uma Belleza no corpo do homem, musculos bem pronunciados, expressados de um modo saliente, passagens bem sensiveis e decididas d'uma parte do corpo á outra, juntas, que se annunciam, e d'onde nasçam apparencias de movimentos mais duros, mais bruscos e mais decididos, menos arredondamento nos braços, barba bem fornida, o que nas mulheres olhariamos como um traço de fealdade.

Estes não são caracteres constituintes, porêm sim os signaes annunciativos da perfeição. Si estes traços fossem a mesma perfeição, a Belleza á esses diversos respeitos seria a mesma, tanto no homem como na mulher. São estes os signaes dos quaes muitas vezes não vemos a ligação com a perfeição, que annunciam. Mas afóra o differente destino, mais natural ao homem e á mulher, a experiencia nos ensina, que esses traços mais distinctivos no homem são signaes do vigor e da agilidade, que sua vocação natural tornam-lhe necessarios, que muitos annunciam a coragem e a firmeza de que elle tem precisão por seu estado e destino, no entanto que os traços apagados, qualidade do sexo femenino, são indicios de menos força, de mais doçura, e de sua aptidão em preencher o fim, para que foi creado e para representar o papel que a natureza lhe assignalou. Esses traços uma vez conhecidos, para serem signaes das disposições requeridas em cada um dos sexos, tornam-se á nossos olhos, bellezas reaes. Succede o mesmo a respeito da vivacidade e da côr dos olhos, de certas feições do semblante, da

reunião que caracterisa a physionomia, da têz da brancura e do unido da pelle, etc; essas diversas apparencias, são menos Bellezas reaes, que signaes reconhecidos, como annuncio ordinario das disposições do corpo ou do espirito, do caracter dominante, das paixões, das inclinações e dos costumes, por consequencia, como signaes de perfeições amaveis ou de deffeitos reprovaveis. O mesmo dá-se com a fórma e a côr das fructas e de certos animaes. Julgo que ninguem, negará os diversos factos que acabamos de expôr, e nem desconvirá, que nos differentes objectos de que vimos de fallar, o effeito da Belleza não seja, como temos observado, *a perfeição percebivel e destincta*, quer por seus proprios caracteres, quer pelos signaes, com que a natureza a annuncia. Porêm onde irmos nós aprender á julgar dessas perfeições? Já ensinuado tambem o temos, que não será pois, como a maior parte dos autores, que tem escripto sobre o *bello*, na supposição de um gosto innato que não existe, ou que não é mais que uma experiencia começada com a nossa vida; nem será tambem nas idéas vagas d'uma *unidade original e sobrenatural, n'uma combinação de verdade e uniformidade*, do que a razão composta fórma a Belleza; n'uma *variedade, n'uma regularidade n'uma ordem, n'uma uniformidade, n'uma proporção*, d'onde nasce, uma qualidade que exerce o espirito sem mortifica-lo; na obscura propriedade de despertar em nós *idéas abstractas de relações;* e nas *regras eternas e immutaveis da geometria*.

A pesar de todas essas noções, nós ignorariamos sempre o que é a Belleza, e ficariamos sem regras fixas para julgar de sua existencia. Porêm tomamos á natureza observada por mestre, o conhecimento do destino das cousas, por guia, e acharemos, que tudo quanto faz distinctamente perceber a perfeição d'uma cousa; tudo quanto sobre ella traça caracteres claros e intelligiveis, constitue a Belleza; que emquanto n'um ente, nada ha pintado em nosso espirito a perfeição e não nos torna sensiveis, por mais perfeito, todavia, que realmente seja, esse ente não é Belleza para nós; que ao contrario, quando nosso espirito nelle distingue um grande numero de gráos de perfeição e quanto mais distinctamente os percebe separadamente, mais Belleza lhe encontra.

Entretanto, ha dous objectos muito susceptiveis de

Belleza, e nos quaes todavia não é muito facil em apparencia descobrir o destino, e do mesmo modo a perfeição, á vista do que parece, que é por sorte de instincto, que se o julga; e não por um juizo esclarecido, como é certo, á respeito de outro qualquer objecto: um é a côr, o outro os sons.

As côres e os sons, podem-se offerecer á nossos olhos sob dous pontos de vista, como empregados pela arte, para imitar e retratar em nossos sentidos os objectos conhecidos ou imaginados; a pintura, representa á nossos olhos, pelo emprego das côres, as apparencias exteriores e visiveis dos seres corporaes; a musica, serve-se dos sons para representar ferindo nossos ouvidos, os movimentos d'alma e os accentos das paixões. Considerada sob esse ponto de vista, as producções da pintura e da musica tiram, sua Belleza da exactidão, com que ellas correspondem á seu destino, isto é, da perfeição da imitação; nesse caso ellas por si mesmas entram na classe dos seres de Belleza, dos quaes temos fallado.

Em segundo lugar, as côres e os sons offerecem-se como susceptiveis de Belleza, ou como della dando nos o seu tamanho só pelo effeito de sua combinação, sem que possamos indicar por destino preciso de sua existencia senão sua mesma existencia e a sensação agradavel, que a impressão, que ellas fazem sobre nós, nos faz experimentar.

As côres agradam á nossos olhos, tomada cada uma á parte, e os sons agradam á nossos ouvidos, tomando cada um individualmente, como os sabores á nosso paladar, e os perfumes de nosso olphato; mas os outros só produzem sob essse ponto de vista simples sensações agradaveis ou desagradaveis, os quaes se não podem attribuir Belleza, sem apartar-se das regras de uma exacta impressão.

Sob outro ponto de vista, as côres e os sons podem ser dispostos e combinados de uma maneira propria á produzir sobre as razões da vista e do ouvido, novas impressões previstas pelo pensamento e criadas pela arte de confundir, ou de as dispôr: aqui é propriamente, que começa a difficuldade que nos consta, e que para ser inteiramente destruida, exigiria discussões improprias de entrar nesta obra, cujo fim é a moral. Entretanto mostramos aqui; 1.°, em relação ás côres, que muitas vezes se chama *bella* uma só côr,

logo que agrada á vista da pessoa que a julga: nesse caso, se deveria dizer, para fallar exactamente, que é agradavel, assim como se diz que o gosto de um fructo agrada ao paladar: chama-se *bella* tambem quando é de perfeita uniformidade, sem mistura alguma de tinta diversa; nesse caso, olha-se como tendo um destino, que se não póde dizer que essa côr preenche mais ou menos perfeitamente: se ella preenche perfeitamente esse destino, tem algum direito de attribuir Belleza á essa côr, pois que offerece ao espirito um caracter real de sua perfeição, offerecendo-lhe uma perfeita igualdade tintas em toda a extenção de sua superficie, e portanto um destino exactamente preenchido. O mesmo diremos dos sons, encarados sob um ponto de vista semelhante. Notaremos em 2.° lugar que as côres e os sons, podem tambem ser combinados uns com os outros, collocados successivamente, reunidos e misturados de diversas maneiras; porém aqui, onde as combinações não tem regras, nem desenho, e sem outro guia senão o capricho, de um tal ajuntamento não poderia resultar Belleza, porém tão sómente uma raridade de sensações, sem caracter decidido e sem significação: e não se teria mais direito de chamar *bello* uma tal reunião de sons e de côres, do que o cosinheiro faz de differentes sabores em um guisado. Quando se reune essas côres e esses sons, segundo as regras da harmonia, da qual a observação produz sempre um effeito agradavel para os olhos, ou para os ouvidos; e quando a harmonia das côres é bem observada e bem distincta, della resulta uma verdadeira Belleza. A vista distingue a concordancia das côres e o ouvido a dos sons. As gradações se sustentam umas nas outras e fazem experimentar sensações, nas quaes o espirito destingue as relações fixas e determinadas, com elle os destingue nas proporções das formas do corpo, percebe tanto no todo como nas partes, e vê o fim de cada idéa parcial concorrer para formar uma concordancia, que elle procurava. Então ha ahi um desenho, um destino, meios, concurso das partes, e uma perfeição. Se os caracteres dessa perfeição são distinctos e o espirito as percebe, então elle encherga ahi Belleza.

O' dos olhos enlevo, alma do peito,
Dos corações ó despota querida,
Dos bens da vida causa!

Acceita os votos meus, assim tão puros,
Como os que dás prazeres ineffaveis,
O' divina Belleza!

Se por um favor teu dás mil disgostos,
Que importa? Um favor teu, não dá mais gosto,
Que pena teus tormentos?

Os desgostos que dás medir-se podem,
Mas os prazeres não, sempre são novos
No favor concedido.

Na mesma tyrannia és deliciosa,
Se um instante a atormenta, é para dar-nos
Mais gostosos momentos.

Os caprichos, desden, ciume, enfados,
São incentivos, precursores tristes,
De amorasa alegria.

Se as nuvens offuscar o sol parecem,
Quando as dissipa e surge, mais brilhante
A vista se afigura.

Vem no meu coração ver como imperas!
Vem só, ah' vem qual és, vem como as ondas
De Gnido a Deosa virão?

Quanto mais nua, tanto mais agradas:
Se disfarçar defeitos pode o adorno,
Dá quebra á formosura.

Essa arte só que falta d'arte finge
Emprega, sejam postos teus enfeites
Pela mão do descuido.

Em roupas de manhã deixando o leito,
Antes que o toucador te insulte, encantas,
Qual leda madrugada.

Quasi despida, destocada Venus,
Ante as rivaes no Ida se apresenta,
E Paris não balança.

Não empregues Belleza alheio adorno;
Da lua o brilho nota como é baço,
São emprestadas cores.

A teus pés vês curvado o mundo inteiro
Contente de render-te vassalagem,
Tão grato é teu dominio!

E se existe um mortal que te resista,
Toma as fórmas de Lilia, e entôa affoita
O hymno da victoria.

O merecimento das mulheres.

POR G. LEGOUVÉ (TRAD. PELO V. [illegible]A P. BRANCA).

O mordaz Juvenal tomado d'ira,
Boileau menos raivoso, e tão severo (1),
Contra o mimoso, delicado sexo,
Da satyra o veneno despejaram.
Bem que entre elles, e eu muito [illegible]edeie,
Vou deffender-vos sexo que resp[illegible]to;
Opponho á seus ataques, vosso i[illegible]perio,
Canto da humanidade a melhor [illegible]arte (2).

Quando do cahos em que os Mundos eram,
Deos os astros chamou, a terra, e os mares,
Os campos estendeo, alçou montanhas,
Os bosques sombreou com verde manto,
E espectador da nova scena, o homem,
Por milagre maior, mandou surgisse:
Foi a belleza sua obra extrema (3),
Foi o remate do poder divino;
E o supremo poder que mais podia?

(1) Accrescentemos mais Pope e Milton, ao numero dos injustos, ou contradictorios. Não se comprehende, como o pintor delicado d'Eva satyrisasse as mulheres, e nem como quem sustentou, que tudo é bom, achasse má a melhor obra do Creador. Se no reinado de Caligula se podesse encontrar a virtude em Roma, razão teria Juvenal: Boileau, porém, que desculpa terá escrevendo no seculo de Luiz XIV? Então subio tanto de ponto a amabilidade das mulheres, quanto o talento dos homens; é que para um poeta parece mais picante sustentar um paradoxo, do que dizer a verdade. Os que lerem esses autores, leam tambem: Diderot, Thomas, Grétry, Bernardin-de-Saint-Pierre, Ségur le jeune, Greg. Porcio, Crist. Bronzini, Lod. Dominichi, Ortensio Landi, Vinci Maggi, Gir. Ruscelli, C. Agripe.

(2) Vej. M. M. Campnon, Auguste Creuzi, e du Saussoir.

(3) Vej. *Paraiso Perdido* de Milton.— Creação d'Eva.

Celeste aspecto que a innocencia exalça,
Bocca, olhos, que tudo despotisam,
Ella sorrindo, pranteando elles:
Esses cabellos, que em anneis ondeam,
Seio, que a fórma attrahe, e o peito agita,
E a tez na transparencia, um vivo sangue,
O alabastro d'azul, matiza, em fios,
Convida mais que á amor, á idolatria.
Vendo o emblema dos Numes na belleza,
Um povo já lhe deo por patria o impireo (1);
A vontade dos céos dictava aos Celtas,
No som da sua voz, branda, ou terrivel;
Mais que humano poder lhe attribuiam;
Tudo quanto tocava era sagrado.
De amavel fanatismo deslumbrados,
Diziam: « Ella é Deos, pois que a adoramos. »
Inda esse culto existe, ainda julgam
Rir-se, enlutar-se o céo, quando os seus olhos.

Qual o vaso conter não póde o cheiro

(1) Os povos em suas differentes religiões teem conhecido a necessidade da intervenção das mulheres: basta que lancemos os olhos sobre a Mytheologia dos Gregos e dos Romanos, para vermos a veneração em que eram tidas; ellas prediziam o futuro, e sem que da tripode sagrada sahissem os decretos, nada de importante se arriscava: acharemos as festas de Venus, os mysterios da Boa Deosa. Sempre os seus Deoses, guiados, ou seduzidos por uma mulher, — Jupiter por Leda; Apolo por Daphe.— As virtudes das mulheres mereciam monumentos publicos, como o silencio de Leona, a eloquencia de Mirthe; e antes delles, entre os Egypcios, Isis bemfeitora, etc. Essa mesma veneração fez com que os talentos, as virtudes, as qualidades moraes, as sciencias, as artes, emfim, tudo quanto mais honra a humanidade, fosse representádo por nomes e traços femininos. Venus é a belleza, Minerva a sabedoria, Themis a justiça, Pallas o valor: a bondade, a temperança, as graças, etc. Tacito diz, que entre os Gallos, a mulher tinha alguma cousa de divino.

No Mahometanismo, as hueris são a recompensa das eleitas. (Verset 30 do sura 33 do Alcorão.)

A seita dos Talmudistas pretende, que a mulher é ametade do homem, que continuamente tende a unir-se: quando se encontram, apparece a ventura, e as duas almas se reunem depois da morte em feliz união, que faz a perpetua felicidade; o que lembra o dito de Santa Thereza, que, perguntada sobre qual seria o tormento dos condemnados, respondeo: « Não amarão nunca. » Emfim os christãos dão culto á mulher admiravel, que unica no segredo da Divindade, deo ao mundo o libertador das nações.

Todavia houve tambem quem dicesse, que a alma da mulher era

Do aroma fugaz, tal no serralho
Escrava soberana, o seu tyranno,
As cadêas d'amor soffrer obriga.
Entre nós onde livres tudo estrellam,
No bosque, nos jardins, ou já nas salas,
Bastam mostrar-se, nem fallar precisam
Pois logo ao coração mandam os olhos
Involuntaria comoção gostosa.
E agradam d'um só modo? Alma do mundo
A mudos, exteriores dotes, juntam,
Das prendas os encantos que não morrem.

Se d'harpa docil ao sonoro acento,
Casa Cloris a voz suave e clara,
Passeia a vista do instrumento á Cloris,
Duplo deleite saborêa a mente:
Pára a harmonia, e o mestre o lugar toma,
Se mais sciencia tem, ha tantas graças?
Mais atrevidos sons tira, mas vê-se
Por amor torneado um braço airoso,

differente da do homem: *Mulieres homines non ésse*, é o titulo da Dessertação; e a Inquisição condemnou um livro hespanhol, no qual se sustentava. que as mulheres não teem alma; mas só na Italia achou sectarios. Vej. *l'Observateur de la Femme*, que bem contrasta com Egeria dictando as leis a Numa, Aristocléa iniciando a Pytagoras na sciencia dos costumes, Aspacia a Periclés na politica, e a Socrates na philosophia. Leoncia traçando a Epicuro o Codigo dos prazeres; Debutade dando os primeiros rudimentos de pintura; Sapho ensinando a cantar amor em versos inimitaveis; Agatis inspirando a Cleomenes o restabelecimento das leis de Lycurgo. Quanto com o respeito que lhe tinham os Romanos, que a vista de uma Vestal salvava ao criminoso, como para lhe pagar o have-las a lei privado de darem por outro modo aos homens. Com a attenção que Lycurgo em suas leis deo á influencia que ellas teem sobre os homens, sendo até nos jogos publicos ellas, que em seus cantos, reprehendessem os vicios, e louvassem as virtudes; ao que attendiam tanto, que era a idéa com que na batalha de Salesla o rei Cleomenes animava a seu irmão. Emfim, como com a influencia que teem tido no mundo. O roubo das Sabinas, foi causa de uma guerra. A morte de uma mulher, a mancha do triumphó dos Horacios. Uma mulher causou a morte do filho de Bruto. Lucrecia fez cahir o throno dos Tarquinos, e motivou o triumpho da liberdade. Sem Isabel de Castella, Colombo não descobriria o Novo-Mundo. Sem Catharina, Pedro não teria o nome de grande. Que influencia não teve Catharina de Medicis? O que por uma mulher não viram os Portuguezes? Lembrem-se de Ignez de Castro.

A aquelles que as accusam de ambiciosas, apresentaria Christina da Suecia.

Que em torno d'harpa mollemente a abraça?
Vê-se o rubôr, o amavel embaraço,
Que da Virginea face eleva as graças?
Qual o ouvido seduz, agrada aos olhos?
Segue a dansa ao concerto, novo encanto;
Lucinda, e Laura no verdor dos annos,
De lindas louçanias enfeitadas,
Na elegancia do corpo esbelto e leve,
Semelham lirios, que Favonio agita.
E sente o par nos passos cadenciados,
Que sem Cyprina não agrada Momus.

Sem Venus o theatro que valêra?
Certo dos versos a magia póde
Commover por Zaïra, suspirando
Seu amor, seus combates, seus tormentos,
Mas na scena tomando um poder novo,
Gausin (1) dos olhos conquistou mais pranto.
Só á mulher foi dado, ó bellas artes!
Empregar teu segredo, a arte escondendo.
Se Valayer na têa espalha flores (2),
Colhê-las cuida a mão que a vista illude.
Cuida-se que respiram os retratos
De Lebrun immortal; a mão das Graças (3)
Em seus toques ressumbra; inexprimivel,
Em tudo as Graças, novo gosto imprimem.
Lê Tencin, Lafayette, Ricoboni (4),
Amor o esboço fez das obras suas,
Em Cecilia, Senange, e Theodoro (5),

(1) Tal realce deo esta insigne actriz no papel de Zaïra, que M. de Voltaire escrevendo-lhe diz : « Zaïra é obra tua.»

(2) Madame Vallayer Coster foi, na idade de 19 annos, recebida membro da Academia Real de Pintura, pelo talento de pintar flores, e a natureza morta. Dous dos seus quadros se vão admirar no museo de Versailles.

(3) Mad. Le Brun não é sómente celebre nos retratos, no que rivalisou com Vandik, mas ainda por bem acabados, quaes os da paz trazendo a abundancia, Venus atando as azas a Amor, e a ternura materna, em que se representou com sua filha nos braços. Foi estudar a Italia como pensionaria.

(4) Estas tres senhoras são autoras; a primeira das Memorias de Cominge; a segunda de Zaïde, e da Princeza de Cleves; a terceira do Marquez de Cressy, Ernestine, e outros contos agradaveis.

(5) Cecilia é obra de Miss Burney: foi tão bem recebida em Londres, como em Paris. Tres obras de Mad. de Flahaut, depois Mad. de Sousa, autora de varios outros escriptos. Adéle e Theodoro é de Mad.

Retratado tão bem amor se encontra.
A's mulheres prohibir quiz um poeta (1)
Extravios temendo, a arte d'Apollo:
Convenho que em viril, feroz delirio,
Não façam resoar Mavorcia tuba,
Mas por mimosos dedos dirigida (2)
A avena pastoril, melhor suspira.
Priva-las da poesia!.. Quem d'amores
Falla melhor, talvez que melhor ame
Exerce-las deixemos sem receio,
Arte que a bem d'amor tornar-se póde.
Censor do sexo, á tua austeridade
São futeis esses dons, ah! se mover e
Suas prendas não podem, seus serviços
Saberão desamar-te: quem os nega
Por nós com a existencia principia
Da mulher os extremos, sim é ella
Que no seu seio nove mezes guarda
O fructo de hymeneo, tão triste as vezes;
E no leito da dôr, da sua á custa,
Vida lhe dá; é ella que votada
Ao novo ente, lhe consagra attentos
Cuidados, que no berço exige a infancia.
Oh! que ternos desvelos! Se adormece
Affasta o insecto, que voando o inquieta:
Vedar parece ao despertar que chegue;
Nem do filho arreda-la póde a noite:
Das sombras ao silencio applica o ouvido,
E se Morfêo lhe illude a vigilancia,

de Genlis, obra, como quantas escreveo, guiada pela habilidade e gosto, e cheia de attractivos.

(1) O poeta Le Brun.

(2) Os lindos versos de Mad. Beaufort, Bourdic, Viot, Verdier, Pipelet de Salm. Beauharnay, Dufrenoy, Babois, Guichelin, Du Châtelet. E hoje mesmo muitas podemos nomear, como sejam a condessa d'Oeynhausen, Francilia, Maldonado, D. Barbora viuva do poeta Alvarenga, da provincia de Minas.

D. Beatriz Ferrão, compositora de musica, e de quem se conhecem versos em portuguez, latim, e italiano, filha da mesma provincia; D. Marianna (das contendas), tambem de Minas.

E em tempos mais retirados mui eruditas foram: a infanta D. Maria, filha d'elrei D. Manoel; Luiza Segea, filha de seu mestre; a condessa da Ericeira, D. Joanna; Paula Vicente, filha de Gil Vicente; etc.

D. Isabel de Castro, 2.ª condessa d'Assumar, que não só se distinguio em poesia como em pintura; e como ella, em ambos os ramos, a duqueza d'Abrantes, D. Anna de Lorena.

Abrindo os olhos ao menor sussurro,
Ao berço do filhinho inquieta corre.
Se dorme, attenta se recréa em vê-lo,
Tranquilla apenas a seu leito volta.
Se acorda, logo os p[illegible]tos lhe offerece,
E saude lhe dá no le[illegible]e puro.
Para o materno amor não ha fadiga,
Vive mais do que em [illegible] no filho caro (1).
E se aos olhos do esp[illegible]so se apresenta,
Mais bella é quando o filho ao collo pende.
Conjugal fructo, mater[illegible]al thesouro,
Perfeição sem pár na e[illegible]tima sua.

Vêde a joven Izaura tão festiva,
Como quando do mal que ultraja o rosto,
Tocado sente o filho, seu retrato,
Do contagio atterrados fo[illegible]em todos:
Ella sem medo aspira o ar [illegible]nfecto;
Não se afasta do filho mori[illegible]undo.
Espalha-se a peçonha, atac[illegible]os olhos,
O mal cumpre arredar, cun[illegible]pre que hajam
Labios fieis que sorvam o ve[illegible]neno,
A tudo a mãi se attreve, não balança,
Esquecendo a belleza, a vida, o esposo,
Com destemida boca os olhos preme (2),
Que nevoa impura a claridade véda;
E pouco a pouco as palpebras soltando,
Pela segunda vez dá luz ao filho.
Que pai excessos faz tão generosos?
Tem outras precisões, outras bondades.
Cresce em idade o filho, e qual os d'Aguia,
Que de medir o céo cedendo ao impulso,
As debeis azas junto ao ninho exercem,
Das forças infantis o ensaio inceta.
Docemente o sustem co'a mão tremendo,
Mede os tenrinhos passos mal seguros,
Segue o vagar do timido passeio,

(1) Diz Gretry no seu ensaio sobre a musica, que o coração de uma mãi é a obra prima da natureza; e em seu abono memoro a resposta daquella, a quem na perda do filho, um padre procurava consolar, lembrando-lhe o sacrificio de Abraham. «Meu padre, exclamou ella, por certo Deos não o exigiria de uma mãi.»

(2) Esta acção é verdadeira; e Mad. de Genlins refere outra muito semelhante.

Sua ama foi outr'ora, hoje é seu guia.
Entra a balbuciar, ella é seu mestre,
E o nome que mil vezes lhe repete
« Mãi» o nome é primeiro que articula.
Seu mestre é inda quando a ler começa,
Com elle a soletrar finge que aprende,
Para ensinar melhor lhe finge a idade.
Vem-lhe os mestres moldar a tenra mente,
E os descuidos da infancia austeros punem;
A quem as magoas vão contar queixosos?
E affavel os castigos lhe apadrinha?
Sua mãi, ella é sempre que o defende.
Pequenas dores, grande mal da infancia!
Affaga, e em seu pezar tomando parte,
Com meiguices, c'um brinco, a dôr disfarça.
Anda na infancia o riso junto ao pranto.

Foges quadra innocente, idade amena,
Vem o tempo, em que o somno dos sentidos
Passando, o homem para amar desperta.
Já timido rubor lhe tinge as faces,
Já viva chamma nos seus olhos brilha,
Já bate o coração, geme, e os suspiros
Lutam no peito, que ancioso arqueja;
Precipitado sangue arde nas veias,
Agitado desperta, inquieto dorme,
Avido, afanoso entra no mundo,
Leva ao acaso tumultuosos votos,
Segue um prazer que sente, e não conhece,
E em ti mulher, é só onde elle o encontra.
Tu pagas em segredo seus suspiros,
E a seus vagos desejos te abandonas.
Favor primeiro, da primeira amada!..
Quando nos labios de engraçada bocca,
Bebe dos beijos o ignorado nectar,
De favor em favor quando subindo,
Toca da amada em extasis nos braços,
Da voluptuosidade pura o auge,
N'outro universo julga-se elevado,
Onde a terra se eclipsa, e os céos se abrem.
Não se conhece mais, suspira, anhela;
Absorto na magia que o circunda,
Da mente ao coração o enleio passa;
Nada n'um ar que todo é delicioso.
Sua amada!.. Ah! seus olhos a devoram!

Ella é seu Numen a quem rende culto.
Hontem ardia o peito, hoje arde o peito;
Sente que existe, e não se nelle, ou nella.
Se a uma festa vão, não perde a vista
Um movimento só do bem que o enleva.
Na solidão do campo o amor propicia,
Se o nascer vai saudar de um claro dia,
Em cada objecto a vê: de Flora o esmalte,
Lembra-lhe as faces, que o pudor colora:
Do firmamento o azul que o dia acclara,
D'uns olhos celestiaes o azul semelham.
A luz macia que a manhã derrama,
Dá do seu terno olhar vivas lembranças (1).
« O murmurio do preguiçoso arroio,
« O sussurro do bosque suspiroso,
« De Zephiro sereno o suave sopro,
« Philomella saudosa gorgeando, »
O som da sua voz despertam n'alma.
Tudo lhe falla da paixão que sente.
Não mais languores já, não mais tristezas,
De mimos doura Amor a noite e dia,
E enlevado no objecto que o enfeitiça,
Em continuo prazer a vida espraia.
Taes melindres só sente o namorado,
Mas nem sempre o que val conhece o homem.
Cede á inconstancia, e qual a abelha busca,
Dos jardins nos cheirosos ramalhetes,
Veloz voando, ás mais viçosas flores:
Sorve ligeiramente a côr e os succos,
Corre de bella em bella, e errantes fogos
Aqui, e ali lhe dão graças diversas.
Mas esse movel bem, ventura incerta,
Move o sentido só, toca a vaidade,
Cansa alfim, e o vasio reconhece.
Pede então a Hymeneo bem, que mais dure,
E consorte escolhendo acha a ventura.
Vê de flores o templo engrinaldado,
O dia, que do amigo faz nas faces
Borbulhar a alegria, e essa donzella
Que ante os altares vem docil, submissa,
A elle unir-se em laço indissoluvel:
Bella em candura, em graça, em juventude,
Dar-lhe d'amor a publica promessa;

(1) Estes versos são de mais, o do traductor.

E a Religião que nos céos grava,
Com poder santo, o grato juramento,
E a veneranda mão d'um pai amante,
Que entrega a filha com seu nome ornad[illegible].
E essa noite feliz, quando ardor casto,
Assaltando o pudor da ingenua esposa,
No modesto silencio, ouve o primeiro
Grito d'amor, sorpreza a innocencia.
Tudo a mente, e os sentidos reanima,
De dia em dia entregue á chamma nov[illegible].
Se os fogos, que o verdor da idade at[illegible],
Ella sentir não faz, no peito infunde
Duradoura affeição, dita perfeita.
A fida confiança, paz, ternura,
Bens verdadeiros da innocencia, firm[illegible]a.
Os prazes augmenta, a dôr temper[illegible],
O trabalho minora, enche o descanso,
E o mais pesado emprego lhe sua[illegible]isa.
Repousa o artista ao lado da co[illegible]sorte.
Nos braços da consorte a si fugi[illegible]do,
Busca o ministro do commando [illegible]allivio,
Esquecer vai do tedio, da suspei[illegible],
O fastio que róe a alma dos grand[illegible]es;
O orgulho amor distrahe, da esposa ao lado
Do peso d'honras livre, em paz descansa,
Vivendo só com quem se consolara?
E quando pai se vê!.. Feliz esposo!
Que joia sem igual! com que transporte,
Sente-se acarinhar d'outro si mesmo!
O penhor precioso ao peito estreita,
Nas infantis feições as suas busca,
O filho á mãi compara, e mais lhe agrada
Se o retrato da mãi divisa nelle.
Dos braços quando o larga, attento estuda
Dos modos seus o movel embaraço,
E transportado vê na inquieta casa,
Brincar, correr, crescer a imagem sua.
Como na inclinação, que mostra lhano,
Divisa o que será!.. E se persuade,
Da fraqueza da idade distrahido,
Ver nelle a honra dos seus velhos dias?
E se Hymeneo irmã deo a teu filho,
Dobra n'alma paterna o jus querido.
A filha junto á mãi vê satisfeito
Buscar do irmão diversos passa-tempos:

Crescer, por seus cuidados, cada dia,
No espirito, costumes, nos talentos;
E no ar pudico de virtuoso sexo,
Prometter graças, feminil modestia.
Tão dourado destino á esposa deves.

Qual o de amor existe um terno laço.
Pura amizade és tu, que sem ciumes,
Quanto mais prendes, tanto mais deleitas;
Se vens d'uma mulher ainda és mais doce,
Então é que és d'amor a irmã querida:
Tens então esses mimos, ár fagueiro,
Delicada attenção, finos cuidados
Que os homens entre si não sabem dar-se.
Tem-se menos que amante, e mais que amigo.
Gostamos nos projectos que formamos,
Que a mulher seja o nosso confidente;
Em pratica feliz, comnosco pesa
O que ha de certo, e de precario nelles.
Se nos punge o pezar, o mal deseja
Da mulher o interesse; ella só que sabe
O tom que as dores calma, e os seus olhos
Sabem chorando serenar o pranto;
E o puro coração lhe dicta os termos
Que n'alma do infeliz o allivio espargem.
D'amizade cantor, bom Lafontaine!
De Sablière ao lado, assim viveste (1):
Sem praticar de amor, ella te ouvia
O coração, as fabulas, as magoas;
Buscava o teu pensar no fundo d'alma,
Sabia de teus gostos perguiçosos,
Desviar os cuidados: e te dava
Sorte tão simples, quaes as tuas obras.
Taes beneficios faz o sexo amavel.

Qual nos guia ao prazer, convida á gloria;
A gloria é obra d'um sorriso ás vezes.
Quem ha que d'uma bella enamorado,

(1) Mad. de la Sablière teve Lafontaine em sua companhia por espaço de 20 annos, todos sabem o humor desleixado do Phedro francez, e por tanto o trabalho, que sem querer, daria. Morta sua amiga, Mad. d'Hervart foi buscar Lafontaine para sua companhia, e vendo-o lhe disse: « Venho convida-lo para morar em minha casa »; e elle respondeo: « Para lá ia eu.» Este dito faz o elogio de ambos.

Se pago fôr d'um ar que os olhos sabem,
Louros não busque se um talento goza?
Apenas falla amor, disperta o genio.
Lê noite e dia os mestres em poesia,
Sem hombrear com elles não respira;
E das Musas no grave estadio, offerece
Seu trabalho aos juizes, todo é fogo!
De sentimento, que diverso embate!..
A côr da phantasia aos versos passa.
E mormente na scena, onde a acção pinta
Os ardores do amante, a dôr, d'amada,
Do estro em cada verso imprime o cunho,
Que dar não póde quem amor não sente:
Da doce inquietação sugeita o encanto,
O coração applaude, a voz, as lagrimas:
Goza, triumpha, e arrebatado exclama:
O' mulheres, a vós devo os meus louros!..
Em um ocio vulgar este mancebo
Jazia, e agora quem á guerra o chama?
E' que aos olhos do objecto que o enobrece,
Por Marthe honrado, subirá de preço:
A' mulher o valor agradou sempre.
Vós o provais ó tempos de heroismo (1).
Quando, na quadra reino de Belleza,
D'um cavalleiro a amada o signal dava
Para os combates excitando o brio,
Altiva lhe offerecia o arnez, a espada,
E os adornos marciaes em que arte dextra
Tinha enlaçado cifras amorosas;
Ora d'amante intrepida aceitava
Por banda um véo, por egide um retrato;
Vaidoso pela mão que assim o armava,
Corria aos p'rigos, anhelando a gloria:
Qual se armas encantadas revestisse,
Estandartes tomava, hostes vencia.
Voltando ovante, qual o premio era?
D'acordo com a honra, a dama em pompa,
Seu amante o acclamava, e a frente sua,

(1) Nada mais nobre, do que proteger a fraqueza opprimida, guardar a tranquillidade publica, deffender o sexo fraco; e taes eram os objectos a que se dedicavam os cavalleiros: jurando só por Deos e pela sua dama, mostravam a que ponto a religião, e as mulheres podem elevar o homem: assim, as medalhas e as fitas, que substituiram as cifras e as divisas, fossem tão bem dirigidas, que aos cavalleiros se não seguiriam os Quixotes.

Dado lhe era então cingir a corôa.
A coragem e o amôr assim brindados,
No ter..o e altivo p..ito sublimavam
Porque hoje uso tão nobre que inflammara
De nossos pais o anil..o, não vemos
Nosso vôo impellindo ornar o berço
Da nascente republic.. invenciveis
Sem tal magico estimu..o já fomos,
E menos hemos ser se..amaveis formos?
Dignos do nome nosso vêr quizera,
Nossos guerreiros, da victoria em graça,
De gentis damas por virgineas dextras,
As palmas receber; assim os Gregos,
Tão grandes em destinos, coroavam
Pelas mais lindas mãos, de Marte os filhos,
E os favores da gloria assim brincados,
De mais renome os fastos lhe adornavam.
Esses briosos tempos imite..nos,
Seja sempre de Marte, a am..nte Venus;
E em concordia a belleza e a valentia,
De força e graças a mistura o..f'reçam.
Quem melhor que a belleza o brio eleva?
De Mavorte tambem sente o ardimento.
Outr'ora, qual heroe, vio-se uma dama
Em Palmira, afrontar de Roma o impeto (1)

(1) Zenobia subio ao throno de Palmira em 267, e bateo os Romanos no Egypto e na Persia.

Semiramis, rainha de Babylonia nos annos de 1229 antes de J. C., foi arbitra dos monarcas d'Asia, tirou deo sceptros a mais de um rei.

Tomyris, rainha dos Scythas, venceo a Cyro.

Baodicéa, rainha dos Bretões, combateo os Romanos.

Margarida de Waldemar, rainha de Dinamarca, conquistou dous reinos.

Margarida d'Anjou, rainha de Inglaterra, deo 12 batalhas para pôr no throno a Henrique IV seu esposo. Igualmente Joanna de Montfort, duqueza de Bretanha, para pôr a corôa na cabeça de seu filho.

Henriqueta d'Inglaterra passou 9 vezes o Oceano para combater Cromwel. Muitas mulheres se distinguiram pelas armas nos tempos das cruzadas; muitas na invasão dos Turcos nas ilhas do Archipelago, e Mediterraneo; muitas nas guerras d'Aix, Marseille, Perone, etc. Na antiga Lusitania foi celebre a batalha chamada das mulheres. Com Isabel Fernandes, e Isabel Madeira no cerco de Dio muitas outras mulheres, cujos nomes os homens não memoram, se distinguiram.

A infanta D. Berenguella, filha d'el-rei D. Sancho, morreo valorosamente na guerra acompanhando seu marido o rei de Dinamarca.

E outra ás suas leis domando o Eufrates,
Conquistar, imperar: que digo? As palmas
São privativas ás rainhas? Outras
Não soberanas, já no campo ousaram,
Generaes, ou soldados, d'aço e ferro,
Opprimirem os membros delicados,
D'Elmo rude insultar o rosto angelico,
A lança subpesar com as mãos mimosas
E os perigos buscando oppor aos golpes,
Mimos, devidos a mais brandas lutas:
Ganhando o nobre esforço gloria dupla,
O braço, e os olhos davam-lhe a victoria.
Tuas façanhas, Telesía attesto (1),
Attesto o teu valor, da França arbitro,
O' Joanna d'Arco! d'Orleans os muros (2),

Maria Fernandes, ou segundo outros, d'Almeida (padeira de Aljubarrota), é bem conhecida pelo seu denodo. Conserva com razão a memoria os nomes de D. Filippa de Vilhena, e D. Marianna de Lancastre, que armáram seus filhos na acclamação d'el-rei D. João IV.

D. Isabel, mulher de Jorge Cabral, vice-rei da India.

A condessa da Ericeira, já citada, é tambem celebre pelo valor com que expoz a vida por seu marido.

Em a colonia do Sacramento, a mulher de Manoel Galvão, morreo defendendo o paiz.

Em Hespanha, D. Maria Pacheco, mulher de João de Padilha, depois da morte do marido, vencendo a D. Pedro de Gusmão, teve com elle tanta generosidade, quanto valor havia mostrado.

Maria Pita, defensora da Corunha.

D. Mencia de Nidos, celebre na batalha de Arauco. Em Pernambuco D. Maria de Sousa, tendo mandado seus tres filhos mais velhos batendo-se contra os Hollandezes, mandou aos dous que lhe restavam occupar o lugar daquelles, unindo-se a Mathias de Albuquerque.

Uma senhora Paulistana escreveo aos deputados de sua provincia ás côrtes de Lisboa (1822): « Deixem-se de inuteis debates, venham tomar « lugar entre os nossos guerreiros. E' no campo da honra, que se ha « de sellar a independencia do Brasil: lá me encontrareis com o arco e « seta. »

Na expulsão dos Lusitanos, da Bahia, no batalhão n. 3, uma mulher d'aquella provincia, servio como soldado, e com tal distincção, que subio a alferes, e obteve a ordem do Cruzeiro.

(1) Telesilla, filha d'Argos, poeta e guerreira, salvou sua patria, sitiada por Cleomene, rei de Sparta, no anno de 557, antes de J. C. Erigiram-lhe, com razão, uma estatua.

(2) Joanna d'Arco, camponeza de Domremi, em 1429, obrigou aos inglezes levantar o assedio d'Orleans, e conduzio Carlos VII a Reims para ser sagrado. Os Inglezes a queimaram; e os Francezes lhe levantaram uma estatua em Rouen. Em 1472, Hachette salvou Beauvais, si-

Tremiam; vôas da choupana ás armas:
Torna o brio ao soldado, e crê do empyreo
Vir ás suas fileiras o anjo amigo,
Pelejas, e do Inglez o orgulho abates,
Salvas a França de estrangeiro jugo,
E liberta Orleans, a Reims absorta,
Dás o rei, que sem throno já fugia.
Sexo feliz, é teu sempre o triumpho,
Mas não te quadra o ferro, tens nas lagrimas
Mais certas armas, e poder mais digno.
Esp'rança dos Judeus que Amàn bania,
D'Assueros aos pés de pranto ornada,
Esther a graça pede, e a graça alcança.
O altivo Coriolano unido aos Volscos,
Roma, que o degradou, vem pôr em cinzas;
Pontifices, vestaes, tribunos, velhos,
Tudo a seus pés se prostra; os Deoses mesmos
Parecem supplicar, ante elle curvos,
Porém nadando em raiva, a nada attende,
Ia ferir... a mãi se lhe apresenta (1)!
Roma em vão de seu filho a separava,
Sacrificando a injuria ao bem da patria,
Implora ao vencedor, que cede á prece;
Roma salvaram de Vetruria as lagrimas.
Quantos heroes a lagrimas cederam!
Eduardo em Calais, tenta debalde,
Seis victimas expôr do algoz ao alfange;
Defende as nobres victimas a esposa (2).
Do principe terrivel quebra a furia,
Dá gloria ao vencedor, vida aos vencidos.
E' para o rei fortuna, e é para o povo,
Que sensivel mulher o throno occupe.
E' refugio do oppresso, generosa
Foge ao fausto da côrte, e da choupana,

tiada pelo duque de Borgonha: apresentou-se na brecha á frente das mulheres daquella cidade, arrancou a bandeira, e lançou da muralha abaixo o soldado que a arvorava.

(1) Bem conhecido é este facto na historia. A mãi de Cleomenes antes quiz ficar escrava, do que consentir que para liberta-la seu filho fizesse alliança com os Acheos.

(2) Na guerra de Filippe de Valois, e Eduardo III pelo throno da França, Calais sustentou 11 mezes de assedio, esta constancia irritou ao vencedor, que querendo passar os habitantes a fio d'espada, convieram que seis lhe fossem levados descalsos, e com cordas ao pescoço. Eduardo os mandou matar, mas a rainha obteve livra-los.

Das prisões na importuna sombra, o grito
Recolhe do infortunio, e ao throno leva.
Dos tristes sons o coração doído,
Alcançam do poder que torne affavel,
Perdão o criminoso, abrigo o pobre,
E o beneficio ao rei, amor grangea:
E' grande o rei se o povo é venturoso.
Então quando a virtude resplandece!
E é só quando rainha? não, sua alma,
Seja qual for o estado, é sempre boa.
Abri-vos, eia, estancias da miseria,
Mesquinho asylo do doente pobre,
Mutilado guerreiro! A mulher vejam
Tomando ali de irmã o nome caro (1),

(1) *Sœurs de la charité* (Irmãs da Caridade), nome de uma ordem de mulheres, que se votam por certo tempo, ou por toda a vida ao celibato, e se dedicam ao serviço dos hospitaes. Não ha voto mais digno, e nem elogio que iguale á constancia com que prehenchem tão penivel e virtuoso ministerio. Onde não ha mulher, o doente geme, e languece, diz Salomão (*).

(*) Por nossa assidua diligencia, e pela summa boudade de S. Exa. o Snr. arcebispo da Bahia, podemos fundar naquella cidade, como já dissemos, uma confraria, afim de manter a pia instituição de S. Vicente de Paulo, como se verá do seguinte auto de sua installação.

Auto de installação solemne da pia confraria de S. Vicente de Paulo, instituida nesta cidade de S. Salvador, e Bahia de Todos os Santos, pelo venerando e douto arcebispo, o Exm. e Rvm. Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas, do conselho de S. M. I., grande do imperio, e primaz do Brasil, etc.

Aos 19 dias do mez de julho do anno do nascimento de N. S. Jesus Christo, nesta cidade de S. Salvador, e Bahia de Todos os Santos, no palacio archiepiscopal, achando-se presentes na sala do docel de S. Ex. Rvma., os Exms. Srs. barão dos Fiaes, conselheiro Joaquim Marcellino de Brito, desembargador João José de Oliveira Junqueira, chefe de divisão José Joaquim Raposo, e os Srs. Dr. Alexandre José de Mello Moraes, vigario Lourenço da Silva Magalhães Cardoso, conego vigario José Joaquim da Fonseca Lima, vigario Dr. Joaquim de Almeida, conego cura Vicente Maria da Silva, chronista do imperio Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, Custodio Joaquim da Costa, Alexandre Rouen, Dr. José Antunes da Luz, Wenceslão Miguel de Almeida, Manoel Antunes de Abreo, Manoel dos Santos Corrêa, Dr. José Nunes Barbosa de Madureira, Camillo José da Rocha Bittencourt, juiz de dircito Dr. Francisco Marques de Araujo Góes, José Manoel de Amorim, Manoel Joaquim de Azevedo Costa, Dr. Francisco Muniz Barreto de Aragão, padre Marianno de Santa Rosa de Lima, capitão Alexandre Balbino de Proença, Antonio Peixoto de Miranda Veras, Pedro Seaupiquet, padre Miguel Antonio Luiz Ferreira, João Baptista Barbosa, padre Antonio de Cerqueira Daltro Pinto, vigario Licinio Francisco dos Santos Andrade, A. de Oliveira e Sousa, e Manoel Pinto Leite; appareceo o venerando prelado dioccsano, que foi recebido com profundo acatamento, e se dirigindo aos circumstantes disse, que antes de tudo os convidava a assistirem á missa do Espirito Santo, que se ia celebrar em honra do dia na capella do seu pala-

Do zelo affectuoso da piedade
O balsamo entorna: outras no claustro,
A bem da terra em prece, o céo fatigam,
E dos altares o infeliz buscando,
Para bem dos mortaes, á Deos se immolam.
Coragem terna! As mil igas bemfeitoras,
Vencem o tedio do lugar infecto,
Para as dores o allivio adivinhando.
Nada lhes pesa se o infeliz consolam.
De salutario linho as chagas cobrem,
Compoem d'angustia o leito companheiro,
Misero leito, que piedade escassa,
A' dôr apenas dá meio agazalho
Da humanidade imagem, esses tristes

cio; ao que todos reverentemente obedeceram, principiando o acto ás onze horas e nove minutos da manhã. Finda a missa, S. Ex. Rvma., acompanhado por todos os irmãos, dirige-se para a sala do docel, e ás onze horas e trinta e cinco minutos deo principio á installação, por um eloquente discurso analogo ao dia e á instituição, o qual foi ouvido com profundo respeito. Findo o discurso, o venerando prelado dirige a palavra a todos os irmãos, afim de se proceder á organisação da mesa, e de accordo com os demais encarregou ao irmão Dr. Mello Moraes, como um dos mais interessados na instituição, de organisa-la, ao que submissamente obedeceo, e pondo-se em pé, um pouco por detrás da cadeira do venerando prelado, nomeou para provedor nato da irmandade de S. Vicente de Paulo, o Exm. e Rvm. Sr. arcebispo; vice-provedor, o Exm. Sr. barão dos Fiaes; escrivão, o negociante Manoel Pinto Leite; thesoureiro, o proprietario Custodio Joaquim da Costa; irmãos mesarios, o Exm conselheiro Dez. Joaquim Marcellino de Brito, o Dez. João José de Oliveira Junqueira, conego cura Vicente Maria da Silva, Manoel dos Santos Corrêa, conego vigario do Pilar José Joaquim da Fonseca Lima.

Finda esta eleição, e approvada por unanime vontade e geral contentamento, o venerando prelado propoz de novo aos irmãos instituidores, que a irmandade de S. Vicente de Paulo, tomasse por seu protector nato a S M. o imperador, o que foi muito approvado e geralmente applaudido; e por todos os irmãos foi pedido ao douto prelado provedor, para que se incumbisse de fazer sciente ao Exm. Sr. ministro da justiça, para que leve á augusta presença de S. M. I. este voto sincero da irmandade. Outrosim propoz mais o Exm. e Rvm. irmão provedor, para que o Exm presidente da provincia fosse considerado sempre provedor honorario da irmandade de S. Vicente de Paulo, o que foi tambem geralmente approvado O irmão Dr. Mello Moraes, propondo os relevantes serviços prestados pelo Exm. Sr. visconde da Pedra Branca, em favor das Irmãs da Caridade, a irmandade lhe conferio o lugar de provedor nato e honorario. Feita esta eleição, S. Ex. Rvma. determinou, que o irmão Dr. Mello Moraes fizesse sempre parte da mesa, e estivesse presente á todos os actos e deliberações da irmandade de S. Vicente de Paulo. A irmandade confiada na alta bondade e patrocinio de S. Ex. Rvma., pedio-lhe que désse tudo por feito, e que com os demais membros da mesa se encarregasse da confecção do compromisso, para ser apresentado á assembléa legislativa e ser approvado. Depois disto S. Ex. Rvma. abençoou a sua obra; e não havendo mais nada a tratar, se lavrou o presente auto de installação, e approvação, em que eu escrivão Manoel Pinto Leite, assignei com todos os irmãos presentes.— Arcebispo, P. – Barão dos Fiaes, V.-P , etc., etc.

A quem vós soccorreis, sentem com jubil[illegible],
E com amor talvez, mulher, que o amigo,
Sejaes, a cujos bens os dias devam.

Mulheres, sem razão vos chamam timida[illegible].
A' voz do coração sois sempre intrepida:
Porque em Thebas outr'ora vis algozes,
Antigone votando ao horror da fome (1),
Viva sumiram em caverna hedyonda?
Porque aos fraternos insultados restos,
Pelo odio aos abutres promettidos,
Com piedosa mão deo sepultura.
Vio na lei o supplicio, e Polinice
Pedindo a tumba vio; mais não balança
Em sepultar o irmão, e a si com elle.
Eponine o que faz levada á morte (2)!
Seu vencedor dez annos illudindo,
Nos perigos do esposo vai ter parte.
O' de Hymeneo exemplo memoravel!
A cova torna em templo de ventura,
Ao medonho do sitio, oppõe carinhos,
Disfarça o luto de sombrios écos,
Da ternura c'os sons, os seus cobrindo;
E na gruta onde á noite ambos se unem,
Thalamo finge d'Hymeneo ditoso
Branca fez mais; Bassano sitiado,
Morto o esposo a seu tumulo off'recia,
O diario tributo da saudade.
Ao ferro vencedor Bassano cede;
Por entre o sangue que a vingança entorna
De Branca no palacio entra Aciolino.

(1) Expirando Polinice ás mãos de Eteocle, pedio a Antigone sua irmã, que o enterrasse. Elle havia pegado em armas contra a patria, e a lei lhe negava a sepultura; todavia a irmã o sepultou, apezar de ser condemnada a morrer de fome em uma caverna.

(2) Eponine acompanhou durante 9 annos, a seu marido Sabino, principe Gallo, o qual em um subterraneo se occultava a Vespasiano seu vencedor; sendo descobertos, foram ambos ao cadafalso. A bella Panthéa esposa d'Abradate, Porsia de Bruto, Paulina de Seneca, Arria de Petus, Camma, viuva de Sinate, sacrificáram-se por seus maridos.

As senhoras Bahianas offereceram as suas joias e aderessos para as despezas da guerra que expelio os Portuguezes de sua patria, e ao mesmo tempo que se offereciam a sacrificar tudo pela salvação do paiz natal, por esse predicado, só natural ao sexo, requereram ao Imperador para que excluisse da expulsão os Portuguezes casados com Brazileiras.

Elle a vê, elle a adora, os pés lhe abraça,
E amoroso triumpho exigir tenta.
Ella resiste, e elle ameaça, e freme.
Ao respeito d'amor, succede a audacia;
Quasi a ceder a rispidos transportes,
« Não insultes aos mortos! Branca exclama,
« Aqui repousa o esposo, ai! Por quem choro;
« Dá que abraça-lo eu vá, sem testemunhas,
« Dá-me um' hora, e depois de mim decide.
Enternecido o vencedor concede.
A loisa sepulchral, erguer mandando,
Esperançoso sahe; e afouta Branca
Sobre o gelado corpo o seu lançando,
O extremoso seio aperta, e a pedra
Que as sagradas religiosas acobria,
Com mão afouta sobre si tirando,
Cahe, e quebrada, a vida lhe desata.
Salva-lhe a honra do consorte a tumba (1).
Tudo póde o dever nas almas puras.

Por que tão longe vou buscar modelos!
Banhado em sangue, o septro dos decemviros,
Quando a França opprimia, ellas mostraram
Magnanimos sublimes sentimentos.
O dó surdo, a amizade foragida,
Calado o coração, reinava o espanto:
O Francez do Francez era inimigo,
Nem hum defender sabe, e morrer todos;
Só com zelo sagaz, terno, as mulheres, (2)

(1) Este facto é historico: a heroina era mulher de João Baptista de la Porte, governador de Bassano.

(2) Fôra infinita a lista, se tentasse nomear todas quantas mulheres na revolução franceza fizeram acções raras e sublimes. Este sexo é sempre a melhor porção entre todos os povos, ou formam nação separada: para admira-lo lancemos os olhos sobre os Almanaks das prisões.

Mad. Reynard, sendo o marido condemnado pelo infame Robespierre, e esgotados de balde os meios de salva-lo, afogou-se no rio Marne.

Mad. Lavalette, não quiz largar o marido que levavam para ser sentenciado, e abraçada com elle, não cedeo senão á força dos barbaros que lho arrancáram.

Mad. Davaux, acompanhou da provincia a Paris seu velho enfermo esposo; quiz ser presa com elle, e com elle foi acabar no cadafalso.

Mad. S.... acompanhava a seu marido na prisão, ouvio chamarem por elle, era a voz da morte: abraça-o, e sendo arrancada de seus

Para a morte affastar que irada esvoaça,
Ousam dos tigres affrontar a sanha.
Tal se arranca ao repouso quando a Aurora,
Espera o monstro, e denodada o encara.
Outra do carcereiro ao pranto immovel,
O avarento furor com ouro doma.
Outras do pai, do esposo na masmorra,
Vão com os affagos olvidar as magoas.
Esta do amante qne ao patibulo arrastam,
Quer ter parte na sorte, e alegre o implora.
Esta a juiz perverso cede, e o esposo

braços, exclama; « Barbaros! não deixarei por isso de morrer tambem, » e partindo a cabeça nas grades da prisão, expirou.

Mad. E...., amante de Caussé, negociante de Tolosa, depois de haver despendido quasi quanto possuia para salva-lo, comprou uma casa contigua á prisão, e na vespera do supplicio, vestida de soldado, entrou por um buraco, que com uma criada havia praticado na parede, e salvou-o.

Outra amante assistio á execução do objecto que amava, acompanhou o cadaver á sepultura, e deo ao coveiro cem luizes para que lhe desse a cabeça; e com ella envolta em um véo, marchava, quando á natureza cedendo amor, desmaiou na rua, e sendo publico o facto, foi condemnada á morte.

Mad. C...., filha de Sens (este nome lembrando Eloisa e Abeillard, é caro ás almas sensiveis), levou a generosidade a seu auge, morrendo na guilhotina por um amante infiel. Legou sua filha a sua rival, a qual immediatamente a adoptou.

Todos os dias viam-se em França as prisões cercadas de mulheres de todas as classes, que anhelavam o momento de ver o pai, o marido, o irmão, o amante: a quadra mais desabrida, os lugares os mais immundos, nada as estorvava

Os vinculos do sangue foram igualmente honrados com nobres sacrificios.

Mad. Gattey, pedio morrer com sua irmã, e só um dia depois lhe foi concedida a graça.

Em Lyão uma donzella, depois de clamar no tribunal em defesa de seu irmão, condemnado elle, ella afogou-se no Rhone.

Na mesma cidade, e época, as irmãs do mancebo Poral o salváram, e a mais quatro companheiros de prisão, empregando para a evasão a maior sagacidade e coragem.

O amor filial não desmentio a natureza.

As meninas de Bussy, e de Brion, uma de 15, outra de 18 annos, preferiram a prisão em companhia de suas mãis, á liberdade sem ellas.

Mad. Grimoard, e depois Potier, solicitou ir para a prisão de sua mãi, Mad. Lachabaussiére; fez para isso uma longa viagem, estando muito adiantada na gravidação; ao ver a mãi no segredo, enlouqueceo, e na loucura mostrou todos os extremos do mais terno amor filial.

Com virtuoso adulterio salva, e morre. (1)
Todas servem de amparo aos desditosos,
Rogam, choram, immolam-se por elles.
Constantes sempre, humanas nos perigos.
Volvam-se os olhos a septembro, a quadra,
Que ao vasto assassinato abrio caminho:
Das leis, e do Senado na dormencia,
Monstros que Bacco, e as furias irritaram,
Horrores nas prisões urrando espalham.
Sexos, ordens, seus golpes não distinguem,
C'os mortos, moribundos amontoam.
Tudo treme!.. Só tu, só tu, Sombreuil,
Na flor dos annos, co' a carnage affrontas;
«Parai!.. Vêde!.. He meo pai!.. Barbaros, grita!»
Cahe a seus pés; e as mãos, as mãos sanguentas
Lhes beija: he pouco, redobrando alentos,
Ora sustenta um braço que ameaça,
Ora ao ferro homicida o corpo expondo,

Muitas mulheres houveram, a quem sómente a humanidade inspirou o nobre desprezo da vida em bem do seu semelhante.

Maria, creada em uma prisão de Bordeaux, fez com que dous presos se evadissem, e querendo elles dar-lhe 500 francos, muito affrontada se mostrou, e disse : « Não merecieis o que por vós fiz, pois em tão pouco me estimais, que me julgais cativa do vil interesse; abraçai-me, e não quero outra recompensa.

Mad. Boyer, costureira, quiz antes morrer do que depôr contra um accusado, que não conhecia. Já em outro tempo Epichares, quiz antes morrer, do que denunciar.

Mad. Ruvilly, em Brest, acolheo um velho de 80 annos, proscripto, e que ella não conhecia. O velho, ao cabo de dous dias lhe declarou, que era padre, e proscripto, que com medo de lhe vir a ser funesto, se retirava. Enternecida a hospeda, não o consentio ; foi condemnada á morte; e o que mais é, o foi tambem madame Desmarets, sua irmã, por não a haver denunciado.

O celebre Condorcet, de modo algum quiz aceitar a hospitalidade que uma senhora, sua amiga, lhe offerecia com instancia ; e algum tempo depois appareceo ao pé de Paris, victima do suicidio.

Mad. Le Jay, livreira em Paris, acolheo Doulcet de Pontecoulant em sua casa, e seu zelo foi tão engenhoso, que salvou a si e a elle.

A sobrinha de um sacristão de Bruxellas foi igualmente feliz, occultando a um francez emigrado por muito tempo em um carneiro da igreja. Os passos desse facto offerecem bellos rasgos de theatro.

Mad. Bedée, Bouquet, e muitas outras, tiveram a gloria de morrer victimas da hospitalidade.

(1) Não é imaginação poetica, é verdade: vejam-se os processos de Carrier, e de José Lebon, e encontrar-se-ha essa virtude no sacrificio da virtude mesma.

Do pai o corpo com o seu defende:
Disputa aos golpes o adorado velho,
Arranca-o, perde-o, e a arranca-lo torna
E seu pranto, seus gritos, seus esforços,
Os assassinos nm momento abalam.
Nota-lhe a compaixão, apanha o ensejo,
Das garras do verdugo o pai arranca,
E ovante leva em generosos braços,
Por sanguentada estancia o pezo caro.
Io! triunfo! Antigone moderna!
Seja qual fôr do throno, e povo a luta.
Teu santo esforço ira de idade, a idade:
Para admirar-te os corações se unem,
E as oppostas facções teu zelo applandem:
Es dos filhos o exemplo, e dos pais gloria.
Em vão salvaste o pai?.. Dos máos o evades,
E dos juizes cahe sobre elle a espada.
Dessas que deprimis, eis as virtudes.
Se a nossos pés a sorte o abysmo rasga,
Ou nos tem, ou comnosco nelle cahe.
E's, mulher, do infeliz seguro abrigo,
E's do feliz origem dos prazeres.
Quando o rosto dos annos mostra o ultrage,
A consorte a velhice inda embelleza,
No fim da vida, o homem goza a dita
D'esposa ter, modesta e carinhosa,
Com que da vida o curso finalise
E meiga filha que ensinou a ama-lo.
Mostrando-lhe o caminho, que trilhára,
Deve á cuidosa, terna complacencia,
Os alivios de incommodos frequentes,
Peso de velhos annos companheiro.
E amigas taes deixando, acham seus olhos,
Olhos que affastam o terror da tumba.
Vós do extremoso sexo, inimigos,
Aos rasgos que offereci, dizei, que oppondes?
Pintaes a avara, a jogadora, a altiva (1),
A caprichosa, a fatua, a desdenhosa,
A Megéra em ciume incendiada,
Do consorte flagello, algoz do amante!
Mas taes deffeitos cumpre-nos correr-lhes,
E somos Anjos nós que a deprimimos?
Nós temos suas faltas, seus deffeitos,

(1) Deffeitos de que Boileau increpa as mulheres na X Satyra.

E para oppor-lhes[illegible] temos os seus dotes?
« Na educação a d[illegible]ede apoquentadas (1),
« De algumas atten[illegible]ões em pago, oh! quantos
« Damnos lhe causa[illegible]n nossas leis injustas!
« Por caprichos dos [illegible]ais, quantas languecem,
« Nascidas para amo[illegible], n'um claustro austero,
« Onde amor suffocan[illegible]do, são seus dias
« D'agro dever mui longo sacrificio?
« E quantas de Hymeneo em ferreos laços,
« Pelos vicios do esposo padecendo,
« De fome e de nudez caros filhinhos,
« Tanto mal deslembrando, ainda o amam;
« E a extremosa virtude, inda excogita
« Uma razão, com que defenda o ingrato! »
Quantas!.. mas sem me ouvir, com ar severo,
D'Eriphile o adulterio me apresentas (2),
De Medéa o furor que espanta Cholcos (3),
Crimes que em Lemnos maculára o sexo (4),
De Messalina Saturnaes horriveis.
E d'antigos annaes, passando aos nossos,
Medicis fera apresentaes, medonha (5),
A' carnagem franceza o filho instando!
Quem não detesta sanguinarios entes?
Mas alguem julga os reis pelos Tiberios?
Do justo aos olhos, a mulher perversa,
Deve tornar odioso o sexo inteiro?

(1) O traductor julgou a proposito juntar mais este quadro (que ao vivo observou), aos do original.

Nada ha tão extravagante e contradictorio, quanto á conducta dos homens a respeito das mulheres, ellas não concorrem parã as leis, e são sugeitas a ellas; não teem as vantagens da sociedade, e hão de soffrer os incommodos e penas. Nós as queremos, não só virtuosas, porém acima das suspeitas; tramamos laços á sua virtude, fazemo-las culpadas, e punimo-las de o ser. Provocamos a sua fraqueza, e as insultamos na queda: nada as desculpa, e todos tentam seduzi-las.

(2) Eryphile, seduzida pelos presentes de Polonice, descobrio o valhacouto de seu marido Amphiaraus.

(3) Sabem todos, que Medéa, ao fugir com Jason, despedaçou seu irmão Absyrthe, e espalhou os membros pelo caminho. Não era mulher, era um monstro, tambem os ha entre as flores.

(4) As Lemniannas degoláram seus maridos de volta de uma longa viagem.

(5) Catharina de Medicis passa por haver incitado a seu filho Carlos IX, rei de França, a horrorosa carniceria de Saint-Barthelemy. (Consultai, neste sentido, a obra intitulada—Les Crimes des Reines de France, &c.)

Scintilam sobre nós milhões de estrellas?
São de procella algumas precursoras,
E bem que o aspecto seu desgraça indiqu[illegible],
Suas irmãs por isso brilham menos.
Quando da noite abrindo o véo sombri[illegible]
A tristeza das trevas afugentam?
Ornam flores os prados, e s'entre ellas
Algumas a traições veneno prestam,
Admiram-se menos as que lembram
N'haste pendentes, da innocencia as cores?
Que a vista alegram, e o olfato animam
No halito cheiroso que derramam?..

Sois, ó mulheres, apezar da inveja,
As flores que da vida o campo adornam;
Tu que murcha-las tentas, deixa o erro,
Ah! sabe-as respeitar, quanto quere-las,
E se do sangue a voz não é chimera,
Curva ante o sexo, ao qual tua mãi deves.

« Sexo mimoso de meiguice enleio (1),
« Perdoa a minha audacia, ousei cantar-te,
« Só voz divina poderia tanto.
« Se cantar-te não sei como te quero,
« Se falta o estro, o coração sobeja,
« A bem do coração disfarça o canto. »

Das mulheres illustres em letras e em bellas artes.

Não são somente os impulsos do coração, a extrema sensibilidade, quem por sobre tudo tem elevado a mulher; tambem as letras e os encantos da harmonia as artes, as tem collocado no templo da memoria, com não menos distincção, que as que se tem ennobrecido pelas grandezas da alma.

Deixando aos estranhos os illustres nomes das *Saphos* da Grecia, das *Staels* e *Dacies* da França, das *Falconias* da Italia, das *Segéas* da Hespanha, fallaremos das nossas, cujo ca-

(1) Estes seis versos são do traductor.

talogo é por demais extenso. Entre os nomes distinctos, que a historia litteraria portugueza e brasileira revela, sobresahem as autoras seguintes.

BIOGRAPHIA.

D. Adrianna Fagundes, morta em 1713.
D. Antonia de S. Domingos.
D. Brigida de Alarcão, morta em 1622.
D. Brites de Sousa e Mello.
Soror Francisca da Conceição.
D. Joanna da Piedade, morta em 1688.
D. Josefa Maria da Madre de Deos.
D. Luiza dos Anjos.
D. Margarida Pinheiro.
D. Filippa Nunes.
D. Leonor Gil da Gama.

HISTORIADORAS, CHRONISTAS, ARCHIOLOGAS, E GENEALOGICAS.

D. Antonia Baptista.
D. Antonia de S. Caetano, morta em 1705.
D. Catharina de Calvos Muniz.
D. Filippa de S. Iago, morta em 1574.
D. Francisca de Campos Coelho, morta em 1708.
D. Guiomar dos Anjos.
D. Guiomar da Silva.
D. Ignacia Xavier, morta em 1647.
D. Joanna Baptista.
D. Leonor Coutinho, condeça de Vidigueira.
D. Leonor de S. João Baptista, morta em 1648.
D. Leonor de Magalhães, morta em 1688.
D. Leonor de Noronha, filha do marquez de Villa Real, morta em 1573. Esta senhora foi discipula do celebre mestre André de Rezende.
D. Maria Baptista.
D. Maria da Conceição, morta em 1680.
D. Maria Magdalena de S. Pedro, morta em 1747.

RELIGIÃO E THEOLOGIA.

Soror Auta da Madre de Deos. (Estudou regularmente Theologia e Direito na Universidade de Coimbra.)

D. Anna Barbara de Lassio e Milhão, autora dos cantos religiosos do sagrado Caminho da Cruz e da vida de Jesus Christo.
Estas obras escritas em excellentes versos são enriquecidas de notas theologicas de grande alcance, e de muita erudição

D. Joaquina Julia Navarro de [illegible] Menezes
D. Adelia Josefina de Castro Fonca
D. Narcisa Amalia
D. Anna Barbara de Lassio Aguilar
D. Anna Edeltrudes de Menezes

Grega e a Latina. Na arte de debuxo e miniatura, ninguem houve que a igualasse. Aos 18 annos de idade compoz o 1.º tomo da *Hespanha Libertada*, e o 2.º aos 24. Foi a primeira que escreveo a respeito do celebrado deserto do Bussaco, e a que em 50 cartas, sobre esse assumpto esteril, se explicou em cada uma dellas por conceitos e palavras differentes. As suas virtudes em nada excederam a sua admiravel sabedoria, [illegible] das obras de piedade, entre as quaes reluz o convento de Carmelitas descalças, que pela efficacia dos seus rogos se fundou em Gôa. Filippe III de Castella, respeitando nella estas raras qualidades, a preferio a tantos homens sabios de que abundava o seu seculo, elegendo-a mestra de seus filhos D. Carlos e D. Fernando. Este alto e honorifico emprego, ella (ignora-se o motivo) o regeitou. Nasceo em 1595, e morreo no 1.º de outubro de 1644.

POESIA SAGRADA, LITTERATURA E HERMENEUTICA.

D. Catharina, infanta de Portugal, morta em 1463.
D. Maria da Encarnação, morta em 1680.

TRAGEDIAS.

D. Anna da Rocha (quinhentista).

POESIA LATINA E GREGA.

D. Anna Josefa de Menezes (Foi mestra da lingua latina da infanta D. Maria).

ROMANCISTA.

D. Luiza de Azevedo, morta em 1679.
D. Leonor Coutinho (condeça da Vidigueira).
D. Catharina Damasia Borges Teixeira.

ELOQUENCIA, E NO GENERO EPISTOLAR.

D. Josefa de Menezes (3.ª condeça de Ericeira), morta em 1709.

JURISPRUDENCIA.

D. Catharina, duqueza de Bragança, morta em 1614.

TRADUCTORAS.

São tantas as senhoras, que se tem dedicado a este genero de litteratura, que é enfadonho mencionar-lhes os nomes.

HARMONIA.

Entre nós o genio musico é por demais espantoso, e podemos ufanar-nos, que as senhoras Brasileiras são de um gosto particular para os encantos da harmonia.

PINTURAS E DESENHO.

D. [illegible]. Esta senhora é d'um talento transcendente para a pintura, e tão admiravel para retratos, que temos ouvido a alguns professionaes tecerem-lhe subidos elogios. Como esta ha outras de muito merecimento.

MEDICINA E SCIENCIAS NATURAES.

D. Joanna Vieira, formada pela escola de medicina da Bahia: exerce com singular talento a arte obstretica, e os demais ramos dos conhecimentos medicos.

Ultimamente tem sahido das escolas medicas do Brasil, formadas algumas senhoras, dignas de todos os respeitos por seu grande aproveitamento nas sciencias medicas; e não mencionamos por ignorar-lhes os nomes.

JORNALISTA.

D. Antonia Pussich, redactora do periodico *Beneficencia* em Portugal.

Entre nós (no Brasil), existe um periodico intitulado *Jornal das Senhoras*, escripto por Brasileiras. Este jornal é de instrucção variada, e faz honra ao paiz.

PHARMACIA E CHIMICA.

D. Virginia Maria Ribeiro Diniz, senhora mui instruida em pharmacia, e outros ramos dos conhecimentos humanos.

As dignas irmãs do nosso illustrado collega e nobre amigo, o Exm. Sr. desembargador e doutor medicina, Candido Ladisláo Japi-Assú de Figueiredo e Mello.

MUSICA E CANTO.

D. Henriqueta dos Santos Arêas.

São em tanta copia, e de tão subida instrucção e gosto no Brasil, as senhoras na arte da musica, que podemos dizer ser

D. Maria da Costa, conhecida q.ª harmonia da sua bella voz

Obras de Arte

Soror D. Rosa Chaves do Coração de Jesus religiosa no Convento da Solidade da Bahia. Esta Senr.ª é inimitavel nos trabalhos q. faz de penas e de papel.

~~[illegible]~~

D. Deolinda Emilia Cesarina Rosa

D. Luiza Ribeiro Moreira, é inimitavel em trabalhos de cera

D. Luiza Ermelinda das Neves e Almeida

As senhoras da Cidade de Santa Catharina são famosas q. seus delicadissimos trabalhos feitos de conchas e escamas de peixe.

D. Fran.ca Luiza Ferr.ª Agra — é primorosa em trabalhos de lan, papel, cera e bordados sobre avidão

D. Luiza Ermelinda [illegible] Neves de Almeida

Contabilidade e escrituração Mercantil

D. Sophia Joaquina da Costa Alves

o genio musico representado por ellas (1). E quem é que ouvindo na hora a mais avançada da noite, ao som de harmoniosos instrumentos, uma das *nossas modinhas*, não sentirá saudosas recordações por ellas despertadas? Uma Brasileira exprime pelos accentos de sua voz a linguagem dos sentimentos, e o coração palpitando no peito, manda ao centro da organisação os transportes d'alma. A *modinha* é, no nosso parecer, a musica mais sentimental, e a que melhor exprime e se acommoda ao gosto e genio brasileiro.

Modo de conhecer a mulher pelos caracteres physionomicos.

SEGUNDO LAVATER.

O orgulho e a vaidade, é o caracter geral de todas as mulheres; basta ferir uma destas paixões, para fazer sobresahir os signaes, e tudo o que ella sente internamente. Estes traços caracteristicos encontram-se mais raramente na fronte, do que nas alas do nariz, e no arregaçamento das ventas, nos vincos das faces e dos labios, e principalmente no sorriso.

Uma mulher de um espirito desdenhoso e caustico, jámais póde ser propria para amiga; e esta disposição, por mais astuta e feia que seja, uma mulher não a poderá nunca occultar; reparai somente no movimento das alas do nariz e do labio superior, vistos de perfil, todas as vezes que se fallar diante della de suas rivaes, ou de qualquer outra mulher, sem ser rival, faz-lhe sensação.

As mulheres com verrugas vermelhas, cabelludas ou com muita barba no queixo, principalmente em sua parte inferior,

(1) Em consequencia de nunca irmos ás reuniões e aos bailes, e por tanto inteiramente affastados das occasiões de podermos apreciar e avaliar o merito individual de nossas bellas cantoras, não mencionamos aqui por seus nomes as mais distinctas senhoras, nesta parte dos conhecimentos humanos.

ou no pescoço, são ordinariamente boas donas de casa, vigilantes, activas, porém de um temperamento excessivamente sanguineo, amorosas até a loucura, e mesmo até a raiva; tagarelam muito e de boa vontade sobre o mesmo objecto: são importunas, e só dellas se desembaraçam os homens com custo: convém tracta-las com circumspecção, e não testemunhar-lhes senão um interesse tranquillo, e fazer por uma especie de fria e doce dignidade com que estejam sempre em certa distancia.

Se o andar de uma mulher for sinistro, isto é, decididamente sinistro, não só desagradavel como torto, impetuoso, sem dignidade, atirando-se para diante e para o lado, com um ar desdenhoso, acautelai-vos. Não vos deixeis seduzir, nem pelo encanto de sua belleza, nem pelas graças de seu espirito, e nem mesmo pelo attractivo da confiança, que ella vos poderá testemunhar; sua bocca, terá os mesmos caracteres do seu andar, e sua conducta será tão dura e falsa como esta: tudo quanto fizerdes por ella, pouco a tocará, ou commoverá, porém vingar-se-ha da mera falta, que praticardes com ella. Comparai seu andar e as linhas de sua fronte, seu andar e os vincos ao redor de sua bocca, e ficareis espantado da maravilhosa concordancia de todos estes signaes caracteristicos.

As mulheres de olhos boliçosos, pelle singularmente flexivel, enrugada, molle, e quasi pendente, de nariz aquilino, face corada, bocca raramente tranquilla, queixo bem assignalado, e a testa muito redonda, coberta de uma pelle macia, e ligeiramente enrugada, não são somente eloquentes, de imaginação viva e fecunda, de prodigiosa memoria, e cheias de ambição; tem tambem muita inclinação ao galanteio, e não obstante toda a sua prudencia, esquecem-se facilmente do seu dever.

Uma mulher com a raiz do nariz muito abatida, ou afundada, muito secco, dentes caninos, um pouco salientes, por feia que seja, e por poucos encantos que além disso tenha, terá para o vulgar dos libertinos e dos voluptuosos, um attractivo mais facil, mais certo e mais irresistivel, que uma mulher verdadeiramente bella. As mais perigosas meretrizes, que hão apparecido perante os tribunaes, distinguiam-se todas por estes caracteres. Fugi, como da peste, das mulheres marcadas pela natureza por estes traços, e não formeis

laço algum serio jámais com ellas, ainda mesmo que gozem da mais intacta reputação.

Da physionomia das mulheres, consideradas em suas differentes idades.

CONFORME LAVATER E MOREAU.

A physionomia da mulher, quasi nunca está de todo socegada: os musculos do rosto, e essas faces elegantes, cujo rapido movimento e animado jogo exprimem todas as gradações do sentimento e do pensamento, tem mais acção do que volume; os traços do semblante, não tem um caracter permanente, como acontece no homem, e não revelam com tanta franqueza a direcção do espirito e a natureza dos sentimentos. A agitação que succede, apaga os traços do que succedeo, e que não é assás prolongada para imprimir um caracter duravel: a mesma natureza da organisação da mulher, contribue para esta differença.

Os angulos, as saliencias, e os contornos mui pronunciados, é que fazem os traços physionomicos: nas mulheres tudo é arredondado, pelo menos, durante a mocidade: um tecido delicado, expansivo, elastico destroe todos os angulos, e une todas as partes, pelas mais doces transições. Além disto, os musculos são mais moveis; estão menos tempo entregues á mesma contracção, e não modificam tanto a physionomia, que lhe cheguem a dar a expressão habitual, que permitte-lhe descobrir a paixão dominante, a natureza das inclinações, o emprego das faculdades, e as direcções do coração e do espirito. Nas meninas, a physionomia é ainda mais movel; e além disto, menos desenvolvida. No entretanto, ella é já mui significativa; e é espantoso (como diz *Rousseau*), a expressão, que já tem essas physionomias mal formadas; seus traços mudam de um instante para outro, com inconcebivel rapidez. Vêdes nascer e passar ahi, como relampago, o sorrizo, o desejo e o terror; e de cada vez, julgaes ver um novo

semblante. Esta grande mobilidade; este jogo tão rapido nas mulheres e nas meninas, só póde informar no momento presente, e no instante em que se experimenta a emoção; a physionomia, ainda que muito expressiva, não offerece caracteres physionomicos. Entretanto Lavater explicou seus principios e suas observações em um grande numero de mulheres e de meninas; chegou a differençar em seus traços signaes de um caracter já formado, ou a natureza das inclinações e das affecções, que se devem desenvolver (1).

(1) De uma publicação periodica antiga, extractamos as seguintes observações, que nos parecem filhas de um espirito attento e reflectido.

PHYSIONOMIA DA MOÇA SOLTEIRA.

E' a moça solteira uma creatura essencialmente fallaz, complexa e mysteriosa— especie de Protheu, de Camaleão— ente á um tempo astuto e ingenuo, timido e audaz, mas cujos costumes, apezar das differenças de climas, de raças e habitos, offerecem admiraveis analogias.

Divide-se esta variedade de especie *Mulher*, em muitas cathegorias. Mas antes de enumerar as suas divisões e subdivisões, esboçaremos alguns traços geraes, que a distinguem.

E' altiva, inconstante, curiosa, excessiva e sensivel; está sujeita a subitas sympathias, e nunca arrazoadas; enamora-se repentinamente de um sem numero de paixõesinhas, movimentos instinctivos de um coração, que procura com instancia novas affeições — flores de um dia, que emmurchecem logo ao desabrochar!

E' a moça, por natureza dissimulada; tem sempre reservado um numero infinito de pequenos estratagemas.

Repare-se como está aquella moça com os olhos baixos, como são seus ademans timidos e circumspectos.... não erguerá uma só vez sequer os olhos durante a vossa visita, mostrar-se-ha inteiramente entregue ao seu trabalho: aposto como ireis jurar, que é surda e muda? Coitado de vós! ainda mal não chegastes á porta da rua, que já ella vos analysa, distilla, disseca.... E' um choveiro de reflexões ácerca de vossa pessoa, rosto e maneiras: — um diluvio de observações— uma inundação de criticas engenhosas, malignas.... Em summa, submette-vos a uma autopsia moral.

Examinemo-la agora, quando se acha em reuniões.

Um dos traços caracteristicos das reuniões de moças é, que ellas só andam, sahem, entram, correm e param *collectivamente*. Todos estes diversos movimentos executam-se com tal união e exactidão, que honrariam a uma companhia de caçadores. Não fazemos menção da funesta e estranbolica mania, que teem as moças de se abraçarem e beijarem ao pé de todos....

E' tão conhecido este facto, que se torna superfluo tocar nelle. Tambem não ha uma só pessoa, que não tenha observado a differença que existe entre uma reunião de meninas, e a em que se acha algum ho-

Da mulher virtuosa e da má mulher.

POR SALOMÃO

Ouve, meu filho, a instrucção de teu pai, e não largues a lei de tua mãi, para se accrescentar engraçado adorno á tua

mem. Acha-las-heis, quando a sós, simples e naturaes.:.. Mas se entra um homem? Notareis immediatamente gatimanhas, posturas estudadas, inflexões particulares, etc., etc. Esta toma um ar pensativo, aquella sorri-se, aquell'outra estira os pés. Mas desgraçado de vós, se tiverdes a imprudencia de aventurar-vos em um circulo de moças, que se conhecem!.. Antes ser um viandante extraviado nos bravios sertões da America, e cahir d'improviso no meio d'uma mysteriosa assembléa de cascaveis. Achar-vos-heis sem guia, em especie de *Cité* ou *Courdes-miracles*, onde se falla um dialecto inintelligivel.... Surprehendereis palavras desconhecidas, risos a sob-capa; signaes inexplicaveis; ouvireis; ouvireis, sem perceber, murmurinhar a vossos ouvidos uma lingoagem methaphysica, phantastica, cabalistica, satanica, hyeroglíphica!!!!

— E dar-se a perros.

Se pozermos de parte as observações geraes, e entrarmos nas diversas cathegorias da especie chamada *moça solteira*, observaremos primeiramente a moça da capital e a da provincia.

Aquella é frivola, elegante, *artificial* e graciosa; esta pesada, immobil, desgeitosa e embiucada: reconhecereis aquella pela sua fórma desembaraçada, e esta pela immensidade de seu chapéo, quando é de uso traze-los pequeninos, pelo talho gothico de todo o seu fato, pelo modo com que pega no leque, assim como pelas cores vivas, que a distinguem.

Tem-se muitas vezes comparado as mulheres, com as borboletas. Não queremos repetir esta comparação, mesmo por já ser um tanto *rococo*; mas sempre diremos, que ha um ponto desta semelhança que infelizmente escapou aos rabiscadores de madrigaes. Queremos fallar da transformação. Com effeito, existem duas épocas mui distinctas para as moças. A primeira, é a era das lições de piano, bordar, etc.; isto dura dos 13 aos 16 annos, e nos paizes do norte até aos 19: fórma nascente, trajo singelo, rosto infantil. Pensa pouco, e raras vezes, e não sonha senão com bagatellas. Mas apenas troa a outra época, quebra a borboleta immediatamente o involucro... Então é que ella é verdadeiramente *moça*. Torna-se-lhe o coração um abysmo—o pensamento, um mysterio— a mente um volcão. Se foi solida a sua educação, é um bom casamento sua idéa fixa; mas se a educaram com leviandade, se é abrasada a sua imaginação pela cultura das artes e da poesia, oh! então ser-lhe-ha a vida um meditar sem fim — continuo oborrecimento; fóra da sociedade será sua existencia inteiramente ideal, sem fallar de um gasto prodigioso de fitas, mantas, chapéos, vestidos... Adopta en-

cabeça, e um collar ao teu pescoço (1), porque eu fui tambem filho de meu pai, tenrinho, e unigenito diante de minha mãi. Filho meu, attende á minha sabedoria, e inclina o teu ouvido para a minha prudencia, afim de vigiares sobre a guarda dos teus pensamentos, para que os teus labios conservem a disciplina. Não te deixes ir atrás dos artificios da mulher (*Salomão falla da má mulher*); porque os labios da meretriz são como o favo que destilla o mel, e a sua garganta é mais lustrosa do que o azeite; más o seu fim é amargoso, como o absynthio, e talhante como a espada de dous gumes. Os seus pés descem á morte, e os seus passos penetram até aos infernos. Elles, não andam pela vereda da vida; os seus passos são vagabundos, e inevitaveis.

A tua veia seja bemdicta, e vive alegre com a mulher que tomaste na tua adolescencia; ella seja para ti a corça que muito amas, e o teu engraçadinho veadinho; os seus peitos te embebedem em todo o tempo; no seu amor busca sempre o teu prazer.

Conserva, filho meu, os preceitos de teu pai, e não largues a lei de tua mãi. Traze-os incessante a todos ao teu coração, e põe-os á roda da tua garganta. Quando andares, elles te acompanhem; quando dormires, elles te guardem, e em acordando, falla a elles; porque o mandamento, é uma candeia, e a lei uma luz, e a reprehensão da disciplina o caminho da vida, para que te guardem da má mulher, e da lingua lisongeira da estranha. Não cobice o teu coração a sua formosura, nem te deixes prender dos seus acenos; porque o preço da meretriz, apenas é de um pão: mas a mulher captiva a alma do homem, a qual não tem preço. Acaso

tão a moda em todo o seu rigor. São todas as suas acções calculadas; se se levanta, é para lhe admirarem a svelta fórma; se sorri, é para mostrar os lindos dentes. Reparae, que só borda ou concerta o cabello para que lhe noteis as candidas mãosinhas. Já lhe não servem as artes de enlevo, mas sim de casquelharia. O trabalho então deixa de ser occupação—é mais um meio de agradar. Não gosta mais do baile por si, occupa-se mais com o par do que com a dansa: nunca mais come diante dos homens. Vivia outr'ora de instincto, agora só vive pela cabeça e pelo coração.

(1) Proverbios. Cap. 1, V. 8 e 9; Cap. 4, V. 3; Cap. 5, V. 2, 3, 4, 5, 6, 18 e 19; Cap. 6, V. 20. 21, 22, 23, 24, 25 e 26; Cap. 7, V. 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24 e 25; Cap. 10, V. 1; Cap. 11, V. 22; Cap. 12, V. 4; Cap. 14, V. 1; Cap. 19, V. 14.

póde o homem esconder o fogo no seu seio, sem que ardam os seus vestidos? ou póde elle andar por cima das brasas, sem que se queime a planta dos pés? assim, o que se chega á mulher do seu proximo, não ficará limpo depois de a tocar. E tendo a mão um mancebo, o beija, e com uma cara sem vergonha lhe faz caricias dizendo: « Pela tua saude offereci victimas, hoje dei cumprimento aos meus votos desejando ver-te: eis aqui te achei. Fiz sobre cordões a minha cama, cobri-a com colchas bordadas do Egypto! perfumei a minha camara de myrrha, de aloe, e de cinamomo. Vem, embriaguemo-nos de amores, e gozemos dos abraços desejados até que amanheça o dia; porque meu marido não está na sua casa, foi fazer uma jornada muito dilatada: levou comsigo um saquitel de dinheiro: lá para o dia da lua cheia, é que ha de voltar á sua casa.»

Ouve-me, pois, agora, filho meu, e está attento ás palavras da minha bocca. Não se deixe arrastar o teu espirito a ir pelos caminhos desta mulher; nem te deixes enganar dos seus.

O filho sabio, a seu pai dá alegria; porém o filho insensato é a tristeza de sua mãi. A mulher formosa e insensata é como um annel de ouro na tromba de uma porca. A mulher diligente é a corôa de seu marido; e a que obra cousas dignas de confusão, far-lhe-ha apodrecer os ossos. A mulher prudente, edifica a sua casa; a insipiente destruirá ainda com as suas mãos a que está já feita. O filho insensato é a dôr do pai, e a mulher amiga de litigios é como o telhado, que está revendo continuamente em goteiras.

Os pais dão casas e riquezas; porém o Senhor dá propriamente uma mulher de prudencia (1).

(1) INSTRUCÇÃO QUE BERSABÉ DEO A SEU FILHO SALOMÃO (Extr. do Cap. 31 dos P.). E O ELOGIO DA MULHER FORTE.

Que te direi eu, meu amado filho, que te direi eu, amado fructo das minhas entranhas, que te direi eu, querido objecto dos meus desejos?

Não dês os teus bens ás mulheres, nem empregues as tuas riquezas em destruir Reis.

Não dês aos reis, ó Lamuel, não dês vinho aos reis; porque não ha segredo onde reina a bebedice; e para que não succeda, que elles bebam e se esqueçam da justiça, e transtornem a equidade na causa dos filhos do pobre. Mas dá aos que estão afflictos um licor capaz de os em-

Do Pudor (1).

Mas vejo que o Pudor lhe segue o trilho,
E quem póde apartar da graça o pejo?
Com seus olhos discretos ousa apenas
Mesmo a imaginação notar-lhe arcanos:
Mas do amavel rubor, ditoso enleio,
O ineffavel feitiço adora muda.
Vicio audaz se refreia ao seu conspecto,
E o respeito ao desejo a chamma esfria.
Recata-se de si, de si não sabe,

briagar, e vinho aos que estão em amargura de coração, para que elles bebam e se esqueçam da sua pobreza, e não se lembrem mais da sua dôr.

Abre a tua bocca a favor do mudo, e para defenderes ás causas de todos os filhos que passam: abre a tua bocca, e ordena o que é justo, e faze justiça ao necessitado e ao pobre.

Quem achará uma mulher forte? Seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distancias, e dos ultimos confins da terra.

O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos.

Ella lhe tornará o bem e não o mal em todos os dias de sua vida. Buscou lã e linho, e o trabalhou com a industria de suas mãos. Fez-se como a náo do negociante, que traz de longe o seu pão. E se levantou de noite, e repartio a preza aos seus domesticos, e os sustentos ás suas escravas. Considerou um campo e comprou-o; plantou uma vinha do fruto das suas mãos. Cingio os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braço. Tomou-lhe o gosto, e vio que a sua negociação é boa: a sua candeia não se apagará de noite. Ella metteo a sua mão a cousas fortes, e os seus dedos pegáram no fuso. Abrio a sua mão para o necessitado, e estendeo os seus braços para o pobre. Não temerá que venham sobre a sua familia os rigores da neve; porque todos os seus domesticos trazem vestidos forrados.

Ella fez para si moveis de tapeçaria; ella se vestio de finissimo linho e de purpura. Seu marido será illustre na assembléa dos juizes, quando estiver assentado com os senadores da terra. Ella fez delicados lenços e vendeo-os, e entregou um cinto ao Cananeo. A fortaleza e a formosura é o de que ella se reveste, e ella rirá no ultimo dia. Ella abrio a sua bocca á sabedoria, e a lei da clemencia está na sua lingua. Considerou as verdades da sua casa, e não comeo o pão ociosa. Levantáram-se seus filhos, e acclamáram-na ditosissima: levantou-se seu marido, e louvou-a.

Muitas filhas ajuntáram riquezas: tu excedestes a todas. A graça é enganadora, e a formosura é vã: a mulher que teme ao Senhor, essa é a que será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos; e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes.

(1) O Dr. Gonzaga, descrevendo o modo por que começou o seu

Conselho as mulheres

A natureza dotou as mulheres com tres qualidades q' a fazem amavêis — a belleza, o espirito e a graça. Se lhe foi mesquinha com a primeira deve ella procurar supprir a belleza com o espirito e as graças

A modestia é a guarda da mulher que faz q' ella evitando os olhares mais realça o seu merito

Por mais bella q' seja uma mulher a presunção não lhe assenta bem; e se faz cabedal dos seus encantos torna se desprezivel,

A simplicidade nos gostos e a moderação nos desejos são excellentes mêios p.ª a felicidade; e aquella q' sabe ser resignada nas desgraças e modesta na fortuna será amada e admirada por todos

Deve evitar a vanglorea, não fazer cabedal da belleza e das riquezas que acabão com o tempo — o amor proprio, a indiscrepção e a curiosidade, evitar a tagarelice e ser reservada nos discursos — não ser mal dizente — não dizer mal daquelles que falão de nós — não ser arrebatada — não ser invejosa — não ser supersticiosa p.ª q' a superstição é a mãe do fanatismo — não ser intolerante — ~~[illegible]~~ a honestidade e a fidelidade fazem a gloria da verdadeira mulher. — Ser generosa e reconhecida — ser prudente — Antes de proceder deve consultar a razão — A mulher só deve amar uma vez — Não deve ser ociosa p.ª q' a ociosidade gera os vicios. Afastar-se da frequencia

q' q' trae perigo.

As voluptuosidades sensuaes devem ser moderadas q' q' se são excessivas fatigão e estragão e trazem uma velhice prematura

Deve evitar as frequentadoras de theatros e bailes q' poder possuir as virtudes innocentes da familia

Convem estudar com tempo e com cuidado o caracter e a moralidade das pessoas antes de vos ligardes com ella

E nua esta virtude inda é modesta.
Cobre-a o véo da decencia, está vestida
A Venus pudibunda aos nossos olhos:
Mas melindrosa, e timida, qual vemos
Murchando a sensitiva em nossos dedos
Um gesto, uma palavra, um nada a espanta;
Corre a encontrar-lhe a timidez mimosa,
Fria inflamma; e o Pudor a graça é d'alma,
Mas quando neste quadro eu me afadigo,
Elle proprio o pincel nas mãos me embarga.
Misto ineffavel de altivez, modestia,
Teme reprehensões, louvores teme.
Vejo corar seus timidos feitiços,
Profanar-lhe as feições temo ao pintál-as

DELILLE (*Imag. Cant.* 3).

amor com D. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas, dá-nos a idéa mais clara possivel do Pudor desta virgem, na seguinte Lyra :

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeam,
São que os de Apolo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite,
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda e lisa testa,
Arqueadas sobrancelhas,
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são dous sóes:
Aqui vence amor ao céo,
Que no dia luminoso
O céo tem um sol formoso,
E o travesso Amor tem dous.

Nas suas faces mimosas,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosas,
Brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beiços são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim!

Mal vi seu rosto perfeito
Dei logo um suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estragos no coração.

« Punha em mim os olhos, quando
« Entendia eu não olhava,
« Vendo que os via, baixava
« A modesta vista ao chão;

« Chamei-lhe um dia formoso;
« Elle, ouvindo os seus louvores,
« Com um gesto desdenhoso
« Se surrio, e não fallou.
« Pintei-lhe outra vez o estado,
« Em que estava esta alma posta :
« Não me deo tambem resposta,
« Constrangeo-se e suspirou!

« Conheço os signaes, e logo
« Animado da esperança,
« Busco dar um desafogo
« Ao cansado coração.
« Pego em seus dedos nevados
« E querendo dar-lhe um beijo,
« Cobrio-se toda de pejo,
« E fugio-me com a mão. »

Tu, Marilia, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Comtigo estarás dizendo,
Que é este o retrato teo!
Sim, Marilia, a cópia é tua:
Que Cupido, é deos supposto,
Se ha Cupido, é só teu rosto,
Que elle foi quem me venceo!

O Pudor é o sentimento natural do honesto, e este sentimento, póde ser distincto sob dous pontos de vista, conforme tambem comprehende um dos redactores do Codigo da Humanidade (T. XI, p. 599); um, a infantil, e outro, por effeito do habito, e consequencia não reflectida de educação; é o que consiste nas precauções do decoro usado na sociedade, relativamente ás acções e aos passos innocentes, e não moraes por si mesmo. E' elle, que ensina aos meninos a não descobrirem o corpo na presença de testemunhas, a subtrahirem-se á vista dos outros, para satisfazerem certas necessidades da natureza; a nem mesmo nomear as partes do corpo, que se lhes ensina a nunca deixar ver, e nem tocar. Por mais desprovido que seja de moralidade este Pudor nos meninos, decencia machinal, e falta de reflexão, não é uma cousa indifferente, e que se possa sem inconveniente deixar de inculcar ás crianças, e converte-la em habito indelevel, porque é o germen do Pudor real, nas pessoas que são capazes de uma virtude: um salva-guarda de sua pureza, durante muito tempo, e uma barreira que os defende contra os ataques daquelles, que parecem abusar da ignorancia da mocidade, sobre as consequencias da muita familiaridade em seus gracejos. Esses gracejos, contrarios ás regras restrictas do decoro, podem ser muitas vezes causas de um perigoso abuso, tanto mais á temer, que delle se não desconfia, seus jovens á elles se entregam, quando estão desembaraçados, de testemunhas incommodas; se serão máos sempre, ainda mesmo que abuso algum os acompanhou, basta só os mancebos se familiarisarem com os olhares e contactos maliciosos, e ficarem por isso no caso de não estarem em guarda nas circumstancias em que o Pudor, póde ser essencialmente atacado, porque elles deixarão ir as cousas muito mais longe, sem se assustarem com emprezas temerarias, e sem experimentarem, esse temor, essa emoção salutar, que constitue o Pudor, e que os induz a se pôrem em guarda contra um mal, do qual ainda não teem uma idéa clara. Quantas moças noviças se teem assustado com emprezas, desconfiando das intenções, e defendendo-se com fogo e successo contra as tentativas de um impudico, sem ter outro guia para se conduzirem senão o habito, que teem formado dessa decencia, desse Pudor infantil, que olhava como um insulto os esforços feitos para descobrir e tocar nas partes de um corpo, que

desde a infancia os tinham desacostumado ás vistas e aos contactos de quem quer que fosse? Uma moçoila, ou um rapaz, a quem se tinha feito adquirir o habito de olhar como deshonroso para si, deixar ver ou tocar nas partes de seu corpo, que o uso nos ensina a occultar, e jámais fallar nellas sem necessidade indispensavel, teriam nesta disposição machinal um presentimento muito mais forte, contra as acções licenciosas, que todos os raciocinios, com que se lhes quizesse inspirar aversão para elles.

Com a idade, vem um tempo, em que é preciso fazer algumas modificações nesse Pudor infantil e machinal; a elle, se junta a idéa de uma moralidade, que encara como virtude as precauções, que elle nos havia posto em habito; e que dá em razão da civilidade e regras da decencia; é então, que se conhece as consequencias das pessoas, que lhes são permittidas e das que lhes são interdictas, e que hão aprendido pelos discursos que ouvem, pelas acções que vêem os outros praticar, pelas relações novas que vêem se estabelecer na sociedade, pelas leis particulares de que hão adquirido o conhecimento, e mais ainda, talvez por certos sentimentos naturaes, que experimentam, por certos desejos que se levantam, sem que se saiba como, e por certas pinturas que a imaginação traça, aprende-se, digo, por todos estes meios, que ha um uso particular e interessante que fazer, que dessas partes que se está habituado a cobrir com cuidado, que este uso, causa de consequencias muj importantes, está sugeito a regras, que se não podem violar sem grandes riscos; que esse uso legitimo, em certos casos, o é tão pouco em outros, que póde expor aquelles, que o permittem em si contra as regras a todas as desvantagens do desprezo publico, e da mais desesperada deshonra.

Uma secreta inclinação ao prazer, solicita a serventia dessas partes do corpo, como orgãos da voluptuosidade, mas uma outra inclinação, tornada habitual, põe um freio a este desejo, pelo temor do desprezo, que se lhe seguiria, tendo-se o habito do Pudor, tudo quanto o ataca parece um insulto, que se não poderia soffrer, sem deshonrar-se tanto aos olhos daquelles a quem se permitte esses ataques, como aos dos que sabem que se os hão permittido, sem a elles oppor toda a resistencia de que se é capaz. Entretanto, ha casos, em que a resistencia é reprehensivel, e então é um dever vencer

essa repugnancia em favor de certas pessoas; desde então o Pudor torna-se uma virtude moral reflectida, sugeita ás regras da conveniencia.

Tem-se disputado muito, sobre o enigma deste sentimento : uns olham como natural, e independente da educação, e affirmam, que se encontra em todos os humanos, em quem se não tem procurado apagá-lo; outros pretendem, que elle é só fructo da educação, dos usos e das leis. Se agitamos esta questão, não é por que sua decisão possa influir realmente na qualificação do Pudor, para delle fazer uma virtude, ou um simples uso, e nem mudar as obrigações dos humanos á tal respeito, dando-lhes o direito de se eximirem, sob o pretexto de que este sentimento não é devido á natureza, mas sim ás instituições humanas. Bastará que no estado actual das cousas, o maior bem da humanidade faça uma lei, pela qual a falta de Pudor, seja um vicio deshonroso.

Para bem julgarmos da natureza e do principio deste sentimento, permitta-se-nos suppor, pessoas educadas n'um estado de perfeita ignorancia, principalmente, no que póde interessar ao Pudor, dotados de um caracter innocente, e que desde o seu nascimento, não tem recebido nenhuma das regras de conveniencia, as quaes os meninos entre nós estão acostumados, e que em muitos individuos, é a unica origem do Pudor.

Suppomos pois, que as pessoas que ignoram absolutamente o que a theoria e a pratica póde ensignar-lhes, principalmente tudo o que se passa entre pessoas de sexos differentes, desde os mais simples carinhos, até aos ultimos favores do amor, habitam um clima quente, que os despensa de trazer vestidos, de sorte que apparecem sempre nús; poderiamos encontar entre nós, muitos jovens criados em tanta cricumspecção, que vivem n'uma inteira ignorancia sobre as relações dos sexos; entre a gente do povo, que vivem em habitações solitarias e recolhidos nos bosques e nas montanhas, póde haver, e ha pessoas que não tem idéa alguma das regras de conveniencia. Ha na Africa e aqui na America, povos onde a mocidade anda inteiramente nua: os mancebos no caso de que se trata, não deveriam ser julgados na idade da puberdade, ao menos, no estado em que estão as crianças, sem terem o menor vislumbre de Pudor? Deixarão vêr seu corpo nú, sem a menor

commoção como fazemos com as nossas mãos e nosso rosto; e temos toda a razão de crêr, que se não déssemos vestidos aos nossos filhos, se pelas censuras que lhes dirigimos, quando se descóbrem, não os acostumassemos a encarar esta acção como uma falta, se pelas precauções, que queremos que elles tomem, quando qualquer necessidade exige que se descubram, não déssemos um ar de mysterio á essas partes occultas, e naturalmente não excitassemos sua curiosidade, elles chegariam a adolescencia completa, sem saberem o que era Pudor: a menina mais modesta, mas timida, appareceria diante dos homens núa, sem enrubecer e sem o menor embaraço; verosimilmente a completa puberdade precederia aos primeiros movimentos do Pudor, com tanto que esse acto tivesse precedido toda a theoria sobre os prazeres do amor e o uso dos sexos.

Não negaremos entretanto, que nessa interessante épocha da vida humana, uma mocidade viva e temperamento ardente, sentisse necessidade, não experimentasse desejos, dos quaes não teria se não uma idéa confusa, mas que, não obstante sua ignorancia, diversas sensações involuntarias lhe fariam descobrir a séde e os orgãos; a presença dos dous sexos excitaria n'um e n'outro movimentos desconhecidos, commoções vivas, que procurariam acalmar sem saber como. Experimentariam uma tendencia á se approximarem, á qual todavia, elles não se entregariam senão com terror, porque isso augmenta sua commoção, e não sabem o que lhes poderá succeder. Insensivelmente o habito de se verem, a confiança, a amizade, dão ás suas maneiras e seus discursos maior familiaridade; fazem-se confidencias reciprocas do que experimentam á vista um do outro; alguns carinhos feitos ao accaso, tão sem constrangimento, como sem previdencia, atearão em seu sangue um fogo incommodo, levarão a perturbação á seus sentidos e causarão novas e notaveis revoluções; um impetuoso ardôr, cheio de delicias, ainda que acompanhado de perturbações, fará seus carinhos mais activos e sem outro guia mais que essa céga impulsão, porèm com tanto temor, quanta impaciencia, conseguiriam tocar ao termo á que a natureza se propôz e apagar assim esse fogo tão voluptuoso, quanto incommodo. Se n'esse momento critico sobreviesse um terceiro, duvidamos que elles tivessem vergonha, mas cremos a presença dessa testemunha que, dis-

trahindo sua attenção, interrompia o curso de sentimentos que experimentassem, desagradaria-lhes muito, unicamente porque os distrahia d'um sentimento que queriam inteiramente satisfeito. D'onde provirá a vergonha n'elles, não tendo violado lei alguma que lhe seja conhecida, não tendo prejudicado á nenhum de seus camaradas e tendo-se occupado á provarem-se por todos os meios possiveis sua terna inclinação?

No momento de seus transportes amorosos, não ha idéa alguma, de falta ou de irregularidade em sua conducta; porém depois de passado o delirio, que pensaram elles? que sentiram? de que aniquilação sahiram? em que esquecimento de si mesmo estiveram em vida? Tornam-se mais caros um ao outro, e descobrem uma fonte nova de prazeres, dos quaes antes não tinham idéa alguma: não lhes aconteceria olharem essa descoberta, como uma conquista de que elles só fossem proprietarios, e que querem reservar só para si, temendo diminuir-lhe o preço, repartindo com os outros? E' um precioso thesouro, de que só elles, tem a chave. Demais, a presença da testemunha que sobreveio, lhes causou uma interrupção de prazeres, que elles acharam dolosa; de então por diante, elles se porão ao abrigo de olhares incommodos e longe de testemunhas, que os distrahiam: d'ahi nascem as mysteriosas precauções, os occultos signaes de intelligencia e todo esse pequeno trama, feito para as vistas daquelles de quem querem fugir, mas á quem não enganam por isso mesmo, que ignoram aquillo de que se trata; primeiro germen do Pudor, sem ser ainda Pudor propriamente dito.

Entretanto fica aos dous jovens discipulos de amor, uma origem de inquietação. O estado violento em que se acham, a perturbação que sentiram, e sendo seus prazeres quasi dôres, não teriam feito elles um mal real? Examinam-se, experimentam em si uma mudança d'estado, que lhes era desconhecido, e uma fonte de commoções indefiniveis das quaes antes disso não tinham idéa alguma. Talvez que por essa revolução, haja para elles consequencias funestas: desde então não podem vêr os orgãos de sentimentos tão vivos, sem sentirem atear-se o fogo e as commoções, que experimentaram; não será sem temor que elles de novo se entreguem á seus transportes e nem sem pezar, que á elles se recu-

sem. Os objectos tentadores não estando presentes, os sentidos se acalmam e os dous sexos ficam tranquillos. O meio mui natural de prevenir a volta muito frequente de taes movimentos, tão temidos, como desejados, que se tornam damnosos e aos quaes se arreceiam de entregar-se, o meio mais natural, dizemos, é separarem-se, mas os tranquillos encantos da sociedade, os attractivos d'amizade, o prazer de ver-se a quem se ama e fallar-lhe, oppoem-se á essa separação: só resta pois a precaução de cobrir objectos tão proprios, á commover a pessoa de que já está instruida do seu mister: aquelle dos dous sexos, que tem mais sensibilidade e delicadeza, sentirá mais vivamente a violencia dessas convulções e que terá comprado as delicias com mais dôres, sem duvida, sentirá os instrumentos com mais commoções, se sentirá mais agitado sómente com a idéa delles, que se virá retratar em sua imaginação, temerá mais a vista delles e lhe fugirá com mais promptidão, seu sangue em movimento, affluirá com mais força para as partes mais delicadas, e se, como em seu rosto, os vasos sanguineos são em maior numero e cobertos d'uma pelle mais transparente, se verá no mesmo instante um rubor, que revela uma commoção interior, a agitação da sensibilidade, o esforço do temor e as vezes o fogo d'um desejo, que se julga haver mui fortes razões de reprimir. Neste caso, é o Pudor propriamente dito, isto é a contenção natural ao sexo mais delicado e mais sensivel.

Esse temor mui vivo a principio e após das primeiras experiencias, apaga-se em parte, quando novas provas hão familiarisado duas pessoas, que se amam, como causas dessas commoções, e que julgam poder, sem temer consequencias funestas, entregarem-se completamente na occasião e fazer de sua complacencia, um meio de se provarem mais efficazmente n'um amor sem reserva. Entretanto, quando mesmo se quer fazer o temor, que se chama Pudor, em favor da pessoa com que se fazem os primeiros ensaios e com que se consente partilhar os primeiros transportes d'amor, todo aquelle que é dado aos excessos, nunca cumpre os ajuntamentos sem uma commoção mais ou menos penosa, porém que vai todos os dias diminuindo, pelo habito, fructo dos actos reiterados.

Mas por mais familiarisadas que estejam duas pessoas ligadas, com essas provas d'uma confiança, sem reserva, o

temor, o Pudor, toma todo seu imperio, quando se trata com pessoas com quem nunca se teve familiaridade; a confiança, a viva amizade, o habito de se verem, que conduz emfim os dous amantes aos ultimos penhores d'um amor sem reserva, não subsiste em nenhum dos dous, como uma pessoa extranha; então nada contrabalança ao temor que inspira, principalmente ao sexo mais fraco, á approximação dos momentos convulsivos de prazer; receia este estado novo, dahi provêm os temores, as inquietações, os obstaculos, a defesa e a fuga. Instruido pelas primeiras experiencias, que é um caminho para quem deseja prazeres, e que é para esse fim, que é pretendida da parte d'outro sexo, quer esteja disposta a goza-los, ou a dar-se de má vontade, a mulher, que não quer excitar esses movimentos no homem terá cuidado de evitar tudo que puder despertar a idéa, e induzir alguem a formar sobre ella pretenções, que está resolvida a não favorecer. Nesse intuito, occultará aos homens tudo, o que de perto ou de longe, poder sua presença atêar fogos que ella não quer apagar e excitar desejos, que está resolvida a não satisfazer; menos precauções a esse respeito as exporia a solicitações, que talvez descahiram com custo.

Desta sorte o Pudor, que nasce do temor de accender desejos n'aquelles á quem se não quer satisfazer, não poderia ser conhecido de dous amantes, que só tem por unicas testemunhas elles mesmos. Adão e Eva, não o experimentaram, emquanto foram os unicos humanos sobre a terra; o que sentiam só tinha por fim precaverem-se contra a repetição mui frequente de seu proprio ardôr; era contra si mesmo, que queriam estar em guarda: d'outro lado é verosimil, que depois do que sentiram, tivessem medo, que deixando descobertas as partes por onde haviam peccado, seu Creador, não conhecesse o novo estado em que se tinham posto e que á vista desse estado, não depozesse contra elles, os transportes a que indiscretamente se haviam entregado; por isso Deos lhes disse: « Donde soubeste tu que « estavas nú, senão porque comeste da arvore, de que Eu « te tinha ordenado que não comesses? (Gen. cap. 3 v. 11).

Se o Pudor, que toma precauções contra os assaltos daquelles a quem não quer favorecer, não póde ser conhecido de dous amantes, que se crêm unicos no mundo; será certamente de todas as pessoas sensiveis, que vivem em socieda-

de, ainda que lei alguma positiva lhes houvesse prescripto qualquer regra á esse respeito, e que tivesse por unica guia a natureza não depravada. Creio firmemente, que a natureza em sua pureza, inspira-nos o amor, que faz com que o homem ligue-se de preferencia á uma mulher e esta exclusivamente a elle só; que o casamento, que consiste na união de dous individuos, é pedido pela natureza das causas, que o bem da humanidade exige, e faz da castidade uma lei, e que por consequencia é a natureza, que dá ás mulheres este Pudor, que é o mais seguro guarda da castidade. Se a natureza por si só, independente das leis sociaes, dos usos dos povos e dos preceitos religiosos aos dous sexos fez do Pudor uma lei; se, como já temos observado, ella se torna mais efficaz no sexo mais fraco e mais sensivel; quanto mais forte não deve elle ser ainda, nas sociedades policiadas, onde as leis civis e religiosas, os costumes, os usos communs, os habitos da infancia e mesmo os prejuizos se juntam á natureza para exigir Pudor, e delle fazer um dever muito importante, porque é a mais poderosa barreira á impudicicia e ao deboche?

O Pudor tem, pois, por fundamento o temor das paixões. Aquelles, que arrastam as paixões, devem ter banido todo o Pudor; e ao contrario, aquelles em quem se não vê Pudor, não conhecem freio ás suas paixões: então não ha mais modestia em suas maneiras, decencia em seus discursos, e nem em suas acções.

Não ha Pudor, sem costumes; e não ha bons costumes para as mulheres, senão n'uma vida retirada e domestica. Se dizemos que os cuidados da familia e da casa, são partilha dellas, que a dignidade de seu sexo está na modestia, que a vergonha e o Pudor, são nellas inseparaveis da honestidade, que procurar os olhares dos homens, é já deixarem-se corromper, e que toda a mulher que se mostra, se deshonra; se avançamos tal moral, no mesmo instante se elevará contra nós a philosophia d'um dia que nasce e morre no canto d'uma cidade, e que tenta abafar o grito da natureza e a voz unanime do genero humano.

A respeito do Pudor do sexo em particular, que arma mais doce poderia a natureza dar ao sexo, que ella destinou a defender-se? Os desejos são iguaes! Que se tem que dizer a isto? Não ha as mesmas faculdades de satisfaze-lo n'uma e

n'outra parte? Que seria da especie humana, se a ordem de ataque e de defeza fosse mudada? O assaltante escolheria ao acaso occasiões, em que a victoria fosse impossivel; e o assaltado se deixaria ficar em paz, quando não tivesse necessidade de se render, e seria perseguido sem deixar-se vencer quando se achasse fraco para succumbir; finalmente o Pudor, e a vontade sempre em discordia, e não deixando jámais partilhar desejos, o amor não seria mais o sustentaculo da natureza, della seria o destruidor e o flagello.

Se os dous sexos tivessem sido feitos igualmente, e recebido as primazias, a vã impetuosidade não se teria salvado, e os fogos sempre languecendo em aborrecida liberdade, jámais se irritariam, e o mais doce sentimento a custo penetraria no coração humano, mal preenchendo seu fim. O apparente obstaculo que parece alongar esse fim, é o mesmo que o approxima. E os desejos encobertos pela vergonha, tornam-se mais seductores; mortificando-os, o Pudor os inflamma: seus temores, seus desvios, suas reservas, suas timidas confissões, sua terna e ingenua fineza, dizem melhor o que ella julga calar, pensando que a paixão não o teria dito sem ella: ella é que dá preço aos favores e doçura ás recusas. O verdadeiro amor, com effeito possue o que só o Pudor lhe disputa; essa mistura de fraqueza e de modestia, o torna mais tocante e mais terno; quanto menos obtem, mais augmenta o valor do que obtem, e é desse modo, que elle goza ao mesmo tempo de suas privações e de seus prazeres.

Porque razão, se perguntará, o que não é vergonhoso para o homem, o é para a mulher? Porque será crime n'um sexo, o que é permittido no outro? Como se as consequencias fossem as mesmas de ambos os lados! Como se todos os austeros deveres da mulher, não se derivassem disto; que um filho deve ter um pai! Quando mesmo estas importantes considerações nos faltassem, teriamos sempre a mesma a dar, e ella seria sempre sem replica: assim o ordenou a natureza, e abafar sua voz, é um crime. O homem póde ser audacioso, que tal é seu destino; pois que era preciso que um se declarasse. Mas toda a mulher sem Pudor, é culpada, vil e depravada, porque calca aos pés um sentimento natural á seu sexo.

Como se pode disputar a verdade deste sentimento? A terra toda não dá disso pomposa testemunha? A comparação só dos sexos, bastára para certifica-la. Não é a natureza

que orna as jovens com esses traços tão doces, que se tornam ainda mais tocantes pela vergonha? Não é ella, que põe em seus olhos esse olhar timido e terno ao qual só com muito trabalho se resiste? Não é ella, que dá á sua tez mais brilho, e á sua pelle mais finura, afim de que um modesto rubor melhor se deixe perceber? Não é ella, que as torna timidas para que fujam, e fracas para que cedam? Com que fim lhes daria ella, um coração mais sensivel á piedade, menos ligeireza no andar, menos robustez no corpo, menos estatura, musculos mais delicados, se as não tivesse destinado a se deixarem vencer? Sugeitas aos incommodos da gravidez e ás dôres do parto, esse accrescimo de trabalho, exigiria diminuição de forças? Para reduzi-las a este penoso estado, ella as fez assás fortes para não succumbirem se não á sua vontade, e assás fracas para terem sempre um pretexto de se entregarem. Eis precisamente o ponto, em que a natureza as collocou.

Passemos agora do raciocinio á experiencia. Se o Pudor fosse um prejuizo da sociedade e da educação, esse sentimento, deveria augmentar nos lugares em que se tem mais cuidado na educação e em que as leis sociaes se aperfeiçoam incessantemente, e deveria portanto ser mais fraco onde se está mais perto do estado primitivo. Acontece totalmente o contrario. Nos campos as mulheres são timidas e modestas, uma palavra as faz corar, ellas não ousam erguer os olhos para os homens, e guardam silencio diante delles. Nas cidades o Pudor, é ignobil e baixo; é a unica cousa de que uma mulher bem educada teria vergonha, porque se julgaria deshonrada nas sociedades que frequenta, onde seria olhada como uma pessoa falta de trato; e a honra de fazer corar um homem honesto, só pertence ás mulheres da melhor roda (1).

(1) Qual é o homem honesto e pensador, que se não aborrece, de ver uma moçoila, apertada excessivamente, só pela louca pretenção de se tornar bem feita! Qual é o homem prudente, que não aborrece uma mulher deshonestamente vestida e cheia de denguice, frivola, e mais ainda, sem proposito e fundamento, que tão bem adornam uma senhora em qualquer situação em que se colloca? Esses bailes, essas grandes reuniões, verdadeiras escolas de corrupção, não servem mais que de passar o tempo precioso da vida, em sonhos, com divertimentos sem fruto, que por fim trazem a ruina das que os frequentam. A experiencia nos tem mostrado, que poucas são as moçoilas que frequentam os bai-

O argumento tirado do exemplo dos animaes, não é concluente e verdadeiro. O homem, não é um cão e nem um lobo. Não é preciso que estabeleça em suas especies as primeiras relações da sociedade, para dar a seus sentimentos uma modificação desconhecida sempre aos brutos. Os animaes, tem coração e paixões; mas a simples imagem do honesto e do bello, só entra no coração do homem.

Não obstante isso, quem poderá asseverar, que o instincto não produz nos animaes o que a vergonha produz no homens? Vemos todos os dias provas disso. Vemo-los occultarem-se em certas necessidades, para esconderem aos sentidos, um objecto de desgosto; vemo-los depois, em vez de fugir, appressarem-se á cobrir os vestigios delle. Que falta a esses cuidados para que tenham um ar de decencia, honestidade e Pudor, senão ser por tal tomado pelos homens? Em seus amores, vemos caprichos, escolhas, recusas estudadas, que roçam de bem perto a *maxima de irritar as paixões* pelos obstaculos. No instante em que escrevemos isto, temos ante os olhos um exemplo confirmativo. Dous pombinhos, nos felizes tempos de seus primeiros amores, offerecem-nos um quadro bem differente da estupida brutalidade que os nossos apologistas da petulancia lhes attribue. A branca pombinha, vai seguindo passo a passo o seu bem amado, e foge ligeira logo que elle se volta. Fica elle em inação? Com mimosas bicadas o excita; se elle foge, ella o persegue; se se defende, com pequeno e certeiro vôo, o attrahe ainda; a innocencia da natureza maneja as meiguices e abranda a resistencia, com tal arte, que daria trabalho ao mais habil casquilho. Não; a faceta Galatéa não o faria melhor, e Virgilio poderia ter tirado d'um pombal encantadoras imagens á este respeito.

Quando mesmo se podesse negar, que um sentimento particular de Pudor, fosse natural nas mulheres, seria menos verdade que na sociedade sua partilha deve ser uma vida domestica e retirada, e que se as deve crear nos principios, que á isso se referem? Se a timidez, o Pudor, a modestia que lhe são proprios, são invenções sociaes, importa cul-

les, que se casam vantajosamente; e se alguma tem tido a fortuna de originar o seu consorcio dessas grandes reuniões, é logo privada dellas, desde o instante em que se casa. As reuniões de familia são mais felizes e proveitosas; porque á ellas só vão pessoas da amizade e de confiança.

tiva-las nellas, e toda a mulher que as desdenha offende os bons costumes. Haverá um espectaculo tão tocante, tão respeitavel como o d'uma mãi de familia, rodeada de seus filhos, regendo os trabalhos de seus famulos, procurando á seu marido uma vida feliz, e governando conveniente sua casa? E' ahi, que ella se mostra em toda sua dignidade de mulher honesta; é ahi, que ella impõe verdadeiramente respeito e que a belleza, partilha com honra as homenagens rendidas á virtude. Uma casa, cuja senhora está ausente, é um corpo sem alma, que cahe logo em corrupção: uma mulher fóra de sua casa perde o seu maior lustre, e despedaça seus verdadeiros ornamentos; mostra-se com indecencia. Se possue um marido, que busca ella entre os homens? Se o não tem, como se expõe a afastar, por uma parte pouco modesta, aquelle que talvez a quizesse por esposa? Ella mesma sente, que não está em seu lugar, e até sua belleza, que agrada sem interessar, não é mais que um erro que seu coração lhe exproba. Quer esta impressão venha-nos da natureza, quer da educação, é commum a todos os povos do mundo; por toda parte a mulher é considerada em proporção de sua modestia; por toda parte se está convencido, que abandonando as maneiras de seu sexo, ellas abandonam seus deveres; por toda parte se vê, que então a veril e firme segurança do homem, torna-se em atrevimento n'ellas, se aviltam por essa odiosa imitação, e deshonram tanto seu sexo, como o nosso.

Pensamos que não temos prestado muito á natureza attribuindo-lhe só o Pudor, tal qual o havemos descripto, sem fazer ahi entrar, o que certamente o caracterisa entre os povos civilisados, a idéa do despreso á que a falta de Pudor, expõe um e outro sexo, principalmente aquelle, que por sua sensibilidade e fraqueza deve ter mais reserva e contenção. Entre os povos, cujos costumes são mui simples, onde a ambição e o interesse não são que fazem os casamentos, essas uniões contrahem-se com facilidade, são numerosas e effectuam se cêdo; ahi são só celibatarios aquelles, que não são capazes de amar; os amores illicitos, quasi, que são desconhecidos a esses povos: as pretenções de um homem sobre uma mulher, que não é sua, são extravagancias tão raras, que quasi nunca se apresentam ao espirito, sem duvida as precauções do Pudor são ahi pouco procuradas, e a ausencia d'elle

pouca commoção causa; satisfeitos os sentidos sem custo e legitamente, quasi que não são susceptiveis de movimentos irregulares, capazes de faze-los obrar contra as leis: por esta razão, quanto mais simples e puros são os costumes entre esses povos, menos severo e escrupuloso é o Pudor; basta que seja casto. Porém se os costumes se corrompem, já não é o mesmo; então a falta habitualmente de reserva nas maneiras e nos discursos, fornece um elemento á devassidão. Só as pessoas virtuosas e delicadas, é que conhecem ahi o amor e não a depravação, e que dão seu coração unicamente á um objecto, e que sem elle (coração) jámais entregam seu corpo; n'ella é sómente que os principios da depravação produzem o effeito de augmentar-lhes o Pudor, torna-las mais escrupulosas, e fazendo crescer as precauções que estão dispostas a tomar contra tudo, que revela desejos relativos a uma paixão, que a pessoa não de certo, quer autorisar e nem favorece. Comprehende-se que é principalmente, para não dizer unicamente, nas mulheres, que esses effeitos tem lugar; como ellas não são que dão os primeiros passos, e em geral os homens gostam de atacar o lugar em que acham recusa, é pelo mais ou menos Pudor e reserva, que elles percebem nas maneiras e nos discursos da mulher, que conhecem até que ponto podem chegar os favores que ella lhe deve conceder.

Entre os povos civilisados, como nós, e na Europa, pelo menos entre os homens que não são do commum, geralmente acontece o mesmo; os exteriores somente do Pudor é que variam a alguns respeitos conforme o tempo, os lugares e as circumstancias particulares. Ainda que os costumes europêos, no assumpto da castidade, não sejam dos mais regulares, comtudo não tem ainda chegado ao ponto de que uma rapariga namoradeira e uma mulher libertina não sejam desprezadas por todos aquelles, que não são complices de seus desregramentos. Não ha um só pai, que não olhe como affronta, a sedução d'uma filha; um marido, que não seja despresivel, que não encare uma infidelidade de sua mulher, como um crime capital; nem um homem delicado, que queira tomar por esposa uma moça suspeitada sómente de máos costumes, ou que um marido consinta que sua mulher, em quem elle confia, tenha familiaridade com outra que seja tida por infiel a seu marido,

Toda a menina e toda mulher nesse caso, são objecto de desprezo de todas as pessoas honradas; mas como não se toma testemunhas quando se quer ser culpado desses desvarios, a necessidade de serem estimados empenha em particular as mulheres, pouco cuidadosas de sua honra, a tomarem todas as possiveis precauções, para envolver nas sombras do mais profundo mysterio seus desregramentos, e é só quasi pela indiscrição de seus *galans*, e por seu pouco Pudor, ou antes por seu pudor mui facil, que elles vem ao juizo do publico; as que são prudentes, ainda mesmo só exteriormente devem ter sentido, e sentem quanto as apparencias do severo Pudor, são essenciaes á conservação de sua honra, e para prevenir os máus juizos, que a falta das precauções, que a contenção exige, dá direito a apparecerem.

E' facil a toda mulher prudente deduzir destas observações a conducta que deve ter, para prevenir os desejos, as solicitações, as pretenções illegitimas, que ella não quer e nem deve querer favorecer, afim de afastar de si qualquer desconfiança, que injuria á sua honra. Tomamos aqui por honra das mulheres, o direito real ou supposto, que ellas tem para pretenderem ser dignas do amor, da estima e da confiança dos homens delicados, e a exempção de toda e qualquer mancha feita á sua innocencia, pela qual se teria direito de as desprezar ou estimar menos. Dissemos que a honra tem jús ao amor, á estima e á confiança; estas tres cousas, são essenciaes: é pelas graças do corpo, que as mulheres agradam aos sentidos, e pelas do coração, ou do caracter moral, que são, a sensibilidade, a doçura, a complacencia, a previdencia e a bondade, que ellas agradam á alma, e conciliam o amor; é pelas virtudes, quero dizer pelo doce gosto, por todos os seus deveres, quer communs aos dous sexos, quer particulares ás mulheres, por sua sinceridade, sua assiduidade ao trabalho, seu amor pela ordem e por uma prudente economia, sua piedade, sua decencia, a dignidade de seus discursos, a gravidade, seu andar, sua caridade, sua justiça, sua contenção e sua modestia, que ellas conciliam a estima; é finalmente, por sua firmeza em não ceder aos motivos de proceder mal, em as tentações, pela sinceridade de suas palavras, franqueza de seu procedimento, constancia no seu amor para aquelle á quem deu seu coração, que as mulheres adquirem confiança; a falta de

Pudor as faz perder todas essas preciosas vantagens, esses direitos que, bem conservados, constituem sua honra. Toda mulher sem Pudor, ou é um ente d'uma frieza estupida, d'uma repugnante insensibilidade, incapaz de inspirar amor, ou conserva-lo onde a primeira apparencia o havia accendido; ou então é um ente, que á força de se ter entregue sem contenção á libertinagem se tem familiarisado com os modos mais vergonhosos da devassidão e que de nada mais córa; esta só poderia agradar aos mais dissolutos devassos: e póde-se formar outro juizo, que não este, d'uma mulher que se mostra descoberta a outros, sem ser aquelle á quem seu coração e seu corpo pertencem, que permitte liberdades indecentes aos que tem direito algum sobre ella, que soffre sem se irritar, que em sua presença se façam acções deshonestas, ou que tenham em sua presença discursos licenciosos e que toma parte nas conversações livres e obscenas?

Que estima se póde dar a uma mulher, a quem em nosso seculo é permittido brinquedos e jogos de mãos e familiaridades, que necessariamente conduzem a familiaridades maiores; uma mulher, que parece procurar a vista e os olhares dos homens, que permitte, áquelles que á vêem mais vezes, dar-lhe beijos e abraços, pegar-lhe no corpo, chegar-se mesmo a seu cólo e excitar n'ellas sensações mais ou menos voluptuosas? Que toda mulher se lembre, que não ha um só homem, por pouco experimentado que seja, que não julgue, que aquella que permitte essas familiaridades, que ella quer que se creia innocentes, permittiria tambem outras maiores ainda, estando segura de escondel-as áquelles de quem temem o desprezo, e que perde assim a estima de quem ella queria pretender (1); e quanto uma moça, que leva a tal ponto a falta de contenção, perde no conceito d'aquelle, senão ha confiança, que talvez a quizesse para esposa; porque vendo n'ella tão pouca reserva, a olha como uma pessoa em quem o gosto da voluptuosidade do-

(1) A estima por uma mulher, é uma consequencia natural do Pudor e da modestia; não se illuda ella quando vê, que querem tomar liberdades sobre ella, é isso mais segura prova de que é desprezada: deve então mostrar, por meio de indignação, que só é desprezivel aquelle, que insulta seu Pudor. Todo, galanteio na mulher a expõe a esses desprezos, e é desprezivel, porque é por ahi que ella se torna criminosa. No Pudor, nem mesmo a mais ligeira falta é innocente.

mina tanto, que não resistirá á tentação, quando ella se apresentar assás favoravelmente para que julgue poder impunemente succumbir !

Finalmente, que confiança póde um amante depositar na amante, da qual quereria fazer sua mulher; que confiança póde ter um marido em sua esposa, vendo que elle não era o unico de quem buscava os olhares e de quem quizesse captivar o coração; e que tem outros objectos esses olhos de quem quer fazer brilhar seus encantos secretos, a quem dá a liberdade de vel-os, de tocal-os, de gracejar e de fazer-lhe caricias tão agradaveis para quem as faz como para ella que as recebe, em quem elle procura excitar desejos e nada poupa que seja proprio para fazel-os nascer. Se se lembrarem que o amor é um sentimento de preferencia exclusiva, comprehenderão que uma conducta que annuncie que essa exclusão está tirada é o veneno do amor, e não subsiste com elle.

O Pudor real tornará uma mulher extremamente reservada em seus olhares, no que ouve, em suas palavras, em suas leituras, em seus prazeres, em suas maneiras e suas vestimentas. Em seus olhares, arredando-os de todo o objecto, que puder excitar n'ella idéas libidinosas, e que ella não ousará contar a um extranho sem corar; no que ouve, guardando-se de dar ouvidos a discursos, que uma pessoa, que realmente a respeitar e estimar, não se atreverá a dirigir-lhe; no que diz, cohibindo-se de fallar no que se refere aos prazeres do amor, principalmente na presença dos homens, e mesmo só na presença de mulheres; isso seria sempre imperdoavel a uma menina. Um homem de educção jámais terá taes discursos, excepto com sua esposa, na presença de mulheres á quem respeita e estima, se ella mesmo não o autorisar a isso (1).

(1) Concluiremos este artigo com a seguinte nota, que nos parece corroborar mais as nossas idéas relativamente ao Pudor:

Uma mulher deve-se livrar das leituras, que são licenciosas, e fornecendo materia á imaginação, só servem para deprava-la, ateando-lhe o fogo mui vivo e dando-lhe um forte motivo de preocupação. Exemplo da leitura que fallamos, os livros puramente physicos, a historia natural, d'anatomia ou de physiologia, que a certos respeitos e em certos casos, poderiam dissipar uma ignorancia muita profunda. Uma mulher, mesmo em seus prazeres, deve conservar Pudor: se é só de um divertimento que se trata, como a dansa, o passeio, a musica, a

Importancia da mulher

POR A. G. TEXEIRA E SOUSA.

Si fluxiveis encantos,
Tão caros pastos ao tragar da idade,
Unicos fossem, que a elevada séde,
Por entre a humanidade te elevassem,
Seriam teus encantos irrisorios,
Miseravel seria a gloria tua:
Ambos seriam antes teus algozes,
Ou patibulo cruel onde expirasses
A todos os momentos entre os golpes
De saudosas lembranças do passado,
De uma reminiscencia dolorida,
Olhando nos vestigios dos encantos
Os andrajos, adornos do sepulchro,
O sudário da morte,
Ou as mentidas pompas da belleza
Soltas em vago, fugitivo fumo!

mulher que tem cuidado de sua reputação, não se entregará a elle senão com uma condição que não autorise ninguem a faltar-lhe o respeito, e não se abandonará realmente, e nem affectará a abandonar-se aos prazeres simplices com esse ar de voluptuosidade e de indolente sensibilidade, que tão claramente annuncia o desejo de ser seduzida e a disposição de ceder á essa seducção.

Em suas maneiras uma mulher que tem Pudor, sem ser falta de graça e grosseira, conservará sempre dignidade; affavel e previdente, jámais será insultada; alegre sem desenvoltura, brincalhona sem indecencia, regosijando-se com moderação na occasião em que tem innocente motivo para isso, porêm nunca mostrando-se inconsiderada e nem esquecendo o que deve a si mesma, a seu marido e á sociedade; reservada sem timidez, ella mostra que não procura os homens e nem os teme, porque sente-se capaz de resistir a suas pretenções e de recusar a seus desejos. Uma menina, deve ter mais timidez n'uma reunião de homens, e não se lhe póde censurar isso.

Finalmente, em sua maneira de vestir, uma mulher que tem Pudor, se guardará de apresentar-se d'um modo, que annuncie que seu fim é mostrar os encantos destinados a accender desejos e que o uso geral não exija que deixe descobertos e nem que traga á vista. Nisto sem duvida, é preciso consultar a moda da épocha; o que é indecente n'um tempo, deixa de ser n'outro; ha muito tempo, que o pôr rebique era tido por falta de bons costumes; hoje em certos paizes é esse uso tão geral,

Da Prenhêz, do Parto e

Logo q a mulher recebe
o germem de uma nova
experimenta grande
sua constituição organic
tencias da vida tendem a
utero. O seu semblante sõ
debota o estomago debi
rimento nauseas, vomi
palmente de manhã:
corpo afroxão; avivacid
e a alegria subjugada
vagancias do systema
sem um aborrecimento
languidez em elancolia
pras as almas sensivé

A mulher, neste estado
te desua existencia não
está toda concentrada
na q.ª onde a actividade
minal atrai as forças da
volver o feto. No acto da
se a mulher ~~[illegible]~~ expér
se separar um sobre falta
de frio, e m.mo vontade de lama
dizem q já mais se sentem
gomes, e outras afirmão
tão uma alegria desusada.
experimentão são as q tem
mento phlegmatico e dificil
q isso entre estas muitos
se a concepção pela falta de
estimulos do apparelho uter
da concepção o orificio ut

ao opportuno

uterino. É o pelo terceiro [illegible]
mulher gravida começa a sen[tir]
os movimentos do feto, ou antes q[ue]
o afecto do novo ~~[illegible]~~ movimento
seja com mais promptidão q[ue]
no, isso com o tempo se seu[...]
ganha q[ue] attendo ao movimento
elles n'este dirão. O movimento
não instinctivo attribuição posição
no seio uterino onde pelo ca[...]
do orgão começo e cresce
estarem menos apprimidos
no seio uterino é de um acto
singular como acontece co[m]
animaes, e então começa
se começa a torcer, e mexer
q[ue] alivia... ~~Todos sabem~~ ...

Todos sabem q[ue] o praso ma[...]
vida é de 9 mezes, e a mulh[er]
affecto n'esse praso incrementa
se completão os 9 mezes ess[...]
8º e no 9º mez, ou entre o 9º e 10[...]
antigos presumião q[ue] os me[...]
formados com mais rapidez
estão alias com mais facilid[ade]
acontecia com as meninas
de mais tempo q[ue] a perfeição
Muitas questões tem se suscita[do]
os tribunaes a respeito do tempo
mulher começa a gravidez
cimento e legitimidade da fil[...]
nidade dos novidos q[ue] lo interessa[...]
cias sociaes com grande [...]
nutridade e da herança de mut[...]
lia. Esta questão é de dificil so[...]
e legalisademente falando por q[ue]

intertropicaes devem recêar q
ção periodica, venha augmen
nalos esteriscos, em como fro
climas temperados o sangu
não é em muita abundan
mulhes de construção musc
nas, peludas, e aq se de nom
gos q não são menstruadas
nunca concebem. Há ou
apelle secca, e andão como t
peramento debil, e todo o
raro q são pouco menstruad
concebem.
No ultimo tempo da gravi
ça muda de posição, voltam
p.ª baixo, e o rosto virado p
bacia, e desposto assim q. fi
de se desembarazar do utero

Ah não! não, ó Mulher; de mais sublime
Preço encerras em ti magos encantos,
Belleza mais real, e mais angelica!
Acaso vês o tumulo?
Pois ali mesmo, onde o Anjo da morte
As purpuras dos reis dilacerando,
Esmaga as suas c'roas,
Espalhando os pedaços de seus sceptros,
Entre vermes, ossadas, e archabouços,
Ali pois se aniquilam n'um repente
Os flacidos encantos, que ufanosos,
Em frocos enflorados,
Em preciosas gemmas, aureos fios,
Já tanto se extremavam
Esplandecendo em sericos adornos!
E quando, pelas leis da natureza
Impellidos, balroam sobre o tumulo,
Um só ai, um gemido, uma só lagrima,
Eis o atrôo de tão grande baque!

Não, Mulher, ha em ti cousa mais alta
Que encantos materiaes.
Si existisse na externa formosura

que o não pôr rebique é querer affectar uma modestia que mesmo as mais prudentes não levam em conta. Temos nas grandes rodas, mulheres com a garganta, as espaduas e parte das costas e do peito inteiramente descobertos; as primeiras que se encarregaram de mostrar nuas tantas partes de seu corpo, de certo não temiam ferir um Pudor á que já tinham renunciado; porêm o que espanta é, que mulheres que possuiam essa virtude, se houvessem podido resolver a romper a barreira, que até então a prudencia tinha respeitado; mas o desejo de provar que ellas não cediam em belleza áquellas, que só mostravam seu cóllo, para pôr á venda seus encantos, foi um motivo que fez calar toda outra qualquer consideração; e logo que o uso tornou-se geral, essa indecencia tem tido consequencias menos perigosas. Ha nisso uma consideração, que deveria ter contido as pessoas sensiveis, que vem á ser, que quanto mais se descobrem esses encantos secretos, mais se diminuem a somma dos prazeres legitimos, cujo gozo secreto é que faz a felicidade dos verdadeiros amantes. Que devo eu áquella, que faz o publico partilhar comigo o favor de admirar seus attractivos ?

Se os encantos secretos de uma mulher são feitos para excitar o gozo da união conjugal, desde que esses encantos forem publicos, não terão mais para o marido um forte attractivo; e naturalmente será levado para onde tem mais que admirar.

Entretanto ha aqui uma observação, que nos tem impressionado muitas poucas de vezes; e vem a ser, que uma mulher reservada que es-

Toda belleza, então que de mais lindo
Que a rosa a des'brochar rubi-fragante;
De aperolados globos irrorado
O seio voluptuoso?

Não é da forma o elegante garbo
Que dá-te alto valor;
Que a palmeira, dos bosques, circumdada
De relvas, de florinhas, e de arbustos,
Branda negociando á mansa brisa
Com os faceiros, oscilantes leques
Em garbo excede, e d'elegante sobra.

Não é a meiga voz com que em torrentes
De nectar, deslisando de teus labios
Em ondas de ternuras,
Levas ao coração do homem fraco
O revoltante — *sim* —, hospede incommodo,
Que despeitado o — *eu* — hospitalisa
Máo grado a intelligencia
Sensivel ao imperio da vontade!
Não é a meiga voz tua belleza,
Que o sabiá dos campos
Tambem flexivel voz no valle espraia.

tando ornada, torna-se em publico decotada e excessivamente descoberta, sem corar, sem vexame, e talvez mesmo fazendo disso uma gloria, terá corado vivamente se é sorprehendida por um homem em traje caseiro, que deixará ver só metade do que ella tem patenteado aos olhos de todo mundo, nos bailes; julgaria isso uma indecencia reprehensivel, e teria razão: no grande mundo, no meio da sociedade, ella se olharia como uma pessoa que vai representar seu papel n'um theatro respeitavel, onde ningnem ousaria faltar-lhe o respeito; porêm em seu gabinete, em seu *desalinho*, era uma mulher e uma mulher, que não podia impuramente mostrar seus encanto e excitar desejos; pareceria autorisar a que se os manifestasse n'uma circumstancia em que os olhares do publico, não a incommodassem; logo o que fosse de uso, e o que em publico não seria censuravel, tornava-se no particular pouco prudente. Neste caso uma mulher, que necessita e quer ser respeitada, não poderá ser muito reservada em nem-um dos casos, de que acabamos de fallar.

A menor falta de sua parte, a menor complacencia, o menor galanteio, lhe attrahirá o desprezo publico; sua reputação se tornará equivoca, e sua perda será certa.

Pelas pinturas que ornam sua habitação, pelos livros que [illegible] pelas palavras que pronuncia, pelas maneiras que tem e pelos vestidos de que usa, é que se tira a consequencia para se formarem os juizos sobre seu Pudor e sobre seus costumes.

Tão pouco externas graças
De encantos ext'riores!
Não são lindas madeixas,
Nem feiticeiros, derretidos olhos
Em amoroso, seductor effluvio;
Não são faces de neve,
Que pudibundo o iris purpurêa,
Nem labios que diluem
Entre celeste magico sorriso
Forçada convicção nos seios d'alma:
Não é um todo emfim formoso e bello
Nos traços ext'riores,
Suave effusão d'alma,
Ou mavioso enlevo
De uma alma sensitiva, alma amoravel,
Que constitue aos olhos do philosopho
Um ser celestial, um ente angelico.

Ha mais sublimes dons, ha outros dotes,
Que constituem *pessoa*
E quasi divinisam;
Que os dotes do ext'rior apenas formam
Cousa cheia d'encantos.

Quando, ó Mulher, fiada no teu sexo,
Em teus frageis encantos passageiros,
Soberba, do teu ser alem te exaltas;
Quando, estudando leis imaginarias
Oppostas á razão e á natureza,
Ao homem sup'rior te crês vaidosa,
Então és *cousa* apenas.
Mas quando intelligente
Estudando o teu ser com serio exame,
Fraca te encontras, fraca te acreditas,
E confessando do teu ser o fragil
Em teu favor appellas
Para a do hom' indulgencia angelica,
Então tu és *pessoa*, então o homem
A teus pés vem depor fieis respeitos.
Porque então és formosa, és linda, és bella!

Quando, acolhendo torpes lisongeiros,
De teu culto venal servis ministros,
Que, no profano altar onde collocas,
De sordida ignorancia ataviado,
O de tua vaidade

Ridiculo delubro,
Sobre as aras mephyticas te queimam,
De assás libidinoso
Corruptor interesse,
Com gangrenadas mãos corrupto incenso,
Quando, verdades crês baixa lisonja
Pagando essas torpezas
Com impensadas phrases;
Com requebros indignos que envilecem,
Então és *cousa* apenas.

Mas quando amiga da razão suprema
Prestas ao sabio teu cuidoso ouvido,
Quando, apoiada na louçã virtude
Oppões os dotes soberanos d'alma
Aos delicados traços ext'riores,
Quando, timida, cauta, e receiosa
Ante a tua fraqueza
Nobre, e discreta evitas
Do lisongeiro a indigna sociedade;
Quando, grave, sisuda, esperta estudas
O serio de teu rosto,
Teus ademans honestos,
E teus breves discursos,
Então tu és *pessoa*, então o homem
Vem depor a teus pés submissos cultos,
Porque então és formosa, és linda, és bella!

Oh! quando terna, e respeitosa filha
A mão paterna carinhosa affagas,
Onde mil filiaes beijos estampas,
E lhe aligeiras da pesada idade
Gravoso cargo de abhorrido imposto;
Quando, extremosa mãi, doce, e ternissima
Acarinhas entr'osculos, entre abraços
O mimoso filhinho, que em teu seio
Extrahindo da vida o doce nectar
Sorrindo te enamora;
Quando, cheia de Deos, ditosa cumpres
Sacrosanta missão, que só compre'nde
A que sabe ser mãi, porque outro tempo
Filha extremosa fôra;
Quando, esposa fiel, honrada, e amante
Tu reconheces no querido esposo
Um ser, que tu mais forte, e mais sublime,

Teu protector, o guarda de tua alma,
De teus bens, de teu corpo, e tua vida,
Companhia fiel, sincero amigo,
A quem na vida te entregaste toda;
Quando em tão prazenteira sociedade
Tão bem-aventurada,
Reconheces em ti um ente fragil
Carecedor de amparo;
Quando, terna rodêas o consorte
De meiguices, de amores, e de encantos,
De honra, e de respeitos,
Que amor divino e sacra fé sustentam;
Quando, em tudo, e p'ra tudo lhe procuras
A sua approvação, e seus conselhos,
Suas consolações em tuas dores,
E felicitações em teus prazeres;
Quando, com esse ente formalisas
Só uma intelligencia, um sentimento,
Uma vontade emfim, um — *Eu* — só quasi...
Mulher, como és formosa! Oh como és linda!
Então tu és *pessoa*, então o homem
Acha a teu lado o quanto de mais doce
A vida tem em si; tu lhe revelas
Os encantos do céo porque em tua alma
Habita então um Deos, e um Deos te inspira!
E com que nobre sentimento exaltas
As faculdades tuas,
Lá quando a voz de Socrates ouvindo
Tu entras em ti mesma,
E á força de estudos reflectidos
A ti propria conheces,
E então te possues!
Tu compre'ndes então como Aristoteles,
Sentes como Platão,
E queres como Zênon!
Quanta moral belleza não revelam
Ora os teus sentimentos;

Mas quando desvalido o teu consorte,
Ou de inopia infeliz misera victima,
Dura arrastra existencia desgraçada
Nas lacerantes garras da indigencia;
Tu fida, ao lado seu, quantas o affligem
Ferrenhas privações soffres com elle;
Cantas com elle, se elle acaso canta,

Com elle choras, se elle acaso chora;
Com elle a prantear, e a rir com elle;
Quando por fragil erro maneatado
Entre as cadêas pelas leis forjadas,
Tu, com elle, supportas, a seu lado,
Expiatoria, merecida pena,
Severa punição de atroz delicto,
Que unico elle perpetrára incauto
Quando seus duros ferros partilhando,
Seus cruentos desgostos, seus pezares,
Suas dores, seus prantos, seus gemidos,
Tu lhe suavisas parte de seus males,
Alliviando um tanto de seus ferros;
Quando tu maviosa, e compassiva
O seu livido corpo entre teus braços
Roubas, ligeiro instante, á acerba barra
Do carcere hedyondo;
Quando, um teu puro, angelico sorriso,
Ante seus tristes olhos mal-abertos
Espanca, em parte, as sombras da masmorra,
Desesperada luz de um condemnado;
Quando, por elle, os delicados membros
Maceras nesse chão amáro, ingrato,
Argila reprovada do proscripto,
Arrojada aos mais agros soffrimentos
Só para partilhar do esposo a sorte;
Quando, junto do scio, entre teus braços
O tenro filho melindrosa affagas
Mostrando-lhe o esposo,
Tu a balbuciar então lhe amestras
O tão querido nome,
Que respeitar lhe cumpre; desta sorte
Ensinando do berço ao caro filho,
Esse pedaço d'alma,
A respeitar, e amar ao pai miserrimo,
Esse que é de teu ser metade infausta;
Então, Mulher, Mulher, oh quanto és nobre!
Então és bella, és grande, immensa em tudo!
Então, Mulher sublime,
És heroina, és Anjo, és Divindade!

Se, porque deo-te acaso a natureza,
Nas formas ext'riores,
Magicas graças, lépidos encantos,
E feiticeiros mimos,

O homem te idolatra, e Anjo te chama,
Se moraes perfeições, moraes encantos
Tua alma desenvolve, a que mór titulo,
Mulher, tens tu direito?
Então és mais que um Anjo, um Deos és quasi!

Um Deos!.. E que milagres tu não pódes
Quando em teu coração, quando em teu rosto
Vem revelar-se um Deos, e um Deos palpita?
Oh prodigio! Oh portento! Oh maravilha!
Do imperio da belleza e da virtude!

Teus encantos!.. são elles que amor geram,
Mas impensado amor surdo á verdade,
Amor cego á razão, amor sem luzes.
Mulher, os teus encantos...
O bem, e o mal do mundo; a paz, e a guerra;
Desgraça, e f'licidade; amor, e odio;
Trevas, e luz; mentiras, e verdade;
Virtude, e o vicio; a innocencia, e o crime;
Desespero, esperança; o certo, a duvida;
Alegria, e prazer; dor, e tristeza;
Céo de delicia, inferno de amargura...
Um cahos emfim; são elles, teus encantos,
Que no trilho da vida espinhos vertem,
Que no trilho da vida espargem flores!

Sim, quando incuriosa
Tu em ti reconheces
O poder liberal da natureza
N'uma chusma de encantos graciosos,
Em perfeições cravadas em teu rosto,
Em dotes engastados em teu corpo;
Com elles tôrpes vicios esmaltando,
Com elles refalsando infaustos erros,
Libras teu bem no mal da humanidade...
Então, Mulher perversa, ó ente iniquo,
Maldição sobre ti, odio a teus dotes!
E á tua formosura, aos teus encantos
Anáthema do céo, do mundo anáthema!

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

EMP. TYP.—DOUS DE DEZEMBRO—DE P. BRITO
IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL —1854.

Brasiliana USP

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).